

ÉSQUILO · SÓFOCLES · EURÍPIDES · ARISTÓFANES

O MELHOR DO  
ΤΕΑΤΡΟ ΓΡΕΓΟ

Prometeu acorrentado · Édipo rei · Medeia · As nuvens



EDIÇÃO COMENTADA



 ZAHAR

Tradução: MÁRIO DA GAMA KURY

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

ÉSQUILO • SÓFOCLES  
EURÍPIDES • ARISTÓFANES

# O MELHOR DO TEATRO GREGO

PROMETEU ACORRENTADO • ÉDIPO REI  
MEDEIA • AS NUVENS

EDIÇÃO COMENTADA

Tradução e notas:  
Mário da Gama Kury

Apresentação geral, material de apoio  
e revisão das notas:  
Adriane da Silva Duarte



# SUMÁRIO

Apresentação

Teatro grego: o que saber para apreciar, *por Adriane da Silva Duarte*

Nota sobre a tradução

PROMETEU ACORRENTADO, Ésquilo

Introdução: Ésquilo e o *Prometeu acorrentado*

Texto de *Prometeu acorrentado*

Perfis dos personagens

ÉDIPO REI, Sófocles

Introdução: Sófocles e o *Édipo rei*

Texto de *Édipo rei*

Perfis dos personagens

MEDEIA, Eurípides

Introdução: Eurípides e a *Medeia*

Texto de *Medeia*

Perfis dos personagens

AS NUVENS, Aristófanes

Introdução: Aristófanes e *As nuvens*

Texto de *As nuvens*

Perfis dos personagens

Glossário

# APRESENTAÇÃO

## TEATRO GREGO: O QUE SABER PARA APRECIAR

O TEATRO, TAL COMO CONHECEMOS, nasce em Atenas, na Grécia, na passagem do século VI para o V a.C., no âmbito dos festivais dramáticos em honra ao deus Dioniso. Em sua origem, portanto, o espetáculo teatral, ainda que almejasse também à diversão, está inserido em um contexto simultaneamente cívico e religioso, esferas não de todo apartadas para os gregos.

A imitação, como nota Aristóteles na *Poética*, é inata ao ser humano e, por isso, as atividades de natureza mimética (dança, desenho, drama) já se encontravam entre os homens das cavernas, como revelam as pinturas rupestres. O que aconteceu em Atenas, no final do século VI a.C., foi, porém, diferente de tudo o que se conhecia até então. Antes, os próprios gregos e outros povos encenavam seus mitos como forma de celebrar os deuses e manter viva a memória de feitos heroicos do passado – o que ainda pode ser observado hoje em muitas partes do globo. Contudo, com a criação dos concursos teatrais, deixa-se para trás o improvisado ritual e abraça-se a profissionalização do espetáculo. Poetas passam a compor e apresentar suas peças a cada ano, contratam-se atores para dar vida às personagens por eles criadas, cidadãos são designados para participar do coro e, os mais ricos dentre eles, para exercer a função de produtores, enquanto outros devem integrar o júri encarregado da premiação. Os espetáculos passam a atrair espectadores de todo o mundo grego, e não apenas os atenienses.

Não bastasse o surgimento de uma prática diferenciada, a teoria teatral também aparece na Grécia com a reflexão de Platão, em particular no *Íon* e na *República*, e de Aristóteles, na *Poética*, o mais importante tratado sobre a arte dramática que a Antiguidade nos legou e ainda hoje uma referência teórica importante. Continua-se a debater o significado de termos que adentraram o vocabulário crítico, como mimese (representação), catarse (purificação estética das emoções) e hamartia (falha trágica).

Por tudo isso e, em especial, pela qualidade de sua poesia, a experiência grega foi decisiva para o desenvolvimento da arte dramática no Ocidente. Não por coincidência a palavra “teatro”, que pode designar a uma só vez o recinto que abriga o espetáculo, o espetáculo em si e os espectadores que a ele assistem,

é de origem grega (*théa* significa contemplação) e, assim como “drama” (cuja primeira aceção é ação), integra hoje o vocabulário de inúmeras línguas ao redor do planeta.

Embora se possa datar com razoável certeza o início das atividades teatrais em c.535 a.C., com as primeiras representações de tragédias no seio da *pólis* ateniense, sua origem é pouco conhecida. A questão é tão controversa que um dos helenistas mais influentes do último século, o francês Jean-Pierre Vernant, aconselhava que fosse deixada de lado, porque, mesmo considerando que fosse possível resgatar com exatidão a gênese do drama grego a partir de rituais agrários, isso não resultaria útil para a compreensão do fenômeno histórico que perpassa o século V a.C. Ou seja, para Vernant, o teatro praticado em Atenas reflete diretamente as condições sociais e políticas dessa cidade, não devendo mais nada a sua suposta origem rural. Ainda assim, é grande a tentação para debruçar-se sobre o assunto.

Como as tragédias e comédias eram representadas durante os festivais em que se celebrava Dioniso, o culto a esse deus sempre esteve no centro das especulações sobre a origem do drama. Para os gregos, o ato de ir ao teatro tinha então uma clara conotação religiosa. Os espetáculos eram precedidos por procissões em que a estátua do deus era conduzida até o recinto das representações, onde permanecia até o final da competição. Os coros trágicos e cômicos evoluíam em volta do altar do deus do vinho e diante do seu sacerdote, a quem era reservado um assento na primeira fila da plateia. Banquetes e sacrifícios completavam a programação.

Não resta dúvida de que o deus era visto como o patrono do teatro. Mas como esse vínculo teria surgido? Em primeiro lugar, em seu culto, o deus era adorado sob a forma de uma máscara, pendurada em uma coluna recoberta por uma túnica. A máscara, vale lembrar, é o acessório mais emblemático do teatro grego, é o sinal da sua alteridade, da capacidade de abandonar-se para tornar-se outro, ainda que momentaneamente. Além disso, através da música, da dança e da ingestão do vinho, os rituais dionisíacos dispunham seus seguidores ao transe, de modo que transcendessem a realidade imediata e entrassem em comunhão com a divindade. Guardadas as particularidades de cada caso, na prática teatral se observa um efeito parecido, já que o que nela se busca é uma forma de dar vida a um outro, abdicando da própria identidade.

O deus também se revela hábil nas artes da ilusão. Nos mitos em que figura, Dioniso mostra-se capaz de modificar sua aparência, adotando os mais diversos disfarces, e de alterar o mundo a sua volta. No “Hino homérico a Dioniso I”, composição hexamétrica que celebra o deus, narra-se como, sob o aspecto de um

inofensivo rapazinho, ele é sequestrado por piratas e como os pune, assumindo a forma de um leão, transformando o barco em uma ilha e os marujos em assustados golfinhos. Em *As bacantes*, tragédia que Eurípides lhe dedicou, o disfarce aparece duplamente. Primeiro é o deus que surge em cena na pele de seu sacerdote, enganando Penteu, que pretendia banir os ritos dionisíacos de Tebas. Depois é a vez de Penteu, que, persuadido por Dioniso, traveste-se para espionar as bacantes reunidas nas montanhas. Elas, no entanto, não se deixam iludir e, ao descobri-lo, despedaçam-no. Embora outros deuses do panteão grego também sejam capazes de se transformar, Dioniso parece afetar de forma mais intensa a percepção que o homem tem de si e da realidade que o cerca.

Aristóteles, na *Poética*, também remonta a gênese do drama a formas poéticas associadas ao deus do vinho. O ditirambo, um hino coral executado no âmbito das festas em homenagem a Dioniso, estaria na origem da tragédia; os cantos fálicos, com os quais se acompanhavam as procissões do deus, que favorece a fertilidade da terra, na origem da comédia. Por mais simplificadora que essa genealogia possa parecer, uma vez que esses dois elementos não bastam para explicar o fenômeno dramático como um todo, é significativo que mais uma vez Dioniso se encontre no centro da cena.

Assim, pode soar contraditório que o deus apareça tão pouco nos enredos, quer trágicos, quer cômicos. Tão raramente a sua saga figurava no programa dos festivais dramáticos que os atenienses cunharam a expressão “nada a ver com Dioniso”, com a qual marcavam o espanto, para não dizer o protesto, diante dessa ausência notável.

São principalmente os heróis, personagens dos ciclos épicos, que fornecem assunto para as tragédias. Ao ciclo tebano, que reúne os mitos relacionados a Tebas, pertence a história de Édipo e seus descendentes – Antígona, Polinices, Eteócles –, e também a do próprio Dioniso, filho de Zeus com a tebana Sêmele. O ciclo troiano aborda os acontecimentos passados durante a guerra de Troia e os heróis que dela participaram, como Ajax, Filoctetes, Helena, e do lado dos troianos Hécuba, Andrômaca e outras troianas cativas. Também se ligam a ele as histórias dos Átridas, de Agamenão e seus filhos, Ifigênia, Electra e Orestes. Outros heróis, como Hércules, Jasão, ou ainda Teseu e Íon, especialmente caros aos atenienses, também foram objeto de tragédias. Vale notar que me atenho aqui aos títulos que foram conservados, os quais representam apenas uma pequena porcentagem da produção teatral ateniense, pois, infelizmente, a maior parte perdeu-se na poeira dos séculos.

O lugar proeminente reservado aos heróis se deve à importância de seu culto junto às populações das cidades, que os consideravam entidades benfazejas,



chegando a disputar a primazia de abrigar seus restos fúnebres, como mostra muito bem a tragédia *Édipo em Colono*, de Sófocles. Reverenciados em eventos esportivos e poéticos, os heróis migraram naturalmente para o palco dos concursos dramáticos.

Percebe-se assim que o mito, entendido como as histórias tradicionais e anônimas que versam sobre deuses e heróis, constitui a matéria-prima da tragédia. Quanto à comédia, seu assunto é outro, é o dia a dia da cidade, o aqui e agora. Seus heróis estavam às voltas com os problemas políticos, que se propunham a resolver com os métodos mais fantásticos. Suas personagens frequentavam as praças e as ruas, como os famosos Sócrates e Eurípides, ou os anônimos taverneiros, artesãos, floristas e feirantes que ajudam a compor o quadro mais vivo, muito embora eivado de exageros, da sociedade ateniense.

O teatro tem muito a dizer a respeito de sua época, pois é também um acontecimento cívico. Os espetáculos dramáticos entraram no calendário de festas de Atenas por iniciativa de seus governantes. Coube a Pisístrato, tirano ateniense, instituir os concursos teatrais na cidade, o que foi mantido pelos representantes da democracia, regime que sucederia a tirania no início do século V a.C. Os festivais forneciam uma grande oportunidade para que Atenas consolidasse sua imagem internamente e a projetasse para além de suas fronteiras. As Grandes Dionísias, o maior desses festivais, proporcionavam a ocasião ideal para tal exibição, uma vez que, por acontecerem durante a primavera, quando as condições de navegação eram mais favoráveis, contavam com a presença de muitos estrangeiros entre os espectadores. Paradas militares, cerimônias em que os órfãos e os heróis de guerra eram homenageados, o depósito público dos tributos recolhidos das cidades aliadas, estas eram algumas das atividades que antecediam os espetáculos, somando-se às manifestações de ordem religiosa, por si só solenes. Atenas queria se mostrar uma potência bélica, econômica e cultural.

Quando o espetáculo começava, as peças se encarregavam de reforçar ou, por vezes, de contestar essa imagem, dando prosseguimento à exposição da cidade. A comédia, por abordar a esfera pública, tematizava a *pólis* democrática e seus problemas de forma direta, valendo-se da sátira explícita e dirigindo conselhos à população. Já a tragédia, apesar de ter por objeto o passado mítico, atualizava-o ao apresentá-lo a partir de uma perspectiva ateniense. Assim se pode afirmar, como o fez o helenista alemão Wilhelm Nestle, que a tragédia nasce quando o mito passa a ser visto pelos olhos do cidadão. No fundo, Atenas está subjacente em cada uma das peças encenadas em seus festivais.

Os gregos se relacionavam com o teatro de forma bastante diversa da que

estamos acostumados a fazer hoje em dia. Caso se deseje assistir a um espetáculo hoje, basta consultar a programação e escolher a data mais conveniente, pois as peças costumam ficar em cartaz por semanas. Em Atenas, não havia tantas opções, já que as peças eram compostas para serem apresentadas uma única vez durante o festival em que estavam inscritas. Por isso, era difícil que um espetáculo fosse visto mais de uma vez, embora fosse possível que, depois da estreia, houvesse reapresentações eventuais, para homenagear um poeta recém-falecido, por exemplo, ou para contemplar localidades mais afastadas – de fato, parece que trupes mambembes rodavam todo o mundo grego. Por outro lado, o comparecimento ao teatro era quase universal – não há consenso sobre a presença de mulheres entre os espectadores. Uma política de subsídios garantia que as camadas mais pobres da população pudessem deixar de lado o trabalho para acompanhar os três dias de espetáculos.

Outra diferença entre a prática grega e a nossa está no fato de as apresentações ocorrerem não à noite, mas durante o dia e ao ar livre. O teatro grego, com a plateia em semicírculo, disposta à volta da orquestra – um espaço circular ocupado pelo coro – e de frente para a cena, onde ficavam os atores, favorece tanto a acústica quanto a visibilidade. Ainda hoje é possível testá-las. O turista que visita o teatro de Epidauro, localizado a curta distância de Atenas, espanta-se ao perceber que mesmo sentado na última fila tem visão total da orquestra e escuta com clareza o som de uma moeda que cai no chão ou de um fósforo riscado. Isso nos diz muito acerca dos espectadores antigos, que faziam questão de ver e ouvir o que transcorria em cena, sem ligar se eles próprios eram vistos pelos outros.

As construções em pedra que nos vêm à mente quando pensamos nesse espaço ainda não existiam no período áureo da produção ateniense, o século V a.C. Então, as peças eram encenadas em estruturas provisórias, erguidas em madeira e desmontadas após o término dos festivais. A maior parte das obras remanescentes foi apresentada nesses recintos improvisados, em que o palco consistia em um estrado cerca de meio metro mais alto que a orquestra, facilitando o contato entre atores e coreutas, os membros do coro. Um século mais tarde, com a elevação do palco em mais de dois metros, refletindo a perda de relevância do coro enquanto elemento dramático, isso já não seria mais possível ou desejável.

Por integrar o calendário festivo da *pólis*, a produção do espetáculo era financiada pelo tesouro público através da coregia, uma entre várias liturgias, espécie de imposto sobre grandes fortunas, mantidas pela cidade. Assim, os cidadãos mais ricos, denominados coregos, eram encarregados de custear os

coros, cuidando de seu sustento durante o período em que durassem os ensaios e do figurino que usariam em cena.

O coro, formado exclusivamente por cidadãos do sexo masculino, sorteados a cada ano para a função, somava entre doze e quinze integrantes no caso da tragédia e 24 no da comédia. Sua caracterização podia variar dos usuais anciãos e prisioneiras trágicos a grupos de camponeses, pássaros, nuvens ou o que mais ditasse a imaginação dos comediógrafos. O coro trágico é por natureza mais contemplativo e passivo, limitando-se a comentar a ação e aconselhar o herói, com quem mantém uma relação de dependência. O da comédia é mais combativo, por vezes opondo-se ao protagonista, que deve conquistá-lo para fazer prevalecer seu ponto de vista.

Se os coreutas eram amadores, os atores, em contrapartida, eram profissionais contratados pela cidade. O elenco, limitado a três atores para a tragédia e, por vezes, quatro para a comédia, era composto apenas por homens, que, com a ajuda das máscaras, deveriam representar todos os papéis da peça. Por vezes podia-se recorrer a figurantes, geralmente sem falas. A *Medeia*, de Eurípidés, por exemplo, conta com sete personagens – além das crianças, representadas por figurantes – e as falas eram distribuídas pelos três atores de acordo com a hierarquia estabelecida entre eles. Assim, o ator principal, ou protagonista, ficaria com o papel mais importante, o da heroína que dá nome à peça, permanecendo por mais tempo em cena. O deuteragonista e o tritagonista, segundo e terceiro ator respectivamente, dividiam os papéis menores.

A direção de cena cabia geralmente ao poeta ou a um dos atores e o diretor era denominado “professor” (*didáskalos*). Como ele preparava o grupo para uma única apresentação, não havia necessidade de incluir no texto final as indicações cênicas, as didascálias. Os textos, no entanto, fornecem inúmeras informações sobre o estado de espírito das personagens, cuja expressão congelada da máscara ocultaria, ou relativas à sua movimentação. Presume-se que estaria a serviço dos espectadores, ajudando-os a acompanhar melhor o espetáculo.

Além da máscara, com seu característico esgar de horror ou com a boca rasgada em perpétua gargalhada, apresentando as personagens de acordo com o gênero a que se ligavam, compunham o figurino uma túnica, comprida para tragédia ou curta para comédia, e os coturnos, calçados cênicos, ainda desprovidos dos saltos que ganhariam no período helenístico. Para completar a caracterização dos atores cômicos, barrigas protuberantes e nádegas fartas, forjadas com o auxílio de enchimentos, e um grande falo de couro, que escapava por sob a roupa, eram de regra.

Pouco se sabe sobre o cenário, a não ser que sua criação foi atribuída a

Sófocles – ao menos segundo o testemunho de Aristóteles na *Poética*. Em vista das condições improvisadas do edifício cênico no período clássico, construído a cada apresentação e pensado para abrigar em sequência três tragédias, um drama satírico e uma comédia, a decoração de cena deveria ser simples e prática, limitando-se, talvez, a painéis pintados em madeira ou tecido, que poderiam ser substituídos rapidamente no intervalo entre as peças. No mais, os textos são eloquentes, fornecendo diversas indicações para situar os espectadores. As personagens entravam em cena pelas laterais do palco ou pelas portas localizadas no fundo, que representariam as casas – normalmente a ação dramática se passa do lado de fora das residências. Os coreutas compartilhavam a mesma passagem utilizada pelo público: o párodo, a entrada lateral, o que reforçava a identidade entre eles. Uma vez na orquestra, ali permaneciam até a conclusão do drama.

O uso da maquinaria cênica estava restrito ao enciclema e à máquina, ambos empregados com frequência pelos poetas. O primeiro era uma plataforma rolante, impulsionada através da porta cenográfica, cujo intuito era revelar o interior de uma casa; a segunda, um guindaste que suspendia personagens por sobre a cena, representando, em geral, divindades – o célebre *deus ex machina*. Eurípides, na *Medeia*, faz uso notável dos dois elementos. Medeia declara ao coro que matará seus filhos, em seguida entra no palácio, de onde se escutam os gritos das crianças. Jasão aparece e força a porta para que se possam ver os corpos – e como as mortes não ocorriam em cena no teatro grego, mas a exibição dos cadáveres era um importante meio de comoção, o enciclema era usado frequentemente para esse fim. Abertas as portas, a expectativa se frustra, pois nada se vê; mas ouve-se a voz de Medeia vinda do alto. A heroína está sobre o carro do Sol, que a transportará a Atenas, onde sepultará os filhos, num uso espetacular da máquina.

A duração dos festivais dramáticos variou conforme o tempo e as circunstâncias. Grande parte da produção clássica remanescente data do período em que Atenas enfrentava Esparta na Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), que mudaria os rumos da poderosa democracia ateniense. Durante os quase trinta anos do conflito, por razões de economia, as apresentações de teatro foram reduzidas de cinco para três dias.

A programação incluía então a encenação de uma tetralogia, composta por três tragédias e um drama satírico, a cargo de um mesmo tragediógrafo, e de uma comédia, composta por um comediógrafo diferente a cada dia de espetáculo. O drama satírico consistia em uma peça burlesca de paródia mitológica, centrada em torno de um coro de sátiros, seres híbridos metade homens, metade bodes,

que acompanhavam Dioniso em suas orgias. Havia uma clara especialização entre os dramaturgos na Grécia, desconhecendo-se um único caso em que o mesmo homem tenha se aventurado a compor tragédias e comédias, como sugere de maneira provocativa o Sócrates platônico, no final do *Banquete*.

Esse número reduzido de participantes por festival, seis poetas ao todo, sendo três para cada categoria, sugere que tenha havido uma seleção inicial para definir, dentre os inscritos, os textos que seriam apresentados. Sabe-se, entretanto, que a tradição familiar exercia forte influência nesse campo, uma vez que era recorrente a participação dos mesmos dramaturgos ano após ano, não sendo incomum que seus filhos ou sobrinhos seguissem a mesma carreira. Por fim, prêmios eram atribuídos ao melhor poeta, ator protagonista e corego, por um júri formado de cidadãos especialmente designados para a função.

Tragédias e comédias seguiam uma mesma estrutura em sua composição, alternando partes dialogadas ou recitadas, a cargo dos atores, com cantos corais. Resguardadas as particularidades, as peças se iniciam com o prólogo, dialogado ou recitativo, no qual são apresentadas as premissas que devem reger a ação, com vistas a situar os espectadores. Segue-se o párodo, seção de natureza coral que marca a entrada do coro em cena, dando indícios de sua caracterização e do vínculo que mantém com o herói. A partir daí alternam-se episódios, em que as personagens contracenam, e estásimos, intervenções cantadas em que o coro tece comentários sobre a ação ou dirige súplicas aos deuses. Dentre os episódios encontra-se o *agon*, ou combate verbal em que duas personagens entram em conflito, contrapondo seus pontos de vista e argumentando até que um deles ceda. Por fim, há o êxodo, a parte final da peça, marcada pelo desenlace da trama e pela saída das personagens de cena – aliás, é esse o significado da palavra em grego.

Consideradas as convenções do teatro grego, nem tudo poderia ser mostrado em cena. Mortes no palco, cenas que requerem uma multidão, milagres, não eram encenáveis. Também não eram factíveis mudanças bruscas de cenário. Há, no entanto, uma personagem, responsável por trazer aos olhos dos espectadores aquilo que eles não podem testemunhar diretamente: o mensageiro. Ele é uma espécie de espectador privilegiado, que relata à plateia o que viu dentro das casas, no campo de batalha, o que se passa no acampamento inimigo ou na cidade vizinha. Na *Medeia*, o mensageiro surge para narrar o fim trágico de Creonte e sua filha, envenenados pelos presentes que a heroína enviou por meio de seus filhos. Essa informação é crucial para o desenrolar da trama, já que sela o destino das crianças – para não morrerem nas mãos dos cidadãos de Corinto, sedentos de vingança, seriam imoladas pela própria mãe, uma forma de atingir

também o pai, Jasão. O mensageiro é um narrador infiltrado dentro do drama e sua palavra é sempre digna de fé.

A emoção está no cerne da experiência dramática dos gregos. Platão e Aristóteles discorreram sobre o papel das emoções no teatro, especialmente no que toca à tragédia. Para Platão, buscar deliberadamente comover os espectadores, como fazem os tragediógrafos, é nocivo, pois enfraquece a parte racional da alma, debilitando o cidadão. Daí, entre outras razões, os poetas trágicos estarem excluídos da cidade ideal juntamente com os épicos. Já Aristóteles, embora tenha sido discípulo de Platão, compreende diversamente a questão. Para ele, o prazer da tragédia está em suscitar e purgar certas emoções, processo que ele denomina *catarse*. No caso da tragédia, essas emoções seriam o terror e a piedade, o que exigiria uma identificação entre o espectador e o herói trágico, de modo que aquele pudesse se colocar no lugar do último e temesse passar pelo que ele passa, apiedando-se dele, que sofre sem merecer. Desse processo, que Aristóteles não se digna a explicar na *Poética*, derivaria o prazer que sentimos ao contemplar obras de natureza artística.

Os gregos consideravam que Téspis, poeta semilendário, teria dado início à tragédia ao ter a ideia de destacar um elemento do coro para com ele contracenar, criando assim o primeiro ator; mas foi Ésquilo o primeiro poeta trágico poupado pela ação do tempo. Embora vários poetas tenham participado dos concursos dramáticos ao longo do século V, apenas quatro tiveram peças conservadas na íntegra. São eles os tragediógrafos Ésquilo, Sófocles e Eurípides, e o comediógrafo Aristófanes. Eles estão reunidos nesse volume, representados através de suas obras mais impactantes, respectivamente: *Prometeu acorrentado*, *Édipo rei*, *Medeia* e *As nuvens*.

ADRIANE DA SILVA DUARTE

---

Adriane da Silva Duarte é professora de língua e literatura grega na USP, onde defendeu mestrado e doutorado sobre a comédia grega. É autora, entre outros, das traduções das comédias *As aves*, *Lisístrata* e *As tesmoforiantes*, de Aristófanes, e dos livros *O dono da voz e a voz do dono: A parábase na comédia de Aristófanes* e *Cenas de reconhecimento na poesia grega*, além do infantil *O nascimento de Zeus e outros mitos gregos*.

## Nota sobre a tradução

MÁRIO DA GAMA KURY é um dos tradutores do grego mais prolíficos em nosso país. Tendo iniciado suas atividades na metade do século passado, verteu para o português quase todo o teatro clássico, além de historiadores e filósofos, prestando um serviço inestimável a gerações de leitores, que tiveram o primeiro contato com a literatura grega a partir de suas traduções, publicadas continuamente desde então.

As traduções reunidas neste volume têm em comum a preocupação em preservar o caráter poético da produção dramática antiga – com exceção de *As nuvens*, que adota a prosa. Para verter a métrica variada do teatro grego, Mário da Gama Kury elegeu o decassílabo português. O decassílabo, no entanto, não parece bastar para dar conta do conteúdo do verso grego. Entre as características do tradutor está a de não observar a equivalência estrita entre o número de versos no grego e em português, que resulta sempre maior. Por trás disso está menos a tendência à prolixidade e mais a busca da clareza, sempre valorizada por ele. Por isso, não se espante o leitor familiarizado com a língua grega de não encontrar correspondência exata entre a numeração aqui apresentada para os versos e a das edições originais.

Também a grafia dos nomes próprios é singular. Fugindo às regras de transposição dos nomes do grego ao português ou à tradição estabelecida pelo uso, Gama Kury opta muitas vezes pela transliteração pura e simples. Assim, por exemplo, Jasão torna-se Jáson; Dioniso, Diôniso. Tal escolha será mantida aqui por refletir a opção do tradutor e por entendermos que a tradução seria prejudicada pela mudança. Reservo-me, entretanto, a liberdade de, nas apresentações, notas e comentários aos textos, usar as formas usuais, com as quais os leitores certamente estarão familiarizados.

A.S.D.

# PROMETEU ACORRENTADO

Ésquilo



## Introdução: Ésquilo e o *Prometeu acorrentado*

EMBORA POSSAMOS PRECISAR o início dos festivais dramáticos atenienses em c.535 a.C., pouco se sabe sobre os primeiros tragediógrafos. Ésquilo foi o primeiro poeta trágico cuja obra foi poupada da ação do tempo e cuja biografia, ainda que mínima, pode ser esboçada. Nascido em Elêusis, povoado vizinho de Atenas, em 525 a.C., ele testemunhou os principais fatos da história ateniense: o fim da tirania, as reformas democráticas de Clístenes e as Guerras Médicas. Nestas guerras, consequência das invasões persas, lutou as famosas batalhas de Maratona (490 a.C.) e de Salamina (480 a.C.). Seu epitáfio, cuja composição lhe é atribuída, ressalta apenas os feitos guerreiros, sem mencionar a poesia. É dessa forma que ele desejava ser lembrado pelas gerações posteriores.

Ares, o deus grego da guerra, também se faz presente no teatro de Ésquilo, como nota Aristófanes em sua comédia *As rãs*. Nessa peça, ao avaliar a poesia de Ésquilo e Eurípides, Dioniso, o deus do teatro, coloca seus versos na balança, declarando que a vitória caberia àquele que os tivesse composto mais pesados. Ésquilo vence, já que em seu drama abundam exércitos, armas e carros de guerra, enquanto os de Eurípides tratam das paixões, assunto mais leve, por imaterial. Piada à parte, batalhas são retratadas com grande vivacidade em *Os persas* e *Os sete contra Tebas*. Além destas duas, apenas outras cinco obras de autoria de Ésquilo chegaram-nos íntegras: *As suplicantes*, a *Oréstia* – trilogia composta das tragédias *Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumênides* – e o *Prometeu acorrentado*.

Ésquilo estreia nos concursos dramáticos por volta de 499 a.C., mas sua primeira vitória só seria conquistada em 484 a.C. Apesar de apenas essas poucas peças suas terem sido preservadas, a tradição atribui-lhe cerca de oitenta títulos e estima-se em vinte as vezes em que recebeu o primeiro prêmio, superando qualquer outro tragediógrafo. Seu prestígio rendeu-lhe o convite de Hierão I, tirano de Siracusa, para uma temporada em sua corte, destino dos maiores poetas daquele tempo. Lá reapresentou *Os persas* e estreou *As mulheres de Etna*, tragédia composta para celebrar a fundação da nova colônia aos pés do vulcão.

Ésquilo morreu na cidade de Gela, durante uma segunda visita à Sicília, em

456 a.C. Para homenageá-lo, os atenienses votaram nesse mesmo ano uma lei para permitir que suas peças pudessem ser reencenadas, sinal de grande consideração. Isso explica a provocação que Aristófanes põe na boca do poeta quando imagina o debate literário entre ele e Eurípides no mundo dos mortos, nas *Rãs*. Ésquilo queixa-se de estar em desvantagem por não poder invocar sua obra no Hades, uma vez que ela não morreu com ele, ao contrário da de seu rival.

Além de compor, Ésquilo também dirigiu suas peças e atuou nelas. Segundo Aristóteles, ele teria contribuído para o desenvolvimento do drama ao introduzir o segundo ator na tragédia, dotando-a de maior agilidade – até então o coro contracenava com um único ator, a quem competia encarnar personagens diversas. Também se atribui a Ésquilo a criação das trilogias. É sua, de fato, a única trilogia que possuímos hoje, a *Oréstia*. Trata-se de três tragédias interligadas tematicamente, de modo que o sentido pleno se consolidasse apenas com a encenação da última. Talvez seja essa a razão de algumas de suas peças remanescentes transmitirem certa sensação de incompletude. Os poetas posteriores continuaram a compor trilogias, mas na maioria das vezes abdicando do vínculo entre elas.

Também é de Ésquilo a única tragédia conservada que tem fundo histórico, *Os persas*. Considerado hoje o drama mais antigo remanescente, *Os persas* foi encenado em 472 a.C., oito anos após a vitória grega em Salamina, episódio do qual trata. Embora rara no repertório grego, a presença de tragédias históricas ao lado das de cunho lendário revela que a distinção entre história e mito, que para nós é tão natural, não existia então. Na Grécia, o mito era tido como o registro de um passado remoto e o presente era muitas vezes interpretado com base em categorias do mito, em que o tempo cíclico e manifestações do fantástico são admissíveis. Ainda assim não deixa de ser curiosa essa irrupção do presente no drama.

*Prometeu acorrentado* é uma tragédia de trama simples, cuja ação não contempla nem peripécia, nem reconhecimento. É patética, no sentido literal de privilegiar a exibição da dor, e episódica, já que a ação praticamente não evolui e cada personagem introduzido apenas ilustra a mesma questão de uma nova perspectiva. A princípio dois atores bastariam para encenar a peça, desde que no prólogo Prometeu, que só fala na segunda cena, fosse representado por um ator mudo ou por um boneco, vindo a ser substituído na sequência por um dos atores que incorporaram Hefesto ou Poder. Tanto o cataclisma final, com raios, trovões e rochas se desprendendo, quanto o transporte do coro em seu carro alado devem ter sido difíceis de encenar, mas também contribuído para um espetáculo

impactante.

Prometeu é um herói civilizador, que opera através da astúcia e nela rivaliza com Zeus. É protetor da humanidade, a quem, com o dom do fogo, apresenta as artes e as ciências. Assim sendo, sua figura confina com a do trapaceiro (*trickster*) e encontra paralelos em divindades de outras mitologias, particularmente com o Enki mesopotâmico. O mito de Prometeu já havia recebido tratamento anterior na poesia grega em Hesíodo, tanto na *Teogonia* quanto em *Os trabalhos e os dias*. A versão de Ésquilo diverge em aspectos importantes. O tema do sacrifício, por exemplo, não aparece. Prometeu havia instituído o sacrifício como forma de regular a relação entre deuses e homens. Ao fazê-lo, buscou lograr Zeus, oferecendo sobre os altares os ossos recobertos da gordura dos animais sacrificados que, queimados, chegariam aos deuses como fumaça; aos homens caberia a parte mais substanciosa, a carne. Zeus, cuja astúcia é superior à de Prometeu, finge que não percebe a trapaça e pretexta a ofensa para punir os homens escondendo o fogo e condenando-os ao trabalho diário para garantir a sobrevivência. O segundo lance dessa disputa consiste no roubo do fogo por Prometeu, que o entrega aos homens para atenuar sua pena. Irritado, Zeus pune a humanidade com a criação da primeira mulher, Pandora, que se faz acompanhar por males diversos, que antes não assolavam a raça humana. Dentre esses males – doença, velhice, morte –, está a esperança, que na tragédia de Ésquilo é um dom de Prometeu aos homens.

Em Ésquilo, Prometeu atribui seu castigo única e exclusivamente ao seu amor pelos mortais, a quem dotara do fogo e das mais diversas artes, contra a vontade de Zeus, que desejava extingui-los. É surpreendente também que se apresente como filho da titanide Têmis, a Lei, assimilada à Terra, divindade primordial no panteão grego – na *Teogonia*, Prometeu tem por pais o titã Jápeto e Climene, uma das Oceanides. Talvez essa revisão pretenda promover o deus a um adversário mais temível para Zeus, uma vez que sua mãe Gaia/Têmis, “a mesma deusa, mas com nomes diferentes” (v.288), tem muito mais prestígio e autoridade entre os deuses. O fato é que a polarização entre os deuses é central na tragédia de Ésquilo, que pode ser vista como uma reflexão sobre o exercício do poder.

Salta aos olhos a representação de Zeus como tirano. Recém-vestido no poder, ele reina com rédeas curtas, valendo-se mais da força do que da diplomacia para consolidar sua autoridade. Não é à toa que Poder e Força são seus auxiliares diretos. Prometeu, um aliado valioso na batalha contra os Titãs, cai em desgraça por não se submeter ao novo senhor. A punição é rápida e amarga. Condenado a passar a eternidade aprisionado a rochas em meio a uma

região desértica, o deus exhibe seu sofrimento como forma de denúncia. Mas Prometeu se iguala a Zeus na inflexibilidade com que resiste a qualquer tentativa conciliatória. Vários dos personagens reconhecem que o deus erra ao se contrapor a Zeus soberano, numa obstinação e arrogância que beiram a loucura – é significativo o emprego de um vocabulário médico na peça, visando caracterizar o comportamento do herói como doentio. Assim, ele recusa a intermediação de Oceano, o conselho do coro e a intervenção de Hermes para se entender com Zeus e sucumbe à pena mais dura ao final da tragédia. Como nota o helenista inglês Winnington-Ingram, a teimosia de Prometeu é equivalente ao rigor de Zeus.<sup>1</sup>

Apesar da imobilidade e do isolamento serem penas infligidas a Prometeu, ele raramente está sozinho em cena. Um desfile de personagens comparece diante do deus sofredor. É notável que, à exceção de Hefesto e Hermes, todos eles sejam descendentes de Oceano, o mais velho dos Titãs. Além deste deus, que representa a corrente marítima que contorna a terra, suas filhas Oceanides e sua neta, Io, são interlocutores de Prometeu. O próprio Prometeu seria filho de uma oceanide, para Hesíodo, e teria desposado outra, na versão de Ésquilo – talvez um deslocamento compensatório para a redefinição genealógica. É curioso o contraste que se estabelece entre esse deus cujo atributo é o fogo e as divindades associadas às águas – as Oceanides representam as fontes e os cursos de água. Há clara empatia da parte delas, que se condoem do sofrimento do deus, escolhendo até mesmo compartilhá-lo – o coro sucumbe voluntariamente com o herói, sendo então o veículo da catarse.

Hefesto e Hermes são deuses olímpicos, filhos de Zeus, e representam, portanto, a nova ordem. Ambos estão associados a Prometeu: Hefesto pelo atributo do fogo, que alimenta sua forja de ferreiro; Hermes por ser neto de Atlas, o irmão de Prometeu e, como ele, punido por Zeus. Em cena no prólogo e no êxodo, Hefesto e Hermes cumprem as determinações de seu pai, mas, enquanto o primeiro o faz contra vontade, compungido com o sofrimento de um semelhante, o segundo não se comove, revelando a face severa de Zeus.

Io é uma personagem à parte. Única mortal na peça, também é vítima de Zeus, ilustrando seus desmandos no plano mortal. Tomado de desejo pela jovem, Zeus a seduz e depois abandona às perseguições de Hera. Sob a forma de uma novilha, Io está condenada a vagar, alucinada, até alcançar a redenção no Egito, por intermédio de Zeus, de quem gera um filho, Épafo. A constante movimentação de Io contrasta com a imobilidade de Prometeu, mas sua trajetória prefigura a dele, fadado também a se reconciliar com Zeus no futuro. A trégua entre os deuses será selada pelo fato de um dos descendentes de Io,

Héracles, estar predestinado a libertar Prometeu de sua prisão.

O fato de Io ser a única mortal é uma peculiaridade do *Prometeu acorrentado*. Verdade que os deuses são importantes na tragédia grega, fazendo-se presentes em várias peças, mas é inegável que o fenômeno trágico está concentrado no homem, cuja fragilidade o torna presa de circunstâncias inelutáveis. Outra peculiaridade da peça é a polêmica envolvendo a sua autoria.

Por muito tempo considerada uma das tragédias mais antigas de Ésquilo, hoje *Prometeu* é tida como a última do *corpus* sobrevivente. O helenista Mark Griffith<sup>2</sup> a situa num intervalo de 65 anos, entre 479 e 415 a.C., o que por si só já pressupõe a discussão da sua autoria – a morte de Ésquilo é fixada em 456 a.C. O mesmo autor, num trabalho de fôlego, contesta a autoria com base em discrepâncias métricas e estilísticas, entre outros fatores. Uma solução para superar o impasse é datar a peça no final da carreira do poeta, posterior à *Oréstia*, quando já se faria sentir o impacto do teatro de Sófocles, cuja influência se nota na constituição do caráter inflexível do herói. Outra hipótese é a de que a tragédia tenha sido composta durante a última e fatal estadia de Ésquilo em Siracusa, para ser apresentada a uma plateia estrangeira, o que justificaria a maior coloquialidade do texto e a relativa simplicidade que assumem os cantos corais.

Algumas soluções da peça, entretanto, são inegavelmente de matiz esquiliano, como a oposição entre deuses novos e antigos, que se vê também na *Oréstia*. Isso suscitou a hipótese de que Ésquilo tenha deixado a peça incompleta e que ela tenha sido concluída por outro poeta. De qualquer maneira há hoje um consenso, especialmente entre os helenistas ingleses, de que o *Prometeu* não foi composto por Ésquilo, mas, à falta de outro candidato à sua autoria, a peça continua incorporada ao conjunto de sua obra e, portanto, na prática, está associada a ele, o que torna a discussão um tanto quanto irrelevante.

É preciso dizer que esta não era uma questão para os antigos, que nunca colocaram em dúvida a atribuição do *Prometeu* a Ésquilo. Os catálogos de suas obras registram quatro peças que trazem “Prometeu” no título: *Prometeu acorrentado* (*Prometheus Desmotes*), *Prometeu portador do fogo* (*Prometheus Pyrphoros*), *Prometeu liberto* (*Prometheus Lyomenos*) e *Prometeu botafogo* (*Prometheus Pyrkaeus*). Essa última, um drama satírico, foi apresentada em 472 a.C., junto com *Os persas*. As demais teriam composto uma trilogia temática à maneira da *Oréstia*. A hipótese da trilogia ajuda a entender certas indefinições que pairam sobre nossa peça: o segredo que Prometeu mantém acerca da divindade que, unida a Zeus, daria à luz um filho capaz de destroná-lo; a ocultação do nome do descendente de Io fadado a libertar Prometeu; a

enumeração da série de castigos que incidiriam sobre o deus, sendo que só o soterramento acontece em cena. Essas menções poderiam ser antecipações do que viria a ser tratado na tragédia subsequente, o *Prometeu libertado*, em que o deus, torturado pela águia que lhe bica diariamente o fígado, seria finalmente libertado de seu suplício por Hércules – quer por ter revelado a Zeus a identidade da deusa cuja boda lhe seria fatal, quer porque ela própria, a nereida Tétis, teria contado tudo a Zeus, dissipando o perigo. O *Prometeu acorrentado* ocuparia provavelmente a posição intermediária ou inicial da trilogia – sendo mais difícil imaginar o enredo do *Prometeu portador do fogo*.

*Prometeu acorrentado* sempre esteve entre as tragédias mais apreciadas da Antiguidade. No Brasil, teve várias traduções desde o século XIX, sendo que a inaugural teria sido feita a duas mãos por dom Pedro II e pelo Barão de Paranapiacaba, que teria posto em versos a versão em prosa do imperador.<sup>3</sup> Mário da Gama Kury, cuja tradução o leitor acompanha a seguir, declarou que procurou manter em português a grandiosidade verbal que a peça tem no original, decorrente da condição divina das personagens, e que também buscou variar a métrica, alternando passagens em dodecassílabos com outras em decassílabos para acentuar as emoções.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Winnington-Ingram, R.P. “Towards an interpretation of *Prometheus Bound*”, in *Studies in Aeschylus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

<sup>2</sup> Griffith, M. *The authenticity of “Prometheus Bound”*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 (1ª edição 1977). Griffith não foi o primeiro a defender essa hipótese, que remonta ao séc.XIX, mas certamente sua tese é a mais influente.

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre esta e outras traduções do *Prometeu* no séc.XIX remeto ao artigo de Haroldo de Campos, “O *Prometeu* dos barões”, in G. de Almeida e T. Vieira. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p.231-53.

<sup>4</sup> Kury, M.G. “Introdução”, in Ésquilo, Sófocles, Eurípides. *Prometeu acorrentado, Ajax, Alceste*. Rio de Janeiro: Zahar, 6ª edição 2009, p.11. O texto que serviu de base à tradução do *Prometeu acorrentado* foi o editado por Gilbert Murray (Oxford: Clarendon Press, 1955).

# PROMETEU ACORRENTADO

Época da ação: tempo mítico

Local: região desolada na Cítia

Primeira representação: incerta

## Personagens

PROMETEU, um titã filho de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra), ou de Urano e Têmis

HEFESTO, deus do fogo

PODER }  
FORÇA } divindades auxiliares de Zeus

CORO das Oceanides, filhas de Oceano

OCEANO, deus dos mares que circundam a terra

IO, filha do rei Ínaco, amada por Zeus e perseguida por Hera

HERMES, deus arauto dos deuses

## Cenário

Ao fundo, um maciço rochoso. Entram PODER e FORÇA arrastando PROMETEU, seguidos por HEFESTO, mancando e levando seus instrumentos de ferreiro.

## **PRÓLOGO, Cena 1**

[O prólogo se inicia com um diálogo, através do qual se expõem as diretrizes da ação. Hefesto, acompanhado por Poder e Força, entra em cena conduzindo Prometeu, a quem deve acorrentar aos penhascos por ordem de Zeus. A punição decorre de Prometeu ter roubado o fogo, prerrogativa divina, para beneficiar os homens. O cenário é a região desabitada da Cítia. Hefesto demonstra piedade por Prometeu, mas, exortado por Poder e temendo contrariar Zeus, procede ao acorrentamento do deus. Cumprida a tarefa, Hefesto, Poder e Força saem de cena. (v.1-114)]

### **PODER**

Aqui estamos nós, neste lugar remoto,  
marchando num deserto pelo chão da Cítia<sup>1</sup>  
onde nenhuma criatura humana vive.  
Pensa somente, Hefesto, nas ordens de Zeus,  
5 teu pai, e em acorrentar nestas montanhas  
de inacessíveis píncaros um criminoso  
com cadeias indestrutíveis de aço puro.  
Ele roubou teu privilégio, o fogo rubro  
de onde nasceram todas as artes humanas,  
10 para presenteá-lo aos mortais indefesos.  
É hora de pagar aos deuses por seu crime  
e de aprender a resignar-se humildemente  
ao mando soberano de Zeus poderoso,  
deixando de querer ser benfeitor dos homens.

### **HEFESTO**

15 Aqui findou, Poder e Força, esta missão  
atribuída a vós por Zeus; já a cumpristes  
e nada mais agora vos retém aqui.  
Quanto a mim mesmo, sinto que me falta o ânimo  
para prender, usando a violência, um deus,  
20 um imortal e, mais ainda, meu irmão,  
neste cume batido pelas tempestades.



De minha parte, devo encher-me de coragem  
para a missão, pois negligenciar as ordens  
de um pai é falta cuja punição é dura.

*Dirigindo-se a PROMETEU.*

- 25 És muito audaz em todos os teus pensamentos,  
filho da sábia Têmis,<sup>2</sup> e contrariando  
as minhas intenções e as tuas vou pregar-te  
nesta isolada rocha, longe dos caminhos,  
com elos inflexíveis de aço indestrutível.
- 30 Aqui não poderás ouvir a voz dos homens  
nem ver a imagem deles e, sempre queimado  
pelo fogo inclemente do sol flamejante,  
terás a flor da pele escura e ressecada;  
por toda a eternidade verás com alívio
- 35 a noite recobrando a esplendorosa luz  
com seu imenso manto repleto de estrelas,  
e por seu turno o sol evaporar na aurora  
o orvalho gélido, sem que a pungente dor  
de um mal perenemente vinculado a ti
- 40 descuide-se de corroer a tua carne,  
pois teu libertador ainda não nasceu.  
Eis tua recompensa por haver querido  
agir como se fosses benfeitor dos homens.  
Deus descuidoso do rancor dos outros deuses,
- 45 quiseste transgredir um direito sagrado  
dando aos mortais as prerrogativas divinas;  
e como recompensa permanecerás  
numa vigília dolorosa, sempre em pé,  
sem conseguir dormir nem dobrar os joelhos.
- 50 Terás tempo bastante aqui para externar  
teus gemidos sem fim e vãs lamentações;  
é sempre duro o coração dos novos reis.

## **PODER**

Agora ajamos sem demora e sem queixumes.  
Não abominas o deus amaldiçoado

55 entre todos os deuses, que ousou entregar  
teus privilégios aos efêmeros mortais?

## **HEFESTO**

São fortes, muito fortes, os laços de sangue,  
principalmente quando juntam-se à afeição.

## **PODER**

60 Concordo, mas é menos temerário, Hefesto,  
deixar de obedecer às ordens de teu pai?

## **HEFESTO**

Tua ousadia iguala a tua crueldade!

## **PODER**

Nossas lamentações não poderão salvá-lo;  
não te fatigues gemendo por coisa alguma.

## **HEFESTO**

Nossa missão é realmente detestável!

## **PODER**

65 É inútil maldizê-la. Com toda a franqueza,  
o teu ofício não é causa destes males.

## **HEFESTO**

Ah! Se o céu permitisse, de qualquer maneira,  
que esta missão coubesse a outra divindade!

## **PODER**

70 Todos temos a sorte predeterminada;  
a única exceção é Zeus, o rei dos deuses.

Somente ele é livre entre imortais e homens.

## **HEFESTO**

Eu mesmo vejo e nada tenho a ponderar.

## **PODER**

Então apressa-te a cravá-lo no rochedo.  
Que Zeus não veja a tua hesitação aqui!

## **HEFESTO**

75 Ele já pode ver-me com cravos nas mãos.

## **PODER**

Põe a corrente nos pulsos deste rebelde;  
depois usa o martelo e prende-o ao rochedo,  
malhando logo com todas as tuas forças.

## **HEFESTO**

Tudo está sendo feito sem qualquer descaso.

## **PODER**

80 Malha mais forte! Aperta! Não deve haver folga!  
Ele é capaz até de feitos impossíveis.

## **HEFESTO**

Prendi um braço; ele não poderá soltá-lo.

## **PODER**

Agora o outro! Vê se o pregas para sempre!  
Ele deve ficar sabendo muito bem  
85 que sua astúcia não se sobrepõe a Zeus!

## **HEFESTO**

Só ele pode censurar a minha obra.

## **PODER**

Sem perder tempo, enfia resolutamente  
no meio de seu peito, como te compete,  
o dente muito duro deste cravo de aço!

## **HEFESTO**

90 Sofro em surdina por teus males, Prometeu!

## **PODER**

Hesitas e até gemes por um inimigo  
de Zeus. Dou-te um conselho: deves ter cuidado  
para não te queixares mais e por ti mesmo!

## **HEFESTO**

Vês o que os olhos nunca deveriam ver!

## **PODER**

95 Ele está tendo a sorte merecida. Vamos!  
Lança o cinto de bronze em volta de seus flancos!

## **HEFESTO**

Sou constrangido a isto; não me dêis mais ordens.

## **PODER**

Tenho de dar-te outras. Não terás repouso.  
Abaixa-te e ata à força os tornozelos dele!

## **HEFESTO**

100 Pronto! Está feito e sem maior esforço meu.

## **PODER**

Agora aperta ainda mais para que a peia penetre em sua carne. O avaliador do cumprimento de nossa missão é duro.

## **HEFESTO**

Tuas palavras correspondem a teu físico.

## **PODER**

105 Sê fraco, se te agrada, mas não me censures se te pareço impiedoso e exigente.

## **HEFESTO**

Partamos, pois seus membros estão todos presos.

## **PODER**

*Dirigindo-se a PROMETEU.*

Sê insolente agora à tua maneira  
e rouba aos deuses todos os seus privilégios  
110 para entregá-los às criaturas efêmeras!  
Que alívio poderão trazer-te os frágeis homens?  
Chamando-te de Prometeu<sup>3</sup> os deuses erram;  
vai procurar em outra parte quem prometa  
livrar-te desta obra bem executada!

*Saem o PODER, a FORÇA e HEFESTO.*

## **PRÓLOGO, Cena 2**

[Monólogo de Prometeu, que convoca os deuses a testemunhar o tratamento indigno que ele, deus, recebe da parte de um outro deus, Zeus. Reconhece que por ter o dom da previsão nada do que se passa é surpresa para ele, e que sabia ser esse o preço a pagar pelo favor prestado aos homens. Presente a chegada do Coro, que se aproxima. (v.115-163)]

# PROMETEU

*Agitado.*

115 Éter divino, ventos de asas lépidas,

águas de tantos rios, riso imenso  
das vagas múltiplas dos mares, Terra,  
mãe de todos os seres, e tu, Sol  
onividente olho, eu vos invoco!

120 Notai os males que eu, um deus, suporto,  
mandados contra mim por outros deuses!  
Vede as injúrias que hoje me aniquilam  
e me farão sofrer de agora em diante  
durante longos, incontáveis dias!

125 Eis os laços de infâmia, imaginados  
para prender-me pelo novo rei  
dos Bem-aventurados! Ai de mim!  
Os sofrimentos que me esmagam hoje  
e os muitos ainda por vir constangem-me

130 a soluçar. Depois das provações  
verei brilhar enfim a liberdade?

*Reanimado, depois de alguns momentos de silêncio.*

Mas, que digo? Não sei antecipadamente  
todo o futuro? Dor nenhuma, ou desventura  
cairá sobre mim sem que eu tenha previsto.

135 Temos de suportar com o coração impávido  
a sorte que nos é imposta e admitir  
a impossibilidade de fazermos frente  
à força irresistível da fatalidade.

Subjugam-me estes males todos – ai de mim! –

140 por ter feito um favor a todos os mortais.

Em certa ocasião apanhei e guardei  
na cavidade de uma árvore a semente  
do fogo roubado por mim para entregar  
à estirpe humana, a fim de servir-lhe de mestre

145 das artes numerosas, dos meios capazes  
de fazê-la chegar a elevados fins.

Agora, acorrentado sob o céu aberto,  
pago a penalidade pela afronta a Zeus!

*Novamente agitado.*

150 Ah! Que ruído, que perfume evola-se  
de algum lugar oculto e chega a mim?  
Vem ele de algum deus, ou de mortais,  
ou de qualquer mistura de um e outros?  
Vêm a este rochedo, fim do mundo,  
contemplar os meus males? Ou então,  
155 que desejam deste infeliz, de mim?  
Vedes um deus desventurado, preso  
por cravos de aço que o imobilizam,  
detestado por Zeus, seu inimigo,  
por haver amado demais os homens!

*Atento.*

160 Ouço perto de mim cantos de pássaros.  
O claro éter responde silvando  
a movimentos bruscos de asas rápidas!  
Qualquer ruído estranho agora assusta-me.

*Chega um carro alado a um rochedo próximo àquele onde PROMETEU  
está acorrentado, trazendo as Oceanides, que formam o CORO.*

## **PÁRODO**

[O párodo marca o ingresso do Coro em cena. O Coro, composto pelas Oceanides, vem testemunhar o sofrimento de Prometeu e prestar-lhe solidariedade. O deus revela que depende dele a continuidade do governo de Zeus, já que detém um conhecimento que pode preservar-lhe o poder. Contando com esse trunfo, Prometeu imagina uma futura conciliação com Zeus. (v.164-262)]

## **CORO**

165 Nada receies, pois estão chegando  
a esta solidão amigas tuas

trazidas, como vês, por asas céleres.  
Nossas palavras afinal venceram  
a vontade paterna, e ventos lépidos  
trouxeram-nos depressa até aqui.  
170 Os repetidos choques estridentes  
do ferro sobre o ferro, penetrando  
até o fundo de nossa morada  
afastaram de nós a timidez  
de nosso olhar pudico, e de pés nus  
175 voamos para cá num carro alado.

## **PROMETEU**

Ah! Descendentes da fecunda Têtis,<sup>4</sup>  
vós, filhas do Oceano cujo curso,  
imune ao sono, eternamente move-se  
em torno da terra descomunal!  
180 Vede, donzelas, observai os cravos  
que me mantêm pregados a esta rocha  
por cima de um precipício sem fim,  
onde devo permanecer desperto  
numa vigília que ninguém inveja!

## **CORO**

185 Estamos vendo, Prometeu, e sobe  
aos nossos olhos já cheios de lágrimas  
a densa névoa devida ao temor,  
quando enxergamos sobre este penhasco  
teu corpo cruelmente ressecado,  
190 preso por estes elos infamantes.  
Senhores novos mandam lá no Olimpo;  
impondo novas leis Zeus já exerce  
poderes absolutos e destrói  
a majestade das antigas leis.

## **PROMETEU**

195 Por que ele não me precipitou



nos abismos da terra, em profundezas  
ainda mais remotas que as do Hades  
acolhedor dos mortos, lá no Tártaro?<sup>5</sup>  
Por que me expôs ao horrível contato  
200 de laços nunca, em tempo algum desfeitos,  
para que deuses e outras testemunhas  
se deleitassem com minha agonia,  
eu que, joguete de todos os ventos,  
desventurado, sofro sem remédio  
205 para alegria de meus inimigos?

## **CORO**

Que deus seria tão cruel a ponto  
de achar aqui motivos de alegria?  
Quem não se indignaria, como nós,  
com teu destino, à exceção de Zeus?  
210 Com seu rancor, tornando sua alma  
totalmente inflexível, ele quer  
domar a raça de Urano<sup>6</sup> antiquíssimo,  
e em sua ira não se deterá  
enquanto não conseguir saciar  
215 seu coração, ou graças, finalmente,  
a um golpe feliz, um outro deus  
tiver a sorte de se apoderar  
desse trono difícil de ocupar.

## **PROMETEU**

Deveis ouvir, então, meu juramento:  
220 o dia há de chegar, sem qualquer dúvida,  
em que apesar de eu estar humilhado  
nestes grilhões brutais, o novo rei  
dos imortais terá necessidade  
de minha ajuda, se quiser saber  
225 a sorte obscura que o despojará  
de suas honrarias e seu cetro;  
então, juro que nem os sortilégios  
de uma eloquência feita inteiramente

de palavras de mel conseguirão  
230 dobrar-me graças a encantamentos,  
nem o terror de rudes ameaças  
me fará revelar-lhe meu segredo,<sup>7</sup>  
a não ser que ele mesmo já tivesse  
desfeito as amarras impiedosas  
235 e consentido em me pagar o preço  
devido justamente pelo ultraje.

## **CORO**

És destemido e nem sequer te abates  
diante destes muitos sofrimentos  
que te amarguram, e até te comprazes  
240 em dar excessiva licença à língua.  
Mas nosso espírito está inquieto,  
pois um temor pungente dominou-nos  
e estamos todas aterrorizadas  
com teu cruel destino, quanto ao porto  
245 onde pretendes ancorar teu barco  
para ver afinal o termo incerto  
desta viagem por demais penosa.  
De fato, os meios usados por Zeus,  
filho de Cronos, são inexoráveis;  
250 seu coração é duro e insensível  
e não conhece a conciliação.

## **PROMETEU**

Sei que ele é intratável e feroz  
e faz justiça com as próprias mãos;  
mas com certeza chegará o dia  
255 de ele afinal mostrar suavidade,  
quando for atingido pelo golpe  
a que me referi há pouco tempo.  
Na hora inevitável, acalmando  
a ira pertinaz, ele sem dúvida  
260 aceitará minha amizade e ajuda,  
pois também estarei impaciente

depois de sua longa intolerância.

### 1º EPISÓDIO, Cena 1

[A convite da Corifeu, a líder do Coro, Prometeu expõe as razões da perseguição de Zeus. Incapaz de convencer os Titãs a empregar a astúcia para derrotar Zeus e seus irmãos, Prometeu se aliara a estes últimos, sendo decisivo para que eles alcançassem a vitória sobre Cronos. Uma vez vitorioso, no entanto, Zeus passara a desconfiar de seus aliados e planejava destruir os mortais. Prometeu se opôs à ideia e, por amor aos homens, salvou-os dando-lhes o fogo e a esperança. A fúria de Zeus se volta contra Prometeu. O Coro, embora apiedado, reconhece o erro de Prometeu. Ele convida as Oceanides a descer de seu carro alado e pisar o chão, postando-se ao seu lado, para melhor escutar sobre os males que ainda o aguardam. (v.263-380)]

#### CORIFEU

Revela-nos detalhes e responde logo  
à minha primeira pergunta: qual a queixa  
265 alegada por Zeus para te acorrentar  
e infligir-te este ultraje ignominioso,  
insuportavelmente amargo? Dize agora,  
se a narração não for muito penosa.

#### PROMETEU

Falar-te disso é doloroso para mim,  
270 mas calar-me também me causa muitas dores,  
pois onde estou existe apenas desespero.  
No instante mesmo de chegar a indignação  
ao coração dos deuses, enquanto a discórdia  
crescia entre eles – uns nutrindo a ideia  
275 de expulsar Cronos de seu trono cobiçado  
para que Zeus o sucedesse no poder,  
outros lutando para que Zeus não reinasse  
sobre todos os imortais sem exceção –,  
achei conveniente dar conselhos sábios  
280 aos divinos titãs, filhos de Urano e Gaia,  
mas fui malsucedido. Desdenhando a astúcia  
e preferindo a presunçosa força bruta,

em sua estupidez eles imaginaram  
que não lhes custaria muito sofrimento  
285 conquistar a vitória pela violência.  
Quanto a mim mesmo, em várias oportunidades  
minha mãe venerável – sim, Têmis ou Gaia  
(a mesma deusa, mas com nomes diferentes) –  
me revelara em vaticínios o porvir:  
290 caberia a vitória a quem prevalecesse  
não pela força e violência, mas apenas  
pela suave astúcia. Tentei explicar  
a meus irmãos titãs com fortes argumentos,  
mas nenhum deles se dignou sequer de olhar-me.  
295 Naquela conjuntura pareceu-me logo  
que seria melhor ter minha mãe por mim,  
tomando o partido de Zeus, que de bom grado  
me recebeu como aliado. Só por isso  
e graças a meus planos, hoje um negro antro  
300 do Tártaro profundo oculta para sempre  
o muito antigo Cronos com os seus prosélitos.  
Eis os serviços que prestei naquele tempo  
ao rei dos deuses, e dele recebo agora  
a mais cruel das recompensas, como vedes.  
305 Desconfiar até de amigos é sem dúvida  
um mal inerente ao poder ilimitado.  
Quanto à tua pergunta propriamente dita,  
respondo-te: depois de sentar-se no trono  
de seu pai Cronos, Zeus distribuiu aos deuses  
310 os diferentes privilégios e cuidou  
de definir as suas atribuições.  
Mas nem por um fugaz momento ele pensou  
nos mortais castigados pelas desventuras.  
O seu desejo era extinguir a raça humana  
315 a fim de criar outra inteiramente nova.  
Somente eu, e mais ninguém, ousei opor-me  
a tal projeto impiedoso; apenas eu  
a defendi; liberei os homens indefesos  
da extinção total, pois consegui salvá-los  
320 de serem esmagados no profundo Hades.<sup>8</sup>  
Por isso hoje suporte estas dores cruéis,

dilacerantes até para quem as vê.  
Por ter-me apiedado dos frágeis mortais  
negam-me os deuses todos sua piedade  
325 e estou sendo tratado de modo implacável,  
num espetáculo funesto até a Zeus!

## **CORIFEU**

Em minha opinião, quem não se revoltasse  
com tua imensa desventura, Prometeu,  
teria um coração de pedra ou de ferro.  
330 Quanto a mim mesma, eu teria preferido  
nunca presenciar este triste espetáculo,  
pois vendo-o minha alma se condói e sofre.

## **PROMETEU**

Comove a visão que ofereço a meus amigos.

## **CORIFEU**

Foste mais longe ainda em tuas transgressões?

## **PROMETEU**

335 Fui, sim, livrando os homens do medo da morte.

## **CORIFEU**

Descobriste um remédio para esse mal?

## **PROMETEU**

Pus esperanças vãs nos corações de todos.

## **CORIFEU**

Assim agindo, deste-lhes grande consolo.

## **PROMETEU**

Inda fiz mais: dei-lhes o fogo de presente.

## **CORIFEU**

340 Então o fogo luminoso, Prometeu,  
está hoje nas mãos desses seres efêmeros?

## **PROMETEU**

Com ele aprenderão a praticar as artes.

## **CORIFEU**

Foram essas as queixas que levaram Zeus...

## **PROMETEU**

...a infligir-me este tormento sem alívio!

## **CORIFEU**

345 Teu infortúnio não terá limite, então?

## **PROMETEU**

Nenhum; tudo depende dos caprichos dele.

## **CORIFEU**

De que resultam seus caprichos? Inda esperas?  
Não percebes que erraste? Tens noção do erro?  
Eu não teria a mínima satisfação

350 em dar-te a minha opinião, e se a ouvisses  
por certo sofrerias com minhas palavras.  
Mas já falei demais; procura qualquer meio  
de te livrares desta provação, coitado!

## **PROMETEU**

*Dirigindo-se a todo o CORO.*

Mas, para quem não sente em sua própria carne  
355 todo este sofrimento, é fácil ponderar  
e censurar. Eu esperava tudo isto;  
foi consciente, consciente sim, meu erro  
– não retiro a palavra. Por amor aos homens,  
por querer ajudá-los, procurei, eu mesmo,  
360 meus próprios males. Nunca, nunca imaginei,  
porém, que minhas provações implicariam  
em ressecar-me para sempre nestas rochas  
e que teria por destino ficar só  
neste cume deserto para todo o sempre.  
365 Sem lamentar demais minhas dores presentes,  
convido-vos a pisar neste chão de pedra  
para melhor ouvir os meus males futuros;  
assim sabereis tudo, do princípio ao fim.  
Cedei à minha súplica! Compadecei-vos  
370 de quem está sofrendo agora; a desventura  
não discrimina; segue seu percurso errático,  
pousando sobre uns e depois sobre outros.

## **CORO**

Não fizeste um apelo, Prometeu,  
a criaturas frias, relutantes.  
375 Com pés ligeiros abandonaremos  
o nosso carro aos ímpetos velozes  
do éter, rota sagrada dos pássaros,  
e desceremos neste solo áspero;  
queremos conhecer teus sofrimentos  
380 até o fim, sejam eles quais forem.

*Enquanto as Oceanides do CORO descem do carro alado, aparece o carro de OCEANO puxado por um grifo.<sup>9</sup>*

### **1º EPISÓDIO, Cena 2**

[Entra em cena Oceano, disposto a manifestar sua solidariedade para com Prometeu e aconselhá-lo a moderar a indignação e ceder diante do poder dos

mais fortes. Isto feito, propõe intervir junto a Zeus em prol de Prometeu, que, no entanto, se mostra refratário a qualquer acordo. Oceano então parte, deixando Prometeu entregue a sua revolta e sofrimento. (v.381-520)]

## **OCEANO**

Para vir hoje a teu encontro, Prometeu,  
tive de percorrer uma longa distância,  
trazido por este monstro de asas velozes,  
sem brida, dirigido por minha vontade.

385 Fica sabendo que teus males me comovem.

O parentesco, em minha opinião, influi,  
e muito, em nós, e ocupas a parte maior  
no meio de meu coração. Perceberás

390 toda a sinceridade de minhas palavras,  
pois desconheço todas as lisonjas vãs.

Anima-te! Indica-me qual o apoio  
que posso oferecer-te, pois nunca terás  
amigo mais sincero e certo que Oceano.

## **PROMETEU**

Chegaste para ver também o meu suplício?

395 Ousaste, então, abandonar o rio imenso  
ao qual deste o teu nome e as muitas cavernas  
feitas nas rochas pela própria natureza,  
para vir até esta região inóspita

400 onde nasceu o ferro? Por acaso vens  
para ser testemunha de minha desdita,  
para te constrangeres com meus grandes males?

Observa bem este espetáculo pungente.

Eu, colaborador, eu, amigo de Zeus,  
que o ajudei a instaurar-se no poder,

405 estou agora aqui, diante de teus olhos,  
sofrendo esta agonia a que ele me sujeita!

## **OCEANO**

Sim, estou vendo, Prometeu, e quero dar-te



o único conselho útil nesta hora,  
por mais decepcionado que possas estar;  
410 conhece-te a ti mesmo, amigo, e adaptando-te  
aos duros fatos, lança mão de novos modos,  
pois um novo senhor comanda os deuses todos.  
Se lhe diriges estas palavras cortantes,  
Zeus pode ouvir-te, embora esteja entronizado  
415 no mais longínquo e mais alto dos lugares,  
e o rancor que te faz sofrer neste momento  
em breve te parecerá mero brinquedo  
nas mãos de uma criança. Pensa, infelizmente!  
Esforça-te por esquecer a tua cólera  
420 e trata de livrar-te desses teus tormentos!  
Estas minhas palavras talvez te pareçam  
apenas velharias; seja como for,  
recebes simplesmente a retribuição  
às tuas falas muito altivas. Na verdade,  
425 inda não aprendeste a mostrar humildade,  
nem a curvar-te, como deves, e pretendes  
somar a teus males presentes novos males.  
Se tirares proveito de minha lição,  
deixarás de espumar agrilhado aqui.  
430 Pondera que se trata de um monarca rude,  
que não tem contas a prestar de seu poder.  
Ainda mais: enquanto pretendo livrar-te  
dos sofrimentos que te abatem, aquieta-te,  
dá uma trégua a teus discursos violentos.  
435 Ignoras, tu, cujo intelecto é tão sutil,  
que as línguas atrevidas recebem castigo?

## **PROMETEU**

Invejo-te, Oceano, por ver-te seguro  
depois de haver participado da revolta  
e ousado tanto quanto eu; esquece já  
440 teus bons propósitos; para de pensar neles  
e vai embora logo; por mais que te empenhes  
não poderás persuadir o novo rei;  
ele se faz de surdo a quaisquer argumentos.

445 Sê cauteloso; poderão prejudicar-te  
as tentativas que fizeres junto a Zeus.

## OCEANO

Dás melhores lições aos outros que a ti mesmo;  
julgo por fatos, e não por simples palavras.  
Já vou partir de volta; não tentes reter-me.  
450 Procurarei ter forças para obter de Zeus  
a graça de livrar-te de teus sofrimentos.

## PROMETEU

*Sarcasticamente.*

Muito obrigado! Nunca mais te esquecerei;  
são persistentes tuas boas intenções.  
Mas não te molestes por isso; teus esforços  
para ajudar-me agora seriam inúteis  
455 se realmente pretendias exercê-los.  
Fica tranquilo e mantém-te sempre afastado  
de minhas amarguras. Eu não gostaria  
de ver reveses afligindo meus amigos  
somente por causa de meus padecimentos.  
460 Não; já sofro bastante com a má sorte de Atlas,  
meu próprio irmão, que, para os lados do poente,  
sustenta sobre os ombros a coluna imensa  
erguida para separar o céu da terra,  
fardo penoso para os braços que o levantam.  
465 Senti também a piedade dominar-me  
no dia em que vi o pobre filho da Terra  
outrora morador nas grotas da Cilícia,  
monstro terrível dotado de cem cabeças,  
Tifeu feroso, finalmente subjogado.  
470 Soprando só terror pela boca espantosa,  
ele desafiou sozinho os deuses todos;  
saía de seus muitos olhos, em relâmpagos,  
uma luz fulgurante que prenunciava  
sua resolução de abater pela força

475 todo o poder de Zeus. Mas caiu sobre ele  
o dardo sempre alerta do senhor dos deuses,  
que apenas ele atira num sopro de fogo.  
Do alto de sua jactância insolente  
Zeus derrubou-o; atingido mortalmente  
480 em pleno coração, ele viu sua força  
ser reduzida a nada por um raio ígneo.  
Com seu corpo estendido, inerte, ele jaz  
perto de um estreito marítimo, esmagado  
pelas raízes do alto Etna enquanto Hefesto,  
485 de suas culminâncias, em seu ofício,  
bate o ferro abrandado pelas brasas rubras.  
De lá um dia correrão rios de fogo,  
prestes a destruir com seus dentes selvagens  
os campos planos da Sicília – tão grande  
490 será a força do rancor efervescente  
que, nos incandescentes dardos infalíveis  
de uma devoradora tempestade fúlgida,  
Tifeu ainda exalará mesmo desfeito  
em brasas pelo raio fogo de Zeus!  
495 Mas não és inexperiente e não requeres  
minhas lições. Salva-te! É fácil para ti!  
Quanto a mim mesmo, vou curvar-me ao meu destino  
até Zeus mitigar o seu ressentimento.

## **OCEANO**

500 Não sabes, Prometeu, que as palavras são médicos  
capazes de curar teu mal, este rancor?

## **PROMETEU**

Quando se percebe o momento em que é possível  
enternecer o coração, e não se tenta  
curar à força rancores que já são chagas.

## **OCEANO**

Não tens meios de ver um castigo atrelado

505 à arrogância temerária? Esclarece-me!

**PROMETEU**

Perdemos tempo conversando ingenuamente.

**OCEANO**

Se isso é um mal, quero ser um doente dele;  
Agrada-me parecer tolo por ser bom.

**PROMETEU**

Esta deficiência parecerá minha.

**OCEANO**

510 Tuas palavras soam como despedida.

**PROMETEU**

Receias que, lamentando minha desdita,  
venhas a conquistar um inimigo novo?

**OCEANO**

O recém-entronado todo-poderoso?

**PROMETEU**

Sim, ele mesmo; não irrites o seu ânimo.

**OCEANO**

515 Sirva-nos de lição a tua desventura.

**PROMETEU**

Afasta-te daqui; mantém estes propósitos.

## OCEANO

Já vou; teu conselho condiz com minha pressa.  
Meu pássaro quadrúpede percorrerá  
suavemente os ares com as asas largas  
520 para chegar de volta ao conhecido abrigo.

*Sai o carro de OCEANO. As Oceanides do CORO começam a cantar.*

### 1º ESTÁSIMO

[As Oceanides lamentam a sorte de Prometeu e seu lamento espalha-se pelo mundo, alcançando a Ásia, a Europa e a Arábia, tomando conta do mar e do Hades. Também mencionam o castigo de Atlas, irmão de Prometeu, condenado por Zeus a sustentar sobre as costas a abóbada celeste. (v.521-561)]

## CORO

Choramos o destino que te traz  
a proscricção, sofrido Prometeu.  
As lágrimas vindas de nossos olhos,  
tão comovidas, cobrem, incessantes,  
525 com suas ondas nossas tristes faces.  
Eis os duros decretos pelos quais,  
erigindo seus caprichos em leis,  
Zeus quer impor aos deuses mais antigos  
o seu império cheio de arrogância.  
530 Destas paragens ermas já se eleva  
um clamor de gemidos e seus povos  
sofrem demais por causa da grandeza  
e do prestígio mais velho que o tempo  
roubados ao divino Prometeu  
535 e a seus irmãos; todos os habitantes  
das regiões mais próximas de nós  
na santa Ásia, desesperados  
com teus gemidos repletos de angústia,  
mesmo sendo mortais sofrem contigo;  
540 sofrem com eles as filhas da Cólquida,<sup>10</sup>  
combatentes intrépidas, famosas,  
e as bordas da interminável Cítia,

que ocupam os confins de nosso mundo,  
em volta do Meótis estagnado;  
545 e a floração guerreira lá da Arábia,  
povo abrigado em suas cidadelas  
construídas nos montes escarpados,  
nas vizinhanças do remoto Cáucaso,  
onde as populações mais belicosas  
550 agitam sem cessar lanças agudas.  
Vimos outro titã – Atlas divino –  
preso por adamantinos grilhões;  
dobrado sob o peso do alto céu,  
ele geme ensurdecidamente.  
555 Como um longo lamento retumbante,  
caem nos mares vagas sobre vagas;  
os abismos ululam; as entranhas  
do tenebroso Hades subterrâneo  
respondem com estrondos sucessivos  
560 e as ondas dos rios de águas sagradas<sup>11</sup>  
sussurram suas quedas dolorosas.

## 2º EPISÓDIO

[Prometeu detalha ao Coro de oceanides os benefícios que concedera aos mortais, a quem ensinou todas as artes e ciências. O Coro declara-se esperançoso de que um dia Prometeu possa voltar ao convívio de Zeus. Ele, no entanto, revela que ainda não é chegada a hora da reconciliação, mas reconhece que ela é possível e que a sua libertação reside no segredo relativo à permanência de Zeus no poder. (v.562-680)]

### PROMETEU

*Depois de um longo silêncio.*

Não se deve conjecturar que meu silêncio  
decorre de arrogância ou de maus sentimentos;  
mas uma ideia me atravessa o coração  
565 quando sou ultrajado de maneira ignóbil:  
quem concedeu, então, a esses deuses novos  
todos os privilégios recém-outorgados?  
Calo-me quanto a isto, porém já sabeis

o que eu poderia dizer-vos novamente.  
570 Falar-vos-ei agora das misérias todas  
dos sofridos mortais e em que circunstâncias  
fiz das crianças que eles eram seres lúcidos,  
dotados de razão, capazes de pensar.  
Farei o meu relato, não para humilhar  
575 os seres indefesos chamados humanos,  
mas para vos mostrar a bondade infinita  
de que são testemunhas numerosas dádivas.  
Em seus primórdios tinham olhos mas não viam,  
tinham os seus ouvidos mas não escutavam,  
580 e como imagens dessas que vemos em sonhos  
viviam ao acaso em plena confusão.  
Eles desconheciam as casas bem-feitas  
com tijolos endurecidos pelo sol,  
e não tinham noção do uso da madeira;  
585 como formigas ágeis levavam a vida  
no fundo de cavernas onde a luz do sol  
jamais chegava, e não faziam distinção  
entre o inverno e a florida primavera  
e o verão fértil; não usavam a razão  
590 em circunstância alguma até há pouco tempo,  
quando lhes ensinei a básica ciência  
da elevação e do crepúsculo dos astros.  
Depois chegou a vez da ciência dos números,  
de todas a mais importante, que criei  
595 para seu benefício, e continuando,  
a da reunião das letras, a memória  
de todos os conhecimentos nesta vida,  
labor do qual decorrem as diversas artes.  
Fui também o primeiro a subjugar um dia  
600 as bestas dóceis aos arreios e aos senhores,  
para livrar os homens dos trabalhos árduos;  
em seguida atrelei aos carros os cavalos  
submissos desde então às rédeas, ornamento  
da opulência. Eu mesmo, e mais ninguém,  
605 inventei os veículos de asas de pano  
que permitem aos nautas percorrer os mares.  
E o infeliz autor de tantas descobertas

para os frágeis mortais não conhece um segredo  
capaz de livrá-lo da desgraça presente!

## **CORIFEU**

610 Estás sofrendo um infortúnio degradante;  
o teu espírito abatido se alucina  
e como um médico carente de saber  
que um dia adoece, já perdeste o ânimo  
e não consegues descobrir para ti mesmo  
615 a droga capaz de curar tua doença.

## **PROMETEU**

Será inda maior o vosso pasmo, amigas,  
quando ouvirdes o resto, os recursos, as artes  
que imaginei. O mais importante de tudo:  
não existiam remédios para os doentes,  
620 nem alimentos adequados, nem os bálsamos,  
nem as poções para ingerir, e finalmente,  
por falta de medicamentos vinha a morte,  
até o dia em que mostrei às criaturas  
maneiras de fazer misturas salutares  
625 capazes de afastar inúmeras doenças.  
Também apresentei-lhes as diversas formas  
da arte hoje chamada de divinatória.  
Fui ainda o primeiro a distinguir os sonhos  
que depois de passada a noite e vindo o dia  
630 se realizam, e lhes expliquei os sons  
repletos de presságios envoltos em trevas  
e a significação dos caminhos cruzados.  
Esclareci as muitas mensagens contidas  
nos voos de aves de rapina – as favoráveis  
635 e as agourentas – e os costumes delas todas,  
o ódio entre elas, suas afeições  
e suas aproximações no mesmo galho;  
interpretei também o aspecto das entranhas,  
os tons que elas devem ter para agradarem  
640 aos deuses a quem se costuma dedicá-las,



a superfície cambiante da vesícula  
e do lóbulo hepático. Inda ensinei  
a queimar os membros das vítimas votivas  
envoltos em gordura e às vezes as vértebras,  
645 para guiar os homens na arte sombria  
de todos os presságios, e esclareci  
os sinais emitidos pelas chamas lépidas,  
até então cobertos pela obscuridade.  
Eis minha obra. Até os tesouros da terra,  
650 desconhecidos pelos homens – cobre, ferro,  
além de prata e ouro –, quem lhes revelou  
antes de mim? Ninguém, eu sei perfeitamente,  
a menos que algum tolo queira gloriar-se.  
Para ser breve, digo-vos em conclusão:  
655 os homens devem-me todas as suas artes.

## **CORIFEU**

Não vás, para favorecer a humanidade  
além da conta, ser infeliz para sempre!  
Tenho fundadas esperanças de que um dia,  
livre destes grilhões, possas participar  
660 do convívio com Zeus em condições iguais.

## **PROMETEU**

Ainda não chegou a hora prefixada  
pelas Parcas para a reconciliação;  
somente após haver sofrido neste ermo  
milhares de dores pungentes e outras tantas  
665 calamidades, livro-me destas correntes.  
O Destino supera minhas aptidões.

## **CORIFEU**

E por quem o destino é governado? Dize!

## **PROMETEU**

Pelas três Parcas e também pelas três Fúrias,<sup>12</sup>  
cuja memória jamais esquece os erros.

## **CORIFEU**

670 Os poderes de Zeus, então, cedem aos delas?

## **PROMETEU**

Nem ele mesmo pode fugir ao Destino.

## **CORIFEU**

O destino de Zeus não é ser sempre o rei?

## **PROMETEU**

Não me interrogues quanto a isto; não insistas.

## **CORIFEU**

Então encobres este segredo divino?

## **PROMETEU**

675 Falemos de outro assunto; ainda não é tempo  
de divulgar segredos desta natureza;  
eles estão ocultos em trevas espessas.

Mantendo-os irrevelados, algum dia  
(ninguém poderá dizer quando), finalmente

680 livrar-me-ei de meus tormentos infamantes.

## **2º ESTÁSIMO**

[O Coro de oceanides roga que nunca lhe aconteça de ofender os deuses, pois agradá-los é a única maneira de desfrutar a vida. Prometeu não observa esse princípio e sofre em decorrência de sua aliança com os mortais, que, no entanto, não são capazes de ajudá-lo em sua provação e nem de se opor à vontade de Zeus. Por fim, o Coro pede que o deus reflita sobre suas palavras e o lembra de tempos mais felizes, como, por exemplo, de seu casamento com Ilesione (ou Hesíona), uma das Oceanides. (v.681-720)]

## CORO

Queiram os céus que nunca o rei do mundo,  
que Zeus jamais pretenda hostilizar-nos  
com seu poder! Nunca nos esqueçamos  
de convidar os majestosos deuses  
685 para os santos banquetes e hecatombes<sup>13</sup>  
perto do imenso curso paternal  
do Oceano infindo onde moramos;  
jamais deixemos livres nossas línguas  
para pecarem, e que este princípio  
690 resida eternamente em nossas almas  
sem perder sua força em tempo algum!  
É doce ver passar toda a existência  
com o coração repleto de esperanças  
entregues a delícias radiosas.  
695 Mas vendo-te hoje aqui, dilacerado  
por milhares de males, nós trememos.  
Sem demonstrar temor ao grande Zeus,  
tua vontade indócil preocupa-se  
demasiadamente com os homens.  
700 Vamos, amigo! Vamos, Prometeu!  
Dize-nos logo: em que te favorecem  
os teus favores aos pobres mortais?  
Onde estão o socorro e o apoio  
que eles te trazem? Não consegues ver  
705 essa fragilidade imponderável  
presente às vezes em sonhos obscuros,  
que tolhe os pés da cega raça humana?  
Nunca a vontade dos homens efêmeros  
violará a ordem prefixada  
710 pela vontade de Zeus soberano.  
Aprende isto olhando a tua ruína,  
mísero Prometeu! Com este coro  
outro bem diferente está pairando  
agora mesmo junto a nós aqui:  
715 o canto de himeneu que entoávamos  
outrora em volta do banho e da alcova  
de tuas bodas, no momento em que,

sensível aos presentes recebidos,  
Ilesione,<sup>14</sup> nossa irmã querida,  
720 subiu contigo ao leito nupcial.

*Entra IO, em cuja frente aparecem chifres de novilha.*

### 3º EPISÓDIO

[Em suas errâncias, Io chega ao cenário do suplício de Prometeu sem saber direito onde está ou o que testemunha. Atormentada por picadas constantes, que atribui a uma vingança de Hera, delira e lamenta seus males, suplicando a Zeus que a mate de vez (v.721-61). Prometeu a reconhece e se apieda de seu sofrimento. Segue-se o relato em que Io, instada pelas Oceanides, suas tias, revela as provações pelas quais tem passado (v.830-99): os sonhos premonitórios enviados por Zeus, a expulsão da casa paterna por sugestão do oráculo, sua metamorfose em novilha, o tormento das picadas, as errâncias sem fim. Prometeu, por sua vez, cedendo ao apelo de Io, revela os sofrimentos que ainda aguardam por ela, mais uma vítima de Zeus (v.916-65; 1029-1072): a longa rota até cruzar o Bósforo<sup>15</sup> e alcançar o Egito, encontrando amazonas, górgonas, grifos... Também relata sua trajetória pregressa, o fim de seus tormentos e o destino de seus descendentes (v.1078-1150): um deles, o não nomeado Héracles, libertará Prometeu. Novamente presa de delírios, Io deixa a cena. (v.1157-1169)]

## IO

Que terra é esta? Quem são estas moças?  
Quem vejo, castigado por tormentas,  
agrilhado assim a uma rocha?  
Que crime expias quase morto aqui?  
725 Revela-me a que parte deste mundo  
– ai, infeliz de mim! – meus erros trazem-me.

*IO recua aterrorizada.*

Ai! O moscardo tornou a picar-me  
– pobre de mim! É o espectro de Argos<sup>16</sup>  
filho da Terra! Ai! Quanta desgraça!  
730 Afasta-o de mim, Mãe-Terra! Espanto-me  
vendo o pastor com seus olhos sem conta!  
Ei-lo avançando com seu olhar pérfido!

Embora morto, a Terra, sua mãe,  
não quer abrir seu seio generoso  
735 para ocultá-lo. Ele sai novamente  
das profundezas infernais, das trevas,  
para picar esta infeliz que sou,  
para forçar-me a caminhar, faminta,  
pelas areias onde o mar termina!

*IO começa a correr em todas as direções, como se estivesse fugindo de Argos, que somente ela vê, e prossegue agitada.*

740 Marcando bem o ritmo de meus passos,  
a cana harmoniosa<sup>17</sup> com bocal  
feito de cera entoa sem parar  
uma canção insípida, monótona.  
Ai! Ai de mim! Para onde me levam  
745 os meus antigos erros? Mas, qual foi  
a falta que eu teria cometido,  
filho de Cronos, para me atrelares  
a tantos sofrimentos – ai de mim! –  
e para extenuar desta maneira  
750 uma triste demente neste espanto  
que a segue como se fosse um moscardo?  
Queima-me com teus raios e relâmpagos,  
oculta-me no âmago da terra,  
dá-me aos monstros do mar como alimento!  
755 Ouve, senhor! Atende à minha súplica!  
Esta longa viagem sem destino  
já me esgotou suficientemente  
e não sei onde aprender a maneira  
de me livrar de meus terríveis males!  
760 Escutas as lamentações, ou não,  
da virgem que tem chifres de novilha?

## **PROMETEU**

Como não te ouviria eu, pobre mulher  
que rodopias sem descanso perseguida  
por um moscardo, tu, filha infeliz de Ínaco,

765 que há pouco tempo acalentavas com amor  
o coração de Zeus, e agora, atormentada  
pelo rancor de Hera, és sempre constrangida  
a percorrer assim estes longos caminhos  
que te estão conduzindo ao aniquilamento?

## **IO**

770 Onde aprendeste o nome recém-dito,  
o nome de meu pai? Responde logo  
a esta desgraçada: quem és tu,  
infortunado, para receber  
a verdadeiramente infortunada,  
775 para falar do mal vindo dos deuses,  
que me atormenta e me fustiga sempre  
com o aguilhão nesta loucura errática?  
Ai! Ai de mim! Chego em saltos frenéticos,  
impelida por fome torturante,  
780 vítima da vingança insaciável  
de Hera. Quem, entre os mais castigados,  
enfrenta desventuras comparáveis  
– ai, infeliz de mim! – às minhas próprias?  
Vamos! Revela-me sem subterfúgios  
785 os novos sofrimentos que me esperam!  
Existe algum remédio, uma saída  
para minhas torturas? Se os conheces,  
dize sinceramente quais são eles!  
Fala e instrui esta virgem errante!

## **PROMETEU**

790 Satisfarei o teu desejo abertamente,  
com a máxima franqueza, sem quaisquer enigmas,  
abrindo a boca como se deve aos amigos.  
À tua frente vês o titã Prometeu,  
aquele que deu o fogo aos homens efêmeros.

## **IO**

795 Ah! Poderoso benfeitor que apareceste  
a todos os mortais, infeliz Prometeu!  
Por que, se és bom, estás sofrendo tanto assim?

## **PROMETEU**

Há pouco terminei definitivamente  
os vãos queixumes sobre meus males enormes.

## **IO**

800 Ainda me farás o favor esperado?

## **PROMETEU**

Mas, que desejas? Saberás tudo de mim.

## **IO**

Dize-me: quem te pôs neste rochedo íngreme?

## **PROMETEU**

As mãos foram de Hefesto; a vontade, de Zeus.

## **IO**

E de que faltas pagas desta forma o preço?

## **PROMETEU**

805 Já te disse o bastante para esclarecer-te.

## **IO**

Sim, é verdade, mas explica-me a razão  
de minhas correrias sem destino e fim.  
Quando virá a hora de livrar-me delas?

## **PROMETEU**

É melhor ignorá-la do que conhecê-la.

**IO**

810 Suplico-te com veemência! Não me ocultes  
as penas que ainda terei de suportar!

**PROMETEU**

Concordo; não sou avarento deste dom.

**IO**

Por que tardas, então, a revelar-me tudo?

**PROMETEU**

815 Não se trata de uma recusa por desdém;  
receio apenas perturbar o teu espírito.

**IO**

Não tenhas preocupações demais comigo;  
tuas revelações serão bem recebidas.

**PROMETEU**

Se queres, cumpre-me falar; e tu, escuta-me.

**CORIFEU**

820 Ainda não; dá-nos também satisfações;  
desejamos primeiro conhecer seus males.  
Fale-nos ela mesma de seus sofrimentos  
intermináveis. Depois poderá saber  
as novas provações ainda à sua espera.

**PROMETEU**

*Dirigindo-se a IO.*



825 Deves mostrar docilidade e complacência  
em relação a elas, entre outras razões  
por serem irmãs de teu pai. Chorar, gemer  
sobre seus males, quando se deve arrancar  
sentidas lágrimas de quem nos vai ouvir,  
merece plenamente o tempo consumido.

## IO

830 De modo algum eu poderia recusar-me.  
Ireis ouvir em uma exposição fiel  
tudo que me pedistes. Mas ainda hesito,  
envergonhada, em vos dizer sinceramente  
de onde veio a tormenta armada pelos deuses  
835 que, destruindo minha forma exterior,  
desabou sobre mim – como sou infeliz!  
Visões noturnas incessantes visitavam  
meus aposentos virginais e com palavras  
insinuantes davam-me estes conselhos:  
840 “Por que insistes tanto, infortunada moça,  
em preservar a virgindade quando podes  
ter o mais poderoso e maior dos esposos?  
As flechas ígneas dos anseios por ti  
feriram Zeus; ele deseja ardentemente  
845 gozar contigo os prazeres oferecidos  
pela sagrada Cípris;<sup>18</sup> não penses, criança,  
em mostrar-te indisposta à união com Zeus;  
muito ao contrário, parte logo para Lerna<sup>19</sup>  
e seus campos cobertos de tapetes de ervas,  
850 para as pastagens de carneiros e de bois,  
paternos bens, livrando assim o olhar de Zeus  
de seus desejos!” Estes sonhos me premiam  
todas as noites – ai de mim! –, até o dia  
em que ousei revelar a meu nobre pai  
855 os sonhos que sempre visitavam meu sono.  
Então ele mandou a Dodona e a Pito<sup>20</sup>  
frequentes mensageiros seus com a missão  
de interrogar os céus e saber afinal  
o que ele deveria dizer ou fazer

860 para ser agradável aos augustos deuses.  
Mas eles regressavam trazendo-lhe apenas  
oráculos ambíguos com obscuras fórmulas  
difíceis de concatenar e de entender.  
Depois de muito tempo Ínaco recebeu  
865 uma resposta inteligível, que o instava  
a me expulsar de minha casa e minha pátria,  
como se eu fosse um animal votado aos deuses,  
livre para vagar até o fim do mundo,  
se não quisesse ver um raio cintilante,  
870 solto das mãos de Zeus, pôr fim à nossa raça.  
Dócil aos vaticínios vindos de Loxias,<sup>21</sup>  
meu pai banuiu-me e fechou para todo o sempre  
as portas do palácio à sua filha – a mim! –,  
embora nem eu mesma nem ele quiséssemos  
875 (as rédeas de Zeus forçavam-no a agir  
contra sua vontade). Imediatamente  
minha razão e minhas formas se alteraram.  
Nasceram longos chifres em minha cabeça  
como vós mesmas podeis ver, e atormentada  
880 por um moscardo de longo ferrão agudo,  
num salto tresloucado fui em direção  
às águas doces das nascentes lá de Cercne  
e à fonte célebre de Lerna. Um pastor,  
cujo humor amargo nada amenizava,  
885 acompanhava-me sem nunca descansar,  
seguindo com seus muitos olhos penetrantes  
cada passo que eu dava. Um dia a morte alerta  
privou-o repentinamente da existência,  
e agora eu, alucinada a cada instante  
890 pelas picadas do moscardo, corro sempre,  
atormentada por esse aguilhão divino,  
banida de todas as terras a que chego.  
Ficastes conhecendo as minhas desventuras.  
Tu, Prometeu, se podes, dize por favor:  
895 que sofrimentos inda me serão impostos?  
Relata-os e não tentes, por piedade,  
reanimar-me com palavras inverídicas.  
Não pode haver no mundo mal mais repugnante

que uma linguagem recoberta pelo engano.

## **CORO**

- 900 Jamais atinjam-nos tais males! Basta!  
Nunca pensamos, Io infeliz,  
que tão estranhas narrações pudessem  
chegar um dia até nossos ouvidos  
– espanto, horrores, tantos infortúnios  
905 cruéis de ouvir e cruéis de sofrer,  
um agulhão de fina ponta dupla  
diante do qual nossos corações  
estão gelados! Ah! O teu destino!  
Trememos vendo a tua desventura!

## **PROMETEU**

- 910 Não demorastes a gemer e vos domina  
o terror súbito, mas tendes de esperar  
até saber o resto dos males de Io.

## **CORIFEU**

- Então deves falar; acaba a descrição.  
Os enfermos talvez prefiram conhecer  
915 seus males claramente e com antecedência.

## **PROMETEU**

- Vosso pedido inicial foi atendido  
sem sacrifício meu; agora desejas  
– tenho certeza – ouvir de mim os outros males  
e os sofrimentos que terá de suportar  
920 esta jovem mortal por vontade de Hera.  
E tu, Io, sangue de Ínaco, retém  
minhas palavras em teu triste coração  
se queres conhecer o fim de teu caminho.  
Partindo deste chão, caminha a princípio  
925 em direção ao sol nascente e vai avante

pelas longas planuras jamais cultivadas,  
até o dia em que chegares afinal  
aos citas nômades; eles levam a vida  
em moradas de vime muito bem trançado  
930 sobre suas carroças de rodas bem-feitas,  
tendo sempre nos ombros arcos poderosos.  
Evita-os e fica longe dos penhascos  
onde soluça o mar quando chegares lá.  
À tua mão direita verás os Calibos,<sup>22</sup>  
935 hábeis artífices do ferro; tem cuidado  
com esse povo avesso à civilização  
e hostil aos estrangeiros. Chegarás assim  
ao rio Hibristes,<sup>23</sup> cujo nome é verdadeiro;  
não penses em cruzá-lo (não seria fácil!);  
940 avança em linha reta e chegarás ao Cáucaso,  
a mais elevada de todas as montanhas;  
é em suas vertentes que esse rio haure  
a fúria de suas águas. Transporás  
seus píncaros vizinhos dos distantes astros  
945 para seguir a rota com destino ao sul.  
Lá afinal encontrarás o estranho exército  
das Amazonas sempre rebeldes aos homens;  
elas irão fundar um dia Temisciras,  
no Termodon, onde, fazendo frente ao mar,  
950 poderás ver de perto a longa cordilheira  
do Salmidesso;<sup>24</sup> seus nativos numerosos  
são bárbaros ainda hostis aos marinheiros  
e se comprazem na destruição das naus.  
Guiar-te-ão as Amazonas como amigas;  
955 atingirás assim nos estreitos umbrais  
do lago em cujas margens elas se reúnem  
o istmo da Crimeia; com o coração  
cheio de intrepidez, para continuar  
terás de atravessar o estreito Meótico.<sup>25</sup>  
960 E será sempre lembrada entre os mortais  
a história gloriosa de tua passagem  
por aquela terra distante, e a passagem  
por onde o mar se escoar ganhará o nome  
de estreito da novilha.<sup>26</sup> Fora da Europa,

965 já pisarás na Ásia, outro continente.

*Dirigindo-se ao CORO.*

Não vos parece, então, que o novo soberano  
de tantos deuses mostra em todos os lugares  
a sua prepotência em quaisquer circunstâncias?  
Ele, que é um deus, impôs este destino errante  
970 a uma indefesa mortal! Ah! Pobre virgem!  
Tiveste o mais cruel dos pretendentes, Io,  
pois o que acabaste de ouvir – presta atenção! –  
não constitui sequer um rápido prelúdio.

**IO**

Ai! Ai de mim!

**PROMETEU**

975 Choras e muges novamente. Que farás  
quando escutares teus males inda por vir!

**CORIFEU**

Restam ainda outras penas a dizer-lhe?

**PROMETEU**

Melhor falando: um mar revolto de aflições.

**IO**

Ah! Que proveito me vem de ainda estar viva?  
980 Por que demoro a me precipitar do alto  
deste íngreme rochedo? Caindo nas pedras  
livrar-me-ei de minhas dores incontáveis!  
Antes perder a vida desastrosamente  
que sofrer lentamente ao longo de meus dias!

## **PROMETEU**

985 Então, penas maiores te consumiriam  
se fossem tuas estas minhas provações,  
pois meu destino não me concedeu a morte.  
Só ela me libertaria de meus males,  
mas até Zeus cair de sua onipotência  
990 não antevejo o fim deste cruel suplício!

## **IO**

Poderá Zeus um dia cair de seu trono?

## **PROMETEU**

Seria indizível a tua ventura  
se ainda visses esse evento – penso eu.

## **IO**

995 Não tenhas dúvida, pois Zeus é responsável  
por todas estas aflições que estou sofrendo.

## **PROMETEU**

Fica sabendo: sua queda ocorrerá.

## **IO**

E quem lhe tirará o cetro de tirano?

## **PROMETEU**

O próprio Zeus o perderá por vaidade.

## **IO**

1000 De que maneira? Dize-me, se for possível  
sem outros inconvenientes para ti.

## **PROMETEU**

Ele se casará, mas há de arrepender-se.

## **IO**

Bodas divinas ou mortais? Fala, se podes.

## **PROMETEU**

Por que perguntas? Não é lícito dizer.

## **IO**

Sua própria mulher o expulsará do trono?

## **PROMETEU**

1005 Parindo um filho inda mais forte que seu pai.

## **IO**

Não há recursos para mudar o destino?

## **PROMETEU**

Nenhum senão Prometeu livre de grilhões.

## **IO**

E quem te livrará para agir contra Zeus?

## **PROMETEU**

Um de teus descendentes será capaz disto.

## **IO**

1010 Mas, como, amigo? Um filho nascido de mim  
um dia te libertará de teu suplício?

## **PROMETEU**

Três gerações seguintes às primeiras dez.

## **IO**

Não é fácil compreender teu vaticínio.

## **PROMETEU**

Não queiras conhecer melhor teus infortúnios.

## **IO**

1015 Não deves acenar com doces esperanças  
para logo depois mudar e desdizê-las.

## **PROMETEU**

Oferecer-te-ei um entre dois presentes.

## **IO**

Mas, que presentes? Antes deixa-me admirá-los  
e depois dá-me a regalia de escolher.

## **PROMETEU**

1020 Ei-los; escolhe, então, o teu: devo dizer-te  
exatamente o resto de teus muitos males,  
ou quem será um dia o meu libertador?

## **CORIFEU**

Concede-lhe uma destas graças; a segunda  
é minha; não desdenhes os nossos pedidos.

1025 Revela a Io a sequência ininterrupta  
de suas caminhadas sem pausa e sem fim.  
A mim, diz quem será teu libertador;  
eis aí meu desejo nestas circunstâncias.



## PROMETEU

Se é este, de fato, o teu desejo ardente,  
1030 não poderei negar-me agora a atender-te.  
A ti, Io, direi primeiro as peripécias  
desta tua corrida delirante e sem destino.  
Inscreve-as nas plaquetas<sup>27</sup> de tua memória,  
sempre fiéis. Depois de transpor o estreito  
1035 que separa dois continentes, põe-te em marcha  
para o levante, onde os passos do sol fulguram  
...<sup>28</sup> vencendo os estrondos do mar até o momento  
de ver a planura gorgônea<sup>29</sup> de Cistenes,  
refúgio das Forcides, três virgens antigas  
1040 cujos corpos são semelhantes aos dos cisnes;  
as três têm para todas apenas um olho  
e um dente, e nunca foram vistas pelo sol  
e nem pela lua crescente. Perto delas  
estão as três irmãs aladas, ostentando  
1045 seus mantos de serpentes, Gôrgonas horríveis,  
terror de todos os mortais, que ninguém pode  
olhar de frente sem morrer na mesma hora.  
É esta a advertência que faço primeiro.  
Mas além destes debes conhecer ainda  
1050 outro portento também muito perigoso:  
tem o maior cuidado com os cães de Zeus  
e com seus bicos aguçados; são os grifos.  
Resguarda-te igualmente do bando montado  
dos arimaspos, criaturas de olho único,  
1055 habitantes das margens de um famoso rio  
– o Plúton – repletas de ouro. Tem cuidado!  
Se não te aproximares deles chegarás  
a uma região remota onde vive  
um povo negro perto das águas do Sol,  
1060 nas terras percorridas pelo rio Etíope.  
Deves seguir por suas margens escarpadas  
até o instante em que chegares à Descida,  
lugar onde do alto dos montes de Biblos,  
o Nilo aflui com suas águas sacrossantas  
1065 e salutares. Ele te conduzirá

à região onde o destino inexorável  
quer que seja fundada por ti mesma, Io,  
uma colônia naquele país remoto.  
Se te parece duvidoso algum detalhe,  
1070 fala, para saberes com mais precisão.  
Disponho neste ermo de tempo bastante,  
muito mais do que eu mesmo quereria ter.

## **CORIFEU**

Se fores revelar-lhe ainda fatos novos  
ou esquecidos desse percurso erradio,  
1075 dize-os logo, Prometeu; se terminaste,  
concede-nos a graça que já te pedimos.  
Chegou a nossa vez (sem dúvida te lembrás).

## **PROMETEU**

Ela conhece agora o fim de sua marcha;  
para saber que não ouviu palavras vãs  
1080 de minha boca, meu desejo é mencionar  
os males que ela suportou até agora;  
falando assim, espero estar oferecendo  
a garantia de uma narração verídica.

*Dirigindo-se a IO.*

Deixo de lado grande número de fatos  
1085 para te revelar o fim de tuas andanças.  
Tu viestes das terras planas dos Molossos  
e das culminâncias de Dodona, onde ficam  
o oráculo do grande Zeus da Tesprotia  
e o seu assento e o prodígio inconcebível  
1090 dos carvalhos falantes, que em palavras claras  
e sem enigmas, te aclamaram como aquela  
que deveria ser a esposa gloriosa  
de Zeus onipotente (nada em tudo isso  
é agradável à tua memória, Io?).  
1095 Picada uma vez mais pelo cruel moscardo,

correste sem parar pela via costeira  
em direção ao imenso golfo de Rea<sup>30</sup>  
de onde a tormenta que te envolve dirigiu  
até este lugar tua corrida errática.

- 1100 Mas pelos muitos séculos inda por vir  
esse mar confinado passará a ser  
– fica sabendo exatamente – o golfo Iônio,  
e seu nome relembrará a todo o mundo  
tua passagem por aquela região.  
1105 Aí está a prova de que meu espírito  
percebe muito mais do que as coisas presentes.

*Dirigindo-se ao CORO.*

Dedicarei o resto de minhas palavras  
a vós e a ela, voltando sobre as pegadas  
de minhas narrativas já por vós ouvidas.

- 1110 Existe uma cidade chamada Canopo  
na extremidade norte do país egípcio,  
na própria foz do Nilo e num aluvião.  
Lá, Zeus devolverá enfim tua razão,  
pondo sobre teu corpo suas mãos calmantes  
1115 pelo simples contato. E para relembrar  
as circunstâncias em que Zeus o trouxe ao mundo,  
o filho que terás será o negro Épafo;<sup>31</sup>  
ele há de cultivar a região inteira  
banhada pelo caudaloso rio Nilo.  
1120 Depois de cinco gerações, cinquenta virgens<sup>32</sup>  
– descendência de Épafo – aportarão  
à revelia delas em Argos antiga  
para escapar ao casamento com parentes  
(seus primos). Desvairados por desejo intenso,  
1125 iguais a gaviões ameaçando pombas  
eles virão logo também, como se fossem  
sôfregos caçadores em perseguição  
a núpcias proibidas. Mas o céu atento  
não lhes entregará as presas cobiçadas,  
1130 nem a terra dos Pêlasgos;<sup>33</sup> muito ao contrário,  
vai sepultá-los, derrotados pela Morte

com feições femininas, cuja enorme audácia  
vela durante a longa noite. Cada esposa  
há de tirar a vida de cada marido  
1135 e nele tingirá de sangue o punhal fino.  
Que tais amores caibam a meus inimigos!  
Apenas uma,<sup>34</sup> inteiramente inebriada  
pelo desejo de ser mãe, não quererá  
matar no leito nupcial o companheiro,  
1140 pois a sua vontade se comoverá.  
Ela preferirá entre dois grandes males  
que a chamem de covarde, e nunca de assassina,  
criando em Argos uma linhagem real.  
E basta. Para ser mais claro e mais completo  
1145 seria necessária longa narração.

*Dirigindo-se a IO.*

Um detalhe, entretanto, deverás ouvir:  
da nobre estirpe oriunda de teu leito  
um dia nascerá o herói<sup>35</sup> que vergará  
seu arco glorioso para me livrar,  
1150 com o passar do tempo, destes sofrimentos.  
É este o vaticínio que me revelou  
minha mãe, Têmis, irmã dos titãs divinos.  
Mas, quando e como ele se realizará?  
Expor esses detalhes tomaria tempo,  
1155 e tu – coitada! –, embora ficasses sabendo  
de tudo desde agora, nada ganharias.

## **IO**

*Transtornada.*

Ai! Ai! Pobre de mim! Que espasmo súbito,  
que acesso delirante já me queima?  
O ferrão do moscardo me transtorna  
1160 como se fosse um agulhão de fogo!  
Meu coração espavorido salta  
no fundo de meu peito sem parar!

Meus olhos rolam convulsivamente.  
Lançada para fora do caminho  
1165 por um sopro de raiva furiosa,  
já não consigo dominar a língua  
e mil pensamentos desencontrados  
debatem-se desordenadamente  
nas vagas de terríveis sofrimentos!

*Io sai correndo desvairada.*

### 3º ESTÁSIMO

[As Oceanides celebram o casamento entre seres de iguais condições (deuses com deuses, mortais entre si) e, evocando o exemplo de Io, rogam que nunca lhes aconteça atrair a atenção de Zeus ou de outro deus poderoso, cuja vontade é imperiosa, tornando a união fruto de sofrimento. (v.1170-1201)]

### CORO

1170 Sim, era um sábio, um verdadeiro sábio,  
o primeiro dos homens cujo espírito  
pensou e cuja língua enunciou  
que se consorciar estritamente  
de acordo com a sua condição  
1175 é realmente o bem maior de todos,  
e que jamais se deve ter vontade,  
quando se é apenas um artífice,  
de unir-se a um parceiro presunçoso  
por causa de sua grande riqueza  
1180 e inebriado com sua linhagem.  
Queiram os céus que nunca nos vejais,  
divinas Parcas sem cuja vontade  
nada na vida humana se consuma,  
ocupando o lugar de esposa um dia  
1185 no leito de Zeus todo-poderoso!  
Jamais possamos experimentar  
o abraço de um esposo divinal!  
Trememos quando contemplamos Io,  
a virgem sempre rebelde ao amor,  
1190 sofrendo sem um momento de paz

por causa da perseguição de Hera.  
Somente quem nos oferece núpcias  
condizentes com nossa condição  
não nos causa temor. Só desejamos  
1195 que os grandes deuses não nos façam alvo  
de seu olhar do qual ninguém escapa.  
A escolha deles é como uma guerra  
difícil de enfrentar, que nos promete  
apenas desespero, pois nos faltam  
1200 as mínimas condições de defesa.  
A vontade de Zeus é irresistível.

### **ÊXODO, Cena 1**

[Prometeu reitera que o reinado de Zeus tem os dias contados em virtude das bodas contratadas e que somente ele, Prometeu, pode evitar sua queda. Instado pelo Coro a moderar suas palavras contra Zeus, Prometeu redobra sua crítica ao senhor dos deuses, comprazendo-se com a possibilidade de seu declínio.  
(v.1202-1252)]

## **PROMETEU**

*Depois de longo silêncio.*

Minha resposta é esta: há de chegar o dia  
em que, malgrado a pertinácia de sua alma,  
Zeus passará a ser extremamente humilde,  
1205 pois os festejos nupciais já programados  
custar-lhe-ão o fim do trono e do poder  
com seu inevitável aniquilamento;  
será então inteiramente consumada  
a maldição de seu pai, Cronos, contra ele.  
1210 E nenhum deus além de mim será capaz  
de revelar-lhe com total clareza o meio  
de conjurar o seu desastre e perdição!  
Somente eu tenho a ciência do porvir  
e o poder de evitar sua consumação.  
1215 Depois, se ele quiser, troveje sem parar  
fiando-se no estrondo que satura os ares,  
agitando nas mãos o dardo afogueado;

nenhum socorro o impedirá de despenhar-se  
ignobilmente numa queda inevitável,  
1220 tão formidável há de ser seu adversário  
que a esta hora já começa a preparar-se,  
prodigioso ser com quem a luta é árdua,  
descobridor de um fogo muito mais potente  
que os raios dele e de um estrondo colossal,  
1225 capaz de sobrepor-se até ao seu trovão  
(diante dele o próprio flagelo marinho  
que abala a terra – sim, refiro-me ao tridente,  
arma de Poseidon – voará em pedaços).  
No dia em que afinal for atingido o alvo  
1230 e tiver fim a minha longa provação,  
Zeus ficará sabendo qual é a distância  
imensurável entre reinar e servir!

## **CORIFEU**

Queres fazer de teus desejos, Prometeu,  
oráculos inexoráveis contra Zeus?

## **PROMETEU**

1235 Digo o futuro e também digo o meu desejo.

## **CORIFEU**

Inda devemos esperar para ver Zeus  
prestando obediência às ordens de um senhor.

## **PROMETEU**

E seus ombros recurvos suportando penas  
mil vezes mais pesadas do que estas minhas.

## **CORIFEU**

1240 Não tens receios de dizer estas palavras?

## **PROMETEU**

Que temeria quem não poderá morrer?

## **CORIFEU**

E se ele te impuser suplícios mais cruéis?

## **PROMETEU**

Imponha-os! Espero tudo contra mim.

## **CORIFEU**

É sábio quem se curva diante de Adrásteia.<sup>36</sup>

## **PROMETEU**

1245 Bajula, adora o dono do poder! Implora!  
A minha preocupação com Zeus é nula.  
Que ele aja e reine como lhe aprouver  
durante este curto período restante.  
Sobra-lhe pouco tempo como rei dos deuses.

*Vendo aproximar-se HERMES.*

1250 Meus olhos veem o mensageiro de Zeus,  
o servo do novo tirano. Com certeza  
ele aparece para nos trazer notícias.

*Impelido por suas sandálias aladas, HERMES pousa junto a PROMETEU.*

### **ÊXODO, Cena 2**

[Hermes, a mando de Zeus, conclama Prometeu a revelar o segredo que ameaça seu poder. Prometeu recusa-se a fazê-lo, reiterando que, após a de Urano e a de Cronos, verá a queda do terceiro tirano celeste. Hermes adverte-o de que seu comportamento ocasionará castigos ainda maiores, mas ele se mostra irredutível, proclamando seu ódio aos deuses, sobretudo Zeus. As Oceanides tentam em vão convencê-lo a cooperar. Hermes anuncia o que aguarda o deus: o soterramento sob as pedras partidas pelo raio de Zeus, a águia que diariamente lhe comerá o



fígado, o confinamento no abismo do Tártaro. Informa que também as Oceanides, caso não se afastem, serão vitimadas. Elas reafirmam sua lealdade a Prometeu e Hermes sai. Prometeu descreve os trovões e os raios que atingirão o penhasco, soterrando-o e ao Coro, e invoca o testemunho de Têmis, sua mãe, e do Éter para o tratamento indigno que sofre. (v.1253-1447)]

## HERMES

Tu, o maior sofista,<sup>37</sup> o mais impertinente  
entre os impertinentes, ofensor dos deuses,  
1255 ladrão do fogo, escuta! Meu pai te dá ordens  
para dizer-me agora: que bodas são essas,  
transformadas por ti num medonho espantinho?  
Por quem ele deverá ser precipitado  
da altura máxima de seu poder imenso  
1260 até as últimas profundezas da terra?  
Não tentes recorrer a enigmas desta vez!  
Chama cada uma das coisas por seu nome  
e não me imponhas uma segunda viagem!  
Não é esta a maneira de agradar a Zeus!

## PROMETEU

1265 Há singular grandiloquência em teu discurso  
e falaste num tom repleto de arrogância,  
digna do moço de recados do deus máximo.  
Sendo ambos jovens, exerceis um poder jovem,  
e vos parece que morais num baluarte  
1270 inacessível a todas as desventuras.  
Mas eu mesmo já vi dois tiranos expulsos<sup>38</sup>  
de seu trono divino, e estes olhos meus  
verão o terceiro dos reis, senhor de hoje,  
também deposto em circunstâncias degradantes  
1275 quando ele menos esperar. Eis a verdade.  
Pareço-te medroso e prestes a tombar  
covardemente diante dos jovens deuses?  
Muito ao contrário, estou longe desse fim.  
Retorna, então; percorre com igual presteza  
1280 a mesma rota por onde chegaste aqui,

sem ter achado o que vieste procurar!

## **HERMES**

Tuas maneiras imutáveis e inflexíveis  
trouxeram-te a este ancoradouro de dores.

## **PROMETEU**

Fica sabendo ainda: nunca eu trocaria  
1285 minha desdita pela tua submissão.  
Acho melhor ficar preso a este rochedo  
que me ver transformado em fiel mensageiro  
de Zeus, senhor dos deuses! Assim mostrarei  
aos orgulhosos quão vazio é seu orgulho!

## **HERMES**

1290 Ufanas-te da sorte a que fizeste jus.

## **PROMETEU**

Ufano-me! Ah! Se me fosse dado ver  
meus inimigos sendo ufanos deste modo  
– e te ponho entre eles como um dos maiores!

## **HERMES**

Acusas-me também por tuas desventuras?

## **PROMETEU**

1295 Sou franco; odeio os deuses novos; eles devem-me  
grandes favores e por causa deles sofro  
um tratamento degradante e imerecido.

## **HERMES**

Vejo-te delirante; estás muito doente.

## **PROMETEU**

Doente? Admito, sim, se for indispensável  
1300 adoecer para odiar os inimigos.

## **HERMES**

Se tivesses vencido serias cruel.

## **PROMETEU**

Ai! Ai de mim!

## **HERMES**

Zeus desconhece desabafos como o teu.

## **PROMETEU**

O tempo nos ensina enquanto vai passando.

## **HERMES**

1305 Mas inda não sabes mostrar-te razoável.

## **PROMETEU**

Já sei, pois falo com um moço de recados.

## **HERMES**

Nada pretendes revelar-me, creio eu,  
do que meu pai deseja ter conhecimento.

## **PROMETEU**

Crês que lhe devo muito para ser-lhe grato?

## **HERMES**

1310 Pareces gracejar comigo em tuas falas

como se eu fosse ainda uma tenra criança.

## **PROMETEU**

Não és uma criança ainda mais ingênua  
que qualquer delas se tens alguma esperança  
de ouvir de mim respostas às perguntas dele?

- 1315 Não há ultraje nem astúcia pelos quais  
Zeus possa convencer-me ainda a revelar  
o que ele quer saber, antes de me livrar  
destes grilhões adamantinos humilhantes!  
Já que ele quis assim, deixe sobre meu corpo  
1320 as labaredas deste sol destruidor!  
Confunda Zeus o universo e o transtorne  
cobrindo-o todo com a neve de asas brancas  
ao som de trovões e de estrondos subterrâneos!  
Nada, força nenhuma pode constranger-me  
1325 a revelar-lhe o nome de quem deverá  
destituí-lo de seus poderes tirânicos!

## **HERMES**

Achas que esta linguagem serve à tua causa?

## **PROMETEU**

A decisão já foi tomada há muito tempo.

## **HERMES**

- 1330 Digna-te, tresloucado, digna-te afinal  
de raciocinar com mais acuidade,  
agora que te esmagam estes sofrimentos!

## **PROMETEU**

- Fatigas-me desperdiçando teu esforço  
como se pretendesse dar lições às ondas.  
Não tenhas, mensageiro, a impressão de que,  
1335 desatinado com a decisão de Zeus,

eu me comportarei como se possuísse  
coração de mulher e, querendo imitar  
maneiras femininas, irei suplicar,  
juntando as mãos, àquele deus que mais detesto,  
1340 para livrar-me destes grilhões infamantes.  
Estou longe demais de uma atitude dessas!

## HERMES

Em minha opinião, insistir em falar  
seria uma longa conversa sobre nada.  
Nem por momentos te comovem ou te afetam  
1345 minhas claras exortações; muito ao contrário,  
mordendo o freio, como se fosses um potro  
noviço à sela, resistes fogosamente  
à imposição das rédeas. Mas teu rancor  
apoia-se na tua astúcia impotente.  
1350 Nas criaturas que raciocinam mal  
a cega obstinação pode menos que nada.  
Pondera, então, se não consigo convencer-te:  
um turbilhão, um vagalhão cheio de males  
te envolverá – coitado! – inexoravelmente!  
1355 Virá agora o cão alado, a águia fulva  
que segue Zeus – conviva sem ser convidado,  
presente o dia inteiro ao tentador banquete –,  
e rasgará teu corpo todo ferozmente,  
fazendo dele uma enorme posta de carne  
1360 e se fartando na iguaria de teu fígado!  
Não esperes um fim para a tua tortura,  
a menos que apareça por aqui um deus  
disposto a te substituir no sacrifício,  
e se ofereça a ir ao Hades, onde nunca  
1365 penetra a luz, e ao Tártaro, profundo abismo.  
Então questiona-te; já não se trata agora  
de um simples espantalho, mas sim de palavras  
pronunciadas com a máxima clareza.  
Não mentem os lábios de Zeus onipotente,  
1370 quando ele quer transformar em realidade  
tudo que diz. Deves olhar em tua volta;

medita sem imaginar que a teimosia  
pode ter o valor da reflexão sensata.

## **CORIFEU**

Em minha opinião não faltam bons propósitos  
1375 à linguagem de Hermes; isto é evidente.  
Ele te exorta a abandonar a obstinação  
e a interrogar somente a reflexão sensata.  
Concorda! Para o sábio o erro é humilhante!

## **PROMETEU**

*Novamente agitado.*

Eu já sabia da mensagem dele  
1380 para me inquietar, mas ser tratado  
como inimigo pelos inimigos  
não pode ser considerado infâmia.  
Que a trança de fogo com dupla ponta<sup>39</sup>  
seja lançada contra mim! Que o éter  
1385 seja logo abalado pelos raios  
e pela fúria desenfreada  
dos ventos indomáveis! Que seu sopro,  
fazendo a própria terra estremecer,  
venha arrancá-la com raiz e tudo  
1390 de seus nunca abalados fundamentos!  
Que a agitação dos mares com seu fluxo  
impetuoso e ululante apague  
no firmamento as rotas onde cruzam-se  
os caminhos dos astros! Que depois,  
1395 num ímpeto final, lance-me Zeus  
no tenebroso Tártaro profundo,  
nos turbilhões da rude compulsão!  
Só tenho uma certeza: ele não pode,  
embora queira, infligir-me a morte!

## **HERMES**

1400 Aí estão, em suma, os pensamentos  
e o modo de expressar-se dos dementes.  
Inda faltam sintomas do delírio  
nessas imprecações? E por acaso  
ele tentou moderar a loucura?

*Dirigindo-se ao CORO.*

1405 Tende cuidado, vós, Oceanides,  
que vos compadeceis de sua sorte!  
Afastai-vos depressa deste ermo  
se não quiserdes que o fulgor fugaz  
de um raio implacável vos atinja!

## **CORO**

*Dirigindo-se a HERMES.*

1410 Adota outra linguagem e enuncia  
opiniões que possam convencer-nos.  
Em tua falação torrencial  
acabas de dizer certas palavras  
intoleráveis; tentas incitar-nos  
1415 a cultivar agora a covardia?  
De modo algum! Sofreremos com ele!  
Sabemos odiar a traição;  
detestamos também este defeito!

## **HERMES**

Sede prudentes! Não vos esqueçais  
1420 de minhas predições, e uma vez presas  
do infortúnio, não vos lamenteis  
de vossa sorte; não imagineis  
que Zeus vos lança em desastre imprevisto.  
Deveis dirigir as acusações  
1425 contra vós mesmas. Estais advertidas:  
não terá sido inopinadamente,  
e sem aviso, que sereis colhidas

nas malhas finas, sem qualquer saída,  
da rede inevitável do infortúnio,  
1430 presas de vossa própria ingenuidade.

*Sai HERMES; ouvem-se estrondos subterrâneos.*

## **PROMETEU**

Mas, eis os fatos, não simples palavras;  
a terra treme, e também repercute  
em seus abismos a voz do trovão;  
em sinuosidades abrasadas  
1435 já resplandece o raio; um ciclone  
volteia e forma turbilhões de pó;  
os sopros do ar lícido se lançam  
uns contra os outros e se digladiam;  
os ventos já estão em plena guerra;  
1440 o céu já se confunde com o mar.  
Eis a rajada que, para espantar-me,  
vem decididamente contra mim,  
mandada por Zeus todo-poderoso.  
Ah! Minha majestosa mãe, e o Éter  
1445 que faz girar ao redor deste mundo  
a luz oferecida a todos nós!  
Vedes a iniquidade que me atinge?

*Entre relâmpagos, trovões e terremotos desaparecem PROMETEU e as  
Oceanides do CORO.*

**FIM**

---

<sup>1</sup> Região da Eurásia, em grande parte desabitada, entre o mar Negro (Ponto Euxino) e o mar de Azov (Palos Meótis), onde hoje se encontram a Rússia, a Ucrânia e a Geórgia.

<sup>2</sup> Filha de Urano e Gaia, uma das Titanides, Têmis é a deusa identificada com a Justiça e com a instituição dos oráculos. Desposada por Zeus, com ele gerou as Horas e as Moiras, entre outras divindades. Apenas Ésquilo lhe atribui a maternidade de Prometeu, o que contribui para elevar o estatuto deste que ousa se contrapor ao maior dos deuses do panteão grego, dando credibilidade às suas previsões sobre a queda de



Zeus.

<sup>3</sup> Prometeu significa “o que sabe (da raiz *math*, aprender, saber) antes (*pro*)”. Na tentativa de manter o trocadilho existente no original, Mário da Gama Kury aproximou Prometeu do verbo prometer. No texto grego o jogo de palavras se faz com o adjetivo *prometheus*, providente.

<sup>4</sup> Filha de Urano e Gaia, uma das Titanides, associada às águas salgadas, Tétis gerou uma vasta prole unida ao seu irmão Oceano. É preciso distingui-la da nereida Tétis, mãe de Aquiles, cuja união Zeus deve evitar sob pena de gerar um filho que o destronaria.

<sup>5</sup> Um dos elementos primordiais da cosmogonia grega, o Tártaro remete à região mais profunda do universo, abaixo mesmo do Hades, onde os deuses derrotados eram encarcerados por toda a eternidade.

<sup>6</sup> Primeiro deus soberano do panteão grego, representa o Céu. Nasce de Gaia, a Terra, a quem desposa e com quem gera os Titãs. Urano foi destronado por um de seus filhos, Cronos, que por sua vez será derrubado por Zeus.

<sup>7</sup> Em vários momentos da tragédia, Prometeu anuncia que detém um segredo que poderia custar o poder soberano de Zeus. Embora esse segredo não seja revelado no curso do drama, sabe-se que se trata da união com a nereida Tétis, desejada por Zeus, mas que geraria um filho capaz de destronar seu pai.

<sup>8</sup> Região subterrânea que abriga os mortos e é governada pelo deus de mesmo nome.

<sup>9</sup> Oceano vem à cena num carro puxado por “um monstro de asas velozes”, “pássaro quadrúpede”: trata-se do grifo, animal fabuloso, híbrido de leão e de águia.

<sup>10</sup> As filhas da Cólquida eram as Amazonas, tribo lendária de mulheres guerreiras que habitavam os limites do mundo civilizado – como é o caso da Cólquida, região ao sul do Cáucaso e a leste do mar Negro (onde hoje fica a Geórgia).

<sup>11</sup> Aqueronte, Cócito, Piriflêgeton e Estige, rios situados no Inferno.

<sup>12</sup> As Parcas, designação latina para as Moiras, personificam a parte ou o quinhão que cabe a cada um na vida. São três irmãs, filhas de Zeus e Têmis: Átropo, Cloto e Laquesis. As Fúrias, equivalente latino das Erínias gregas, são divindades punitivas, castigando especialmente crimes no seio da família. Nasceram do sangue de Urano, castrado por Cronos, e também são três: Alecto, Tisífone e Megera. Nem mesmo os deuses podem escapar de seus desígnios.

<sup>13</sup> Assim como os mortais, também as divindades secundárias, como as Oceanides, precisavam homenagear os deuses do Olimpo.

<sup>14</sup> Ilesione, ou Hesíona, como consta da maior parte das edições do texto, é uma oceanide que teria desposado Prometeu.

<sup>15</sup> Bósforo significa literalmente “estreito da novilha”, immortalizando a passagem de Io.

<sup>16</sup> Um ser monstruoso, de múltiplos olhos, encarregado por Hera de vigiar Io, impedindo seus encontros com Zeus. Como ela assumira a forma de uma novilha, chamará Argos de pastor (v.883). Zeus ordenou a Hermes que o matasse e libertasse a jovem. Ela, no entanto, parece acreditar que mesmo morto ele continua a persegui-la na forma do moscardo que a pica sem parar.

<sup>17</sup> A síringe, uma flauta rústica usada por Hermes.

<sup>18</sup> Por receber culto em Chipre, Afrodite é designada pelo epíteto Cípris.

<sup>19</sup> Região da Argólida, onde havia um lago no qual vivia a conhecida Hidra de Lerna, serpente monstruosa morta por Hércules.

<sup>20</sup> Sedes de importantes oráculos gregos, associados a Zeus (Dodona) e a Apolo (Pito é o mesmo que Delfos), cuja sacerdotisa, encarregada das profecias, é conhecida por pítia ou pitonisa.

<sup>21</sup> Epíteto de Apolo, deus da profecia.

<sup>22</sup> Antigos habitantes da Ásia Menor.

<sup>23</sup> O rio tem seu nome derivado do substantivo *hybris*, violência, arrogância.

<sup>24</sup> Golfo no atual mar Negro.

- <sup>25</sup> Estreito do lago Meótis (ou Palos Meótis), o atual mar de Azov, ao norte do mar Negro.
- <sup>26</sup> “Estreito da novilha” é a tradução literal de Bósforo, estreito que liga o mar Negro ao mar de Mármara e, portanto, a Europa à Ásia.
- <sup>27</sup> Lâminas de madeira, em geral pinho, usadas como base para a escrita na Grécia antiga.
- <sup>28</sup> Nos manuscritos que conservaram as obras de Ésquilo, há uma lacuna neste ponto.
- <sup>29</sup> Os campos onde viviam as Górgonas, seres monstruosos.
- <sup>30</sup> O atual mar Adriático. Rea era uma das Titanides e mãe de Zeus.
- <sup>31</sup> Recebe esse nome em virtude de ter sido gerado pelo toque (*epaphao*, tocar) de Zeus em Io.
- <sup>32</sup> São as filhas de Dânao que, seguindo seu pai, deixaram o Egito e aportaram em Argos para fugir à perseguição de seus primos, os cinquenta filhos de Egito. Como tentativa de reconciliação, celebrou-se o casamento entre os primos, mas Dânao entregou às filhas adagas com as quais degolaram seus maridos na noite de núpcias. A exceção foi Hipermnestra (ver nota 34). Ésquilo tratou desse mito na trilogia das *Danaides*, da qual faz parte a preservada *As Suplicantes*.
- <sup>33</sup> Os habitantes mais antigos da Grécia, estabelecidos na cidade de Argos.
- <sup>34</sup> Hipermnestra é a única das Danaides que se recusa a matar seu marido, Linceu, na noite de núpcias, por desejo de tornar-se mãe.
- <sup>35</sup> O herói a que alude Prometeu é Hércules.
- <sup>36</sup> Literalmente, “a inescapável”. Às vezes assimilada a Nêmesis, representa a justiça retributiva divina.
- <sup>37</sup> Termo empregado para caracterizar Prometeu. Originalmente é um sinônimo de *sophos*, “sábio”, qualidade que Prometeu reivindica para si ao longo da tragédia, contrapondo-a à tirania de Zeus, que se exerce pela força. Mas o momento em que a peça é composta, meados do séc.V a.C., e as conexões de Ésquilo com a Sicília, de onde provêm vários sofistas, permitem pressupor uma referência aos “profissionais da sabedoria”, que se propunham a ensinar os jovens, sobretudo a arte da palavra, em troca de boa remuneração. Hermes estaria então denunciando o discurso inflamado de Prometeu como um truque de retórica. Eles também questionavam o conhecimento tradicional, em virtude do progresso das novas artes, o que, novamente, lembra a alegação de Prometeu de ter contribuído para o progresso da humanidade.
- <sup>38</sup> Prometeu alude a Urano e Cronos, respectivamente avô e pai de Zeus, destituídos do poder por seus filhos.
- <sup>39</sup> Isto é, o raio de Zeus.

## Perfis dos personagens

PROMETEU: O Prometeu de Ésquilo apresenta algumas peculiaridades em relação à representação tradicional do deus, em especial ao que estabelece Hesíodo na *Teogonia*. Filho do titã Jápeto e da oceanide Climene, Ésquilo lhe atribui por mãe Têmis, a Lei, assimilada a Gaia, a Terra, privilegiando essa ascendência materna, pois o pai sequer é mencionado. Com a mãe, partilha o dom da previdência, revelado já em seu nome, que significa “o que sabe (da raiz *math*, aprender, saber) antes (*pro*)”. Faz uso desse dom para prever o sofrimento futuro e a redenção, tanto os seus quanto os de sua contraparte humana, Io, ambos exemplificando os desmandos e a crueldade de Zeus. Prometeu é ambíguo com relação a Zeus. Num primeiro momento, pensou ajudar os Titãs, como seus irmãos Atlas e Menécio, ambos punidos após a ascensão dos novos deuses. Como seus conselhos foram ignorados, aliou-se a Zeus, sendo um dos responsáveis por sua vitória, mas não conquistou sua confiança. Os deuses se indispõem por causa dos humanos, que o novo senhor do Olimpo pretende eliminar. Prometeu rouba então o fogo, atributo divino, e o entrega aos mortais, que assim conquistam uma certa independência em relação aos deuses. Como punição, será acorrentado aos rochedos do deserto da Cítia por toda a eternidade.

Ésquilo o apresenta como o grande benfeitor da humanidade, seu protetor e introdutor de todas as artes e ciências e, por outro lado, como um rebelde, que nutre um permanente estado de desconfiança e rancor contra as divindades. Isso é bem visível na tragédia na forma como Prometeu se refere a Zeus e como se relaciona com Oceano e Hermes, recusando qualquer proposta conciliatória. Curiosamente demonstra maior afinidade com entidades femininas como a mãe, a quem recorda em vários momentos de sua aflição; as Oceanides, que compõem o coro trágico e que são suas parentes em virtude do casamento com uma delas, Ilesione (ou Hesíona); Io, a mortal perseguida por Hera em vista do desejo incontrolável de Zeus. Por se recusar a revelar um segredo que ameaçaria o poder de Zeus – um casamento que geraria um filho capaz de destronar o pai, que assim cumpriria o mesmo destino de seus antepassados Crono e Urano –, Prometeu sucumbe, ao final da tragédia, a punições ainda mais severas: é

aprisionado pelas rochas que se desprendem da montanha atingida pelos raios de Zeus, com a promessa de, no futuro, ser presa de uma águia que diariamente lhe comeria o fígado e de ser lançado ao Tártaro, região subterrânea em que eram aprisionados os deuses depostos. Prometeu, no entanto, prevê que um descendente de Io, cujo nome não revela – mas que sabemos por Hesíodo tratar-se do herói Hércules –, o libertaria séculos mais tarde, quando a ameaça ao governo de Zeus já teria sido afastada.

**HEFESTO:** O filho de Zeus e Hera, ou só de Hera na tradição hesiódica, é o deus do fogo e da metalurgia. Devido a sua habilidade com os metais é designado para conduzir Prometeu até o local de seu castigo, onde deve acorrentá-lo às rochas em que permaneceria por toda a eternidade. A escolha desse deus também se deve ao fato de o fogo, que Prometeu roubara dos deuses para dar aos homens, ser um atributo seu, como nota a personagem Poder em sua primeira fala. Embora não ouse contrariar as ordens de Zeus, Hefesto se compadece da sorte de Prometeu e lamenta ter cabido a ele executar missão tão penosa. É preciso que Poder o lembre a todo momento que não deve se furtar a cumpri-la. Sua atuação está restrita ao prólogo.

**PODER:** *Krátos*, em grego, é um dos filhos de Estige, o curso de água que margeia o mundo dos mortos, e, como tal, filho de Oceano. Lutou ao lado de Zeus e seus irmãos contra os Titãs e foi por ele recompensado. Na peça, Poder é a personificação do mando e da autoridade de Zeus. No prólogo, junto a Força e Hefesto, escolta Prometeu para sua prisão. É duro e incapaz de demonstrar compaixão pelo destino do deus, a quem vê como um transgressor que merece a punição recebida. Encarrega-se de garantir que Hefesto cumpra a missão que lhe foi atribuída, atando Prometeu às rochas.

**FORÇA:** *Bía*, em grego, é outro dos filhos de Estige e irmão de Poder. Personifica a violência, a força bruta. Como o irmão, é extremamente leal a Zeus. Personagem muda, impõe terror e respeito apenas com a sua presença, garantindo o cumprimento das ordens celestes. No prólogo, junto a Poder e Hefesto, escolta Prometeu para sua prisão.

**CORO DE OCEANIDES:** Filhas dos titãs Oceano e Tétis (não confundir com a mãe de Aquiles, filha de Nereu, que tem o mesmo nome). Representam os riachos e as fontes de água. São as primeiras divindades a prestar solidariedade a Prometeu, permanecendo ao seu lado e sucumbindo com ele quando é soterrado

por obra de Zeus. Sua simpatia pode ser explicada por Prometeu ser tradicionalmente filho de uma oceanide, Climene, embora na peça de Ésquilo sua mãe seja Têmis, a Lei, uma das Titanides. Mas o parentesco com as filhas de Oceano também pode ser estabelecido por meio do casamento, já que o coro declara que o deus desposara Ilesione (ou Hesíona), sua irmã. Apesar da lealdade e da compaixão que demonstram em relação ao deus, o coro percebe sua desmedida e aconselha-o, em vão, a adotar um tom mais comedido e a ceder diante dos mais poderosos.

OCEANO: É o titã que representa o grande curso de água que circunda a terra. Homero o considera um deus primordial, a origem das demais divindades (*Ilíada*, XIV, 200 e 246). Na tragédia de Ésquilo seu papel é mais modesto. Ele é o pai das Oceanides e de todos os rios. Surge no primeiro episódio disposto a prestar solidariedade a Prometeu e persuadi-lo a moderar seu rancor contra Zeus, de modo que ele possa intervir em seu favor junto ao novo senhor dos deuses. Prometeu faz pouco-caso das boas intenções de Oceano, a quem acusa de subserviência a Zeus. Oceano, então, parte sem alcançar seu intento, reconhecendo que Prometeu é caso perdido.

IO: Filha de Ínaco, rio filho de Oceano e irmão das Oceanides, Io sofre as consequências de ter sido amada por Zeus. Entra em cena no terceiro episódio, sob a forma de novilha, depois de muito vagar pela terra perseguida por Hera e transtornada por um moscardo que lhe pica sem cessar. Única personagem mortal da tragédia, Io é apresentada por Prometeu como mais uma vítima de Zeus. A jovem se liga ao destino do deus não apenas pelo sofrimento que experimentam, mas porque caberá a um de seus descendentes libertar Prometeu de sua prisão, após matar a águia que lhe consumirá diariamente o fígado (embora não nomeado na tragédia, sabe-se por Hesíodo tratar de Hércules). Prometeu revela-lhe suas andanças futuras e sua redenção, no Egito, quando recuperará a forma humana e gerará um filho de Zeus, Épafo, o primeiro de uma vasta linhagem. Mas o seu presente é de sofrimento. Ela deixa a cena como chegou, presa de delírios e de dor.

HERMES: Filho de Zeus e de Maia, é neto de Atlas por parte de mãe e sobrinho-neto de Prometeu, mas, ao contrário de Oceano e suas filhas, não se comove com o sofrimento do deus. Tem, entre outras atribuições, a de transmitir as mensagens dos deuses. Vem à cena ao final da peça para exortar Prometeu a revelar de uma vez por todas o segredo que ameaça a continuidade do governo de Zeus. Diante da recusa do deus em acatar a determinação divina, Hermes anuncia a Prometeu

os castigos que Zeus pretende agregar à sua pena, culminando com seu encarceramento no Tártaro. Prometeu o destrata, considerando-o mero serviçal de Zeus, e insiste em sua revolta. Hermes deixa a cena antes do cataclismo que se abate sobre Prometeu e o coro, não sem antes apontar a sua desmedida que beira a insanidade.

# ÉDIPO REI

Sófocles

## Introdução: Sófocles e o *Édipo rei*

DENTRE OS POETAS TRÁGICOS GREGOS, Sófocles foi o mais clássico, na concepção da crítica antiga que associava essa qualidade à maturidade artística. Assim, o precursor de um novo gênero poético, por exemplo, é ainda tido como primitivo e o último já anuncia sua decadência, mas aqueles que ocupam a posição intermediária detêm plenas condições de realizar seu potencial. O autor do *Édipo rei* é o segundo na tríade dos tragediógrafos gregos, tendo competido ao lado de Ésquilo e de Eurípides nos festivais dramáticos. Aristófanes, na comédia *As rãs*, faz com que Ésquilo confie a Sófocles o trono dos poetas trágicos no Hades, quando deixa o mundo dos mortos em companhia de Dioniso para regressar a Atenas. Também é o poeta mais citado na *Poética*, de Aristóteles, como exemplo de excelência na sua arte.

Essa mesma unanimidade que marca sua obra parece tê-lo acompanhado em vida. Ao contrário de outros poetas, alvos constantes da zombaria dos comediógrafos, Sófocles quase não figura nas comédias. Seu prestígio na cidade pode ser medido ainda pelo fato de, após sua morte, ter passado a receber culto heroico, sob o nome de Dexion. Considerando que os gregos julgavam que somente a morte permitia afirmar a felicidade de um homem – já que, como o mito de Édipo ilustra bem, estaríamos todos sujeitos a qualquer momento a sofrer um revés da sorte –, Sófocles foi um homem afortunado.

Foi também um homem do século V a.C., o qual atravessou de ponta a ponta. Nascido em 496 a.C. em Colono, distrito de Atenas que imortalizou na tragédia *Édipo em Colono*, o poeta testemunhou as invasões persas e, em seguida, a Guerra do Peloponeso. Morto em 406 a.C., pouco após Eurípides, ele ainda teve a sorte de não ver os atenienses capitularem diante dos espartanos dois anos depois. Em noventa anos de vida, serviu à cidade em diversas oportunidades, tendo ocupado os cargos de *hellanotamias* (tesoureiro junto à Liga Délia), estratega (um misto de chefe militar e chanceler) e próbulo (um conselheiro extraordinário nomeado em períodos de crise). Também participou ativamente da vida religiosa da cidade, sendo o responsável pela introdução em Atenas do culto de Asclépio, filho de Apolo agraciado com o dom da cura e cultuado em



Epidauro.

Para nós, entretanto, a reputação de Sófocles não depende desses fatos, mas da sua obra para teatro. Nisto, também, ele foi bem-sucedido. Dentre as suas contribuições para o desenvolvimento da tragédia, Aristóteles ressalta a introdução do terceiro ator, o que permitiu acrescentar mais personagens à trama, e a invenção da cenografia.<sup>1</sup> Sua estreia, em 468 a.C., trouxe igualmente a primeira vitória, fato que se repetiria várias vezes ao longo de sua carreira. Quando não ganhava, Sófocles ficava com o segundo prêmio – nunca foi classificado em terceiro, e último, lugar. Infelizmente, das cerca de 120 peças que compôs, chegaram-nos inteiras apenas sete: *Ájax*, *As traquínias*, *Antígona*, *Édipo rei*, *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*. Do drama satírico *Os sabujos*, restaram cerca de quatrocentos versos.

Como revelam os títulos acima, o mito dos labdácidas, os descendentes do rei tebano Lábdaco, é recorrente na obra sofocliana. Embora Sófocles não adotasse o formato sequencial da trilogia de Ésquilo, preferindo inscrever nos festivais dramáticos três tragédias sem vínculo temático, não é raro deparar-se com referências à sua “trilogia tebana”. É assim que tradutores e comentadores modernos nomearam e agruparam as três tragédias remanescentes em que ele trata do mito de Édipo e de seus descendentes: *Édipo rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*. Esse é um roteiro de leitura interessante, desde que se entenda que essa disposição visa apenas à unidade de tema, reunindo peças compostas em momentos diversos da vida do tragediógrafo – entre *Antígona*, a mais antiga, e *Édipo em Colono*, encenada postumamente, o intervalo beira 35 anos.

*Édipo rei* é a tragédia emblemática do teatro grego e, em conjunto com *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de Shakespeare, constitui a peça de teatro mais conhecida da literatura ocidental. Sua reputação cresceu ainda mais depois que Freud tirou o herói do palco e o deitou no divã, nomeando a partir dele o complexo que descreve a atração que todo filho sente em algum momento por sua mãe. É preciso, no entanto, distinguir o Édipo freudiano do sofocliano. À ignorância, e não ao inconsciente, devem-se creditar as ações do herói, que consome o casamento com Jocasta, sua mãe, desconhecendo o vínculo de parentesco que os une. É isso justamente que torna a história de Édipo paradigmática, pois, em vista de seu conhecimento limitado e limitante, os homens estão condenados a tatear na escuridão.

Antes de passar à peça, é preciso chamar a atenção para a denominação que tradicionalmente recebeu. Conhecida como *Édipo rei*, em grego a tragédia intitula-se *Édipo tirano*. Isso se explica porque, com o tempo, tirano tornou-se um termo pejorativo, denotando o exercício ilegítimo e cruel do poder, de modo

que associá-lo ao herói produziria prévia antipatia. Entre os gregos, no entanto, tirania designava, sobretudo, o poder não dinástico, sendo que, muitas vezes, o tirano era tido como benfeitor das classes menos favorecidas da população. Esse é o caso de Édipo, que ascende ao trono tebano por mérito e não por direito sucessório – muito embora a tragédia termine por revelar que aquele a quem consideravam tirano era na verdade rei, já que nascera de Laio e Jocasta, monarcas de Tebas. Deve-se notar ainda que, embora então um tirano não correspondesse ao estereótipo que dele hoje se faz, já se percebia que a instabilidade no poder natural em sua condição o tornava mais sujeito a atitudes autocráticas e violentas. Esses traços, bem como o de protetor do povo, estão bem marcados na caracterização do Édipo de Sófocles.

No início da peça, Édipo está instalado em Tebas como seu governante. É amado e respeitado pelo povo, representado pelos anciãos do coro, gratos a ele por ter livrado a cidade da Esfinge. A Esfinge, monstro alado com cabeça de mulher e corpo de leão, propunha o seguinte enigma aos que queriam sair ou entrar na cidade, devorando os que não o decifrassem: qual é o único ser que de manhã anda com quatro pés, à tarde, com dois e à noite, com três? Só Édipo soube que a resposta era o homem, que em bebê engatinha sobre os quatro membros, adulto anda sobre suas próprias pernas e, na velhice, apoia-se em um bastão, o terceiro pé. O monstro, vencido, atira-se num abismo e morre, mas, como bem notaram os grandes estudiosos do imaginário grego Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, o enigma persiste incorporado à estrutura da peça.<sup>2</sup> O herói, como prêmio por sua sagacidade, conquista o trono tebano e a mão da rainha Jocasta, então viúva. No entanto, após anos de calmaria, a cidade volta a ser confrontada com uma nova charada, posta desta vez sob a forma da peste, que dizima a população e rebanhos. Na cena inicial, o coro suplica a Édipo que mais uma vez salve a cidade.

Édipo caracteriza-se pela pronta ação. Assim, quando sua intervenção é solicitada, ele já havia tomado a iniciativa de enviar a Delfos Creonte, seu cunhado, em busca de um oráculo que esclarecesse as razões da peste. É preciso entender que os gregos associavam a irrupção de doenças ao descontentamento divino, e Delfos era a sede do maior santuário de Apolo, onde sua palavra profética se fazia ouvir por meio de uma sacerdotisa. Foi lá que, anos antes, Édipo ouviu aterrorizado que mataria o pai e desposaria a mãe, fato decisivo para afastá-lo de Corinto, cidade que então considerava sua terra natal, e colocá-lo no caminho de Tebas. Desta vez, o oráculo revela que a peste se devia à impunidade de um antigo crime: o assassinato de Laio, predecessor de Édipo no trono, jamais fora esclarecido, e nem seu assassino punido.

Imediatamente Édipo toma para si a investigação. O fato de ter desvendado sozinho o enigma da Esfinge lhe confere uma autoconfiança perigosa, que beira a arrogância. Isso fica claro na sua entrevista com Tirésias, o respeitado adivinho tebano. A entrada de Tirésias em cena é impactante, reavivando o antigo enigma das três idades do homem: o velho cego, apoiado em seu bastão, guiado por um menino, diante do maduro Édipo. A imagem de Tirésias também antecipa o que Édipo se tornará ao final da peça: um cego cheio de dolorosa sabedoria.

Convocado por sua clarividência a contribuir com a apuração dos fatos, Tirésias silencia. Édipo supõe que o adivinho cala ou por ser charlatão ou por ocultar os criminosos. Afrontado, Tirésias lhe diz o que tentava esconder: Édipo é o assassino procurado. A indignação faz com que o tirano perca o controle e acuse-o de estar a serviço de Creonte, interessado em tomar-lhe o poder. O profeta adverte Édipo que o responsável logo será descoberto: julgam-no estrangeiro, se mostrará tebano; enxerga, mas perderá a visão; de rico passará a miserável e partirá para o exílio; e, pior, vai se revelar pai e irmão de seus filhos, marido e filho de sua mãe e assassino de seu pai. Essa fala, situada no primeiro terço da peça, poderia dar a questão por encerrada, já que elucida a identidade do criminoso e todas as implicações de seu ato, mas, diante da certeza que Édipo tem de estar sendo vítima de uma intriga palaciana, ela é ignorada. Mesmo para o coro as acusações não fazem sentido, já que a essa altura da peça Édipo é considerado filho dos reis de Corinto. Instaura-se um conflito entre as dimensões religiosa e política da tragédia em que, num primeiro momento, a instância política, representada pelo soberano, leva a melhor.

Segue-se uma discussão acalorada com Creonte, em que Édipo o acusa diretamente, mesmo sem quaisquer indícios de sua culpa. Jocasta intervém e, ao saber que o motivo da briga são as palavras de Tirésias, tenta tranquilizar o herói. As profecias não são dignas de fé, diz ela. Conta, então, como Laio mandou abandonar à morte seu filho recém-nascido devido ao vaticínio de que a criança, ao crescer, mataria o pai. A morte do bebê, contudo, não poupou a vida de Laio, que, anos mais tarde, foi abatido por bandidos numa encruzilhada de estrada. Sendo assim, a predição não se cumpriu, pois, segundo lhe parecia, o filho não sobrevivera para matar o pai.

Como é característico desta tragédia, a nova informação, que deveria proporcionar alívio, se mostra uma razão a mais de inquietação. Édipo lembra que, alguns anos antes, a caminho de Tebas, enfrentara e matara um velho num ponto em que a estrada se trifurca (uma nova alusão às três idades do homem constantes do enigma da Esfinge?). Teria Tirésias falado, ainda que parcialmente, a verdade? De acordo com o relato da única testemunha que

escapou, Laio fora atacado por bandidos, no plural, e ele estava sozinho. Então, é preciso confrontar esse homem e eliminar a dúvida.

Enquanto isso, um mensageiro chega de Corinto para anunciar a morte de Pôlibo, o rei e suposto pai de Édipo. O herói vê nisso um sinal de esperança: o pai morrera e não fora ele o culpado, então o oráculo falhara. Mesmo assim, ele ainda teme o leito da mãe. O mensageiro o acalma, revelando-lhe que a rainha de Corinto não é sua mãe biológica: ele fora adotado. Para Édipo a questão central agora deixa de ser “quem matou Laio?” e passa à mais urgente “quem sou eu?”. Há um pastor tebano, diz o mensageiro, que sabe a resposta, pois fora ele quem, no início de tudo, entregara o menino abandonado, pendurado pelos pés, ao seu colega coríntio. Essas duas questões, que estão no cerne do romance moderno – quem fez?, quem sou? –, conferem à tragédia de Sófocles um interesse perene.

Jocasta decifra esse novo enigma, cuja solução também remete à charada da Esfinge, já que novamente os pés têm a resposta. Édipo, cujo nome significa “o de pés inchados”, porque fora amarrado pelos tornozelos quando abandonado nas montanhas, é o homem que embaralha a sequência das gerações ao se tornar pai e irmão dos seus filhos, filho e marido de sua mãe, simultaneamente. Para Jocasta é evidente que o homem com quem se casara é o filho que tivera de Laio. Assim, ela tenta dissuadir o herói de prosseguir na investigação. Ele, no entanto, não a escuta, imaginando que no fundo a rainha receasse descobrir ter desposado não o filho de reis, mas o de escravos. Silenciosamente, então, ela entra no palácio para pôr fim à própria vida.

A verdade vem à tona para Édipo no confronto entre as duas testemunhas-chave, o Mensageiro de Corinto e o Pastor tebano, que também era quem acompanhava Laio no dia de sua morte. Como Tirésias, o Pastor se recusa a colaborar, mas é forçado a fazê-lo. Agora Édipo finalmente sabe quem é: o filho que não deveria ter nascido, o marido de quem não devia ter desposado e o assassino de quem não devia ter matado. Resta-lhe cegar os olhos – pois lhe é insuportável encarar o olhar dos demais –, cumprindo assim a profecia de Tirésias, e partir para um exílio a que ele mesmo havia condenado o assassino de Laio.

Bernard Knox, no seu magistral estudo da tragédia, destaca que *Édipo rei* não é uma peça fatalista, em que o destino se sobrepõe ao homem.<sup>3</sup> O herói de Sófocles é senhor de suas ações, muitas vezes se indispondo com os demais para implementá-las e assumindo total responsabilidade por seus atos. As profecias não são mais do que o pretexto para o essencial: a descoberta da identidade de Édipo, processo que ele conduz inexoravelmente, enfrentando a oposição de várias personagens, que se recusam a colaborar com ele. Graças à sua iniciativa,

a verdade é restabelecida.

Por singular que nos pareça, aos olhos do coro a situação de Édipo é, no entanto, paradigmática. Ninguém está livre de passar pelo que ele passou, pois o homem vive na ignorância. Na *Poética*, Aristóteles cita Édipo como exemplo de herói trágico, do homem que não é todo virtude, nem todo maldade, mas cujo infortúnio decorre de um erro involuntário (*hamartia*). O erro de Édipo não se caracteriza enquanto falta moral, antes é uma falha intelectual: a certeza de ter a chave de todos os mistérios o impede de decifrar o mais elementar de todos, o enigma de sua existência. Sintomaticamente, no templo de Apolo em Delfos, de onde partiram os três oráculos que embasam a ação da peça, está inscrita a frase “Conhece-te a ti mesmo”.

A peça termina sem redenção possível. Ela só virá no *Édipo em Colono*, drama póstumo, em que Sófocles promove a purificação do herói em Atenas, onde será sepultado, trazendo os benefícios advindos de seu culto para a cidade que no teatro lamentou seus males.

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre a encenação no teatro clássico, ver a Apresentação geral.

<sup>2</sup> Vernant, J.-P. e P. Vidal-Naquet. “Ambiguidade e reviravolta. Sobre a estrutura enigmática do Édipo rei”, in *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.83-111.

<sup>3</sup> Knox, B. *Édipo em Tebas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

# ÉDIPO REI

Época da ação: idade heroica da Grécia

Local: Tebas

Primeira representação: 430 a.C., em Atenas (data aproximada)

## Personagens

ÉDIPO, rei de Tebas

JOCASTA, mulher de Édipo

CREONTE, irmão de Jocasta

TIRÉSIAS, velho adivinho

SACERDOTE

MENSAGEIRO de Corinto pastor

CRIADO do palácio

CORIFEU

CORO de anciãos tebanos

## Figurantes mudos

MENINO, guia de Tirésias

SUPPLICANTES

CRIADOS e CRIADAS

## Cenário

Praça fronteira ao palácio real em Tebas. Ao fundo, no horizonte, o monte Citéron.

Em frente a cada porta do palácio há um altar. Sobre os altares veem-se ramos de loureiro e de oliveira trazidos por numerosos tebanos, ajoelhados nos degraus dos altares como suplicantes.

No meio deles, em pé, vê-se um ancião, o SACERDOTE de Zeus. Abre-se a porta principal do palácio. Aparece ÉDIPO, com seu séquito, que se dirige aos suplicantes em tom paternal.

Queima-se incenso nos altares.

## PRÓLOGO, Cena 1

[A cena se passa diante do palácio real de Tebas. A tragédia inicia-se com um grupo de tebanos, liderados por seu Sacerdote, que suplicam a intervenção do governante da cidade, Édipo, para sua salvação. Tebas é castigada por uma peste. Édipo acolhe com benevolência as súplicas e revela que já tomara providências para enfrentar o problema, encarregando Creonte, seu cunhado, de consultar o oráculo de Apolo, em Delfos, para saber a origem do mal. O Sacerdote avista Creonte, que retorna de sua missão. (v.1-107)]

### ÉDIPO

Meus filhos, nova geração do antigo Cadmo,<sup>1</sup>  
por que permaneceis aí ajoelhados  
portando os ramos rituais de suplicantes?  
Ao mesmo tempo enche-se Tebas da fumaça  
5 de incenso e enche-se também de hinos tristes  
e de gemidos. Não reputo justo ouvir  
de estranhas bocas, filhos meus, as ocorrências,  
e aqui estou, eu mesmo, o renomado Édipo.

*Dirigindo-se ao SACERDOTE de Zeus.*

10 Vamos, ancião, explica-te! Por tua idade  
convém que sejas porta-voz de todos eles.

*Dirigindo-se a todos.*

Por que essa atitude? Que receio tendes?  
Que pretendeis? Apresso-me em assegurar-vos  
que meu intuito é socorrer-vos plenamente;  
se não me sensibilizassem vossas súplicas  
15 eu estaria então imune a qualquer dor.

### SACERDOTE

Édipo, rei de meu país, vês como estamos



aglomerados hoje em volta dos altares  
fronteiros ao palácio teu; somos pessoas  
de todas as idades; uns ainda frágeis  
20 para maiores voos, envelhecidos outros  
ao peso de anos incontáveis já vividos;  
alguns são sacerdotes, como eu sou de Zeus;  
aqueles são a fina flor da mocidade;  
enfim contemplas todo o povo desta terra  
25 presente em praça pública e trazendo ramos  
trançados em coroas, gente rodeando  
os templos gêmeos da divina Palas,<sup>2</sup> onde  
o deus Ismênio<sup>3</sup> profetiza pelo fogo.  
Tebas, de fato, como podes ver tu mesmo,  
30 hoje se encontra totalmente transtornada  
e nem consegue erguer do abismo ingente de ondas  
sanguinolentas a desalentada frente;  
ela se extingue nos germes antes fecundos  
da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos  
35 e nos abortos das mulheres, tudo estéril.  
A divindade portadora do flagelo<sup>4</sup>  
da febre flamejante ataca esta cidade;  
é a pavorosa peste que dizima a gente  
e a terra de Cadmo antigo, e o Hades<sup>5</sup> lúgubre  
40 transborda de nossos gemidos e soluços.  
Não te igualamos certamente à divindade,  
nem eu nem os teus filhos que cercamos hoje  
teu lar, mas te julgamos o melhor dos homens  
tanto nas fases de existência boa e plácida  
45 como nos tempos de incomum dificuldade  
em que somente os deuses podem socorrer-nos.  
Outrora libertaste a terra do rei Cadmo  
do bárbaro tributo que nos era imposto  
pela cruel cantora,<sup>6</sup> sem qualquer ajuda  
50 e sem ensinamento algum de nossa parte;  
auxiliado por um deus, como dizemos  
e cremos todos, devolveste-nos a vida.  
E agora, Édipo, senhor onipotente,  
viemos todos implorar-te, suplicar-te:  
55 busca, descobre, indica-nos a salvação,

seja por meio de mensagens de algum deus,  
seja mediante a ajuda de um simples mortal,  
pois vejo que os conselhos de homens mais vividos  
são muitas vezes oportunos e eficazes.

- 60 Vamos, mortal melhor que todos, exortamos-te:  
livra nossa cidade novamente! Vamos!  
Preserva tua fama, pois vemos em ti  
por teu zelo passado nosso redentor!  
Jamais pensemos nós que sob o reino teu  
65 fomos primeiro salvos e depois perdidos!  
Não! Salva Tebas hoje para todo o sempre!  
Com bons augúrios deste-nos, na vez primeira,  
ventura até há pouco tempo desfrutada.  
Mostra-te agora igual ao Édipo de outrora!  
70 Se tens de ser o governante desta terra,  
que é tua, é preferível ser senhor de homens  
que de um deserto; nem as naus, nem baluartes  
são coisa alguma se vazios, sem ninguém.

## ÉDIPO

- Ah! Filhos meus, merecedores de piedade!  
75 Sei os motivos que vos fazem vir aqui;  
vossos anseios não me são desconhecidos.  
Sei bem que todos vós sofreis mas vos afirmo  
que o sofrimento vosso não supera o meu.  
Sofre cada um de vós somente a própria dor;  
80 minha alma todavia chora ao mesmo tempo  
pela cidade, por mim mesmo e por vós todos.  
Não me fazeis portanto levantar agora  
como se eu estivesse entregue ao suave sono.  
Muito ao contrário, digo-vos que na verdade  
85 já derramei sentidas, copiosas lágrimas.  
Meu pensamento errou por rumos tortuosos.  
Veio-me à mente apenas uma solução,  
que logo pus em prática: mandei Creonte,  
filho de Meneceu, irmão de minha esposa,  
90 ao santuário pítico do augusto Febo<sup>7</sup>  
para indagar do deus o que me cumpre agora

fazer para salvar de novo esta cidade.  
E quando conto os muitos dias transcorridos  
desde a partida dele, sinto-me inquieto  
95 com essa demora estranha, demasiado longa.  
Mas, quando ele voltar, eu não serei então  
um homem de verdade se não fizer tudo  
que o deus ditar por intermédio de Creonte.

*Os anciãos do CORO, que se haviam agrupado em volta de ÉDIPO enquanto ele falava, fazem um gesto indicando alguém que se aproxima.*

## **SACERDOTE**

100 Sim, vejo que falaste a tempo; neste instante  
apontam-me Creonte; ei-lo de volta, enfim.

*Entra CREONTE, apressado, coroadado de bagas de loureiro, com aspecto alegre.*

## **ÉDIPO**

Traga-nos ele, deus Apolo, a salvação  
resplandecente como seu próprio semblante!

## **SACERDOTE**

Ele parece alegre; as bagas de loureiro<sup>8</sup>  
em forma de coroa são um bom sinal.

## **ÉDIPO**

105 Ele já pode ouvir-nos; logo o escutaremos.

*Dirigindo-se a CREONTE.*

Filho de Meneceu, príncipe, meu cunhado,  
transmite-nos depressa o que te disse o deus!

## **PRÓLOGO, Cena 2**

[Creonte transmite a Édipo e aos tebanos reunidos diante do palácio a resposta

do oráculo: para pôr fim à peste é preciso purificar a cidade de um crime antigo. Trata-se do assassinato do rei Laio, ocorrido pouco antes de Édipo chegar à cidade, mas que ficara sem explicação porque na época Tebas estava ameaçada pela Esfinge. Imediatamente Édipo toma para si a tarefa de investigação, interrogando Creonte sobre as circunstâncias que cercam o crime. Ao mesmo tempo, promete à população que encontrará o culpado e salvará a cidade. (v.108-185)]

## **CREONTE**

Foi favorável a resposta, pois suponho  
que mesmo as coisas tristes, sendo para bem,  
110 podem tornar-se boas e trazer ventura.

## **ÉDIPO**

Mas, que resposta ouviste? Estas palavras tuas  
se por um lado não me trazem mais temores  
por outro são escassas para dar-me alívio.

## **CREONTE**

*Indicando os tebanos ajoelhados.*

Se é teu desejo ouvir-me na presença deles  
115 disponho-me a falar. Ou levas-me a palácio?

## **ÉDIPO**

Quero que fales diante dos tebanos todos;  
minha alma sofre mais por eles que por mim.

## **CREONTE**

Revelarei então o que ouvi do deus.  
Ordena-nos Apolo com total clareza  
120 que libertemos Tebas de uma execração  
oculta agora em seu benevolente seio,  
antes que seja tarde para erradicá-la.

## **ÉDIPO**

Como purificá-la? De que mal se trata?

## **CREONTE**

125 Teremos de banir daqui um ser impuro  
ou expiar morte com morte, pois há sangue  
causando enormes males à nossa cidade.

## **ÉDIPO**

Que morte exige expiação? Quem pereceu?

## **CREONTE**

Laio, senhor, outrora rei deste país,  
antes de seres aclamado soberano.

## **ÉDIPO**

130 Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo.

## **CREONTE**

Ele foi morto: o deus agora determina  
que os assassinos tenham o castigo justo,  
seja qual for a sua posição presente.

## **ÉDIPO**

135 Onde os culpados estarão? Onde acharemos  
algum vestígio desse crime muito antigo?

## **CREONTE**

Em nossa terra, disse o deus; o que se busca  
encontra-se, mas foge-nos o que deixamos.

## **ÉDIPO**

Foi no palácio, foi no campo ou em terra estranha  
que assassinaram Laio como nos falaste?

## **CREONTE**

140 Disse ele, quando foi, que ia ouvir o deus  
e nunca mais voltou aos seus, à sua terra.

## **ÉDIPO**

Nenhum arauto ou companheiro de viagem  
viu algo que pudesse orientar-nos hoje?

## **CREONTE**

145 Todos estão agora mortos, salvo um  
que desapareceu com medo e pouco disse.

## **ÉDIPO**

Que disse? É pouco, mas um mínimo detalhe  
talvez nos leve a descobertas decisivas  
se nos proporcionar um fio de esperança.

## **CREONTE**

150 Falou que alguns bandidos encontraram Laio  
e o trucidaram, não com a força de um só homem  
pois numerosas mãos se uniram para o crime.

## **ÉDIPO**

Como teria ousado tanto o malfeitor  
sem conspirata em Tebas e sem corrupção?

## **CREONTE**

155 Tivemos essa ideia, mas após o crime  
nenhum de nós em meio a males mais prementes  
pôde cuidar naquela hora de vingá-lo.

## ÉDIPO

Que males, no momento em que o poder caía,  
vos impediram de aclarar o triste evento?

## CREONTE

160 A Esfinge, entoando sempre trágicos enigmas,  
não nos deixou pensar em fatos indistintos;  
outros, patentes, esmagavam-nos então.

## ÉDIPO

Pois bem; eu mesmo, remontando à sua origem,  
hei de torná-los evidentes sem demora.  
Louve-se Febo, sejas tu também louvado  
165 pelos cuidados que tiveste quanto ao morto;  
verás que vou juntar-me a ti e secundar-te  
no esforço para redimir nossa cidade.  
E não apagarei a mácula por outrem,  
mas por mim mesmo: quem matou antes um rei  
170 bem poderá querer com suas próprias mãos  
matar-me a mim também; presto um serviço a Laio  
e simultaneamente sirvo à minha causa.

*Dirigindo-se aos tebanos ajoelhados.*

Vamos depressa, filhos! Vamos, levantai-vos  
desses degraus! Levai convosco os vossos ramos  
175 de suplicantes; quando decorrer o tempo  
reúna-se de novo aqui a grei de Cadmo  
e dedicar-me-ei de todo ao meu intento.  
Querendo o deus, quando voltarmos a encontrar-nos  
teremos satisfeito este nosso desejo,  
180 pois o contrário será nossa perdição.

## SACERDOTE

Sim, filhos meus, ergamo-nos; foi para isso  
que aqui nos reunimos todos neste dia.

E possa Febo, inspirador das predições,  
juntar-se a nós, ele também, para salvar-nos  
185 e nos livrar deste flagelo para sempre!

*Retiram-se ÉDIPO, CREONTE, o SACERDOTE e o povo. Permanece em cena o  
CORO, composto de anciãos, cidadãos notáveis de Tebas.*

## **PÁRODO**

[O Coro, composto de cidadãos tebanos, dá vazão aos seus temores e suplica pela ajuda dos deuses, para que venham em socorro de Tebas e combatam a peste que os dizima. (v.186-251)]

## **CORO**

Doce palavra de Zeus poderoso,  
que vens trazendo da faustosa Delfos  
à ilustre Tebas? Tenho meu espírito  
tenso de medo; tremo de terror,  
190 deus salutar de Delos,<sup>9</sup> e pergunto,  
inquieto, por que sendas me conduzes,  
novas, talvez, ou talvez repetidas  
após o lento perpassar dos anos.  
Dize-me, filha da Esperança áurea,  
195 voz imortal!<sup>10</sup> Invoco-te primeiro,  
filha do grande Zeus, eterna Atena,  
e tua irmã, guardiã de Tebas, Ártemis  
que tem assento em trono glorioso  
na ágora de forma circular  
200 e Febo, que de longe lança flechas:  
aparecei, vós três, em meu socorro!  
Se de outra vez, para afastar de nós  
flagelo igual que nos exterminava  
pudestes extinguir as longas chamas  
205 da desventura, vinde a nós agora!  
Ah! Quantos males nos afligem hoje!  
O povo todo foi contagiado  
e já não pode a mente imaginar  
recurso algum capaz de nos valer!  
210 Não crescem mais os frutos bons da terra;



mulheres grávidas não dão à luz,  
aliviando-se de suas dores;  
sem pausa, como pássaros velozes,  
mais rápidas que o fogo impetuoso  
215 as vítimas se precipitam céleres  
rumo à mansão do deus crepuscular.<sup>11</sup>  
Tebas perece com seus habitantes  
e sem cuidados, sem serem chorados,  
ficam no chão, aos montes, os cadáveres,  
220 expostos, provocando novas mortes.  
Esposas, mães com seus cabelos brancos,  
choram junto aos altares, nos degraus  
onde gemendo imploram compungidas  
o fim de tão amargas provações.  
225 E o hino triste repercute forte  
ao misturar-se às vozes lamentosas.  
Diante disso, filha rutilante<sup>12</sup>  
de Zeus supremo, outorga-nos depressa  
a tua sorridente proteção!  
230 Faze também com que Ares potente  
que agora nos ataca esbravejando  
e sem o bronze dos escudos queima-nos  
vá para longe, volte-nos as costas,  
procure o leito imenso de Anfitrite<sup>13</sup>  
235 ou as revoltas vagas do mar Trácio,<sup>14</sup>  
pois o que a noite poupa o dia mata!  
Zeus pai, senhor dos fúlgidos relâmpagos,  
esmaga esse Ares, Zeus, com teus trovões!  
O meu desejo, Apolo, é que dispares  
240 com teu arco dourado flechas rápidas,  
inevitáveis, para socorrer-nos,  
para nos proteger; o mesmo espero  
das tochas fulgurantes com que Ártemis  
percorre os montes lícios;<sup>15</sup> meu apelo  
245 também dirijo ao deus da tiara de ouro,  
epônimo de Tebas, Baco alegre<sup>16</sup>  
de rosto cor de vinho, companheiro  
das Mênades, para que avance e traga  
a todos nós a tão pedida ajuda

250 com seu archote de brilhante chama  
contra esse deus que nem os deuses prezam!

*ÉDIPO reaparece, vindo do palácio, e dirige-se ao CORIFEU.*

### **1º EPISÓDIO, Cena 1**

[Édipo conclama os tebanos a denunciar a identidade do assassino ou qualquer fato que possa levar à elucidação do crime, sob ameaça de severa punição. Caso o culpado se apresente voluntariamente, será condenado ao exílio. O Corifeu, o líder do Coro, sugere que se ouça Tirésias, o adivinho, em busca de informações. Édipo, no entanto, já havia se antecipado e estava justamente à espera do profeta. (v.252-354)]

## **ÉDIPO**

Suplicas proteção e alívio de teus males.  
Sem dúvida serão ouvidas tuas preces  
se deres a atenção devida à minha fala  
255 e tua ação corresponder às circunstâncias.  
Quero dizer estas palavras claramente,  
alheio aos vãos relatos, preso à realidade.  
Hei de seguir, inda que só, o rumo certo;  
o indício mais sutil será suficiente.  
260 Já que somente após os fatos alegados  
honraram-me os tebanos com a cidadania  
declaro neste instante em alta voz, cadmeus:  
ordeno a quem souber aqui quem matou Laio,  
filho de Lábdaco, que me revele tudo;  
265 ainda que receie represálias, fale!  
Quem se denunciar não deverá ter medo;  
não correrá outro perigo além do exílio;  
a vida lhe será poupada. Se alguém sabe  
que o matador não é tebano, é de outras terras,  
270 conte-me logo, pois à minha gratidão  
virá juntar-se generosa recompensa.  
Mas se ao contrário, cidadãos, nada disserdes  
e se qualquer de vós quiser inocentar-se  
por medo ou para proteger algum amigo  
275 da imputação de assassinato, eis minhas ordens:

proíbo terminantemente aos habitantes  
deste país onde detenho o mando e o trono  
que acolham o assassino, sem levar em conta  
o seu prestígio, ou lhe dirijam a palavra  
280 ou lhe permitam irmanar-se às suas preces  
ou sacrifícios e homenagens aos bons deuses  
ou que partilhem com tal homem a água sacra!  
Que todos, ao contrário, o afastem de seus lares  
pois ele comunica mácula indelével  
285 segundo nos revela o deus em seu oráculo.  
Eis, cidadãos, como demonstro acatamento  
ao deus e apreço ao rei há tanto tempo morto.  
O criminoso ignoto, seja ele um só  
ou acumpliciado, peço agora aos deuses  
290 que viva na desgraça e miseravelmente!  
E se ele convive comigo sem que eu saiba,  
invoco para mim também os mesmos males  
que minhas maldições acabam de atrair  
inapelavelmente para o celerado!  
295 Exorto-vos a proceder assim, tebanos,  
em atenção a mim, ao deus, por esta terra  
que em frente aos vossos olhos está perecendo  
entregue pelos numes à esterilidade.  
Ainda que essa purificação forçosa  
300 não vos houvera sido imposta pelo deus,  
não deveríeis deixar Tebas maculada  
pois era o morto um homem excelente, um rei;  
cumpria-vos esclarecer os fatos logo.  
Considerando que hoje tenho em minhas mãos  
305 o mando anteriormente atribuído a Laio  
e que são hoje meus seu leito e a mulher  
que deveria ter-lhe propiciado filhos,  
e finalmente que se suas esperanças  
por desventura não houvessem sido vãs,  
310 crianças concebidas por uma só mãe  
teriam estreitado laços entre nós  
(mas a desgraça lhe caiu sobre a cabeça),  
por todos esses ponderáveis fundamentos  
hei de lutar por ele como por meu pai

315 e tomarei as providências necessárias  
à descoberta do assassino do labdácida,<sup>17</sup>  
progênie do rei Polidoro, descendente  
de Cadmo e Agenor, os grandes reis de antanho.  
E quanto aos desobedientes, peço aos deuses  
320 que a terra não lhes dê seus frutos e as mulheres  
não tenham filhos deles, e sem salvação  
pereçam sob o peso dos males presentes  
ou vítimas de mal muitas vezes maior.  
Mas, para vós, cadmeus que concordais comigo,  
325 possa a justiça sempre estar do vosso lado  
e não vos falte nunca a proteção divina!

## **CORIFEU**

Escuta, então, senhor; tuas imprecações  
compelem-me a falar. Não fui o assassino,  
nem sei quem foi; cabia a Febo, deus-profeta,  
330 que nos mandou punir agora o criminoso,  
dizer-nos quem outrora cometeu o crime.

## **ÉDIPO**

São justas as tuas palavras, mas ninguém  
detém poder bastante para constranger  
os deuses a mudar os seus altos desígnios.

## **CORIFEU**

335 Veio-me à mente uma segunda ideia; exponho-a?

## **ÉDIPO**

Mesmo a terceira, se tiveres, quero ouvir.

## **CORIFEU**

Sei que Tirésias venerável é o profeta  
mais próximo de Febo; se lhe perguntares,  
dele ouviremos a revelação dos fatos.

## **ÉDIPO**

340 Não descurei desse recurso; aconselhado  
há pouco por Creonte, já mandei buscá-lo.  
Espanta-me que ainda não tenha chegado.

## **CORIFEU**

E quanto ao mais, só há rumores vãos, remotos.

## **ÉDIPO**

Quais os rumores? Quero conhecê-los todos.

## **CORIFEU**

345 Dizem que Laio foi morto por andarilhos.

## **ÉDIPO**

Também ouvi dizer, mas não há testemunhas.

## **CORIFEU**

Mas se o culpado for sensível ao temor,  
não há de resistir quando tiver ciência  
de tua dura, assustadora imprecação.

## **ÉDIPO**

350 Quem age sem receios não teme as palavras.

## **CORIFEU**

*Vendo TIRÉSIAS aproximar-se.*

Já vejo aproximar-se quem vai descobri-lo.  
Estão trazendo em nossa direção o vate  
guiado pelos deuses, único entre os homens  
que traz em sua mente a lúcida verdade.

*Entra TIRÉSIAS, idoso e cego, conduzido por um menino.*

## **1º EPISÓDIO, Cena 2**

[Édipo pede que Tirésias, com sua arte, aponte o criminoso. O profeta reluta e implora para ir embora. Édipo interpreta isso como uma afronta à cidade e, furioso, acusa-o de ter planejado o crime. Provocado, Tirésias devolve a acusação, responsabilizando Édipo pela morte. Segue-se um diálogo tenso e ríspido, carregado de ironias. O profeta declara que o rei, além de assassino, é incestuoso, e prevê sua derrocada naquele mesmo dia; Édipo afirma que ele é um charlatão, cúmplice de Creonte em um complô para destituí-lo do poder. Tirésias sai, mas antes revela toda a verdade, que, no entanto, não é passível de compreensão nem pelo rei nem pelos súditos. Édipo, tido como filho dos reis de Corinto, um estrangeiro em Tebas, não pode ser vinculado à casa de Laio.

(v.355-557)]

### **ÉDIPO**

355 Tu, que apreendes a realidade toda,  
Tirésias, tanto os fatos logo divulgados  
quanto os ocultos, e os sinais vindos do céu  
e os deste mundo (embora não consigas vê-los),  
sem dúvida conheces os terríveis males  
360 que afligem nossa terra; para defendê-la,  
para salvá-la, só nos resta a tua ajuda.  
Se ainda não ouviste de meus mensageiros,  
Apolo revelou ao meu primeiro arauto  
que só nos livraremos do atual flagelo  
365 se, descoberto o assassino do rei Laio,  
pudermos condená-lo à morte ou ao exílio.  
Nesta emergência então, Tirésias, não nos faltes,  
não nos recuses a revelação dos pássaros<sup>18</sup>  
nem os outros recursos de teus vaticínios;  
370 salva a cidade agora, salva-te a ti mesmo,  
salva-me a mim também, afasta de nós todos  
a maldição que ainda emana do rei morto!  
Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre  
de um homem é ser útil aos seus semelhantes  
375 até o limite máximo de suas forças.

## **TIRÉSIAS**

Pobre de mim! Como é terrível a sapiência  
quando quem sabe não consegue aproveitá-la!  
Passou por meu espírito essa reflexão  
mas descuidei-me, pois não deveria vir.

## **ÉDIPO**

380 Qual a razão dessa tristeza repentina?

## **TIRÉSIAS**

Manda-me embora! Assim suportarás melhor  
teu fado e eu o meu. Deixa-me convencer-te!

## **ÉDIPO**

Carecem de justiça tais palavras tuas  
e de benevolência em relação a esta terra  
385 que te nutriu, pois não quiseste responder.

## **TIRÉSIAS**

Em minha opinião a tua longa fala  
foi totalmente inoportuna para ti.  
Então, para que eu não incorra em erro igual...

*TIRÉSIAS faz menção de afastar-se.*

## **ÉDIPO**

Não, pelos deuses, já que sabes não te afastes!  
390 Eis-nos aqui à tua frente, ajoelhados  
em atitude súplice, toda a cidade!

## **TIRÉSIAS**

Pois todos vós sois insensatos. Quanto a mim,  
não me disponho a exacerbar meus próprios males;

para ser claro, não quero falar dos teus.

## **ÉDIPO**

395 Que dizes? Sabes a verdade e não a falas?  
Queres trair-nos e extinguir nossa cidade?

## **TIRÉSIAS**

Não quero males para mim nem para ti.  
Por que insistes na pergunta? É tudo inútil.  
De mim, por mais que faças nada saberás.

## **ÉDIPO**

400 Não falarás, então, pior dos homens maus,  
capaz de enfurecer um coração de pedra?  
Persistirás, inabalável, inflexível?

## **TIRÉSIAS**

Acusas-me de provocar a tua cólera?  
Não vês aquilo a que estás preso e me censuras?

## **ÉDIPO**

405 E quem resistiria à natural revolta  
ouvindo-te insultar assim nossa cidade?

## **TIRÉSIAS**

O que tiver de vir virá, embora eu cale.

## **ÉDIPO**

Mas tens de revelar-me agora o que há de vir!

## **TIRÉSIAS**

Nada mais digo; encoleriza-te, se queres;



410 cede à mais cega ira que couber em ti!

## **ÉDIPO**

Pois bem. Não dissimularei meus pensamentos,  
tão grande é minha cólera. Fica sabendo  
que em minha opinião articulaste o crime  
e até o consumaste! Apenas tua mão  
415 não o matou. E se enxergasses eu diria  
que foste o criminoso sem qualquer ajuda!

## **TIRÉSIAS**

Teu pensamento é este? Então escuta: mando  
que obedecendo à ordem por ti mesmo dada  
não mais dirijas a palavra a esta gente  
420 nem a mim mesmo, pois és um maldito aqui!

## **ÉDIPO**

Quanta insolência mostras ao falar assim!  
Não vês que aonde quer que vás serás punido?

## **TIRÉSIAS**

Sou livre; trago em mim a impávida verdade!

## **ÉDIPO**

De quem a recebeste? Foi de tua arte?

## **TIRÉSIAS**

425 De ti; forçaste-me a falar, malgrado meu.

## **ÉDIPO**

Que dizes? Fala novamente! Vamos! Fala!  
Não pude ainda compreender tuas palavras.

## **TIRÉSIAS**

Não percebeste logo? Queres que eu repita?

## **ÉDIPO**

Parece-me difícil entender-te. Fala!

## **TIRÉSIAS**

430 Pois ouve bem: és o assassino que procuras!

## **ÉDIPO**

Não me dirás palavras tão brutais de novo!

## **TIRÉSIAS**

Devo falar ainda para enfurecer-te?

## **ÉDIPO**

Prossegue, se quiseres. Falarás em vão!

## **TIRÉSIAS**

435 Apenas quero declarar que, sem saber,  
manténs as relações mais torpes e sacrílegas  
com a criatura que devias venerar,  
alheio à sordidez de tua própria vida!

## **ÉDIPO**

Crês que te deixarei continuar falando  
tão insolentemente sem castigo duro?

## **TIRÉSIAS**

440 Se ao lado da verdade há sempre força, creio.

## **ÉDIPO**

Pois há, exceto para ti. Em tua boca  
torna-se débil a verdade; tens fechados  
teus olhos, teus ouvidos e até mesmo o espírito!

## **TIRÉSIAS**

445 És um desventurado, dizendo impropérios  
que todos os tebanos dentro de algum tempo  
proferirão sinceramente contra ti.

## **ÉDIPO**

Tua existência é uma noite interminável.  
Jamais conseguirás fazer-me mal, Tirésias,  
nem aos demais que podem contemplar a luz!

## **TIRÉSIAS**

450 Nisto estás certo. Os fados não determinaram  
que minhas mãos te aniquilassem. Cuida Apolo  
de conduzir-te ao fim, e os deuses tudo podem.

## **ÉDIPO**

*Após alguns instantes de reflexão.*

São tuas estas invenções, ou de Creonte?

## **TIRÉSIAS**

455 Ele não é a causa de teus muitos males;  
tu mesmo os chamas sobre ti e mais ninguém.

## **ÉDIPO**

Bens deste mundo, e força, e superior talento,  
dons desta vida cheia de rivalidades,  
que imensa inveja provocais, preciosas dádivas!

Por causa do poder que Tebas me outorgou  
460 como um presente, sem um gesto meu de empenho,  
Creonte, em tempos idos amigo fiel,  
agora se insinua insidiosamente  
por trás de mim e anseia por aniquilar-me,  
levado por um feiticeiro, charlatão,  
465 conspirador que só tem olhos para o ouro  
e é cego em sua própria arte e em tudo mais!  
Pois dize! Quando foste um vate fidedigno?  
Por que silenciaste diante dos tebanos  
ansiosos por palavras esclarecedoras  
470 na época em que a Esfinge lhes propunha enigmas?  
E não seria de esperar que um forasteiro  
viesse interpretar os versos tenebrosos;  
o dom profético te credenciaria,  
mas não o possuías, como todos viram,  
475 nem por inspiração das aves, nem dos deuses.  
Pois eu cheguei, sem nada conhecer, eu, Édipo,  
e impus silêncio à Esfinge; veio a solução  
de minha mente e não das aves agoureiras.  
E tentas derrubar-me, exatamente a mim,  
480 na ânsia de chegar ao trono com Creonte!  
Creio que a purificação desta cidade  
há de custar-vos caro, a ti e ao teu comparsa!  
Não fosses tu um velho e logo aprenderias  
à força de suplícios que não deverias  
485 chegar assim a tais extremos de insolência!

## **CORIFEU**

Em nossa opinião a cólera inspirou  
tanto as palavras de Tirésias como as tuas,  
senhor. E não é disso que necessitamos,  
mas de serenidade para executar  
490 depressa e bem as ordens nítidas do deus.

## **TIRÉSIAS**

Embora sejas rei tenho direito, Édipo,

de responder-te, pois me julgo igual a ti.  
Ao menos isso eu posso. Não me considero  
teu servidor, mas de Loxias,<sup>19</sup> deus-profeta;  
495 tampouco estou na dependência de Creonte.  
Minha cegueira provocou injúrias tuas.  
Pois ouve: os olhos teus são bons e todavia  
não vês os males todos que te envolvem,  
nem onde moras, nem com que mulher te deitas.  
500 Sabes de quem nasceste? És odioso aos teus,  
aos mortos como aos vivos, e o açoite duplo  
da maldição de tua mãe e de teu pai  
há de expulsar-te um dia em vergonhosa fuga  
de nossa terra, a ti, que agora tudo vês  
505 mas brevemente enxergarás somente sombras!  
E todos os lugares hão de ouvir bem cedo  
os teus lamentos; logo o Citéron<sup>20</sup> inteiro  
responderá aos teus gemidos dolorosos  
quando afinal compreenderes em que núpcias  
510 vivias dentro desta casa, onde encontraste  
após viagem tão feliz um porto horrível.  
Também ignoras muitas outras desventuras  
que te reduzirão a justas proporções  
e te farão igual aos filhos que geraste.  
515 Sentir-te-ás um dia tão aniquilado  
como jamais homem algum foi neste mundo!

## **ÉDIPO**

Tolerarei tais impropérios vindos dele?  
Maldito sejas pelos deuses neste instante!  
Por que não te retiras já deste lugar?

## **TIRÉSIAS**

520 Eu não teria vindo aqui se não mandasses.

## **ÉDIPO**

É que eu não esperava ouvir tais disparates.

Se fosse previdente não me apressaria  
a convidar-te a vir até o meu palácio.

## **TIRÉSIAS**

525 Consideras-me louco mas para teus pais,  
que te puseram neste mundo, fui sensato.

## **ÉDIPO**

Que pais? Espera! Que homem me deu a vida?

## **TIRÉSIAS**

Verás num mesmo dia teu princípio e fim.

## **ÉDIPO**

Falaste vagamente e recorrendo a enigmas.

## **TIRÉSIAS**

Não és tão hábil para decifrar enigmas?

## **ÉDIPO**

530 Insultas-me no que me fez mais venturoso.

## **TIRÉSIAS**

Dessa ventura te há de vir a perdição.

## **ÉDIPO**

Mas eu salvei esta cidade: é quanto basta.

## **TIRÉSIAS**

*Dirigindo-se ao menino que o guiava.*

Então irei embora. Tu, menino, leva-me.

## ÉDIPO

Leve-te logo! Aqui me ofendes; longe, não.

## TIRÉSIAS

- 535 Já me retiro mas direi antes de ir,  
sem nada rezear, o que me trouxe aqui,  
pois teu poder não basta para destruir-me.  
Agora ouve: o homem que vens procurando  
entre ameaças e discursos incessantes
- 540 sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo,  
está aqui em Tebas e se faz passar  
por estrangeiro, mas todos verão bem cedo  
que ele nasceu aqui e essa revelação  
não há de lhe proporcionar prazer algum;
- 545 ele, que agora vê demais, ficará cego;  
ele, que agora é rico, pedirá esmolas  
e arrastará seus passos em terras de exílio,  
tateando o chão à sua frente com um bordão.  
Dentro de pouco tempo saberão que ele
- 550 ao mesmo tempo é irmão e pai dos muitos filhos  
com quem vive, filho e consorte da mulher  
de quem nasceu; e que ele fecundou a esposa  
do próprio pai depois de havê-lo assassinado!  
Vai e reflete sobre isso em teu palácio
- 555 e se me convenceres de que agora minto  
então terás direito de dizer bem alto  
que não há sapiência em minhas profecias!

*TIRÉSIAS retira-se guiado pelo menino. ÉDIPO volta ao palácio.*

### 1º ESTÁSIMO

[O Coro considera que a punição do assassino não tardará, já que essa parece ser a vontade dos deuses, anunciada por Apolo através de seu oráculo. Também revela sua perplexidade diante das acusações lançadas contra Édipo por Tirésias, mas, por maiores que sejam as dúvidas, termina por reafirmar sua confiança no rei, que até então provou-se sábio e devotado à cidade. (v.558-608)]

## CORO

Quem perpetrou com as mãos ensanguentadas  
indescritíveis, torpes atentados  
560 segundo a voz fatídica da pedra<sup>21</sup>  
de onde provém o oráculo de Delfos?  
Para o culpado já chegou a hora  
de iniciar súbita fuga igual  
à dos corcéis velozes como os ventos  
565 pois o filho de Zeus, divino Apolo,  
armado de relâmpagos ardentes  
lança-se contra ele juntamente  
com as infalíveis, as terríveis Fúrias.<sup>22</sup>  
No Parnaso coberto de alta neve<sup>23</sup>  
570 acaba de estrondar a ordem clara:  
que todos saiam em perseguição  
do criminoso até agora ignoto,  
errante pelas selvas e cavernas  
e rochas, ofegante como um touro.  
575 Seguindo a trilha adversa que o isola  
dos homens o infeliz tenta escapar  
aos rígidos oráculos oriundos  
do âmago da terra, mas em vão:  
eles, eternamente vivos, cercam-no.  
580 Terríveis, sim, terríveis são as dúvidas  
que o adivinho pôs em minha mente;  
não creio, não descreio, estou atônito.  
Adeja o meu espírito indeciso,  
perplexo entre o passado e o presente.  
585 Que controvérsia pode ter havido  
entre os labdácidas e o descendente  
de Pôlibo?<sup>24</sup> Nem nos tempos remotos  
nem hoje sou capaz de vislumbrar  
realidades que me deem provas  
590 contra a inteireza e a boa fama de Édipo  
e me decidam a tirar vingança  
de um assassínio ainda envolto em trevas  
optando pela causa dos labdácidas.  
Apolo e Zeus têm olhos para tudo.



- 595 Eles conhecem as ações dos homens  
mas um mortal, um simples adivinho,  
não pode convencer-me; é inaceitável,  
embora no saber um homem possa  
ultrapassar os outros muitas vezes.
- 600 Jamais, antes de ver ratificada  
a fala do adivinho, darei crédito  
à acusação lançada contra Édipo;  
sim, foi aos olhos dos tebanos todos  
que outrora a Esfinge veio contra ele
- 605 e todos viram que Édipo era sábio  
e houve razões para que fosse amado  
por nosso povo. Diante desses fatos  
jamais o acusarei de qualquer crime.

*Entra CREONTE agitado.*

## **2º EPISÓDIO, Cena 1**

[Creonte chega ao palácio para defender-se das acusações. Segue-se um debate acalorado, em que Édipo reafirma a existência de um complô entre Creonte e Tirésias em vista ao trono e Creonte alega, entre outras coisas, que não veria vantagem nessa conquista, pois ser o segundo em mando é melhor do que governar, já que se goza das benesses do poder sem o ônus que ele acarreta. Embora o Corifeu reconheça a sensatez no discurso de Creonte, Édipo mostra-se inflexível e ameaça-o com a morte, o que evidencia seu caráter colérico e autoritário. Jocasta sai do palácio e suplica que cessem a disputa, intervindo em favor do irmão. Também o Corifeu pede que Édipo não condene Creonte por suspeitas infundadas. É com relutância que o rei cede, mas deixando claro que não se convenceu da inocência do cunhado. Creonte afasta-se, prevendo que logo Édipo reconhecerá seu erro. (v.609-811)]

### **CREONTE**

- Fiquei sabendo, cidadãos, que nosso rei
- 610 lançava contra mim acusações terríveis;  
não me disponho a suportá-las; eis-me aqui.  
Se em nossos infortúnios de hoje ele imagina  
que em atos ou palavras lhe fiz injustiças,  
não quero prosseguir vivendo sob o peso

615 de tal imputação; o dano que me causa  
essa suspeita não é pouco, é mesmo enorme  
se na cidade, se por vós, por meus amigos,  
sou acusado de traição ao nosso rei.

## **CORIFEU**

620 Talvez aquela injúria tenha tido origem  
mais no arrebatamento que na reflexão.

## **CREONTE**

Como terá podido Édipo supor  
que a culpa é minha se o adivinho mentiu?

## **CORIFEU**

Ele falou assim, não sei pensando em quê.

## **CREONTE**

625 Estava firme o seu olhar, o ânimo firme  
quando ele me acusou dessa maneira insólita?

## **CORIFEU**

Não sei; não gosto de encarar os poderosos.

*Vendo ÉDIPO reaparecer, vindo do palácio.*

Mas ele próprio está saindo do palácio.

## **ÉDIPO**

*Dirigindo-se bruscamente a CREONTE.*

630 Que fazes, tu que estás aí? Ainda ousas  
chegar a mim, tu que seguramente queres  
tirar-me a vida e despojar-me do poder  
abertamente? Pois vejamos! Dize agora:

chegaste à conclusão de que sou um covarde  
ou insensato, para conceber projetos  
tão sórdidos? Acreditavas que eu não via  
635 tuas maquinações e não as puniria  
havendo-as descoberto? Dize, pelos deuses:  
não é conduta de demente cobiçar,  
sem bens e sem amigos, o poder sem par  
que vem do povo numeroso e da riqueza?

## **CREONTE**

640 Que podes esperar de mim falando assim?  
Deixa-me responder, pois sou igual a ti,  
e julga livremente após haver-me ouvido.

## **ÉDIPO**

És hábil em palavras; sinto-me inclinado  
a ouvir-te, embora sejas inimigo pérfido.

## **CREONTE**

645 Primeiro, quero refutar essas palavras.

## **ÉDIPO**

Primeiro, não me digas que não és culpado!

## **CREONTE**

Se crês que a intransigência cega é um bem, enganas-te.

## **ÉDIPO**

Se crês que a ofensa não será punida, iludes-te.

## **CREONTE**

650 Concordo com tuas palavras, mas revela-me  
o grande mal que em tua opinião te fiz!

## **ÉDIPO**

Persuadiste-me ou não me persuadiste  
a consultar o venerável adivinho?

## **CREONTE**

Ainda agora sou da mesma opinião.

## **ÉDIPO**

E quanto tempo já passou desde que Laio...

## **CREONTE**

655 Que fez o falecido rei? Não compreendo.

## **ÉDIPO**

...morreu, ferido pela mão de um assassino?

## **CREONTE**

Contar-se-ia uma sequência longa de anos.

## **ÉDIPO**

E já Tirésias nesse tempo era adivinho?

## **CREONTE**

Ele já era sábio e reverenciado.  
660 E ele aludiu então a mim alguma vez?

## **CREONTE**

Que eu saiba, nunca, ao menos em minha presença.

## **ÉDIPO**

Não te ocorreu mandar investigar o crime?

## **CREONTE**

Fizemo-lo, decerto, e nada descobrimos.

## **ÉDIPO**

Por que esse adivinho sábio nada disse?

## **CREONTE**

665 Não sei. Quando não compreendo, silencio.

## **ÉDIPO**

Mas não ignoras, e dirias de bom grado...

## **CREONTE**

Não calarei, se for de meu conhecimento.

## **ÉDIPO**

...que sem haver entendimento entre ele e ti  
jamais afirmaria ele que fui eu  
670 o causador da morte trágica de Laio.

## **CREONTE**

Sabes o que ele disse, mas eu também tenho  
direito de fazer-te agora umas perguntas.

## **ÉDIPO**

Pergunta! Não serei por isso o criminoso.

## **CREONTE**

Quem sabe?... Desposaste minha irmã Jocasta?

## **ÉDIPO**

675 Só posso responder afirmativamente.

## **CREONTE**

Partilhas o poder com ela em mando igual?

## **ÉDIPO**

Faço-lhe todas as vontades no governo.

## **CREONTE**

Depois de ti e dela não sou eu quem manda?

## **ÉDIPO**

É certo, e este fato agrava a tua culpa.

## **CREONTE**

680 Segue meu pensamento e mudarás de ideia.  
Medita, para começar, neste detalhe:  
crês que jamais homem algum preferiria  
o trono e seus perigos a tranquilo sono  
tendo poder idêntico sem arriscar-se?

685 Pois quanto a mim ambiciono muito menos  
a condição de rei que o mando nela implícito;  
pensam assim todos os homens comedidos  
em seus desejos. Sem me expor, obtenho agora  
tudo de ti; ou não? Porém se eu fosse rei

690 teria de ceder a muitas injunções.  
Por que motivo, então, me tentaria o trono  
mais que essa onipotência livre de percalços?  
Não sou ainda cego, a ponto de almejar  
mais que a influência e o proveito consequente.

695 Já sou por todos festejado, já me acolhem  
todos solícitos, e todos que precisam  
de ti primeiro me procuram; todos eles  
conseguem tudo por interferência minha.  
Como haveria eu, então, de desprezar

700 o que já tenho para obter o que insinuas?  
Seria tolo esse procedimento pérfido.  
O plano que imaginas não me atrairia  
e eu não o realizaria inda ajudado.  
Queres a prova? Sem demora vai a Delfos  
705 e informa-te se relatei fielmente o oráculo.  
Ainda vou mais longe: se me convenceres  
de haver-me conluiado com o velho adivinho  
merecerei dupla condenação à morte:  
a minha e a tua. Não me acuses com base  
710 em vagas, pálidas suspeitas sem me ouvir.  
Fere a justiça apelidar levianamente  
os bons de maus ou os maus de bons. E desprezar  
um amigo fidedigno, em minha opinião,  
é o mesmo que menosprezar a própria vida,  
715 o bem mais precioso. Com o passar dos anos  
seguramente reconhecerás tudo isso,  
pois só com o tempo se revela o homem justo;  
mas basta um dia para descobrir o pérfido.

## **CORIFEU**

720 Creio, senhor, que ele falou sensatamente,  
como quem faz esforços para não errar;  
quem julga afoitamente não é infalível.

## **ÉDIPO**

Se empregam afoiteza para derrubar-me  
insidiosamente, devo ser afoito  
ao defender-me; se eu não estiver atento  
725 os planos deles podem transformar-se em fatos  
e os meus fracassarão inevitavelmente.

## **CREONTE**

E que pretendes? Exilar-me desta terra?

## **ÉDIPO**

Desejo a tua morte, e não o teu exílio.

## **CREONTE**

Serias justo se provasses minha culpa.

## **ÉDIPO**

730 Comportas-te como se não devesse nunca ceder e obedecer ao detentor do mando.

## **CREONTE**

A retidão faz falta em tuas decisões.

## **ÉDIPO**

Quando se trata de meus interesses, não.

## **CREONTE**

O meu também mereceria igual cuidado.

## **ÉDIPO**

735 És mau, Creonte!

## **CREONTE**

Não queres compreender!

## **ÉDIPO**

Mas deves-me da mesma forma obediência!

## **CREONTE**

Se mandas mal, não devo.

## **ÉDIPO**



Meu povo! Meu povo!

## **CREONTE**

740 Também pertenço ao povo, que não é só teu!

## **CORIFEU**

*Vendo JOCASTA sair do palácio.*

Cessai, senhores, pois Jocasta vem saindo de seu palácio em boa hora para vós. Com a vinda dela creio que deveis pôr termo sem mais demora ao vosso desentendimento.

*Entra JOCASTA, vinda do palácio.*

## **JOCASTA**

745 Por que vos enfrentais nessa disputa estéril desventurados? Não pensais? E não corais, de pejo por alimentar vossas querelas em meio a tais calamidades para Tebas? Entra, Édipo, e tu, Creonte, volta ao lar.

750 Não deve uma frivolidade transformar-se em causa de aflição mais grave para vós.

## **CREONTE**

Parece justo ao teu esposo, minha irmã, tratar-me rudemente. Édipo quer que eu opte entre dois males: ou o exílio doloroso da terra de meus pais, ou vergonhosa morte.

## **ÉDIPO**

Confirmo. Tenho convicção, mulher, de que ele tramou a minha queda e quis realizá-la.

## **CREONTE**

Não tenha eu agora bem algum e morra  
maldito pelos deuses se de qualquer forma  
760 mereço essas acusações sem fundamento!

## **JOCASTA**

Em nome das augustas divindades, Édipo,  
suplico-te que creias nas palavras dele,  
primeiro pelo juramento recém-feito  
perante os deuses, e depois por reverência  
765 a mim e aos cidadãos presentes. Dá-lhe crédito!

## **CORIFEU**

Reflete, atenta bem, consente!  
Suplico-te, senhor! Consente!

## **ÉDIPO**

Em que desejas que eu consinta?

## **CORIFEU**

Concorda com Creonte; nunca  
770 ele foi insensato, e hoje  
chegou até o juramento!

## **ÉDIPO**

Sabes o que me estás pedindo?

## **CORIFEU**

Se peço é porque sei, senhor.

## **ÉDIPO**

Aclara, então, o que disseste.

## **CORIFEU**

775 Não deves acolher jamais  
rumores vagos, não provados,  
para fazer acusações  
desprimorosas ao amigo  
que tem suspensas maldições  
780 sobre a cabeça se mentir.

## **ÉDIPO**

Não deves ignorar, então,  
que pedes simultaneamente  
a minha morte e o meu exílio!

## **CORIFEU**

Não, pelo Sol, o deus mais alto!  
785 Que eu morra no pior suplício,  
abandonado pelos deuses,  
pelos amigos, se passou  
por minha mente esse propósito!  
Em meu constante sofrimento  
790 já tenho a alma lacerada  
por ver as chagas desta terra;  
aos muitos males que nos ferem  
agora vêm juntar-se novos!

## **ÉDIPO**

Pois viva ele em paz, então,  
795 ainda que por isso eu morra  
ou seja expulso desta terra  
envilecido; é tua prece,  
e não a dele, que me toca  
e excita minha piedade.  
800 Meu ódio há de segui-lo sempre!

## **CREONTE**

Vejo que cedes contrafeito  
mas te censurarás mais tarde,  
quando essa cólera passar.  
Temperamentos como o teu  
805 atraem sempre sofrimentos.

## ÉDIPO

Não vais então deixar-me em paz?  
Por que não abandonas Tebas?

## CREONTE

Sim, partirei, pois não quiseste  
compreender-me; sei, porém,  
810 que meus concidadãos presentes  
aprovam meu procedimento.

*Sai CREONTE.*

### 2º EPISÓDIO, Cena 2

[Jocasta fica em cena para, com o Corifeu, buscar o motivo do desentendimento. O Corifeu, diante da censura que Édipo lhe faz por apoiar a causa de Creonte, reafirma-lhe sua lealdade. Dá-se um diálogo em que Édipo explica a Jocasta as razões de sua desconfiança. Ao saber das alegações de Tirésias, ela diz ao marido que não crê nos adivinhos, já que anos antes um deles previra que seu filho com Laio viria a matar o pai. Para evitar que a profecia se cumprisse, Laio mandara abandonar a criança para morrer nas montanhas, e, anos mais tarde, a morte o alcançou pelas mãos de bandidos numa encruzilhada. O que deveria acalmar o rei o sobressalta, já que ele se recorda que matara um homem pouco antes de chegar a Tebas, numa encruzilhada da estrada. Ele viera de Delfos, onde ouvira do deus que mataria seu pai e desposaria sua mãe. Édipo suspeita então ser ele próprio o assassino procurado. Insiste para que Jocasta faça vir do campo a única testemunha da morte de Laio ainda viva, a fim de interrogá-la. Antes de se submeter às penas que ele próprio proclamou, resta uma esperança: se o pastor ratificar que Laio foi atacado por um bando e não por um único homem, então Édipo estaria inocentado. (v.812-1028)]

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se a JOCASTA, após o silêncio subsequente à saída de CREONTE.*

Por que tardas, senhora, a levar  
nosso rei de regresso ao palácio?

## **JOCASTA**

Fá-lo-ei quando ouvir teu relato.

## **CORIFEU**

815 Levantaram-se vagas suspeitas  
provocadas por simples palavras.  
A injustiça, bem sabes, ofende.

## **JOCASTA**

Tua fala refere-se aos dois?

## **CORIFEU**

Tanto a Édipo quanto a Creonte.

## **JOCASTA**

820 Que diziam os dois no debate?

## **CORIFEU**

Basta. Creio que basta ficarmos  
onde a rude querela cessou.  
Nossa terra já está muito aflita.

## **ÉDIPO**

*Que até então estivera absorto, em atitude de profunda meditação.*

825 Vês aonde chegaste, apesar  
de movido por boa intenção,

não querendo amparar minha causa  
e deixando abalar-se a afeição  
que deverias sentir por teu rei?

## **CORIFEU**

Muitas vezes te disse, senhor,  
830 que eu seria o maior dos estultos,  
criatura sem raciocínio,  
se algum dia pensasse em deixar-te,  
em faltar ao herói que sozinho  
libertou minha terra querida  
835 quando outrora a desgraça a extinguiu.  
Inda agora, se podes, meu rei,  
vem mostrar-te seu guia seguro!

## **JOCASTA**

Por que razão, senhor (dize-me pelos deuses),  
permites que essa cólera feroz te vença?

## **ÉDIPO**

840 Dir-te-ei, mulher, pois te honro mais que a essa gente:  
a causa foi Creonte com sua torpeza.

## **JOCASTA**

Prossegue, se és capaz de recordar ainda  
como a querela começou entre ele e ti.

## **ÉDIPO**

Ele me acusa, a mim, de ter matado Laio.

## **JOCASTA**

845 Foi por ciência própria ou por ouvir dizer?

## ÉDIPO

Seu porta-voz foi um malévolo adivinho;  
de sua própria boca nada nós ouvimos.

## JOCASTA

Não há razões, então, para inquietação;  
ouve-me atentamente e ficarás sabendo  
850 que o dom divinatório não foi concedido  
a nenhum dos mortais; em escassas palavras  
vou dar-te provas disso. Não direi que Febo,  
mas um de seus intérpretes, há muito tempo  
comunicou a Laio, por meio de oráculos,  
855 que um filho meu e dele o assassinaria;  
pois apesar desses oráculos notórios  
todos afirmam que assaltantes de outras terras  
mataram Laio há anos numa encruzilhada.  
Vivia nosso filho seu terceiro dia  
860 quando rei Laio lhe amarrou os tornozelos  
e o pôs em mãos de estranhos, que o lançaram logo  
em precipícios da montanha inacessível.  
Naquele tempo Apolo não realizou  
as predições: o filho único de Laio  
865 não se tornou o matador do próprio pai;  
não se concretizaram as apreensões do rei  
que tanto receava terminar seus dias  
golpeado pelo ser que lhe devia a vida.  
Falharam os oráculos; o próprio deus  
870 evidencia seus desígnios quando quer,  
sem recorrer a intérpretes, somente ele.

## ÉDIPO

*Após alguns instantes de silêncio, demonstrando preocupação.*

Minha alma encheu-se de temores e a aflição  
subiu-me à mente ouvindo-te falar, senhora...

## **JOCASTA**

Que ânsia te possui para dizeres isso?

## **ÉDIPO**

875 Terias dito há pouco que mataram Laio em uma encruzilhada. Ou foi engano meu?

## **JOCASTA**

Assim falaram e repetem desde então.

## **ÉDIPO**

E onde ocorreu o evento lamentável? Sabes?

## **JOCASTA**

880 A região chama-se Fócis; as estradas de Delfos e de Dáulia para lá convergem.

## **ÉDIPO**

Quando se deu o fato? Podes recordar-te?

## **JOCASTA**

Pouco antes de assumires o poder aqui.

## **ÉDIPO**

Zeus poderoso! Que fazes de mim agora?

## **JOCASTA**

Qual o motivo dessa inquietação, senhor?

## **ÉDIPO**

885 Não me interrogues. Antes quero que respondas:



Como era Laio e quantos anos tinha então?

## **JOCASTA**

Ele era alto; seus cabelos começavam a pratear-se. Laio tinha traços teus.

## **ÉDIPO**

890 Ai! Infeliz de mim! Começo a convencer-me de que lancei contra mim mesmo, sem saber, as maldições terríveis pronunciadas hoje!

## **JOCASTA**

Que dizes? Tenho medo de encarar-te, Édipo!

## **ÉDIPO**

895 É horrível! Temo que Tirésias, mesmo cego, tenha enxergado, mas ainda quero ouvir uma palavra tua para esclarecer-me.

## **JOCASTA**

Também estou inquieta mas responderei a todas as tuas perguntas. Faze-as, pois.

## **ÉDIPO**

900 Era pequena a escolta que seguia Laio, ou numerosa guarnição o protegia por se tratar de um homem poderoso, um rei?

## **JOCASTA**

Seus seguidores eram cinco ao todo; entre eles contava-se um arauto; um carro só levava-os.

## **ÉDIPO**

Ah! Deuses! Tudo agora é claro! Mas, quem foi que outrora te comunicou esses detalhes?

## **JOCASTA**

905 Um serviçal que se salvou, ao regressar.

## **ÉDIPO**

Inda se encontra no palácio esse criado?

## **JOCASTA**

Não. Ao voltar, vendo-te no lugar de Laio, tomou-me as mãos e suplicou-me que o mandasse aos campos para apascentar nossos rebanhos, 910 pois desejava estar bem longe da cidade. Fiz-lhe a vontade, pois o servo parecia merecedor de recompensa inda maior.

## **ÉDIPO**

Será possível tê-lo aqui em pouco tempo?

## **JOCASTA**

Seguramente; mas por que esse desejo?

## **ÉDIPO**

915 Temo, senhora, haver falado além da conta; por isso tenho pressa em vê-lo e interrogá-lo.

## **JOCASTA**

Ele virá mas creio merecer também uma palavra tua sobre teus receios.

## ÉDIPO

920 Não te recusarei, pois resta-me somente  
uma esperança. A quem senão a ti, senhora,  
eu falaria livremente nesse transe?

*Pausa.*

Meu pai é Pôlibo, coríntio, minha mãe,  
Mérope, dórica. Todos consideravam-me  
o cidadão mais importante de Corinto.  
925 Verificou-se um dia um fato inesperado,  
motivo de surpresa enorme para mim  
embora no momento não me preocupasse,  
dadas as circunstâncias e os participantes.  
Foi numa festa; um homem que bebeu demais  
930 embriagou-se e logo, sem qualquer motivo,  
pôs-se a insultar-me e me lançou o vitupério  
de ser filho adotivo. Depois revoltei-me;  
a custo me contive até findar o dia.  
Bem cedo, na manhã seguinte, procurei  
935 meu pai e minha mãe e quis interrogá-los.  
Ambos mostraram-se sentidos com o ultraje,  
mas inda assim o insulto sempre me doía;  
gravara-se profundamente em meu espírito.  
Sem o conhecimento de meus pais, um dia  
940 fui ao oráculo de Delfos mas Apolo  
não se dignou de desfazer as minhas dúvidas;  
anunciou-me claramente, todavia,  
maiores infortúnios, trágicos, terríveis;  
eu me uniria um dia à minha própria mãe  
945 e mostraria aos homens descendência impura  
depois de assassinar o pai que me deu vida.  
Diante dessas predições deixei Corinto  
guiando-me pelas estrelas, à procura  
de pouso bem distante, onde me exilaria  
950 e onde jamais se tornariam realidade  
– assim pensava eu – aquelas sordidezas  
prognosticadas pelo oráculo funesto.

Cheguei um dia em minha marcha ao tal lugar  
onde, segundo dizes, o rei pereceu.  
955 E a ti, mulher, direi toda a verdade agora.  
Seguia despreocupado a minha rota;  
quando me aproximei da encruzilhada tríplice  
vi um arauto à frente de um vistoso carro  
correndo em minha direção, em rumo inverso;  
960 no carro viajava um homem já maduro  
com a compleição do que me descreveste há pouco.  
O arauto e o próprio passageiro me empurraram  
com violência para fora do caminho.  
Eu, encolerizado, devolvi o golpe  
965 do arauto; o passageiro, ao ver-me reagir,  
aproveitou o momento em que me aproximei  
do carro e me atingiu com um dúplice agulhão,  
de cima para baixo, em cheio na cabeça.  
Como era de esperar, custou-lhe caro o feito:  
970 no mesmo instante, valendo-me de meu bordão  
com esta minha mão feri-o gravemente.  
Pendendo para o outro lado, ele caiu.  
E creio que também matei seus guardas todos.  
Se o viajante morto era de fato Laio,  
975 quem é mais infeliz que eu neste momento?  
Que homem poderia ser mais odiado  
pelos augustos deuses? Estrangeiro algum,  
concidadão algum teria o direito  
de receber-me em sua casa, de falar-me;  
980 todos deveriam repelir-me.  
E o que é pior, fui eu, não foi outro qualquer,  
quem pronunciou as maldições contra mim mesmo.  
Também maculo a esposa do finado rei  
ao estreitá-la nestes braços que o mataram!  
985 Não sou um miserável monstro de impureza?  
E terei de exilar-me e em minha vida errante  
não poderei jamais voltar a ver os meus  
nem pôr de novo os pés no chão de minha pátria,  
pois se o fizesse os fados me compeliriam  
990 a unir-me à minha mãe e matar o rei Pôlibo,  
meu pai, a quem eu devo a vida e tudo mais!

Não, não, augusta majestade de meus deuses!  
Fazei com que esse dia nunca, nunca chegue!  
Fazei com que se acabe a minha vida antes  
995 de essa vergonha imensa tombar sobre mim!

## **CORIFEU**

Tudo isso nos aterroriza, a nós também,  
senhor, mas sê esperançoso até que fale  
a testemunha e esclareça os fatos todos.

## **ÉDIPO**

É a única esperança que me resta, esse homem,  
1000 esse pastor, só ele, nada e mais ninguém!

## **JOCASTA**

Mas, que certeza a vinda dele pode dar-te?

## **ÉDIPO**

Dir-te-ei: se o seu relato coincidir com o teu,  
livrar-me-ei dessa iminente maldição.

## **JOCASTA**

A que relato meu, tão sério, te referes?

## **ÉDIPO**

1005 Ouvi de ti há pouco que, segundo ele,  
os assassinos foram vários assaltantes.  
Se ele vier e reiterar a afirmação,  
o criminoso não sou eu; somente um homem  
não equivale a vários. Mas, se ele falar  
1010 de um homem só, de apenas um, então, senhora,  
a imputação se aplicará a mim, sem dúvida.

## JOCASTA

Ele falou exatamente como eu disse  
e agora não irá mudar o seu relato.  
Toda a cidade pôde ouvi-lo, além de mim.

- 1015 Se, entretanto, ele afastar-se das palavras  
já divulgadas, inda assim não provará  
que o crime perpetrado contra Laio há tempo  
correspondeu à predição oracular,  
pois Febo declarou que ele terminaria  
1020 seus dias morto pelas mãos de um filho meu.  
Mas Laio não morreu golpeado por meu filho;  
meu pobre filho faleceu muito antes dele.  
Também, de hoje em diante não mais olharei  
à esquerda ou à direita em busca de presságios.<sup>25</sup>

## ÉDIPO

- 1025 E tens razão. Quanto ao escravo, manda alguém  
buscá-lo e não negligencies minhas ordens.

## JOCASTA

Tua vontade será feita sem demora.  
Nada faria contra teus desejos. Vamos.

*JOCASTA e ÉDIPO entram no palácio.*

## 2º ESTÁSIMO

[O Coro expressa em seu canto o desejo de viver piedosamente, conforme as leis divinas. censura a natureza desmedida do tirano, cujo orgulho está na origem de muitos males, levando-o, inclusive, ao sacrilégio, numa alusão às calúnias que Édipo lança contra Tirésias. Num verso emblemático e autorreferencial (v.1063-1064), o Coro põe em dúvida sua participação nos festivais caso a justiça dos deuses não se faça valer entre os homens. Também não há por que frequentar santuários e templos se as profecias não são dignas de crédito. Por fim, o Coro dirige a Zeus uma súplica para que ele se manifeste contra esse estado de coisas.

Os últimos versos esclarecem o motivo de tamanha indignação: a desconsideração com que Jocasta trata os profetas e os oráculos de Apolo.

## CORO

- Seja-me concedido pelos fados  
1030 compartilhar da própria santidade  
não só em todas as minhas palavras  
como em minhas ações, sem exceção,  
moldadas sempre nas sublimes leis  
originárias do alto céu divino.
- 1035 Somente o céu gerou as santas leis;  
não poderia a condição dos homens,  
simples mortais, falíveis, produzi-las.  
Jamais o oblívio as adormecerá;  
há um poderoso deus latente nelas,  
1040 eterno, imune ao perpassar do tempo.  
O orgulho é o alimento do tirano;<sup>26</sup>  
quando ele faz exagerada messe  
de abusos e temeridades fátuas  
inevitavelmente precipita-se  
1045 dos píncaros no abismo mais profundo  
de males de onde nunca mais sairá.  
A emulação, porém, pode ser útil  
se visa ao benefício da cidade;  
que a divindade a estimule sempre  
1050 e não me falte a sua proteção.  
Mas o homem que nos atos e palavras  
se deixa dominar por vão orgulho  
sem recear a obra da justiça  
e não cultua propriamente os deuses  
1055 está fadado a doloroso fim,  
vítima da arrogância criminosa  
que o induziu a desmedidos ganhos,  
a sacrilégios, à loucura máxima  
de profanar até as coisas santas.
- 1060 Quem poderá, então, vangloriar-se,  
onde tais atentados têm lugar,  
de pôr-se a salvo dos divinos dardos?  
Se crimes como esses são louvados,

por que cantamos os sagrados coros?<sup>27</sup>  
1065 Não mais irei ao centro sacrossanto  
do mundo reverenciar Apolo,  
nem ao muito falado templo de Abas,  
nem ao de Olímpia, se essas predições<sup>28</sup>  
não forem confirmadas pelos fatos,  
1070 de tal forma que se possa citá-las  
como um exemplo para os homens todos.  
Deus todo-poderoso, se mereces  
teu santo nome, soberano Zeus,  
demonstra que em tua glória imortal  
1075 não és indiferente a tudo isso!  
Desprezam os oráculos ditados  
a Laio, como se nada valessem;  
Apolo agora não é adorado  
com o esplendor antigo em parte alguma;  
1080 a reverência aos deuses já se extingue.

*Entra JOCASTA vinda do palácio, com criadas portando oferendas.*

### **3º EPISÓDIO**

[Como que atendendo ao conselho do Coro, Jocasta sai do palácio para reverenciar os deuses. Um mensageiro chega de Corinto com a notícia de que o rei Pôlibo morrera e que Édipo deve assumir o trono. Jocasta exulta com a notícia, que, a seu ver, atesta a falibilidade dos oráculos, já que Pôlibo não fora morto pelo filho conforme previsto em Delfos. Édipo sai do palácio e ouve do Mensageiro a notícia. De início une-se a Jocasta no desprezo aos oráculos, manifestando alívio de não ter sido causador da morte paterna. Em seguida, teme que venha ainda a se cumprir a segunda parte da profecia, a de que viria a unir-se a sua mãe. O Mensageiro, querendo acalmá-lo, revela que Édipo fora adotado pelos reis de Corinto: ele próprio o recebera das mãos de um pastor tebano, criado de Laio, e o levava para Corinto. Édipo descobre que o Pastor é o mesmo homem que, anos depois, testemunhara o assassinato de Laio, e então redobra os esforços para vê-lo e assim descobrir quem de fato é. Jocasta compreende a verdade: Édipo é a criança que ela tivera com Laio, as profecias se cumpriram. Ela tenta em vão impedi-lo de prosseguir o inquérito, mas Édipo julga que ela se envergonha de ter casado com alguém de baixa extração social. A rainha recolhe-se ao palácio. (v.1081-1280)]



## JOCASTA

Veio-me o pensamento, cidadãos ilustres,  
de dirigir-me aos deuses em seus santuários  
levando-lhes nas mãos coroas e perfumes.  
Sobem à mente de Édipo, como soubestes,  
1085 inquietações sem número e nosso senhor  
não interpreta, como fora razoável,  
as novas predições à luz das mais antigas;  
muito ao contrário, ele se curva a quem lhe fala,  
desde que lhe relatem fatos tenebrosos.  
1090 Se nada consegui com minhas advertências,  
volto-me para ti, divino Apolo Lício,  
que em teu altar estás mais próximo de nós,  
prostrada e súplice com minhas oferendas;  
peço-te que, purificando-nos da mácula,  
1095 possas trazer-nos afinal a salvação.  
Todos (por que negar?) sentimos medo hoje,  
iguais a nautas ao notarem que o piloto  
perde o domínio do timão e desespera.

*JOCASTA depõe as oferendas sobre o altar de Apolo e se prosterna diante dele, enquanto as criadas queimam incenso. Vendo o MENSAGEIRO chegar, JOCASTA junta-se ao CORO.*

## MENSAGEIRO

*Dirigindo-se aos anciãos do CORO.*

Pergunto-vos onde é o palácio do rei Édipo;  
1100 dissei-me, sobretudo, onde ele próprio está.

## CORIFEU

Vês o palácio dele; o rei está lá dentro;  
à tua frente está sua mulher e mãe  
dos filhos dele. Eis a resposta, forasteiro.

## MENSAGEIRO

*Dirigindo-se a JOCASTA.*

1105 Auguro-te felicidade para sempre  
entre gente feliz, perfeita companheira  
do homem que viemos procurar em Tebas.

## **JOCASTA**

Desejo-te ventura idêntica, estrangeiro,  
em retribuição aos votos generosos.  
Mas, dize ao que vieste e que mensagem trazes.

## **MENSAGEIRO**

1110 Notícias favoráveis para a tua casa,  
senhora, e para teu real esposo, Édipo.

## **JOCASTA**

De que se trata? De que terra estás chegando?

## **MENSAGEIRO**

1115 Vim de Corinto. Espero que minhas palavras  
hã de trazer-te algum prazer – seguramente  
elas trarão – mas podem também afligir-te.

## **JOCASTA**

Quais são essas palavras de eficácia ambígua?

## **MENSAGEIRO**

Os habitantes todos de Corinto querem  
fazer de Édipo seu rei, segundo afirmam.

## **JOCASTA**

O quê? Já não detém o mando o velho Pôlibo?

## **MENSAGEIRO**

1120 Não mais; a morte acaba de levá-lo ao túmulo.

## **JOCASTA**

Estou ouvindo bem? Rei Pôlibo morreu?

## **MENSAGEIRO**

Quero também morrer se não digo a verdade!

## **JOCASTA**

*Dirigindo-se a uma de suas criadas.*

Corre, mulher! Vai sem demora anunciar  
o fato ao teu senhor! Oráculos dos deuses!

1125 A que ficastes reduzidos neste instante!  
Rei Édipo exilou-se apenas por temor  
de destruir um dia a vida desse homem  
agora morto pelos fados, não por ele!

*Entra ÉDIPO.*

## **ÉDIPO**

1130 Cara mulher, Jocasta, por que me fizeste  
sair de meu palácio para vir aqui?

## **JOCASTA**

Ouve a mensagem deste forasteiro e vê  
aonde levam os oráculos dos deuses.

## **ÉDIPO**

Quem é este homem? Que vem ele anunciar-me?

## **JOCASTA**

É de Corinto. Vem comunicar que Pôlibo,  
1135 teu pai, já não existe; acaba de morrer.

## **ÉDIPO**

Que dizes, estrangeiro? Fala-me tu mesmo!

## **MENSAGEIRO**

Se assim desejas, falo: Pôlibo morreu.

## **ÉDIPO**

Por traição, ou foi de morte natural?

## **MENSAGEIRO**

Os males mais ligeiros matam gente idosa.

## **ÉDIPO**

1140 O infeliz foi vítima de uma doença?

## **MENSAGEIRO**

Foi, e dos muitos anos que ele viu passarem.

## **ÉDIPO**

Por que, mulher, devemos dar tanta atenção  
ao fogo divinal da profetisa pítica  
ou, mais ainda, aos pios das etéreas aves?

1145 Segundo antigas predições eu deveria  
matar meu próprio pai; agora ele repousa  
debaixo da pesada terra e quanto a mim  
não pus as mãos ultimamente em qualquer arma.

*Ironicamente.*

(Ele foi vítima, talvez, da grande mágoa

1150 que minha ausência lhe causou; somente assim  
eu poderia motivar a sua morte...)  
De qualquer forma Pôlibo pertence agora  
ao reino de Hades e também levou com ele  
as tristes profecias. Não, esses oráculos  
1155 carecem todos de qualquer significado.

## **JOCASTA**

Há quanto tempo venho usando essas palavras?

## **ÉDIPO**

Dou-te razão, mas o temor desatinava-me.

## **JOCASTA**

Pois não lhes dê mais atenção de hoje em diante.

## **ÉDIPO**

Não deveria amedrontrar-me a perspectiva  
1160 de partilhar o tálamo de minha mãe?

## **JOCASTA**

O medo em tempo algum é proveitoso ao homem.  
O acaso cego é seu senhor inevitável  
e ele não tem sequer pressentimento claro  
de coisa alguma; é mais sensato abandonarmo-nos  
1165 até onde podemos à fortuna instável.

Não deve amedrontrar-te, então, o pensamento  
dessa união com tua mãe; muitos mortais  
em sonhos já subiram ao leito materno.  
Vive melhor quem não se prende a tais receios.

## **ÉDIPO**

1170 Seria válida tua argumentação  
se minha mãe já fosse morta, mas é viva,

e embora julgue justas as tuas palavras  
não tenho meios de evitar esse temor.

## **JOCASTA**

De qualquer modo é grande alívio para ti  
1175 saber que Pôlibo, teu pai, está no túmulo.

## **ÉDIPO**

Concordo, mas receio aquela que está viva.

## **MENSAGEIRO**

*Que durante o diálogo de JOCASTA com ÉDIPO tentara intrometer-se.*

E que mulher é causa desse teu receio?

## **ÉDIPO**

Falo de Mérope, viúva do rei Pôlibo.

## **MENSAGEIRO**

Ela é capaz de motivar os teus temores?

## **ÉDIPO**

1180 Há um oráculo terrível, estrangeiro...

## **MENSAGEIRO**

Podes expô-lo, ou é defeso a um estranho?

## **ÉDIPO**

Vais conhecê-lo: disse Apolo que eu teria  
de unir-me à minha própria mãe e derramar  
com estas minhas mãos o sangue de meu pai.

1185 Eis a razão por que há numerosos anos

vivo afastado de Corinto, embora saiba  
que é doce ao filho o reencontro com seus pais.

## **MENSAGEIRO**

Deve-se o teu exílio, então, a tais receios?

## **ÉDIPO**

Eu não queria assassinar meu velho pai.

## **MENSAGEIRO**

1190 Por que ainda não te livrei desses temores,  
senhor, se vim movido por bons sentimentos?

## **ÉDIPO**

Se for assim terás de mim o justo prêmio.

## **MENSAGEIRO**

Estou aqui, sem dúvida, com a intenção  
de beneficiar-me quando regressares...

## **ÉDIPO**

1195 Não voltarei a aproximar-me de meus pais!

## **MENSAGEIRO**

Não sabes o que fazes, filho; bem se vê...

## **ÉDIPO**

Como, ancião? Desfaze minhas muitas dúvidas!

## **MENSAGEIRO**

...se essas razões ainda te afastam de Corinto.

## **ÉDIPO**

Temo que Febo se revele um deus exato.

## **MENSAGEIRO**

1200 Inda receias a união com tua mãe?

## **ÉDIPO**

Exatamente, ancião; eis meu temor de sempre.

## **MENSAGEIRO**

Sabes que nada justifica os teus receios?

## **ÉDIPO**

Mas, como não temer se nasci deles dois?

## **MENSAGEIRO**

Pois ouve bem: não é de Pôlibo o teu sangue!

## **ÉDIPO**

1205 Que dizes? Pôlibo não é então meu pai?

## **MENSAGEIRO**

Tanto quanto o homem que te fala, e nada mais.

## **ÉDIPO**

Nada és para mim e és igual ao meu pai?

## **MENSAGEIRO**

Ele não te gerou, e muito menos eu.



## **ÉDIPO**

Por que, então, ele chamava-me de filho?

## **MENSAGEIRO**

1210 O rei te recebeu, senhor, recém-nascido  
– escuta bem –, de minhas mãos como um presente.

## **ÉDIPO**

E ele me amava tanto, a mim, que lhe viera  
de mãos estranhas? É plausível esse afeto?

## **MENSAGEIRO**

Levou-o a isso o fato de não ter um filho.

## **ÉDIPO**

1215 E antes de dar-me a ele havias-me comprado,  
ou por acaso me encontraste abandonado?

## **MENSAGEIRO**

Achei-te lá no Citéron, num vale escuro.

## **ÉDIPO**

Por que motivos percorrias tais lugares?

## **MENSAGEIRO**

Levava meu rebanho ao pasto, nas montanhas.

## **ÉDIPO**

1220 Eras pastor, então, a soldo de um senhor?

## **MENSAGEIRO**

Era, mas te salvei naquele tempo, filho.

## **ÉDIPO**

E como estava eu quando me descobriste?

## **MENSAGEIRO**

Lembro-me bem de teu estado deplorável;  
teus tornozelos inda testemunham isso.

## **ÉDIPO**

1225 Fazes-me recordar antigas desventuras!...

## **MENSAGEIRO**

Desamarrei teus tornozelos traspassados...

## **ÉDIPO**

Segue-me esse defeito horrível desde a infância.

## **MENSAGEIRO**

Teu próprio nome te relembra esse infortúnio.<sup>29</sup>

## **ÉDIPO**

Sabes se o devo à minha mãe ou ao meu pai?

## **MENSAGEIRO**

1230 Não sei. Quem te entregou a mim deve saber.

## **ÉDIPO**

Não me encontraste então tu mesmo, forasteiro?

## **MENSAGEIRO**

Não, meu senhor; trouxe-te a mim outro pastor.

## **ÉDIPO**

Quem era ele? Podes identificá-lo?

## **MENSAGEIRO**

Ele era tido como servidor de Laio.

## **ÉDIPO**

1235 Do antigo rei deste país, queres dizer?

## **MENSAGEIRO**

Exato; era pastor do rei que mencionaste.

## **ÉDIPO**

Esse pastor inda está vivo? Posso vê-lo?

## **MENSAGEIRO**

*Dirigindo-se aos anciãos do CORO.*

Sois do país. Deveis saber melhor que eu.

## **ÉDIPO**

*Dirigindo-se aos mesmos.*

Algum de vós sabe quem é esse pastor?

1240 Algum de vós o viu no campo ou na cidade?  
Quem sabe? Eis o momento de aclarar-se tudo.

## **CORIFEU**

Trata-se justamente – creio – do pastor  
que há pouco desejavas ver; Jocasta pode  
esclarecer como ninguém essa questão.

## **ÉDIPO**

*Dirigindo-se a JOCASTA, que acompanhava o diálogo com visível agitação.*

1245 Pensas, mulher, que o homem que mandei buscar há pouco é o mencionado pelo forasteiro?

## **JOCASTA**

*Agitada.*

A quem aludes? Como? Não penses mais nisto!...  
Afasta da memória essas palavras fúteis.

## **ÉDIPO**

1250 Seria inadmissível que, com tais indícios, eu não trouxesse à luz agora a minha origem.

## **JOCASTA**

Peço-te pelos deuses! Se inda te interessas por tua vida, livra-te dessas ideias!

*À parte.*

Já é demasiada a minha própria angústia!

## **ÉDIPO**

1255 Mesmo se for provado que sou descendente de tripla geração de escravos, nem por isso, mulher, irás sofrer qualquer humilhação.

## **JOCASTA**

Nada me importa! Escuta-me! Por favor: para!

## **ÉDIPO**

Malgrado teu, decifrarei esse mistério.

## **JOCASTA**

1260 Move-me apenas, Édipo, teu interesse,  
e dou-te o mais conveniente dos conselhos!

## **ÉDIPO**

Admito, mas esse conselho me desgosta.

## **JOCASTA**

Ah! Infeliz! Nunca, jamais saibas quem és!

## **ÉDIPO**

Ninguém trará até aqui esse pastor?

*Um escravo sai correndo para procurar o pastor. ÉDIPO dirige-se ao MENSAGEIRO e aos anciãos do CORO.*

1265 Não vos preocupeis com a senhora; orgulha-se  
de seus antepassados nobres e opulentos.

## **JOCASTA**

Ai de mim! Ai de mim! Infeliz! Eis o nome  
que hoje mereces! Nunca mais ouvirás outro!

*JOCASTA retira-se precipitadamente em direção ao palácio.*

## **CORIFEU**

1270 Por que tua mulher se retirou, senhor,  
arreatada por um desespero insano?  
Não seja seu silêncio aceno de desgraças!

## **ÉDIPO**

Irrompa o que tiver de vir, mas minha origem,  
humilde como for, insisto em conhecê-la!  
Ela, vaidosa como são sempre as mulheres,  
talvez tenha vergonha de minha ascendência  
1275 obscura, mas eu sinto orgulho de ser filho  
da Sorte benfazeja e isso não me ofende.<sup>30</sup>  
Eis minha mãe; nesta existência já provei  
o anonimato e agora vivo em culminâncias.  
Eis minha origem, nada poderá mudá-la.  
1280 Não há razões para deixar de esclarecê-la.

### 3º ESTÁSIMO

[O Coro compartilha da alegre expectativa de Édipo acerca de sua origem, especulando se não seria ele o fruto dos amores de algum deus que sobrevivera graças aos cuidados das ninfas das montanhas. (v.1281-1301)]

## CORO

Se minha inspiração é verdadeira  
e tenho a mente alerta neste instante,  
não, Citéron, não, pelo Olimpo<sup>31</sup> santo,  
não deixarás de ver no plenilúneo  
1285 nossa homenagem por haveres sido  
o abrigo e o sustento do rei Édipo  
entregue aos teus cuidados maternais.  
Iremos festejar-te e dançaremos  
no chão que alimentou nosso senhor.  
1290 Sê-nos propício, Febo protetor!  
Quem te gerou, meu filho, e te criou  
entre as donzelas de anos incontáveis,<sup>32</sup>  
após haver-se unido a Pan,<sup>33</sup> teu pai,  
errante nas montanhas, ou depois  
1295 de um amoroso amplexo de Loxias?  
Ele ama todas as planuras rústicas.  
Hermes também, que reina no Cileno<sup>34</sup>  
onde o divino Baco é morador  
nos altos montes, te acolheu um dia,  
1300 rebento de uma ninfa do Helicon,<sup>35</sup>  
seu entretenimento preferido.

*Vê-se à distância, aproximando-se, o velho PASTOR de Laio, entre serviços de ÉDIPO.*

#### 4º EPISÓDIO

[O Pastor é conduzido a contragosto à presença de Édipo, que o interroga com a ajuda do Mensageiro coríntio. Relutante, sob ameaça de tortura, o escravo termina por revelar que recebera a criança das mãos de Jocasta e que, por piedade, a entregara para seu colega criar longe de Tebas, em Corinto. Horrorizado, Édipo elucida por fim o mistério de sua identidade e jura não mais contemplar a luz do sol. (v.1302-1392)]

### ÉDIPO

Se é lícito conjecturar, anciãos tebanos,  
sobre um mortal que vejo pela vez primeira,  
eis o pastor cuja presença desejávamos.

1305 Sua velhice extrema o assemelha muito  
a este mensageiro. Além de outros indícios,  
creio reconhecer em seus acompanhantes  
os serviços que a mando meu foram buscá-lo.

*Dirigindo-se ao CORIFEU.*

1310 Mas tu, que anteriormente viste este pastor,  
por certo tens opinião melhor a dar.

### CORIFEU

Posso reconhecê-lo, se queres saber;  
ele servia a Laio e lhe era mais fiel,  
como pastor, que todos os demais campônios.

### ÉDIPO

Dize-me agora, forasteiro de Corinto:  
1315 é este mesmo o homem de quem nos falaste?

### MENSAGEIRO

É ele; aqui o tens diante de teus olhos.

## **ÉDIPO**

*Dirigindo-se ao PASTOR recém-chegado.*

Olha-me bem, ancião; responde a umas perguntas que te farei: serviste antigamente a Laio?

## **PASTOR**

Eu era seu escravo; ele não me comprou;  
1320 desde pequeno fui criado em casa dele.

## **ÉDIPO**

Como vivias? Que fazias para Laio?

## **PASTOR**

Segui durante toda a vida seus rebanhos.

## **ÉDIPO**

Em que lugares demoravas por mais tempo?

## **PASTOR**

No Citéron, às vezes; outras vezes, perto.

## **ÉDIPO**

*Indicando o MENSAGEIRO.*

1325 Podes dizer se te recordas deste homem?

## **PASTOR**

Qual era o seu ofício? Mostra-me o tal homem.

## **ÉDIPO**

É este aqui. Já o encontraste alguma vez?



## **PASTOR**

Não posso responder de súbito... Não lembro...

## **MENSAGEIRO**

Não é surpreendente a sua hesitação;  
1330 ele esqueceu, mas vou reavivar depressa  
sua memória. É certo que nos conhecemos  
no monte Citéron; seu rebanho era duplo,  
o meu era um só e éramos vizinhos;  
durou três anos essa nossa convivência  
1335 da primavera até o outono. Vindo o inverno  
eu regressava com o rebanho aos meus estábulos  
e ele trazia as muitas reses do rei Laio  
aos seus currais. Não era assim? Agora lembras?

## **PASTOR**

É bem verdade, mas passaram tantos anos...

## **MENSAGEIRO**

1340 Vamos adiante. Lembras-te de que me deste  
uma criança um dia para eu tratar  
como se fosse um filho meu? Ou esqueceste?

## **PASTOR**

Não ouvi bem. Qual a razão dessa pergunta?

## **MENSAGEIRO**

*Indicando ÉDIPO.*

Aqui está a frágil criancinha, amigo.

## **PASTOR**

1345 Queres a tua perdição? Não calarás?

## **ÉDIPO**

Não deves irritar-te, ancião; tuas palavras,  
não as deste estrangeiro, podem agastar-nos.

## **PASTOR**

Que falta cometi, meu amo generoso?

## **ÉDIPO**

Não respondeste à indagação sobre a criança.

## **PASTOR**

1350 Esse homem fala sem saber; perde seu tempo.

## **ÉDIPO**

Preferes responder por bem ou constrangido?

## **PASTOR**

Não deves maltratar um velho! Tem piedade!

## **ÉDIPO**

Não vamos amarrar-lhe logo as mãos às costas?

## **PASTOR**

Sou mesmo um desgraçado! Qual a tua dúvida?

## **ÉDIPO**

1355 Levaste-lhe a criança a que ele se refere?

## **PASTOR**

Levei. Ah! Por que não morri naquele dia?

**ÉDIPO**

É o que te espera agora se silenciares.

**PASTOR**

Será pior ainda se eu falar, senhor!

**ÉDIPO**

Estás emaranhando-te em rodeios vãos.

**PASTOR**

1360 Não, meu senhor! Entreguei-lhe o recém-nascido.

**ÉDIPO**

De quem o recebeste? Ele era teu, ou de outrem?

**PASTOR**

Não era meu; recebi-o das mãos de alguém...

**ÉDIPO**

Das mãos de gente desta terra? De que casa?

**PASTOR**

Não, pelos deuses, rei! Não me interrogues mais!

**ÉDIPO**

1365 Serás um homem morto se não responderes!

**PASTOR**

Ele nascera... no palácio do rei Laio!

## **ÉDIPO**

Simples escravo, ou então... filho do próprio rei?

## **PASTOR**

Quanta tristeza! É doloroso de falar!

## **ÉDIPO**

Mais doloroso de escutar, mas não te negues.

## **PASTOR**

1370 Seria filho dele, mas tua mulher  
que deve estar lá dentro sabe muito bem  
a origem da criança e pode esclarecer-nos.

## **ÉDIPO**

Foi ela mesma a portadora da criança?

## **PASTOR**

Sim, meu senhor; foi Jocasta, com as próprias mãos.

## **ÉDIPO**

1375 Por que teria ela agido desse modo?

## **PASTOR**

Mandou-me exterminar a tenra criancinha.

## **ÉDIPO**

Sendo ela a própria mãe? Não te parece incrível?

## **PASTOR**

Tinha receios de uns oráculos funestos.

## **ÉDIPO**

E quais seriam os oráculos? Tu sabes?

## **PASTOR**

1380 Diziam que o menino mataria o pai.

## **ÉDIPO**

*Indicando o MENSAGEIRO.*

Por que deste o recém-nascido a este ancião?

## **PASTOR**

Por piedade, meu senhor; pensei, então,  
que ele o conduziria a um lugar distante  
de onde era originário; para nosso mal  
1385 ele salvou-lhe a vida. Se és quem ele diz,  
julgo-te o mais infeliz dos mortais!

## **ÉDIPO**

*Transtornado.*

Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se!  
Ah! Luz do sol. Queiram os deuses que esta seja  
a derradeira vez que te contemplo! Hoje  
1390 tornou-se claro a todos que eu não poderia  
nascer de quem nasci, nem viver com quem vivo  
e, mais ainda, assassinei quem não devia!

*ÉDIPO sai correndo em direção ao palácio. O MENSAGEIRO sai por um lado, o PASTOR por outro.*

## **4º ESTÁSIMO**

[O Coro apresenta o destino de Édipo como exemplar e conclui que nenhum homem pode postular a felicidade nesta vida. Ao recapitular a trajetória de seu rei – que derrotou a Esfinge e salvou a cidade, conquistando a admiração de

todos, mas que em um único dia foi reduzido à mais mísera condição –, o Coro lamenta sua sorte. (v.1393-1445)]

## **CORO**

*Lento e triste.*

Vossa existência, frágeis mortais,  
é aos meus olhos menos que nada.  
1395 Felicidade só conheceis  
imaginada; vossa ilusão  
logo é seguida pela desdita.  
Com teu destino por paradigma,  
desventurado, mísero Édipo,  
1400 julgo impossível que nesta vida  
qualquer dos homens seja feliz!  
Ele atirava flechas mais longe  
que os outros homens e conquistou  
(assim pensava, Zeus poderoso)  
1405 incomparável felicidade.  
Fez mais ainda, pois conseguiu  
matar a virgem misteriosa  
de garras curvas e enigmas bárbaros.  
Quando ele veio de longes terras  
1410 sua presença foi para nós  
aqui em Tebas um baluarte;  
graças a ele sobrevivemos.  
Desde esse tempo, Édipo heroico,  
nós te chamamos de nosso rei  
1415 e nos curvamos diante de ti,  
senhor supremo da grande Tebas.  
E existe hoje qualquer mortal  
cuja desdita seja maior?  
Quem foi ferido por um flagelo  
1420 e um sofrimento mais violentos?  
Quem teve a vida tão transtornada?  
Édipo ilustre, muito querido!  
Tu és o filho que atravessou  
a mesma porta por onde antes

1425 teu pai entrara; nela te abrigas  
num matrimônio jamais pensado!  
Como puderam, rei meu senhor,  
as sementeiras do rei teu pai  
dar-te acolhida, silenciosas,  
1430 por tanto tempo? Como, infeliz?  
O tempo eterno, que tudo vê,  
mostrou um dia, malgrado teu,  
as tuas núpcias abomináveis  
que já duravam de longa data  
1435 e te fizeram pai com a mulher  
de quem és filho, com tua mãe!  
Filho de Laio: prouvera aos céus  
que estes meus olhos nunca, jamais  
te houvessem visto! Ah! Por que viram?  
1440 Gemo e soluço. Dos lábios meus  
só saem gritos, gritos de dor!  
E todavia graças a ti  
foi-nos possível cerrar os olhos  
aliviados e respirar  
1445 tranquilamente por muito tempo.

*Entra um CRIADO vindo do palácio, com uma expressão de assombro.*

### **ÊXODO, Cena 1**

[Um criado vem do palácio para transmitir notícias terríveis: Jocasta, lamentando seu destino, suicidara-se; Édipo, transtornado, furara os próprios olhos com um broche que prendia as roupas da rainha. Além disso, anunciara a intenção de cumprir seu édito e partir para o exílio. (v.1446-1536)]

### **CRIADO**

Varões ilustres desta terra, sempre honrados,  
que fatos ouvireis, que dores sentireis,  
que luto vos aguarda como cidadãos  
inda fiéis à gente e à casa dos labdácidas!  
1450 Nem mesmo as águas do Istros e do Fásis juntas<sup>36</sup>  
agora purificariam esta casa,  
tão grandes são os males que ela hoje encobre!

Logo ela vai expor à luz outras desgraças,  
conscientes desta vez, e não involuntárias;  
1455 os sofrimentos são inda maiores quando  
autor e vítima são uma só pessoa.

## **CORIFEU**

Gemíamos sentidamente pelos fatos  
já conhecidos; vais contar-nos novos males?

## **CRIADO**

Direi depressa e ouvireis também depressa:  
1460 Jocasta não existe mais, nossa rainha!

## **CORIFEU**

Ah! Infeliz Jocasta! E como foi a morte?

## **CRIADO**

Com as próprias mãos ela deu fim à existência.  
Talvez fosse melhor poupar-vos dos detalhes  
mais dolorosos, pois os fatos lastimáveis  
1465 não se desenrolaram em vossa presença.  
Contudo sabereis o que sofreu Jocasta,  
até onde eu puder forçar minha memória.  
Quando a infeliz transpôs a porta do seu quarto  
lançou-se como louca ao leito nupcial;  
1470 com as duas mãos ela arrancava seus cabelos.  
Depois fechou as portas violentamente,  
chamando aos gritos Laio há tanto tempo morto,  
gritando pelo filho que trouxera ao mundo  
para matar o pai e que a destinaria  
1475 a ser a mãe de filhos de seu próprio filho,  
se merecessem esse nome. Lamentava-se  
no leito mesmo onde ela havia dado à luz  
– dizia a infeliz – em dupla geração  
aquele esposo tido de seu próprio esposo



1480 e os outros filhos tidos de seu próprio filho!  
Como em seguida ela morreu, não sei contar.  
Aos gritos Édipo ocorreu, mas também ele  
não pôde presenciar a morte da rainha.  
Os nossos olhos não se despregavam dele  
1485 correndo como um louco em todos os sentidos,  
pedindo em altos brados que um de nós lhe desse  
logo um punhal, gritando-nos que lhe disséssemos  
onde se achava sua esposa (esposa não,  
mas a mulher de cujo seio maternal  
1490 saíram ele próprio e todos os seus filhos).  
Em seu furor não sei que deus fê-lo encontrá-la  
(não foi nenhum de nós que estávamos por perto).  
Então, depois de dar um grito horripilante,  
como se alguém o conduzisse ele atirou-se  
1495 de encontro à dupla porta: fez girar os gonzos,  
e se precipitou no interior da alcova.  
Pudemos ver, pendente de uma corda, a esposa;  
o laço retorcido ainda a estrangulava.  
Ao contemplar o quadro, entre urros horrorosos  
1500 o desditoso rei desfez depressa o laço  
que a suspendia; a infeliz caiu por terra.  
Vimos, então, coisas terríveis. De repente  
o rei tirou das roupas dela uns broches de ouro  
que as adornavam, segurou-os firmemente  
1505 e sem vacilação furou os próprios olhos,  
gritando que eles não seriam testemunhas  
nem de seus infortúnios nem de seus pecados:  
“nas sombras em que viverei de agora em diante”,  
dizia ele, “já não reconhecerei  
1510 aqueles que não quero mais reconhecer!”  
Vociferando alucinado, ainda erguia  
as pálpebras e desferia novos golpes.  
O sangue que descia em jatos de seus olhos  
molhava toda a sua face, até a barba;  
1515 não eram simples gotas, mas uma torrente,  
sanguinolenta chuva em jorros incessantes.  
São ele e ela os causadores desses males,  
e os infortúnios do marido e da mulher

estão inseparavelmente entrelaçados.  
1520 Ambos provaram antes a felicidade,  
herança antiga; hoje lhes restam só gemidos,  
vergonha, maldição e morte, ou, em resumo,  
todos os males, todos, sem faltar um só!

## **CORIFEU**

E agora o desditoso rei está mais calmo?

## **CRIADO**

1525 Ele esbraveja e manda que abram o palácio  
e mostrem aos tebanos logo o parricida,  
o filho cuja mãe... não posso repetir  
suas sacrílegas palavras; ele fala  
em exilar-se e afirma que não ficará  
1530 neste palácio, vítima das maldições  
por ele mesmo proferidas. Deveremos  
levar-lhe apoio, dar-lhe um guia, pois seu mal  
é muito grande para que ele o sofra só.  
Logo ele vai aparecer. As portas abrem-se.  
1535 Vereis um espetáculo que excitaria  
piedade até num inimigo sem entranhas!

*Aparece ÉDIPO, com os olhos perfurados, vindo do palácio.*

## **ÊXODO, Cena 2**

[As portas do palácio se abrem e revelam Édipo. O impacto dessa aparição é imenso sobre o Corifeu, que passa a lastimar sua sorte. Édipo reconhece-lhe a amizade e, em meio a lamentos, anuncia sua partida. (v.1537-1676)]

## **CORIFEU**

Ah! Sofrimento horrível para os olhos,  
o mais horrível de todos que vi!  
Ah! Que loucura, infelizmente Édipo,  
1540 tombou neste momento sobre ti?  
Que divindade consumou agora

teu trágico destino inelutável,  
prostrando-te com males que ultrapassam  
a intensidade máxima da dor?

1545 Ah! Como és infeliz! Faltam-me forças  
para encarar-te, e eu desejava tanto  
fazer indagações, ouvir-te, olhar-te;  
é muito forte a sensação de horror  
que teu aspecto lastimável causa!

## **ÉDIPO**

1550 Ai de mim! Como sou infeliz!  
Aonde vou? Aonde vou? Em que ares  
minha voz se ouvirá? Ah! Destino!...  
Em que negros abismos me lanças?

## **CORIFEU**

Num turbilhão de imensa dor, insuportável  
1555 até na descrição, até à simples vista!

## **ÉDIPO**

Nuvem negra de trevas, odiosa,  
que tombaste do céu sobre mim,  
indizível, irremediável,  
que não posso, não posso evitar!  
1560 Infeliz! Infeliz outra vez!  
Com que ponta aguçada me ferem  
o aguilhão deste meu sofrimento  
e a lembrança de minhas desgraças?

## **CORIFEU**

É natural que se teus males crescem tanto  
1565 os teus gemidos também sejam redobrados,  
pois pesam-te nos ombros redobradas penas.

## **ÉDIPO**

Ah! Amigo! És o único amigo  
que me resta, pois inda te ocupas  
deste cego em que me transformei.  
1570 Ai de mim! Sei que estás muito perto;  
mergulhado na noite eu ainda  
reconheço-te a voz, companheiro!

## **CORIFEU**

Terríveis atos praticaste! Como ousaste  
cegar teus próprios olhos? Qual das divindades  
1575 deu-te coragem para ir a tais extremos?

## **ÉDIPO**

Foi Apolo! Foi sim, meu amigo!  
Foi Apolo o autor de meus males,  
de meus males terríveis; foi ele!  
Mas fui eu quem vazou os meus olhos.  
1580 Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz!  
Para que serviriam meus olhos  
quando nada me resta de bom  
para ver? Para que serviriam?

## **CORO**

Nada dizes além da verdade.

## **ÉDIPO**

1585 Que haveria de olhar ou amar?  
Que palavras ainda ouviria  
com prazer, meus amigos? Nenhuma!  
Só me resta pedir-vos: levai-me  
para longe daqui sem demora.  
1590 Eu vos peço: levai, meus amigos,  
o maldito, motivo de horror,  
odiado por deuses e homens!

## **CORIFEU**

Quantos motivos tens para lamentações!  
São grandes os teus males e inda sofres mais  
1595 por teres a noção de sua enormidade.  
Ah! Se eu jamais te houvesse conhecido, Édipo!

## **ÉDIPO**

Por que vive esse homem que outrora  
num recanto deserto livrou  
os meus pés das amarras atrozes  
1600 e salvou-me da morte somente  
para ser infeliz como sou?  
Se eu tivesse morrido mais cedo  
não seria o motivo odioso  
de aflição para meus companheiros  
1605 e também para mim nesta hora!

## **CORIFEU**

Essa é também a minha opinião sincera.

## **ÉDIPO**

E jamais eu seria assassino  
de meu pai e não desposaria  
a mulher que me pôs neste mundo.  
1610 Mas os deuses desprezam-me agora  
por ser filho de seres impuros  
e porque fecundei – miserável! –  
as entranhas de onde saí!  
Se há desgraça pior que a desgraça,  
1615 ela veio atingir-me, a mim, Édipo!

## **CORIFEU**

Não sei como justificar tua atitude.  
Talvez fosse melhor morrer que viver cego.

## ÉDIPO

Não tentes demonstrar que eu poderia agir talvez de outra maneira, com maior acerto.

1620 Não quero teus conselhos. Como encararia meu pai no outro mundo, ou minha mãe, infeliz, depois de contra ambos perpetrar tais crimes que nem se me enforcassem eu os pagaria?

Teria eu algum prazer vendo o semblante dos pobres filhos meus, nascidos como foram?  
1625 Não, certamente já não poderia vê-los, nem a minha cidade, nem seus baluartes, nem as imagens sacrossantas de seus deuses, eu, o mais infeliz entre os desventurados!

1630 Após haver vivido em Tebas a existência mais gloriosa e bela eu mesmo me proibi de continuar a usufruí-la ao ordenar que todos repelisses o maldito ser, impuro para os deuses, da raça de Laio.

1635 Depois de ter conhecimento dessa mácula que pesa sobre mim, eu poderia ver meu povo sem baixar os olhos? Não! E mais: se houvesse ainda um meio de impedir os sons de me chegarem aos ouvidos eu teria

1640 privado meu sofrido corpo da audição a fim de nada mais ouvir e nada ver, pois é um alívio ter o espírito insensível à causa de tão grandes males, meus amigos.

*Pausa.*

Ah! Citéron! Por que tu me acolheste um dia?

1645 Por que não me mataste? Assim eu não teria jamais mostrado aos homens todos quem eu sou!  
Ah! Pôlibo e Corinto! Ah! Palácio antigo que já chamei de casa de meus pais! Que nódoas maculam hoje aquele que vos parecia

1650 outrora bom e tantos males ocultava!...  
Pois hoje sou um criminoso, um ser gerado

por criminosos como todos podem ver.  
Ah! Tripla encruzilhada, vales sombreados,  
florestas de carvalhos, ásperos caminhos,  
1655 vós que bebestes o meu sangue, derramado  
por minhas próprias mãos – o sangue de meu pai –  
ainda tendes a lembrança desses crimes  
com que vos conspurquei? Pois outros cometi  
depois. Ah! Himeneu! Deste-me a existência  
1660 e como se isso não bastasse inda fizeste  
a mesma sementeira germinar de novo!  
Mostraste ao mundo um pai irmão dos próprios filhos,  
filhos-irmãos do próprio pai, esposa e mãe  
de um mesmo homem, as torpezas mais terríveis  
1665 que alguém consiga imaginar. Mostraste-as todas!

*Pausa.*

Mas vamos logo, pois não se deve falar  
no que é indecoroso de fazer. Levai-me!  
Depressa, amigos! Ocultai-me sem demora  
longe daqui, bem longe, não importa onde;  
1670 matai-me ou atirai-me ao mar em um lugar  
onde jamais seja possível encontrar-me!  
Aproximai-vos e não tenhais nojo, amigos,  
de pôr as vossas mãos em mim, um miserável.  
Crede-me! Nada receeis! Meu infortúnio  
1675 é tanto que somente eu, e mais ninguém,  
serei capaz de suportá-lo nesta vida!

*Entra CREONTE.*

### **ÊXODO, Cena 3**

[Creonte aproxima-se e, como novo rei de Tebas, assume o controle da situação. Édipo reconhece a injustiça com que o tratou anteriormente e pede-lhe que sepulte Jocasta e que cuide de suas filhas em sua ausência. As meninas vêm chorando ao encontro do pai para a despedida. Creonte atende aos apelos de Édipo, mas ordena que ele retorne ao palácio até que Apolo, em novo oráculo, se manifeste sobre seu destino. Ao final da tragédia, o Corifeu considera que, em vista das inconstâncias que regem nossa existência, somente após a morte se

pode avaliar se um homem foi de fato feliz. (v.1677-1814)]

## **CORIFEU**

Para atender ao teu pedido e aconselhar-te  
chega Creonte em boa hora; ele tornou-se  
o único guardião de Tebas, sucedendo-te.

## **ÉDIPO**

1680 Que poderia eu dizer-lhe e esperar dele?  
Antes fui por demais injusto com Creonte.

## **CREONTE**

Não vim até aqui para insultar-te, Édipo,  
nem para censurar teus erros no passado.  
Mas vós, homens de Tebas, se não respeitais  
1685 as gerações dos homens, reverenciai  
ao menos esta luz do sol, nutriz de tudo.  
Sede mais recatados; não queirais mostrar  
assim sem véus este ente impuro, tão impuro  
que nem a terra, nem a chuva abençoada,  
1690 nem mesmo a luz agora poderão tocar.  
Levai-o logo até o palácio; é sobretudo  
aos consanguíneos, só a eles, que as desditas  
de seus parentes, tanto vistas como ouvidas,  
inspiram piedade. Não deveis tardar!

## **ÉDIPO**

1695 Escuta-me, Creonte, pelos deuses peço-te,  
a ti, que, contrariando a minha expectativa,  
te mostras bom para com este criminoso  
pior que todos: é no teu próprio interesse,  
e não no meu, que antes de ir quero falar.

## **CREONTE**

1700 E que pretendes conseguir de mim ainda?



## **ÉDIPO**

Lança-me fora desta terra bem depressa,  
em um lugar onde jamais me seja dado  
falar a ser humano algum e ser ouvido.

## **CREONTE**

1705 Eu já teria satisfeito o teu desejo  
se não quisesse antes indagar do deus  
qual deve ser minha conduta nesta hora.

## **ÉDIPO**

Mas o divino mandamento é conhecido:  
mate-se o parricida, mate-se o impuro!

## **CREONTE**

1710 Sim, isso já foi dito, mas nesta emergência  
convém saber exatamente o que fazer.

## **ÉDIPO**

Consultarás então o oráculo a propósito  
de um miserável como eu? Será preciso?

## **CREONTE**

E desta vez crerás em suas predições.

## **ÉDIPO**

1715 Suplico-te além disso que tu mesmo cuides  
de um funeral conveniente à infeliz  
inda insepulta no palácio; cumprirás  
apenas um dever, pois ela tem teu sangue.  
Jamais permitas, quanto a mim, que eu inda habite  
a terra de meus ancestrais; deixa-me antes  
1720 viver lá nas montanhas, lá no Citéron,

a pátria triste que meus pais me destinaram  
para imutável túmulo quando nasci;  
assim eu morrerei onde eles desejaram.  
Há uma coisa, aliás, que tenho como certa:  
1725 não chegarei ao fim da vida por doença  
nem males semelhantes, pois se me salvei  
da morte foi para desgraças horrorosas.  
Mas siga então seu curso meu destino trágico,  
qualquer que seja ele. Quanto aos filhos meus  
1730 varões, não devem preocupar-te, pois são homens;  
onde estiverem não carecerão jamais  
de nada para subsistir; mas minhas filhas  
tão infelizes, dignas de tanta piedade,  
que partilharam de minha abundante mesa,  
1735 e cujas mãos eu dirigi aos pratos próprios,  
zela por elas, peço-te por tudo, e deixa-me  
tocá-las uma vez ainda com estas mãos  
e deplorar a sua desventura enorme!  
Atende-me, Creonte, rei de raça nobre!  
1740 Sentindo-as pelo toque destas minhas mãos,  
creria que inda as tenho como quando as via.

*Ouve-se o choro de crianças nas proximidades.*

Que ouço, deuses? Devem ser as minhas filhas,  
as minhas duas filhas muito amadas, perto,  
chorando! Foi Creonte que se condeou  
1745 e mandou virem as crianças? É verdade?

## **CREONTE**

Foi, sim. Mandei trazê-las. Eu sabia, Édipo,  
que a ânsia de revê-las te invadia a alma.

*Entram ANTÍGONA e ISMENE, ainda crianças, trazidas por uma criada.*

## **ÉDIPO**

Sejas feliz por as deixares vir, Creonte!

Protejam-te os augustos deuses mais que a mim!  
1750 Minhas crianças, onde estais? Vinde até mim!  
Vinde até minhas mãos... fraternas. Foram elas  
– estas mãos – que privaram meus olhos da luz,  
olhos outrora brilhantes de vosso pai!  
Eu nada via então, desconhecia tudo,  
1755 minhas pobres crianças, e vos engendrei  
no ventre de onde eu mesmo antes saíra! Choro!  
Choro por vós, pois já não posso contemplar-vos,  
pensando nas inumeráveis amarguras  
que ides suportar ao longo desta vida.  
1760 A que assembleias dos tebanos, a que festas  
ireis sem regressar ao lar antes da hora,  
chorando lágrimas sem conta? E quando houverdes  
chegado à idade florescente do himeneu,  
quem, minhas filhas, quem terá a ousadia  
1765 de carregar convosco todas as torpezas  
que serão sempre a maldição de minha raça  
e da que nascerá de vós? Que falta agora  
à vossa desventura? Vosso pai matou  
seu próprio pai e desposou a própria mãe,  
1770 de quem ele nasceu, e vos gerou depois  
nas entranhas onde há mais tempo foi gerado!  
Eis as injúrias que sempre tereis de ouvir!  
E quem vos há de desposar? Quem, minhas filhas?  
Ninguém! Ninguém, crianças, e definhareis  
1775 estéreis e na solidão! E tu, Creonte,  
que agora és pai – apenas tu – destas crianças,  
pois a mãe delas e eu nada mais somos, ouve:  
não abandones estas criaturas frágeis,  
do mesmo sangue teu, à sua própria sorte!  
1780 Esperam-nas sem ti a fome e a mendicância.  
Não lhes imponhas uma vida igual à minha.  
Tem piedade delas, vendo-as, nesta idade,  
privadas de qualquer apoio, salvo o teu:  
faze um sinal de assentimento, homem bom!  
1785 Sê generoso! Toca-me com tua mão!

*CREONTE atende ao pedido de ÉDIPO.*

E vós, minhas crianças, se já possuísseis  
entendimento eu vos daria um só conselho:  
apenas desejai, onde estiverdes, filhas,  
viver uma existência mais feliz que a minha!

## **CREONTE**

1790 Já choraste demais. Volta agora ao palácio, infeliz.

## **ÉDIPO**

Tuas ordens são desagradáveis, mas devo segui-las.

## **CREONTE**

Agas bem. Tudo é bom quando é feito na hora oportuna.

## **ÉDIPO**

Por acaso já sabes em que condições eu irei?

## **CREONTE**

Só depois de tu mesmo as dizes poderei sabê-las.

## **ÉDIPO**

1795 Deverás afastar-me de Tebas, Creonte, exilando-me.

## **CREONTE**

Só o deus poderá decidir quanto ao teu banimento.

## **ÉDIPO**

Mas os deuses me odeiam!

## **CREONTE**

Talvez ouvirão teu pedido.

## **ÉDIPO**

És sincero, Creonte?

## **CREONTE**

1800 Só falo depois de pensar.

## **ÉDIPO**

Então leva-me!

## **CREONTE**

Vamos depressa! Libera as crianças.

## **ÉDIPO**

Não as tires de mim, por favor!

## **CREONTE**

Não pretendas mandar.

1805 Teu poder de outros tempos agora deixou de existir.

*ÉDIPO, conduzido por CREONTE, encaminha-se lentamente para o palácio, seguido a certa distância pelas filhas e pela criada.*

## **CORIFEU**

Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!  
Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;  
ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes  
em seus dias passados de prosperidade invulgar.

1810 Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu!  
Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos  
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade  
antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante  
sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!

## FIM

---

<sup>1</sup> Segundo as lendas, Cadmo deixa sua cidade natal, Tiro, para procurar por Europa, sua irmã, que havia sido raptada por Zeus. Suas andanças o levam a uma região desabitada da Beócia, onde funda a cidade de Tebas, tornando-se o seu primeiro rei. Assim, os tebanos se considerarão seus descendentes, sendo chamados de cadmeus.

<sup>2</sup> Epíteto da deusa Atena.

<sup>3</sup> Filho de Apolo, cultuado na cidade de Tebas. Havia também um rio Ismênio na Beócia.

<sup>4</sup> A peste é vista pelos gregos como indício de insatisfação divina. Embora Apolo seja o deus normalmente identificado com a disseminação da doença, o coro da tragédia atribui a pestilência a Ares (cf. v.230), associado à guerra e à carnificina. É provável que o emprego de um termo neutro nesta passagem, “divindade”, expresse a dúvida dos cidadãos sobre a identidade do deus que os castiga. O desenrolar da ação parece vincular a peste a Apolo, já que a doença é o pretexto para consultar o oráculo do deus que, por sua vez, promete que ela cessará quando concluída a investigação da morte de Laio.

<sup>5</sup> A região subterrânea que abriga os mortos e que é governada pelo deus de mesmo nome.

<sup>6</sup> Com “cruel cantora” o Sacerdote alude à Esfinge, monstro alado com rosto e busto de mulher, corpo de leão e garras de leoa, asas, cauda em forma de serpente e voz humana que propunha aos tebanos adivinhas, devorando os que não soubessem respondê-los. Édipo decifrou o enigma e libertou a cidade do jugo do monstro. A Esfinge cantava seus enigmas, valendo-se da linguagem poética, como também era o caso das Sereias (seres parte mulheres, parte aves), na *Odisseia* (XII, v.39ss.).

<sup>7</sup> Epíteto do deus Apolo, cujo principal santuário, um importante centro profético na Antiguidade, estava localizado em Delfos, que antes se chamava Pito – daí “santuário pítico” e, também, o termo “pitonisa”, a sacerdotisa encarregada das profecias.

<sup>8</sup> O loureiro está associado a Apolo, e aqueles que consultavam o oráculo do deus deveriam usar coroas trançadas com a planta.

<sup>9</sup> A ilha de Delos, onde se acreditava terem nascido os gêmeos Apolo e Ártemis, era outro importante centro de culto do deus. Assim, a expressão “deus de Delos” refere-se a Apolo.

<sup>10</sup> Na passagem “filha da Esperança áurea, voz imortal”, “voz” traduz o termo grego *pháma*, que designa seja a palavra de origem divina, oracular, seja a informação sem base certa, o rumor. O coro especula acerca dos misteriosos desígnios dos deuses e do sentido do oráculo, que por si só representa uma esperança nesse momento de desespero.

<sup>11</sup> O deus crepuscular é Hades, que reina sobre os mortos no subterrâneo, aonde os raios do sol não chegam.

<sup>12</sup> A referência aqui é a deusa Ártemis, irmã de Apolo, também cultuada em Tebas, como revela o verso 197.

<sup>13</sup> O atual oceano Atlântico, sobre o qual Anfitrite, uma das nereides, divindades dos mares, exercia seu domínio.

<sup>14</sup> Mar situado na parte oriental do Mediterrâneo.

<sup>15</sup> A região da Lícia, na Ásia Menor, era preferida por Ártemis para suas caçadas.

<sup>16</sup> Baco, ou Dioniso, é um deus tebano, nascido dos amores de Zeus e Sêmele, filha de Cadmo (cf. nota 1). Associado ao vinho, percorre as montanhas em companhia das Mênades, ou Bacantes, mulheres que compunham seu cortejo, praticando cultos de natureza orgiástica.

<sup>17</sup> Lábdaco, filho de Polidoro e neto de Cadmo, reinou em Tebas, sendo sucedido por seu filho, Laio.

Agenor, reinante em Tiro e pai de Cadmo, descende de Posídon e de Líbia, neta de Io e de Zeus. Os labdácidas, então, provêm de uma linhagem ilustre.

<sup>18</sup> Um dos sinais a que os adivinhos recorriam para suas predições era o voo dos pássaros, indicador de bons ou maus presságios.

<sup>19</sup> Epíteto de Apolo.

<sup>20</sup> Montanha beócia situada nas proximidades de Tebas, onde Édipo foi abandonado ao nascer.

<sup>21</sup> Referência ao oráculo de Delfos, pois o santuário se encontra encravado na rocha do monte do Parnaso (ver nota 23).

<sup>22</sup> Equivalente latino das Erínias gregas, são divindades punitivas, castigando especialmente crimes no seio da família.

<sup>23</sup> O maciço montanhoso do Parnaso, na região de Fócis, no centro-sul da Grécia, é um dos mais altos da Europa; seu cume coberto de neve era visível de Corinto.

<sup>24</sup> Pôlibo, então rei em Corinto, era considerado pai de Édipo.

<sup>25</sup> Isto é, observando a direção do voo dos pássaros (ver nota 18).

<sup>26</sup> O coro aborda um tema recorrente no pensamento grego que é o dos excessos da tirania. “*Tyrannos*”, em grego, designa aquele que ascende ao poder sem pertencer a uma linhagem real, como supostamente seria o caso de Édipo. Embora os gregos não atribuíssem valor pejorativo ao termo, o orgulho é mencionado aqui como uma das consequências da tirania, já que o tirano tende a se vangloriar por assumir o poder graças às suas qualidades. Nesta passagem, o coro refere-se a Édipo, tirano de Tebas e não seu rei. Para mais sobre o tema, ver a Introdução a esta peça.

<sup>27</sup> Num dos raros momentos em que se pode perceber uma referência extradramática na tragédia grega, o coro alude à sua condição de participante do festival em honra a Dioniso e declara que, se a fé nos deuses for posta em dúvida, não há mais sentido em sua atividade.

<sup>28</sup> “Centro sacrossanto do mundo”, “templo de Abas” e “o de Olímpia”: referências ao santuário de Apolo em Delfos e em Abas, cidades da Fócida, e ao de Zeus, em Olímpia, que já então abrigava competições atléticas a cada quatro anos. O templo de Apolo em Delfos era considerado pelos gregos o centro do mundo, razão pela qual, nos versos 1065-1066 do original grego, a expressão usada por Sófocles é literalmente “umbigo do mundo”.

<sup>29</sup> *Oedipus*, em grego, significa “o de pés inchados”, aludindo às circunstâncias que marcam seu nascimento, quando foi atado pelos pés e dado ao pastor para ser abandonado no Citéron.

<sup>30</sup> Édipo não compreende a consternação de Jocasta e, ao contrário dela, se sente radiante por descobrir que não é o filho dos reis de Corinto. Para ele, é a oportunidade de reinventar sua biografia, livre de temores e de oráculos. Por isso considera-se “filho da Sorte benfazeja”. O coro, no estásimo que se inicia no v.1281, compartilha do estado de espírito de seu amado governante.

<sup>31</sup> O monte Olimpo, montanha elevada na Grécia central, era a morada dos deuses.

<sup>32</sup> Referência às Ninfas, entidades femininas que habitam as florestas e representam a natureza.

<sup>33</sup> Divindade associada ao meio rural, protetor dos pastores, companheiro das Ninfas, a quem persegue. É um ser híbrido, meio homem, meio bode. O coro aventa a possibilidade de Édipo ser fruto dos amores clandestinos de Pan ou de Apolo (Loxias).

<sup>34</sup> Hermes, deus que amava a vida em contato com a natureza, procurava a companhia das ninfas no monte Cileno, assim batizado em homenagem à ninfa Cilene.

<sup>35</sup> O Helicon é uma montanha na Boiotia, na fronteira da Fócis consagrada às Musas.

<sup>36</sup> Rios importantes no imaginário grego: o Istros, antigo nome do rio Danúbio, desemboca no mar Negro, assim como o Fásis (hoje Faoz, na Armênia), considerado pelos antigos o maior rio da Ásia.

## Perfis dos personagens

ÉDIPPO: A personagem de Édipo suscitou diferentes interpretações com o passar do tempo. Para alguns, ele representa a insignificância dos homens diante dos deuses. Para C.M. Bowra, a trajetória do herói deve exemplificar o poder ilimitado dos deuses. A queda de Édipo se deveria à impiedade que demonstra no enfrentamento com Tirésias ou à desconfiança que nutre contra os oráculos (Clitemnestra, que também sofre reviravolta, é mais cética), ou ainda no orgulho desmedido de sua inteligência. Para outros, o herói incorpora o livre-arbítrio, pois todas as suas ações derivam de sua própria vontade, sem que haja coerção divina – opinião partilhada por Cedric H. Whitman e Bernard Knox, para quem Édipo encarna o ateniense típico em sua iniciativa e ímpeto de poder. Para E.R. Dodds, Édipo simboliza a inteligência humana em seu afã de desvendar todos os mistérios que nos cercam. Freud o elegeu para ilustrar o desejo infantil pela mãe. Mas talvez tenha sido Pierre Vernant quem melhor captou a essência da personagem sofocliana ao afirmar que Édipo é duplo, carregando em si a ambiguidade que Tirésias aponta no 1º episódio e que, então, ele não pode reconhecer. É justamente por inspirar tantas leituras que Édipo é das figuras mais instigantes do teatro universal.<sup>1</sup>

Filho de Laio e Jocasta, reis de Tebas, Édipo é exposto à morte na montanha logo após nascer, para evitar que se cumprisse a profecia segundo a qual Laio seria morto pelo filho. Seu nome recorda esse episódio de sua infância, já que Édipo em grego significa “pés inchados”, consequência das cordas com que lhe ataram os tornozelos. A criança foi salva pelo pastor encarregado de abandoná-la, que, apiedado, entregou-a a um colega coríntio. Este, por sua vez, o confiou aos reis de Corinto, Pôlibo e Mérope, que não tinham filhos. Mais tarde, desconfiado de que não fosse filho natural desses reis, Édipo foi consultar o oráculo de Delfos, mas ouviu em resposta que mataria o pai e desposaria a mãe. Temeroso, decide não retornar a Corinto. Na estrada que leva a Tebas, encontra numa encruzilhada um homem e seu cortejo e, ao ser por ele desacatado, reage e mata todos à exceção de um escravo, que foge. Chegando a Tebas, Édipo defronta-se com a Esfinge, monstro com cabeça de mulher, corpo de leão e asas



de águia, que propunha enigmas aos viajantes e os devorava, caso não soubessem respondê-los. Édipo acerta a resposta e, com isso, o monstro mata-se. Como recompensa, Édipo assume o trono vacante de Laio e desposa Jocasta, ignorando o parentesco que os unia. A tragédia de Sófocles começa quando Édipo já é o governante de Tebas há tempos. Uma peste assola a cidade e o oráculo revela que ela só cessará com a punição do assassino de Laio. Édipo toma para si a investigação, durante a qual terminará por descobrir a verdade sobre sua origem. Ao final da tragédia, ele se cega para não mais ver o mundo e deseja apenas partir de Tebas para uma vida errante e miserável.

**SACERDOTE:** O idoso sacerdote de Zeus é o interlocutor de Édipo na cena inicial da tragédia, dando voz aos temores e anseios da população de Tebas em decorrência da peste e evidenciando a origem divina da calamidade.

**CREONTE:** O irmão de Jocasta e cunhado de Édipo, de quem é uma espécie de braço direito, terá destaque nas tragédias do ciclo tebano. Assume o trono após a derrocada do herói, mas não será mais afortunado. No *Édipo em Colono*, Sófocles o faz partir ao encalço de Édipo e sequestrar-lhe as filhas para forçá-lo a retornar a Tebas, evitando assim a luta fratricida pelo trono. Em *As fenícias*, de Eurípides, vê sua cidade sitiada pela expedição dos Sete contra Tebas, liderada por Polinices, filho de Édipo. Em *Antígona*, também de Sófocles, Creonte volta ao poder após a morte dos dois herdeiros do trono, Polinices e Eteócles. Proíbe Antígona de enterrar Polinices, o invasor da cidade, e, diante de sua desobediência, condena-a à morte. Essa atitude de reafirmação do poder custa-lhe caro: seu filho, noivo da morta, e sua esposa se suicidam. No *Édipo rei*, no entanto, parece desapegado do poder, apesar das suspeitas em contrário do tirano. Encarregado por ele, consulta o oráculo de Apolo em busca de uma solução para a peste que assola a cidade e sugere a entrevista com Tirésias, contribuindo para a reconstituição das circunstâncias que cercam o assassinato do rei Laio. Édipo, no entanto, suspeita que ele deseje destituí-lo do poder, aliando-se a Tirésias, para assumir o trono de Tebas. No final da tragédia, tendo Édipo que cumprir o édito e partir para o exílio, Creonte acaba de fato por se tornar rei de Tebas.

**CORO DE ANCIÃOS TEBANOS:** O coro, composto por cidadãos de Tebas, é notável por sua piedade e pela confiança que deposita em Édipo, a quem apoia do começo ao fim da peça.

**TIRÉSIAS:** É o adivinho por excelência no ciclo tebano. Faz sua primeira aparição na *Odisseia*, de Homero, onde ensina a Odisseu o caminho que deve tomar para voltar a Ítaca e recuperar seu lugar de direito. Nas *Bacantes*, Eurípides o faz companheiro de Cadmo, rei já mítico no *Édipo rei*. Tirésias ainda sobrevive para aconselhar Creonte em *Antígona*. O adivinho tebano, cego e idoso, é o principal interlocutor de Édipo no 1º episódio, ocasião em que, instigado pelo rei, revela-lhe toda a sua miséria: é o assassino do pai, o marido da mãe e o irmão de seus filhos. Como nesse momento da tragédia essas acusações são incompreensíveis – afinal Édipo é considerado filho dos reis de Corinto, um estrangeiro em Tebas –, paira sobre o profeta a suspeita de charlatanismo ou de corrupção em prol de Creonte. O desenrolar da trama, no entanto, mostrará que ele é um profeta veraz.

**JOCASTA:** A rainha tebana é viúva de Laio, o rei assassinado, com quem tivera um filho, que fora abandonado nas montanhas ao nascer em vista de antiga profecia. Logo após a morte de Laio, a Esfinge passa a ameaçar Tebas, devorando aqueles que falham em responder o enigma proposto. Creonte, então rei, promete o trono e a mão da rainha a quem derrotar o monstro. Édipo chega à cidade, vence a Esfinge, casa-se com Jocasta e tem com ela quatro filhos: Polínicos, Eteócles, Antígona e Ismenia. Jocasta caracteriza-se pela desconfiança que nutre dos oráculos e profecias, a ponto de despertar a censura do coro. É a primeira a perceber a terrível verdade sobre a origem de Édipo e seu casamento maldito. Como nota Bernard Knox, a descoberta a condena ao silêncio, já que lhe faltam palavras para nomear o inominável: “filho”, “marido”, termos antes afetuosos, adquirem um sentido funesto. Diante da impossibilidade de fazer com que o herói interrompa a investigação, resta-lhe apenas uma saída: a morte.

**MENSAGEIRO DE CORINTO:** O mensageiro é um personagem recorrente na tragédia grega, encarregado de relatar ações transcorridas fora de cena. No *Édipo rei*, esse personagem anônimo é emissário dos coríntios e traz a Édipo a notícia da morte de Pôlibo, seu pai, transmitindo-lhe o desejo dos cidadãos de que ele venha a sucedê-lo no trono. Sua participação poderia encerrar-se aqui, mas ganha vulto porque ele fora testemunha de um fato crucial da biografia de Édipo: tendo sido pastor um dia, recebera das mãos de um colega tebano o menino abandonado pelos pais à morte e o levava para os reis de Corinto criar. Assim, ao revelar a Édipo que ele não era filho biológico de Pôlibo, mas oriundo de Tebas, e tendo condições de reconhecer o antigo colega, o Mensageiro contribui de maneira decisiva para a solução do enigma que cerca a identidade do herói. Aristóteles, na *Poética*, ressalta sua atuação como agente da peripécia do herói.

PASTOR: Nascido no palácio de Laio, o Pastor era um servidor fiel do rei. Foi encarregado por Jocasta de levar seu filho recém-nascido para as montanhas. Com pena, entregou a criança a um colega coríntio, para que o criasse longe dali. Estava na comitiva de Laio quando este foi assassinado na encruzilhada da estrada para Delfos, sendo a única testemunha a sobreviver ao ataque. Ao retornar à cidade encontrou Édipo no trono de Laio e reconheceu nele o assassino. Com medo, implorou à rainha que fosse mandado para o campo, para cuidar dos rebanhos. É figura-chave na tragédia por ter testemunhado dois momentos decisivos da vida do herói: seu nascimento e o parricídio, que, contrafeito, confirma. Com isso, assiste também à derrocada de Édipo.

CRIADO DO PALÁCIO: O Criado do palácio cumpre o papel de um segundo mensageiro na tragédia. Ele entra em cena no êxodo para relatar a morte de Jocasta e a automutilação de Édipo, que fura seus olhos para não mais ter que encarar os outros. Convencionalmente o teatro grego não exibia mortes em cena ou ferimentos extremos, embora depois explorasse o impacto emocional que os cadáveres e os feridos causavam nos espectadores.

---

<sup>1</sup> Cf. C.M. Bowra, *Sophoclean Tragedy*. Oxford: Clarendon Press, 1944; C.H. Whitman, *Sophocles. A Study of Heroic Humanism*. Cambridge: Harvard University Press, 1951; B. Knox, *Édipo em Tebas*. Op.cit.; E.R. Dodds, “On misunderstanding the *Oedipus Rex*”, in E. Segal (org.) *Greek Tragedy: Modern Essays in Criticism*. Nova York: Harper and Row, 1983; S. Freud, “A dissolução do complexo de Édipo”, in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974; J.-P. Vernant e P. Vidal-Naquet, “Ambiguidade e reviravolta”, op.cit.

# MEDEIA

Eurípides

## Introdução: Eurípides e a *Medeia*

POUCO SE CONHECE DAS VIDAS de Ésquilo e Sófocles, mas ainda menos sabemos sobre a de Eurípides. Os registros transmitidos nas antigas *Vidas*, relatos entre o biográfico e o anedótico, desprovidos de bases documentais e que tomam muitas vezes informações emprestadas da obra do autor retratado, dão conta de um nascimento quase mítico: em Salamina, no mesmo dia em que os gregos bateram os persas na célebre batalha naval de 480 a.C. Os comediógrafos diziam-no “o filho da feirante”, o que alguns entendem como uma alusão à sua origem humilde. Isso é altamente improvável, no entanto, já que a dedicação à poesia requeria ócio e uma formação custosa. A alcunha explica-se melhor pela dicção menos elevada de suas tragédias, o destaque que dá a personagens oriundos dos extratos mais baixos da sociedade ou, ainda, pela propensão de rebaixar alguns heróis do mito – a Electra da tragédia homônima, por exemplo, se casa com um camponês pobre e vai, ela mesma, buscar água na fonte para abastecer a casa.

O interesse de Eurípides pelas doutrinas dos sofistas, que aparece em sua obra na crítica à tradição e no gosto pelos embates retóricos, lhe confere aura intelectual. Talvez por isso atribua-se a ele a posse de uma das primeiras bibliotecas de Atenas. O relato de que, para compor, se isolava no fundo de uma caverna pode derivar do fato de não ter alcançado em vida a mesma popularidade de que gozou após a morte e, portanto, não ter sido inteiramente aceito por seus contemporâneos. Alguns comentadores interpretam nesse mesmo sentido o autoexílio na corte de Arquelau, da Macedônia, onde viveu seus dois últimos anos. Segundo algumas fontes, Eurípides teria morrido em 406 a.C., despedaçado pelos cães de caça do rei, o que o iguala aos heróis de suas tragédias. Segundo outros, teve um fim mais prosaico, em Atenas mesmo, às vésperas de um concurso dramático. Conta-se que Sófocles vestiu a si e a seus atores de luto para lamentar a morte do colega.

Paradoxalmente, é desse poeta que só alcançou a vitória quatro vezes nos concursos públicos de dramaturgia, durante uma carreira de quase meio século, que foi preservado o maior número de tragédias, dezessete, excluída a apócrifa *Reso*, além de um drama satírico, *O ciclope*. No total, calcula-se que tenha

composto cerca de noventa peças. Isto se explica em parte pelo prestígio do tragediógrafo nos séculos que se seguiram imediatamente à sua morte, já que sua influência sobre os poetas posteriores – tanto trágicos quanto cômicos, diga-se de passagem – eclipsou a obra de Ésquilo e de Sófocles. Mas os acasos da preservação de manuscritos na Antiguidade também contribuíram para que tantos títulos de Eurípides chegassem até nós.

Pouco se sabe da sua produção inicial, pois, ainda que tenha começado a competir em 455 a.C., a “tragédia” mais antiga que ficou é *Alceste*, de 438 a.C. As aspas se justificam pela originalidade da peça, que é *mezzo* trágica *mezzo* cômica – de fato ela ocupou o quarto lugar da tetralogia, normalmente reservado para o drama satírico. A censura que as mulheres dirigem a Eurípides na comédia *As tesmoforiantes*, de Aristófanes – a saber, que ele apresentava em suas tragédias apenas heroínas depravadas, mas jamais uma Penélope, modelo de fidelidade feminina –, careceria de fundamento, caso se lembrassem de *Alceste*.

Em sua devoção à família, a personagem não fica atrás da Antígona sofocliana, uma vez que cede sua vida para salvar a do marido, Admeto. Ele fora agraciado por Apolo com uma vida longa, desde que encontrasse alguém que se dispusesse a morrer em seu lugar no momento previamente fixado pelas Moiras, as divindades que controlam o destino. Somente a esposa se dispõe a trocar de lugar com ele. A despedida de *Alceste* dos seus familiares é a parte tocante da peça. Com a entrada de um Hércules espalhafatoso e bufão, o tom muda. O herói arrebatou *Alceste* das mãos de Tântatos, a Morte em pessoa, restituindo-a ao mundo dos vivos, numa ação que só tem paralelo na comédia, como por exemplo em *As rãs*, de Aristófanes, em que um Dioniso disfarçado de Hércules vai ao Hades para trazer de volta à luz ninguém mais, ninguém menos que... Eurípides!

*Alceste*, entretanto, não se enquadra no padrão do drama satírico, a começar pela ausência do coro de sátiros que lhe confere o nome. De fato, satírico aqui nada tem a ver com sátira, que era uma prerrogativa da comédia. A quarta peça das tetralogias constituía tradicionalmente um burlesco mitológico, no qual se empregava, embora mais livremente, os mesmos metro e linguagem da tragédia, usualmente parodiando-a.

O *Ciclope* é o único exemplar conservado na íntegra deste gênero. Nele, Eurípides adapta o episódio do encontro entre Odisseu e o ciclope Polifemo narrado por Homero no canto IX da *Odisseia*. Os sátiros entram na história como náufragos escravizados por Polifemo – a servidão e exílio involuntário também são constantes nos enredos do drama satírico. Com a ajuda do coro, desejoso de voltar para casa e para o cortejo de Dioniso, de quem são acompanhantes,

Odisseu embebedado e cega o monstro de um olho só, escapando a seguir para o navio junto com seus novos amigos. Sem dúvida, há algo de patético nesta peça, em que Odisseu vem a cena descrever minuciosamente como seus marinheiros foram devorados pelo gigante canibal e em que, depois, o monstro ensanguentado urra de dor no palco. Tudo isto, contudo, é contrabalançado pelas zombarias, cantos jocosos e tiradas obscenas da parte dos sátiros.

Além dessas duas peças, sobreviveram as seguintes tragédias de Eurípides: *Medeia*, *Hipólito*, *Heráclidas*, *Hécuba*, *Electra*, *Andrômaca*, *As suplicantes*, *As troianas*, *Helena*, *As fenícias*, *Héracles*, *Íon*, *Ifigênia em Táuris*, *Orestes*, *As bacantes* e *Ifigênia em Áulis*, as duas últimas apresentadas em Atenas postumamente. A partir desta lista, já se percebe a forte presença das figuras femininas no teatro de Eurípides. Antípoda de Alceste, *Medeia* é, sem dúvida, uma das mais conhecidas desta galeria.

Produzida em 431 a.C., na antevéspera da Guerra do Peloponeso, a peça sobre a vingança da estrangeira contra o marido que a abandona para desposar a filha do rei foi rotulada, por alguns comentadores, como o primeiro drama burguês, em que o ciúme é o motor dos acontecimentos. No entanto, o que está no centro desta tragédia é a honra, não o ciúme. *Medeia* é uma heroína ciosa de sua reputação, não concebendo tornar-se alvo de comentário e chacota alheios. A decisão de punir Jasão, apoiada pelo coro de mulheres coríntias que a cerca, é precipitada pela ordem vinda de Creonte, rei de Corinto (não confundir com o homônimo tebano, cunhado de Édipo), para que ela deixe imediatamente a cidade, acompanhada dos filhos. Sem poder contar com o amparo de sua família – que traía ao ajudar Jasão a se apoderar do velocino de ouro –, duplamente sem pátria, impedida de retornar à sua terra natal e expulsa de Corinto, *Medeia* prevê para si e para os filhos um futuro desonroso. O exílio é a “gota d’água” (aliás, título da peça em que Chico Buarque e Paulo Pontes revisitam a tragédia euripídiana, situando-a no subúrbio carioca na década de 1970).<sup>1</sup> Jasão é culpado por subordinar os juramentos sagrados, com que se unira a *Medeia*, à sua sede de poder, abandonando a família à própria sorte.

Através de sua heroína, Eurípides denuncia a condição da mulher na patriarcal sociedade grega. Numa longa fala (v.258-283), *Medeia* expõe toda a fragilidade de seu sexo, que, com o dote, paga para servir a um marido que não escolhe, reclusa e sem reclamar, sob o risco de ser repudiada. A declaração de que preferiria três vezes ir à guerra a parir uma única vez é sintomática. Alinhando-a aos heróis da época, revela que não se adapta ao padrão de comportamento feminino e que não irá se submeter às decisões masculinas, e sim combatê-las.

Sua arma, no entanto, não é a força, mas a persuasão e a magia. Medeia descende de uma família de feiticeiras (Circe, que transforma com suas drogas os companheiros de Odisseu em animais, na *Odisseia*, é sua tia), fator que contribui para o choque cultural que se dá entre ela, representante de um mundo arcaico e impregnado de sacralidade, e o marido, racionalista e pragmático – num embate bem-marcado, por exemplo, no filme de Pier Paolo Pasolini homônimo da tragédia.<sup>2</sup> São as drogas, com as quais embebe as finas vestes presenteadas a sua rival, que de um só golpe tiram a vida da princesa e a do rei, mortos num abraço. Jasão afirmará que ela ousou o que nenhuma grega ousaria (v.1530-1), atribuindo semelhantes atos à sua condição de bárbara.

Ainda assim, é pela palavra, atributo de que os gregos se orgulhavam, que Medeia convence Creonte a lhe dar mais um dia em solo coríntio; Egeu, rei ateniense, a recebê-la em Atenas; Jasão a levar seus filhos à presença da noiva para, com oferendas e súplicas, garantir que ao menos estes permaneçam na cidade (os presentes envenenados porão fim às bodas reais de Jasão). A habilidade de Medeia no que toca ao discurso é inegável, mas ela a emprega para enganar e alavancar seus planos de vingança.

Ao enviar os filhos como portadores da morte, Medeia sela o destino deles, pois, se não viessem a perecer pelas mãos maternas, certamente seriam apedrejados até a morte pelos habitantes de Corinto. Em uma das versões do mito, é exatamente isso que acontece; o filicídio, ao que tudo indica, foi uma invenção de Eurípides.

A liberdade com que manipula a herança mítica e dialoga com a tradição poética é uma característica de Eurípides. Logo no início da tragédia, no prólogo expositivo, que por sinal é outra de suas marcas, uma serva de Medeia, ama de seus filhos, repassa com os espectadores o relato estabelecido nas fontes anteriores à peça, basicamente Hesíodo e Píndaro.<sup>3</sup> Destaca-se a trajetória de Medeia desde a Cólquida, terra bárbara nos confins do mundo conhecido, até a Grécia. De lá viera em companhia de Jasão, a quem ajudara na conquista do velocino de ouro, inclusive matando o próprio irmão para possibilitar a fuga do herói. Na cidade grega de Iolco, persuade as filhas do rei usurpador Pélias, tio de Jasão, a matar o pai, sob o pretexto de rejuvenescê-lo, fervendo-o num caldeirão (Eurípides estreia nos festivais dramáticos com *Pelíades*, tragédia que trata justamente desse episódio do mito). Segue-se o exílio do casal e seus filhos em Corinto, onde se passa a ação da *Medeia*. Dentre as novidades que o poeta parece ter introduzido estão a passagem de Egeu, rei ateniense, por Corinto para pessoalmente oferecer asilo à heroína; o assassinato de Creonte e da princesa por meio de presentes levados pelas crianças; a fuga na carruagem do Sol, além, é



claro, do infanticídio.

O impacto dessas mudanças deve ter contribuído muito para tornar esta uma das tragédias mais polêmicas do *corpus* antigo. Sua recepção, quando da estreia, não foi das melhores. A trilogia apresentada por Eurípides recebeu o terceiro (e último, vale lembrar)<sup>4</sup> prêmio. Aristóteles, na *Poética*, censura a intervenção de Egeu na tragédia, que lhe parece desmotivada do ponto de vista da ação dramática (como justificar a visita tão oportuna do rei?), e o fato de o desenlace apoiar-se no uso do *deus ex machina*. Sua influência posterior, no entanto, é inegável e impressionante: Apolônio de Rodes, Ovídio, Sêneca, Corneille, Anouilh, Heiner Müller, Christa Wolf são apenas alguns dos que, seguindo os rastros do poeta grego, revisitaram o mito de Medeia.

Outro traço marcante da tragédia é a exposição do ser dilacerado da heroína. A decisão de matar os filhos, que lhe custa o apoio do coro, não está livre de sofrimento. O monólogo em que pondera se a punição ao pai vale a morte das crianças é justamente famoso (v.1159-1230). Nele, Medeia considera abandonar seu plano e salvar a vida dos filhos, empreendendo com eles a fuga. Prevalece, porém, o senso de honra e o ímpeto de vingança. O espectador é convidado a acompanhar o processo de tomada de decisão da perspectiva interna da personagem, algo inusitado no teatro da época.

Ao final da peça, Eurípides recorre ao *deus ex machina* para exibir uma Medeia divinizada a bordo da carruagem do Sol, de Apolo, seu avô, cercada pelos cadáveres dos filhos. Os atos da heroína, repugnantes do ponto de vista humano, são, então, ratificados no âmbito divino. Ela transcende a natureza feminina para tornar-se um demônio vingador do perjuro Jasão, conforme ele mesmo nota (v.1523-4). Diante de tamanhos infortúnios, compreende-se por que Aristóteles julgava Eurípides o mais trágico dos poetas trágicos.

---

<sup>1</sup> Chico Buarque e Paulo Pontes. *Gota d'água. Uma tragédia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009 (1ª ed. 1973).

<sup>2</sup> Pier Paolo Pasolini, *Medea*, 1969, disponível em DVD.

<sup>3</sup> O mito de Medeia associa-se à expedição dos Argonautas, liderados por Jasão, a Cólquida em busca do velocino de ouro. Há referências a essas histórias em Homero (*Ilíada*, VII, 468-9; XXI, 40-1; *Odisseia*, XI, 235-59; XII, 69-72), Hesíodo (*Teogonia*, 992-1002), Píndaro (IV *Pítia*). Outros poetas, tanto épicos quanto dramáticos, compuseram obras sobre o tema, que subsistem apenas em fragmentos, se tanto. Não menos importante para recompor a história é a iconografia, especialmente a pintura cerâmica.

<sup>4</sup> Ver Apresentação geral.

# MEDEIA

Época da ação: Idade heroica da Grécia

Local: Corinto

Primeira representação: 431 a.C., em Atenas

## Personagens

MEDEIA

AMA

JÁSON

CREONTE, rei de Corinto

EGEU, rei de Atenas

PRECEPTOR

MENSAGEIRO

FILHOS de Jáson e Medeia

CORO de mulheres coríntias

## Cenário

O frontispício da casa de Medeia em Corinto.

## PRÓLOGO, Cena 1

[A criada de Medeia expõe a situação inicial da peça, ressaltando o estado lamentável em que sua senhora se encontra após o anúncio das bodas de Jasão com a princesa coríntia. Estrangeira em terras gregas e, agora, abandonada pelo marido, Medeia não tem a quem recorrer. A Ama teme que ela, devido a seu temperamento, cometa um ato extremo, atentando contra a própria vida ou a de outros. (v.1-61)]

### AMA

*Saindo da casa de MEDEIA.*

Ah! Se jamais os céus tivessem consentido

que *Argó*<sup>1</sup> singrasse o mar profundamente azul  
entre as *Simplégades*,<sup>2</sup> num voo em direção  
à *Cólquida*, nem que o pinheiro das encostas  
5 do *Pélion*<sup>3</sup> desabasse aos golpes do machado  
e armasse assim com os remos as mãos dos varões  
valentes que, cumprindo ordens do rei *Pelias*,<sup>4</sup>  
foram buscar o raro velocino de ouro!<sup>5</sup>  
Não teria Medeia, minha dona, então,  
10 realizado essa viagem rumo a *Iolco*  
com o coração ardentemente apaixonado  
por *Jáson*, nem, por haver convencido as filhas  
de *Pelias* a matar o pai, viveria  
com *Jáson* e com seus dois filhos nesta terra,  
15 *Corinto* célebre. Ela se esforçava ao máximo  
por agradar aos habitantes da cidade  
que é seu refúgio e, tanto quanto era capaz,  
por sempre concordar com *Jáson*, seu marido  
(salva-se o casamento com maior certeza  
20 quando disputas não afastam a mulher  
de seu consorte). Mas agora a inimizade  
a cerca por todos os lados e ela vê-se  
ameaçada no que tem de mais precioso:

traidor dos filhos e de sua amante, sobe  
25 Jáson em leito régio, desposando a filha  
do rei Creonte, senhor do país. Medeia,  
a infeliz, ferida pelo ultraje invoca  
os juramentos, as entrelaçadas mãos  
– penhor supremo. Faz dos deuses testemunhas  
30 da recompensa que recebe do marido  
e jaz sem alimento, abandonando o corpo  
ao sofrimento, consumindo só, em pranto,  
seus dias todos desde que sofreu a injúria  
do esposo; nem levanta os olhos, pois a face  
35 vive pendida para o chão; como um rochedo,  
ou como as ondas do oceano, ela está surda  
à voz de amigos, portadora de consolo.  
Às vezes, todavia, a desditosa volve  
o colo de maravilhosa alvura e chora  
40 consigo mesma o pai querido, sua terra,  
a casa que traiu para seguir o homem  
que hoje a despreza. Frente aos golpes do infortúnio,  
sente a coitada quão melhor teria sido  
se não abandonasse a pátria de seus pais.  
45 Os filhos lhe causam horror e já não sente  
satisfação ao vê-los. Chego a recear  
que tome a infeliz qualquer resolução  
insólita; seu coração é impetuoso;  
ela não é capaz de suportar maus-tratos.  
50 Conheço-a e temo que, dissimuladamente,  
traspasse com punhal agudo o próprio fígado  
nos aposentos onde costuma dormir;  
ou que chegue ao extremo de matar o rei  
e o próprio esposo e, conseqüentemente, chame  
55 sobre si mesma uma desgraça inda pior.  
Ela é terrível, na verdade, e não espere  
a palma da vitória quem atrai seu ódio.  
Mas vêm aí os filhos dela, que acabaram  
de exercitar-se nas corridas; não percebem  
60 quão desditosa é sua mãe; o coração  
dos jovens não se adapta logo ao sofrimento.

*Entra o PRECEPTOR com os filhos de MEDEIA.*

## **PRÓLOGO, Cena 2**

[O Preceptor chega do ginásio trazendo os dois filhos de Jasão e Medeia, além de uma notícia arrasadora: Creonte decidira expulsar Medeia e as crianças de Corinto. Medeia é apresentada como desvalida, digna de piedade; Jasão, como desprezível, traidor da família. Ainda assim, a Ama teme pelas crianças, dado o ânimo selvagem da mãe, prevendo que em breve a dor resultará em fúria. (v.62-114)]

### **PRECEPTOR**

Idosa serva da casa de minha dona,  
por que estás aí, sozinha em frente à porta,  
trazendo à própria mente a tua inquietação?  
65 Preferirá Medeia ficar só, sem ti?

### **AMA**

Velho guardião dos filhos de Medeia, a dor  
dos donos é também de seus servos fiéis  
e lhes destroça o coração. A minha mágoa  
é tanta que fui dominada pela ânsia  
70 de vir até aqui contar ao céu e à terra  
os infortúnios todos de minha senhora.

### **PRECEPTOR**

Não para de gemer, então, a desditosa?

### **AMA**

Invejo a tua ingenuidade! Mal começam  
suas desgraças; nem chegaram à metade!

### **PRECEPTOR**

75 Ah! Desvairada (se posso falar assim  
de meus senhores)! Ela ignora os novos males!

## **AMA**

Mas, que se passa, velho? Por favor, explica-te!

## **PRECEPTOR**

Nada... Arrependo-me do que falei há pouco.

## **AMA**

*Com um gesto de súplica.*

80 Não, por teu queixo! Nada deves ocultar  
à companheira deste longo cativeiro.  
Não falarei de modo algum aos lá de dentro.

## **PRECEPTOR**

85 Ouvi dissimuladamente uma conversa,  
sem dar a perceber sequer se a escutava,  
ao chegar perto de uns jogadores de dados,  
lá para os lados da água santa de Pirene<sup>6</sup>  
onde os mais velhos vão sentar-se. Eles diziam  
que os filhos iam ser expulsos de Corinto,  
e a mãe com eles, por Creonte, nosso rei.  
Não sei se esse rumor é exato (antes não seja!).

## **AMA**

90 E deixará Jáson tratarem desse modo  
os filhos, apesar do desentendimento  
que se manifestou entre a mãe deles e ele?

## **PRECEPTOR**

Cede a aliança antiga em face de uma nova  
e ele já não se mostra amigo desta casa.

## **AMA**

95 Então estamos arruinados se juntamos  
nova desgraça à anterior, antes de exausta  
inteiramente a desventura mais antiga.

## **PRECEPTOR**

Fica tranquila, ao menos tu, e nada digas;  
nossa senhora inda não deve ouvir os fatos.

## **AMA**

*Dirigindo-se aos filhos de MEDEIA.*

100 Estais ouvindo como vosso pai vos trata,  
crianças? Não quero que morra (é meu senhor),  
mas ele é mau com quem deveria ser bom.

## **PRECEPTOR**

Qual dos mortais não é assim? Só hoje aprendes,  
vendo um pai maltratar os filhos por amor,  
105 que todos se julgam melhores do que são?

## **AMA**

*Dirigindo-se aos filhos de JÁSON e MEDEIA.*

Tudo irá bem, crianças; ide para casa.

*Dirigindo-se ao PRECEPTOR.*

Tenta mantê-los afastados, se possível;  
não lhes permitas chegar perto de uma mãe  
desesperada; vi-a olhando-os ferozmente,  
110 como se meditasse alguma ação funesta.  
Ela por certo não refreará a cólera  
até haver vibrado sobre alguém seus golpes.  
Que os atos dela ao menos sejam praticados  
contra inimigos e jamais contra os amigos!

*Ouve-se a voz de MEDEIA no interior da casa.*

### **PRÓLOGO, Cena 3**

[Vindos do interior da casa, ouvem-se os lamentos da heroína. A Ama inquieta-se com o estado de sua senhora e pede às crianças que entrem na casa e evitem aproximar-se da mãe. Ela termina a cena fazendo o elogio da moderação e de uma vida modesta que, a seu ver, afasta o risco do descomedimento. (v.115-146)]

### **MEDEIA**

115 Como sou infeliz! Que sofrimento o meu,  
desventurada! Ai de mim! Por que não morro?

### **AMA**

Caras crianças, é assim; está inquieto  
o coração de vossa mãe, inquieta a alma.  
Ide sem vacilar em direção à casa.  
120 Fugi ao seu olhar, evitai encontrá-la.  
Deveis guardar-vos bem de seu gênio selvagem,  
desse ânimo intratável, mau por natureza.  
Ide mais velozmente, entrai sem vos deterdes!

*As crianças e o PRECEPTOR entram em casa.*

Vê-se que essa ascendente nuvem de soluços  
125 logo se ampliará com mais furor ainda.  
Quão longe irá esse inquieto coração,  
essa alma indômita mordida pela dor?

### **MEDEIA**

*Do interior.*

Pobre de mim! Que dor atroz! Sofro e soluço  
demais! Filhos malditos de mãe odiosa,  
130 por que não pereceis com vosso pai? Por que  
não foi exterminada esta família toda?



## AMA

- Ah! Infeliz! Teus filhos não têm culpa alguma  
nos desacertos de seu pai. Por que os odeias?  
Tenho tanto receio de vos ver sofrer,  
135 crianças minhas, neste desespero extremo!...  
Os príncipes quando decidem são terríveis.  
Mais afeitos ao mando que ao comedimento,  
muito lhes custa recuar nas decisões.  
É preferível aceitar a vida humilde;  
140 pretendo apenas que me caiba envelhecer  
longe dessas grandezas, em lugar seguro!  
O justo meio até pelo seu nome obtém  
a palma da vitória e sua utilidade  
é incomparável na existência dos mortais.  
145 Quanto ao excesso, em hora alguma ajuda os homens;  
traz-lhes apenas as piores consequências.

*Várias mulheres de Corinto, já idosas, constituindo o CORO, entram em cena e desfilam silenciosamente, enquanto a AMA pronuncia os últimos versos.*

## PÁRODO

[O Coro, composto por mulheres coríntias, ouve os lamentos de Medeia e vem a sua porta saber o que a afeta e oferecer solidariedade. A Ama explica a situação. O diálogo entre Coro e Ama é intercalado por novos gemidos e imprecações da heroína, ainda dentro do palácio. (v.147-236)]

## CORO

Ouvimos todas nós os gritos dela,  
da infortunada princesa estrangeira.  
A quietude ainda não chegou.

*Dirigindo-se à AMA.*

- 150 Tu, velha, fala! Ouvimos os soluços  
no interior da casa resguardada;  
sentimos igualmente a aflição

de um lar tão caro também para nós.

## **AMA**

Já não existe o lar, tudo acabou.

155 Jáson prefere agora um leito nobre  
e em sua alcova minha dona passa  
os dias sem que a voz de amigo algum  
consiga acalantar-lhe o coração.

## **MEDEIA**

*Do interior.*

160 Por que as chamas do fogo celeste  
não vêm cair sobre minha cabeça?  
Qual o proveito de viver ainda?  
Ai! Ai! Que venha a morte! Que eu me livre,  
abandonando-a, desta vida odiosa!

## **CORO**

165 Zeus, terra e luz! Ouvistes o clamor  
da desditosa esposa soluçante?  
Que força, então, te prende, triste louca,  
ao horroroso leito? É certa a morte,  
o fim de tudo, e logo chegará.  
170 Por que chamá-la agora? Se o amor  
de teu esposo quis encaminhá-lo  
a novo leito, não o odeies tanto;  
a tua causa está nas mãos de Zeus.  
Não morras de chorar por um marido!

## **MEDEIA**

*Do interior.*

175 Zeus poderoso e venerável Têmis,<sup>7</sup>  
vedes o sofrimento meu após  
os santos juramentos que me haviam

ligado a esse esposo desprezível?  
Ah! Se eu pudesse um dia vê-los, ele  
e a noiva reduzidos a pedaços,  
180 junto com seu palácio, pela injúria  
que ousam fazer-me sem provocação!  
Meu pai, minha cidade de onde vim  
para viver tão longe, após haver  
matado iniquamente meu irmão!

## **AMA**

185 Estais ouvindo seus lamentos, gritos  
com que ela invoca Têmis, guardiã  
da fé jurada, e Zeus, para os mortais  
penhor do cumprimento das promessas?  
Não é com pouco esforço que se pode  
190 frear a cólera de minha dona!

## **CORO**

Como conseguiremos vê-la aqui  
em frente aos nossos olhos e ao alcance  
de nossa voz? Talvez esqueça o ódio  
que faz pesar-lhe o coração, talvez  
195 esqueça o fogo que lhe queima a alma.  
Que ao menos com meu zelo eu possa ser  
amiga dos amigos meus. Vai, traze-a  
até aqui e leva-lhe a certeza  
de nosso afeto. Mas apressa-te, antes  
200 que ela possa fazer algo de mal  
aos seus, pois nota-se que a infeliz  
soltou as rédeas de seu desespero.

## **AMA**

Sim, obedecerei, mas tenho medo  
e dúvidas quanto a persuadir  
205 minha senhora. Seja como for,  
irei desincumbir-me da tarefa

para agradar-vos, mas ela nos olha,  
a nós, criadas, com o olhar feroz  
de uma leoa que teve filhotes,  
210 se alguém se acerca com uma palavra  
à flor dos lábios. Com razão diríamos  
que os homens do passado eram insanos,  
pois inventaram hinos para as festas,  
banquetes e outras comemorações,  
215 lisonjeando ouvidos já alegres;  
nunca, porém, se descobriram meios  
de amenizar com cantos e com a música  
das liras o funesto desespero,  
e dele vêm a morte e os infortúnios  
220 terríveis que fazem ruir os lares.  
A música seria proveitosa  
se conseguisse a cura desses males,  
mas, de que serve modular a voz  
nas festas agradáveis? Os prazeres  
225 dos banquetes alegres já contêm  
bastantes atrativos em si mesmos.

*Sai a AMA e entra em casa de MEDEIA.*

## **CORO**

Ouvimos muitas queixas soluçantes,  
sentidas, lamentos sem fim e gritos  
de dor e desespero vindos dela  
230 contra o esposo pérfido, traidor  
do leito. Golpeada pela injúria,  
clama por Têmis, filha de Zeus, deusa  
dos juramentos, pois jurando amá-la,  
Jáson a trouxe até a costa helênica  
235 singrando as ondas negras e transpondo  
o estreito acesso ao mar amargo e imenso.<sup>8</sup>

*Abre-se a porta. Sai MEDEIA, que avança em direção ao CORO, seguida pela AMA, ainda em pranto.*

## 1º EPISÓDIO, Cena 1

[Medeia sai de casa e dirige um discurso ao Coro, no qual lamenta a triste condição das mulheres que, submissas aos maridos, sofrem com toda espécie de maus-tratos. Com isso, conquista-lhe a simpatia e a promessa de manter segredo sobre seus planos de vingança contra Jasão, o rei e sua filha. (v.237-307)]

### MEDEIA

Saí para não merecer vossas censuras,  
coríntias. Sei muito bem que há pessoas  
altivas (umas vi com os meus próprios olhos,  
240 de outras ouvi falar) que, por lhes repugnar  
aparecer em público, levam a fama  
desagradável de soberbas. Com efeito,  
carecem de justiça os olhos dos mortais  
quando, antes de haver penetrado claramente  
245 no íntimo de um coração, sentem repulsa  
por quem jamais lhes fez o menor mal, apenas  
por se deixarem levar pelas aparências.  
Devem também os estrangeiros integrar-se  
e não posso aprovar tampouco o cidadão  
250 que, por excesso de altivez, ofende os outros  
negando-se ao convívio natural com todos.  
Mas, quanto a mim, despedaçou-me o coração  
o fato inesperado que vem de atingir-me;  
estou aniquilada, já perdi de vez  
255 o amor à vida; penso apenas em morrer.  
O meu marido, que era tudo para mim  
– isso eu sei bem demais –, tornou-se um homem péssimo.  
Das criaturas todas que têm vida e pensam,  
somos nós, as mulheres, as mais sofredoras.  
260 De início, temos de comprar por alto preço<sup>9</sup>  
o esposo e dar, assim, um dono a nosso corpo  
– mal ainda mais doloroso que o primeiro.  
Mas o maior dilema é se ele será mau  
ou bom, pois é vergonha para nós, mulheres,  
265 deixar o esposo (e não podemos rejeitá-lo).  
Depois, entrando em novas leis e novos hábitos,  
temos de adivinhar para poder saber,

sem termos aprendido em casa, como havemos  
de conviver com aquele que partilhará  
270 o nosso leito. Se somos bem-sucedidas  
em nosso intento e ele aceita a convivência  
sem carregar o novo jugo a contragosto,  
então nossa existência causa até inveja;  
se não, será melhor morrer. Quando um marido  
275 se cansa da vida do lar, ele se afasta  
para esquecer o tédio de seu coração  
e busca amigos ou alguém de sua idade;  
nós, todavia, é numa criatura só  
que temos de fixar os olhos. Inda dizem  
280 que a casa é nossa vida, livre de perigos,  
enquanto eles guerreiam. Tola afirmação!  
Melhor seria estar três vezes em combates,  
com escudo e tudo, que parir uma só vez!  
Mas uma só linguagem não é adequada  
285 a vós e a mim. Aqui tendes cidadania,  
o lar paterno e mais doçuras desta vida,  
e a convivência com os amigos. Estou só,  
proscrita, vítima de ultrajes de um marido  
que, como presa, me arrastou a terra estranha,  
290 sem mãe e sem irmãos, sem um parente só  
que recebesse a âncora por mim lançada  
na ânsia de me proteger da tempestade.  
Ah! Vou dizer tudo que espero obter de vós:  
se eu descobrir um meio, um modo de fazer  
295 com que Jáson pague o resgate de seus males  
e sejam castigados quem lhe deu a filha  
e aquela que ele desposou, guardai segredo!  
Veze sem número a mulher é temerosa,  
covarde para a luta e fraca para as armas;  
300 se, todavia, vê lesados os direitos  
do leito conjugal, ela se torna, então,  
de todas as criaturas a mais sanguinária!

## **CORIFEU**

Eu te obedecerei, Medeia; punirás

o teu marido justamente. Não estranho  
305 o pranto que derramas por teu infortúnio.  
Mas eis aí Creonte, rei deste país.  
Por certo vem falar de novas decisões.

*Entra o velho rei CREONTE, seguido de escolta.*

## 1º EPISÓDIO, Cena 2

[Creonte chega ao palácio para informar a Medeia que ela e seus filhos devem partir para o exílio imediatamente, pois teme-se que ela faça algum mal contra ele ou sua filha. Demonstrando pleno controle de si e fingindo docilidade, a heroína trata de persuadir o rei de que, embora insatisfeita com Jasão, nada tem contra ele, e pede para ficar em Corinto. Diante da recusa de Creonte, Medeia o convence a lhe dar um dia a mais de prazo para partir. Creonte deixa a cena.  
(v.308-401)]

### CREONTE

É a ti, Medeia, esposa em fúria, face lúgubre,  
que falo: sai deste lugar para o exílio  
310 com teus dois filhos! Sai depressa! Não demores!  
Estou aqui para cuidar do cumprimento  
de minha decisão, e não retornarei  
a meu palácio antes de haver-te afugentado  
para terras distantes de nossas fronteiras.

### MEDEIA

315 Pobre de mim! Consuma-se a minha desgraça!  
Meus inimigos soltam suas velas todas  
e não diviso um porto em que possa abrigar-me para  
escapar à ruína! Mas, sem ponderar  
em minha desventura, quero perguntar-te:  
320 por que razão, Creonte, me banes daqui?

### CREONTE

É inútil alinhar pretextos: é por medo.  
Temo que faças mal sem cura à minha filha.

Muitas razões se somam para meu temor:  
és hábil e entendida em mais de um malefício  
325 e sofres hoje por te veres preterida  
no leito conjugal. Ouço dizer – transmitem-me –  
que vens ameaçando atentar contra a vida  
do pai que prometeu a filha, do marido  
e da segunda esposa. Antes de ser vítima,  
330 ponho-me em guarda. Prefiro atrair agora  
o teu rancor a chorar lágrimas amargas,  
mais tarde, sobre minha eventual fraqueza.

## MEDEIA

Não é só hoje, rei Creonte; com frequência  
a minha fama traz-me esses transtornos. Nunca  
335 os homens de bom-senso deveriam dar  
aos filhos um saber maior que o ordinário.  
Além do nome de ociosos, eles ganham  
com isso a inveja iníqua dos concidadãos.  
Se aos ignorantes ensinares coisas novas  
340 serás chamado não de sábio, mas de inútil.  
E se além disso te julgarem superior  
àqueles que se creem mais inteligentes,  
todos suspeitarão de ti. Minha ciência  
atrai de alguns o ódio, a hostilidade de outros.  
345 Este saber, porém, não é tão grande assim.  
Mas, seja como for, tu me receias. Temes  
que eu tenha meios de causar-te sofrimentos.  
Não me preocupa agora ameaçar um rei;  
não tremas diante de mim, pois que maldade  
350 já me fizeste? Não ofereceste a filha  
a quem a quis? Odeio o meu esposo, sim;  
mas, quanto a ti, creio que procedeste bem;  
tua felicidade não me causa inveja.  
Casem-se os dois, sejam felizes, mas me deixem  
355 viver aqui. Suportarei sem um murmúrio  
as injustiças. Os mais fortes me venceram.



## **CREONTE**

Disseste coisas agradáveis aos ouvidos  
mas temo que, no fundo da alma, premedites  
uma desgraça e minha confiança em ti  
360 se torna inda menor. É mais fácil guardar-se  
de uma mulher desatinada pela cólera  
– tanto quanto de um homem – que da astuta e fria  
em seu silêncio. Parte, então, e sem demora.  
Não fales; minha decisão é inabalável.  
365 Nem com ardis conseguirias prolongar  
a tua estada aqui, pois és minha inimiga.

## **MEDEIA**

*Ajoelhando-se e abraçando os joelhos de CREONTE, num gesto de súplica.*

Por teus joelhos e por tua filha, a noiva,  
suplico-te: permite-me ficar aqui!

## **CREONTE**

Palavras vãs. Jamais conseguirás dobrar-me!

## **MEDEIA**

370 Banir-me-ias sem ouvir as minhas súplicas?

## **CREONTE**

Eu não te prezo mais que à minha própria casa!

## **MEDEIA**

Ah! Minha pátria! Neste instante a tua imagem  
volta ao meu coração com tanta intensidade!...

## **CREONTE**

Só aos meus filhos eu estimo mais que à pátria!

**MEDEIA**

375 Que mal terrível é o amor para os mortais!...

**CREONTE**

Tudo depende, penso eu, das circunstâncias.

**MEDEIA**

Que não te escape, Zeus, o autor de minha ruína!

**CREONTE**

Parte, insensata, e livra-me deste desgosto!

**MEDEIA**

Viver é ter desgostos e eles não nos faltam.

**CREONTE**

*Indicando a escolta.*

380 Meus homens te farão sair à força e já!

**MEDEIA**

Ah! Isso não, Creonte! Ouve um pedido meu!

**CREONTE**

Não me leves a extremos ásperos, mulher!

**MEDEIA**

Aceito o exílio. É outro o fim de minha súplica.

**CREONTE**

Por que, então, resistes em vez de partir?

## MEDEIA

- 385 Um dia só! Deixa-me aqui apenas hoje  
para que eu pense no lugar de nosso exílio  
e nos recursos para sustentar meus filhos,  
já que o pai deles não está cuidando disto.  
Tem piedade deles! Tu és pai também;  
390 é natural que sejas mais benevolente.  
Não é por mim (não me inquieta o meu destino);  
é por eles que choro e por seu infortúnio.

## CREONTE

- Minha vontade nada tem de prepotente  
e a piedade já me foi funesta antes.  
395 Tenho noção agora mesmo de que erro,  
mas apesar de tudo serás atendida.  
Quero, porém, deixar bem claro de antemão:  
se a santa claridade do próximo sol  
vos encontrar ainda, a ti e a teus dois filhos,  
400 dentro de nosso território, morrerás.  
Tudo foi dito e com palavras verdadeiras.

*Retira-se CREONTE com sua escolta.*

### 1º EPISÓDIO, Cena 3

[O Coro expressa sua preocupação com o destino da amiga, condenada a vagar pela terra sem abrigo. Medeia, no entanto, exulta e, numa longa fala, revela que Creonte pagará caro pelo dia a mais concedido: ele vai lhe propiciar o tempo necessário para articular sua vingança, que consistirá na morte de seus inimigos por meio de venenos, cuja ciência domina. Resta apenas definir aonde irá após o crime, pois não pode suportar a ideia de vir a ser capturada e tornar-se motivo de escárnio para os coríntios, numa demonstração do senso heroico que a guia.

(v.402-467)]

## CORO

Quanta desgraça a tua, infortunada!...  
Para que chão dirigirás teus passos?

A quem suplicarás que te receba?  
405 Onde acharás um lar, uma cidade  
a salvo da desdita? Vais errar  
sem esperança nesse mar de angústias  
a que foste lançada pelos deuses.

## **MEDEIA**

*Dirigindo-se ao CORO.*

Meu sofrimento é imenso, incontestavelmente,  
410 mas não considereis ainda definida  
a sucessão dos acontecimentos próximos.  
Pode o futuro reservar lutas difíceis  
para os recém-casados e terríveis provas  
para quem os levou às núpcias. Estai certas:  
415 lisonjeei Creonte para meu proveito  
e minhas súplicas foram premeditadas.  
Eu nem lhe falaria se não fosse assim,  
nem minhas mãos o tocariam, mas tão longe  
o leva a insensatez que, embora ele pudesse  
420 deter meus planos expulsando-me daqui,  
deixou-me ficar mais um dia. E neste dia  
serão cadáveres três inimigos meus:  
o pai, a filha e seu marido. Vêm-me à mente  
vários caminhos para o extermínio deles,  
425 mas falta decidir qual tentarei primeiro,  
amigas: incendiarei o lar dos noivos,  
ou lhes mergulharei no fígado um punhal  
bem afiado, entrando a passos silenciosos  
na alcova onde está preparado o leito deles?  
430 Mas uma dúvida me ocorre e me detém:  
se eu for surpreendida traspassando a porta  
na tentativa de atingi-los com meus golpes,  
rirão de mim, vendo-me morta, os inimigos.  
Melhor será seguir diretamente a via  
435 que meus conhecimentos tornam mais segura:  
vencê-los-ei com meus venenos. Assim seja!  
Estarão mortos, mas que povo, que cidade

me acolherão depois? Que bom anfitrião,  
abrindo-me seu território para asilo  
440 e a casa para abrigo, me defenderá?  
Nenhum. Então devemos esperar um pouco.  
Quando eu puder contar com um refúgio certo,  
consumarei o assassinato usando astúcia  
e dissimulação; e quando eu decidir,  
445 nada, nenhum obstáculo me deterá,  
e de punhal na mão os eliminarei,  
inda que tenha de morrer, sem recear  
o apelo à força. Não, por minha soberana,  
pela deusa mais venerada e que escolhi  
450 para ajudar-me – Hecate,<sup>10</sup> que entronhei no altar  
de minha gente –: nenhum deles há de rir  
por ter atormentado assim meu coração!  
Quero que se arrependam de seu matrimônio  
amargamente, e amargamente se arrependam  
455 de sua aliança e de meu iminente exílio.  
Vamos, Medeia! Não poupes recurso algum  
de teu saber em teus desígnios e artifícios!  
Começa a marcha para a tarefa terrível!  
Chegou a hora de provar tua coragem!  
460 Não vêes como te tratam? Não deves pagar  
um tributo de escárnio ao himeneu do sangue  
de Sísifo<sup>11</sup> com um Jáson qualquer, Medeia,  
filha de um nobre pai, tu, da raça do Sol!<sup>12</sup>  
Tens a ciência e, afinal, se a natureza  
465 fez-nos a nós, mulheres, de todo incapazes  
para as boas ações, não há, para a maldade,  
artífices mais competentes do que nós!

### 1º ESTÁSIMO

[O Coro anima-se com a perspectiva de as mulheres virem em breve a ser louvadas e os homens terem reconhecidas suas perfídias, revertendo o discurso misógino que predomina na Grécia. Medeia é tratada como vítima, e Jasão é acusado de transgredir os juramentos sagrados. Apesar da punição violenta que a heroína reserva para seus inimigos, ela ainda conta com o apoio das mulheres coríntias. (v.468-502)]

## CORO

Voltam os sacros rios para as fontes  
e com a justiça marcham para trás  
470 todas as coisas. Os homens meditam  
ardis e a fé jurada pelos deuses  
vacila. Muito breve, todavia,  
a notoriedade há de falar  
outra linguagem e não disporá  
475 de elogios bastantes para nós.  
Não vejo a hora em que se louvará  
o nosso sexo e não mais pesará  
sobre as mulheres tão maldosa fama.  
Não mais celebrará nossa perfídia  
480 a poesia dos bardos eternos.  
Febo,<sup>13</sup> o maestro de todos os cantos,  
não fez o nosso espírito dotado  
para a inspirada música das liras;  
se assim não fosse nós entoaríamos  
485 um hino contra a raça masculina.  
Em sua longa caminhada o tempo  
dá o que falar tanto dos homens como  
de nós, mulheres. Tu mesma, Medeia,  
com o coração ansioso navegaste  
490 para bem longe da casa paterna,  
além do extremo dos rochedos gêmeos.<sup>14</sup>  
Moras agora numa terra estranha,  
tomam-te o leito, levam-te o marido  
(ah! Infeliz!) e expulsam-te vilmente  
495 para o exílio. Não existe mais  
respeito aos juramentos, e o pudor  
desaparece da famosa Hélade,  
voando para os céus. E tu (coitada!)  
não tens um lar onde possas lançar  
500 a âncora, ao abrigo da desgraça.  
Outra princesa manda em tua casa  
após tornar-se dona de teu leito.

*ENTRA JÁSON.*

## 2º EPISÓDIO

[Jasão procura Medeia para censurá-la por sua animosidade, responsabilizando-a pelo exílio. Para eximir-se de culpa, argumenta que tudo que fizera visava ao bem dos seus. Medeia o acusa de pensar somente em si e de ingratidão, uma vez que ela o ajudou em muitas de suas conquistas, à custa mesmo de laços familiares e de hospitalidade. Ele credita a atitude de Medeia ao ciúme; ela aponta a ambição como motor das ações dele. Dá-se uma disputa verbal (*agon*, em grego) entre Medeia e Jasão, em que cada um tenta fazer valer seu ponto de vista. Ao final, nenhum dos dois é persuadido, o que evidencia a total impossibilidade de reconciliação entre eles. Jasão lava as mãos e deixa a cena. (v.503-726)]

### JÁSON

*Dirigindo-se a MEDEIA.*

Esta não é a vez primeira. Já senti  
em várias ocasiões que o ânimo irascível  
505 é um mal insuportável. Até poderias  
continuar vivendo aqui por toda a vida,  
neste país e nesta casa, se aceitasses  
submissa as decisões dos mais fortes que tu.  
Essas arengas incessantes, todavia,  
510 te expulsam desta terra. A mim não me importunas;  
tens liberdade para alardear de Jáson  
que ele é o pior dos homens, mas depois de ouvirem  
teus impérios contra o rei, é até suave  
teu banimento imediato. Eu me esforçava  
515 continuamente para dissipar  
a contrariedade do rei irritado  
e desejava ver-te ficar onde estás.  
Tu, ao invés de refreares a loucura,  
injuriavas dia e noite o soberano.  
520 Agora expulsam-te por isso da cidade.  
Eu, entretanto, mesmo nestas circunstâncias  
não renego os amigos. Traz-me aqui, mulher,  
meu cuidado com tua sorte; não desejo  
ver-te banida sem recursos com teus filhos  
525 nem que te falte algo. Bastam as agruras

da triste condição de desterrada. Odeias-me,  
mas nem por isso te desejo o menor mal.

## MEDEIA

530 Maior dos cínicos! (É a pior injúria  
que minha língua tem para estigmatizar  
a tua covardia!) Estás aqui, apontas-me,  
tu, meu inimigo mortal? Não é bravura,  
nem ousadia, olhar de frente os ex-amigos  
depois de os reduzir a nada! O vício máximo  
dos homens é o cinismo. Mas, pensando bem,  
535 é preferível ver-te aqui; abrandarei  
meu coração retribuindo teus insultos  
e sofrerás ouvindo-me. Começarei  
pelo princípio. Eu te salvei (todos os gregos  
que embarcaram contigo na *Argó* bem sabem),  
540 quando foste enviado para submeter  
ao duro jugo o touro de hálito inflamado  
e para semear a morte em nossos campos.  
Fui eu que, oferecendo-te modos e meios  
de matar o dragão, guarda do toirão áureo,  
545 imune ao sono, com seus múltiplos anéis,  
fiz brilhar para ti a luz da salvação.  
Traí meu pai, eu, sim, e traí a família  
para levar-te a Iolco (foi maior o amor  
que a sensatez); fiz Pelias morrer também,<sup>15</sup>  
550 da morte mais cruel, imposta pelas filhas,  
e te livreí de todos os receios, Jáson.  
Tratado assim por nós, homem mais vil de todos,  
tu me traíste e já subiste em leito novo  
(e já tinhas teus filhos!). Se ainda estivesses  
555 sem descendência, então seria perdoável  
que desejaesses outro leito. Dissipou-se  
a fé nos juramentos teus e não sei mais  
se crês que os deuses de outros tempos já não reinam  
ou se pensas que no momento há novas leis  
560 para os mortais, pois deves ter noção, ao menos,  
de tua felonía em relação a mim.



Ah! Esta mão direita e estes meus joelhos  
que tantas vezes seguraste! Ah! Foi em vão  
que tantas vezes me abraçaste, miserável!  
565 Como fui enganada em minhas esperanças!...

*Silêncio.*

Continuemos; quero fazer-te perguntas  
como se fosses meu amigo: francamente,  
que posso ainda ter de ti? Não me respondes?  
Prossegurei; minhas perguntas tornarão  
570 mais evidente a tua infâmia. Para onde  
irão meus passos hoje? Para o lar paterno,  
que já traí, como traí a minha pátria,  
para seguir-te? Ou para as filhas do rei Pelias?  
(Que bela recepção me proporcionariam  
575 as infelizes em seu lar, a mim, que um dia  
causei a morte de seu pai!). Eis a verdade:  
hoje sou inimiga de minha família  
e só para agradar-te hostilizei amigos  
que deveria ser a última a ferir.  
580 Esta é a minha recompensa e, todavia,  
eu esperava que, graças ao teu amor,  
muitas mulheres gregas teriam inveja  
de uma felicidade que devias dar-me.  
Revelas-te admirável e fiel esposo  
585 da infeliz que sou, em fuga, expulsa assim  
daqui, sem um amigo, apenas com meus filhos  
repudiados! Que magnífica torpeza  
para um recém-casado ver os próprios filhos  
partirem sós comigo – com quem te salvou –  
590 para levarem vida errante e miserável!  
Ah! Zeus! Por que deste às criaturas humanas  
recursos para conhecer se o ouro é falso,  
e não puseste no corpo dos homens marcas  
que nos deixassem distinguir os bons dos maus?

**CORIFEU**

595 Terrível e difícil de curar é a cólera  
que lança amigos contra amigos e os separa!

## JÁSON

Se não me engano, é necessário que eu não seja  
inábil no falar e, como um nauta alerta,  
recolha as minhas velas, para ver se escapo  
600 a essa tempestade desencadeada  
aqui por tua língua mórbida, mulher.  
Com relação a mim (já que exaltaste tanto  
os teus serviços), devo atribuir a Cípris,<sup>16</sup>  
e a mais ninguém, seja mortal ou seja deus,  
605 todo o sucesso em minha expedição. Sem dúvida  
o teu espírito é sutil e não admities  
sem relutância que o Amor, com suas setas  
inevitáveis, fez com que tu me salvasses.  
De resto, não pretendo ser muito preciso  
610 quanto a esses detalhes e não faço queixas,  
quer tenha sido grande a ajuda, quer pequena.  
Por minha salvação, porém, já recebeste  
como compensação mais do que deste. Explico-me:  
primeiro, a terra grega em vez de um país bárbaro  
615 passou a ser tua morada. Conheceste  
as leis e podes viver segundo a justiça,  
liberta do jugo da força. Os gregos todos  
respeitam a tua ciência (hoje és famosa,  
mas se ainda morasses nos confins da terra  
620 quem falaria de teu nome?). Quanto a mim,  
eu não desejaria ter grandes riquezas,  
nem voz mais bela que a de Orfeu,<sup>17</sup> se essa ventura  
não atraísse olhares. Eis o que eu queria  
dizer-te acerca dessa propalada ajuda,  
625 já que tu mesma provocaste este debate.  
Quanto ao meu casamento com a filha do rei,  
de que falas tão acremente, provarei  
que agindo como agi, primeiro fui sensato  
e depois hábil e, afinal, fui bom amigo  
630 em relação a ti e a meus primeiros filhos.

*A um gesto indignado de MEDEIA.*

Tem calma! Quando vim de Iolco para cá  
envolto em tantas, inelutáveis desgraças,  
podia acontecer-me algo de mais feliz  
que me casar aqui com a filha do rei,  
635 eu, um banido? Não pelos motivos torpes  
que te amarguram, não por odiar teu leito  
ou por simples desejo de uma nova esposa;  
tampouco por ambicionar uma progênie  
mais numerosa (já tenho filhos bastantes,  
640 não vou queixar-me). Desejava – isto é importante –  
assegurar-nos uma vida boa e próspera,  
isenta de dificuldades, pois os pobres  
veem fugir para bem longe seus amigos.  
Ainda mais: criar condignamente os filhos,  
645 dar aos gerados em teu ventre mais irmãos,  
pô-los todos num mesmo nível de igualdade  
e ser feliz vendo a união de minha raça.  
Tu, que necessidade tens de novos filhos?  
É de meu interesse, todavia, tê-los,  
650 a fim de assegurar aos filhos atuais  
o apoio dos futuros. Crês que estou errado?  
Se não te devorasse este ciúme enorme,  
nem tu censurarias a minha conduta.  
Mas as mulheres são assim; nada lhes falta  
655 se o leito conjugal é respeitado; se ele  
recebe um dia o menor golpe, então as coisas  
melhores e mais belas vos parecem péssimas.  
Se se pudesse ter de outra maneira os filhos  
não mais seriam necessárias as mulheres  
660 e os homens estariam livres dessa praga!

## **CORIFEU**

Tuas palavras foram habilmente ditas,  
Jáson, e as enfeitaste bem, mas ousarei  
contrariar a tua opinião; direi  
que agiste mal abandonando esta mulher.

## **MEDEIA**

- 665 Sem dúvida sou diferente em muitas coisas  
da maioria dos mortais. Assim, entendo  
que alguém, se além de mau é hábil no falar,  
merece punição ainda mais severa,  
pois confiado no poder de seus discursos  
670 para ocultar os maus desígnios com palavras  
bonitas, não receia praticar o mal.  
Mas ele não é tão solerte quanto pensa.  
Para também de me impingir tua conversa  
cínica e artificiosa. Uma palavra  
675 apenas é bastante para confundir-te.  
Não fosses tu um traidor e deverias  
ter começado por tentar persuadir-me  
antes de consumir teu novo casamento,  
em vez de ser omisso com a tua amiga.

## **JÁSON**

- 680 Creio que me terias ajudado muito  
em meus projetos para o outro casamento  
se alguma vez eu te houvesse falado neles,  
tu que, neste momento, nem podes frear  
esse rancor terrível de teu coração.

## **MEDEIA**

- 685 Isso não te preocupava; só pensavas  
que o casamento com Medeia – uma estrangeira –  
te encaminhava para uma velhice inglória.

## **JÁSON**

- Repito: não foi para ter outra mulher  
que me esforcei por conquistar um leito régio;  
690 foi só, como já disse, para te salvar,  
para que os filhos meus fossem irmãos de reis  
e para dar à minha casa solidez.

## **MEDEIA**

Não quero uma felicidade tão penosa,  
nem opulência que me esmague o coração!

## **JÁSON**

695 Se desejas mudar e parecer sensata,  
não penses que a ventura possa ser funesta  
nem que a fortuna torne alguém infortunado.

## **MEDEIA**

Insulta-me! Sabes que estás seguro aqui,  
mas eu devo partir desprotegida e só.

## **JÁSON**

700 Foi tua a escolha. Não ponhas a culpa em outros.

## **MEDEIA**

Mas como? Então sou eu que caso e que te traio?

## **JÁSON**

Lançaste sobre o rei terríveis maldições.

## **MEDEIA**

Amaldiçoarei também teu novo lar!

## **JÁSON**

705 Não mais discutirei contigo; se quiseres  
para ti mesma e nossos filhos no degredo  
parte de minhas posses, fala; prontifico-me  
a dar-te com mão liberal e a pleitear  
de meus amigos cujas terras procurares  
boa acolhida para ti. Se recusares  
710 a minha oferta, darás prova de loucura.

Põe termo a tanta cólera para teu bem.

## **MEDEIA**

Jamais recorrerei a teus anfitriões,  
pois nada quero deles nem nada de ti;  
não há proveito nas ofertas de homens maus.

## **JÁSON**

715 Invoco as divindades como testemunhas  
do meu desejo de fazer tudo por ti  
e pelos filhos. O bem de que sou capaz  
te desagrada e tua intransigência afasta  
os amigos de ti; sofrerás mais assim.

## **MEDEIA**

720 Vai logo embora! Estás ansioso por rever  
a tua nova amante e contas os momentos  
desperdiçados longe do palácio dela.  
Corre! Vai consumir depressa o casamento,  
pois se os deuses me ouvirem tuas reais bodas  
725 serão de tal maneira estranhas que nem tu  
hás de querer a noiva para tua esposa!

## **2º ESTÁSIMO**

[O Coro mantém a simpatia por Medeia, atribuindo sua infelicidade aos extremos da paixão causada por Afrodite. Ao mesmo tempo, expressa o desejo de não incorrer na paixão desmedida. Também lamenta a vida de exílio a que a heroína está condenada, e censura a traição daqueles que, como Jasão, não honram seus casamentos. (v.727-756)]

## **CORO**

Amor sem freios não traz aos mortais  
honra ou virtude. Quando, porém, Cípris  
é comedida, não há divindade  
730 mais benfazeja, mais cheia de graça.

Jamais, rainha, teu arco dourado<sup>18</sup>  
atire contra nós flechas fatais  
molhadas com o veneno do desejo!  
Que nos sorria sempre a castidade,  
735 a mais preciosa dádiva dos deuses!  
Possa Cípris terrível preservar-nos  
da fúria da discórdia e das querelas  
sem fim, poupando nossas almas puras  
do frenesi de uma paixão ignóbil.  
740 São venturosas as núpcias pacíficas  
e bem-aventuradas as mulheres  
cuja fidelidade é incensurável.  
Ah! Nossa pátria e lar! Queiram os céus  
que nunca nos desterrem nem levemos  
745 uma vida penosa na miséria,  
de todas as desditas a mais digna  
de piedade! Que nos fira a morte  
antes de contemplarmos esse dia,  
pois vemos – não contamos por ouvir  
750 de estranhos – que tu não tiveste pátria  
nem um amigo para comover-se  
com o cruel destino que te esmaga!  
Morra o ingrato que não foi capaz  
de honrar, como devia, a sua amiga  
755 e não lhe abriu os mais puros recônditos  
da alma! Não queremos tais amigos!

*Entra EGEU vestido de peregrino.*

### **3º EPISÓDIO, Cena 1**

[Egeu, de passagem por Corinto, encontra-se com Medeia. Vinha de Delfos, onde fora saber de Apolo como fazer para ter filhos, pois, apesar de casado, ainda não os tivera. Medeia vê no encontro a oportunidade para garantir acolhida depois de executada sua vingança. Assim, promete ao rei que, caso a receba em Atenas em seu exílio, garantirá sua descendência por meio do conhecimento que detém das drogas. Ele jura fazê-lo e retoma a viagem. (v.757-869)]

**EGEU**

Salve, Medeia, pois este é o melhor início  
para os encontros entre amigos como nós!

## **MEDEIA**

Salve, filho do sábio Pandion, Egeu!  
760 De onde vieste para visitar-me aqui?

## **EGEU**

Venho do antigo templo dedicado a Apolo.<sup>19</sup>

## **MEDEIA**

Qual a razão de tua ida ao santuário  
onde o deus profetiza no centro do mundo?

## **EGEU**

Para saber de Apolo como procriar.

## **MEDEIA**

765 Desejas tanto um filho e vives sem o ter?

## **EGEU**

Vivo sem filhos pela vontade dos deuses.

## **MEDEIA**

Já tens esposa, ou inda não te casaste?

## **EGEU**

Não me furtei ao jugo das núpcias normais.

## **MEDEIA**

Que disse Apolo à tua súplica por filhos?



**EGEU**

770 Falou alto demais para a razão humana.

**MEDEIA**

Posso saber qual foi a réplica do deus?

**EGEU**

Podes e deves; tua mente é penetrante.

**MEDEIA**

Qual é, então, o oráculo? Dize que eu ouço.

**EGEU**

Ele não quer que eu solte o pé que sai do saco...<sup>20</sup>

**MEDEIA**

775 Antes de ir aonde, ou de fazer o quê?

**EGEU**

...antes de retornar à terra de meus pais.

**MEDEIA**

Que desígnios te obrigam a voltar, Egeu?

**EGEU**

Lá mora o rei Piteu,<sup>21</sup> que manda nos trezênios...

**MEDEIA**

Filho de Pêlops<sup>22</sup> e muito devoto – dizem.

**EGEU**

780 ...a quem devo dizer o oráculo do deus.

**MEDEIA**

Ele é um sábio e entendido neste assunto.

**EGEU**

E para mim é o aliado mais querido.

**MEDEIA**

*Com voz sumida.*

Vai, sê feliz, então, e tenhas o que almejas!...

**EGEU**

*Observando melhor MEDEIA.*

Por que este olhar triste, esta expressão sofrida?

**MEDEIA**

785 O meu marido, Egeu, é o pior dos homens...

**EGEU**

Como? Conta-me tuas penas com detalhes!

**MEDEIA**

Jáson me ultraja sem que eu tenha culpa alguma.

**EGEU**

Explica-te com mais clareza: que fez Jáson?

**MEDEIA**

Outra mulher agora é dona de seu lar.

**EGEU**

790 Ele jamais seria tão indigno e mau!

**MEDEIA**

Pois foi; despreza-me depois de haver-me amado.

**EGEU**

Foi por ter outro amor, ou por ódio a teu leito?

**MEDEIA**

Um novo amor o faz trair a amiga de antes.

**EGEU**

Deixa-o, então, se é tão perverso quanto dizes.

**MEDEIA**

795 Casando-se com outra ele se alia a um rei.

**EGEU**

E quem lhe dá a filha? Dize logo tudo!

**MEDEIA**

Creonte, o soberano daqui de Corinto.

**EGEU**

Então a tua dor é natural, Medeia.

## **MEDEIA**

Estou perdida; fui expulsa desta terra...

## **EGEU**

800 Por quem? Falas agora de nova desgraça.

## **MEDEIA**

Creonte me degrada e bane-me daqui.

## **EGEU**

Isto é insuportável! E Jáson consente?

## **MEDEIA**

Não em palavras, mas seus desejos o vencem.

805 Por isso tudo te conjuro, por teu queixo,  
por teus joelhos, pelos direitos sagrados  
dos suplicantes! Compadece-te de mim,  
tem piedade de meu imenso infortúnio!

Não me deixes viver no exílio, abandonada!

Dá-me acolhida em teu país, em tua casa!

810 Em retribuição deem-te os deuses filhos,  
como desejas, para que morras feliz.

Não imaginas quão afortunado foste  
em vir ao meu encontro aqui; graças a mim  
não ficarás sem filhos, logo serás pai;

815 conheço filtros com essa virtude mágica.

## **EGEU**

Muitas razões, mulher, levam-me a conceder-te  
a graça que me pedes; inicialmente,

o respeito devido aos deuses, e depois  
vem a esperança dos filhos que me prometes

820 (voltam-se para esse desejo há muito tempo  
meus pensamentos). Eis minha resolução:

vem para o meu país; lá eu me empenharei  
em dar-te, como devo, a melhor acolhida.  
Quero dizer-te apenas uma coisa mais:  
825 não penso em tirar-te daqui eu mesmo, agora,  
mas se te dirigires por tua vontade  
à minha casa, nela encontrarás asilo  
inviolável; a ninguém te entregarei.  
Levem-te de Corinto, então, teus próprios passos  
830 para que não me acusem meus anfitriões.

## **MEDEIA**

Assim será, mas eu teria mais certeza  
se decidisses empenhar tua palavra.

## **EGEU**

Não confias em mim? Ou algo te inquieta?

## **MEDEIA**

Confio, mas me são hostis os descendentes  
835 de Pelias e da família de Creonte.  
Se pretendessem arrancar-me de teu lar  
– de meu asilo –, tu, preso por juramento,  
não deixarias que me tirassem de lá.  
Se, todavia, houver apenas entre nós  
840 simples palavras, sem um juramento aos deuses,  
será que não conseguirão persuadir-te  
e levar-te a ceder à voz de seus arautos?  
Sou fraca, enquanto eles são ricos e são reis.

## **EGEU**

Usas uma linguagem cheia de prudência.  
845 Se preferes assim eu não me esquivarei  
a teu pedido. Ele me dá inda mais força  
para antepor às injunções dos inimigos  
a palavra jurada; tua proteção

será maior. Que deuses queres que eu invoque?

## **MEDEIA**

850 Jura pela face da terra e pelo sol,  
pai de meu pai, e pelas divindades todas.

## **EGEU**

Que vou fazer ou deixar de fazer? Conclui!

## **MEDEIA**

Jura que nunca, em tempo algum, me expulsarás  
de tua terra e se qualquer de meus algozes  
855 quiser, com violência, tirar-me de lá,  
jamais consentirás enquanto fores vivo.

## **EGEU**

Juro pela face da terra, pela luz  
claríssima do sol e por todos os deuses  
fazer intransigentemente o que me dizes.

## **MEDEIA**

860 Isto é bastante para mim. Mas, se faltares  
ao juramento, em que penas incorrerás?

## **EGEU**

Nas reservadas aos mais ímpios dos mortais.

## **MEDEIA**

Parte feliz, então; tudo irá bem agora.  
E quanto a mim, dentro de muito pouco tempo  
865 irei para tua cidade, após haver  
realizado meus desígnios e desejos.

## **CORO**

*Dirigindo-se a EGEU, que se retira com sua escolta.*

Vai com Hermes,<sup>23</sup> o deus filho de Maia!  
Que teus desejos sejam exalçados,  
Egeu, pois te mostraste generoso!

### **3º EPISÓDIO, Cena 2**

[Medeia exulta, pois, tendo garantido abrigo e proteção, pode pôr em marcha seu plano. Numa espécie de segundo prólogo, revela ao Coro que enganará Jasão, fingindo arrependimento e submissão, para ele interceder pelos filhos junto à princesa. Para isso, ela os fará portadores de presentes para a noiva, que, envenenados, custarão a vida de sua adversária e, possivelmente, por atraírem a fúria de Creonte, a de seus próprios filhos. Deixando Jasão sem descendentes, ela então escapará para Atenas. Assim provará sua verve heroica, tratando os inimigos de forma implacável. Pela primeira vez a Corifeu desaprova os planos da heroína e pede-lhe que desista do infanticídio, mas Medeia insiste e manda chamar Jasão. (v.870-943)]

## **MEDEIA**

870 Zeus! Justiça de Zeus! Cintilação do sol!  
Agora, amigas minhas, poderei vencer  
todos os inimigos gloriosamente!  
Tenho esperanças, hoje que a marcha começa,  
de ver caírem, justamente castigados,  
875 meus adversários, pois no auge da tormenta  
em que me debatia apareceu esse homem,  
porto seguro onde depois de realizar  
os meus desígnios, irei amarrar as cordas  
quando chegar lá em Atenas gloriosa.

*Dirigindo-se à CORIFEU.*

880 Agora vou contar-te todos os meus planos  
(minhas palavras não serão para agradar).  
Enviarei a Jáson um de meus criados  
para pedir-lhe que venha encontrar-me aqui.

Quando chegar, falar-lhe-ei suavemente;  
885 direi que suas decisões são acertadas  
e concordo com elas; ele me abandona  
para casar-se com a filha do rei; faz bem,  
pois isso corresponde aos interesses dele.  
Mas pedirei que deixe meus filhos aqui,  
890 não que eu queira largá-los numa terra hostil  
nem os expor à sanha de quem os odeia,  
mas a fim de aprontar para a filha do rei,  
por intermédio deles, a armadilha atroz em  
que ela morrerá levando o pai à morte.  
895 Mandá-los-ei a ela com presentes meus  
para a nova mulher, a fim de que ela evite  
o exílio deles: um véu dos mais finos fios  
e um diadema de ouro. Se ela receber  
os ornamentos e com eles enfeitar-se,  
900 perecerá em meio às dores mais cruéis  
e quem mais a tocar há de morrer com ela,  
tão forte é o veneno posto nos presentes.

*Com uma expressão de horror.*

Mas mudo aqui meu modo de falar, pois tremo  
só de pensar em algo que farei depois:  
905 devo matar minhas crianças e ninguém  
pode livrá-las desse fim. E quando houver  
aniquilado aqui os dois filhos de Jáson,  
irei embora, fugirei, eu, assassina  
de meus muito queridos filhos, sob o peso  
910 do mais cruel dos feitos. Não permitirei,  
amigas, que riam de mim os inimigos!  
Terá de ser assim. De que vale viver?  
Já não existem pátria para mim, meu lar,  
nenhum refúgio nesta minha desventura.  
915 Fui insensata quando outrora abandonei  
o lar paterno, seduzida pela fala  
desse grego que, se me ajudarem os deuses,  
me pagará justa reparação em breve.  
Jamais voltará ele a ver vivos os filhos



920 que me fez conceber, e nunca terá outros  
de sua nova esposa que – ah! miserável! –  
deverá perecer indescritivelmente  
graças aos meus venenos! Que ninguém me julgue  
covarde, débil, indecisa, mas perceba  
925 que pode haver diversidade no caráter:  
terrível para os inimigos e benévola  
para os amigos. Isso dá mais glória à vida.

## **CORIFEU**

Já que nos fazes estas confidências, quero,  
ao mesmo tempo, dar-te um conselho profícuo  
930 e tomar a defesa das humanas leis:  
desiste de levar avante esses teus planos!

## **MEDEIA**

Não pode ser de outra maneira, mas entendo  
teu modo de falar, pois não estás sofrendo  
o tratamento desumano que me dão.

## **CORIFEU**

935 Ousarás mesmo exterminar teus próprios filhos?

## **MEDEIA**

Matando-os, firo mais o coração do pai.

## **CORIFEU**

E tornas-te a mulher mais infeliz de todas.

## **MEDEIA**

Terá de ser assim. Deste momento em diante  
quaisquer palavras passarão a ser supérfluas.

*Dirigindo-se à AMA, que permanecia perto.*

940 Vai, traze Jáson para cá; recorro a ti  
quando a missão requer pessoa confiável.  
Não fales a ninguém de minhas decisões  
se queres bem à tua dona e se és mulher.

*Sai a AMA.*

### 3º ESTÁSIMO

[O Coro, horrorizado, suplica a Medeia que abandone a ideia de matar os filhos, ponderando que um ato tão monstruoso poderia lhe custar o asilo em Atenas, cidade agraciada pelos deuses e pelas artes. Conclui apostando que ela recuará de sua decisão diante da súplica dos filhos. (v.944-976)]

### CORO

Os Erecteidas<sup>24</sup> sempre foram prósperos,  
945 filhos dos deuses bem-aventurados;  
numa terra sagrada e até hoje invicta  
eles se nutrem da sapiência excelsa,  
haurindo o ar puro e transparente, em marcha  
airosa lá onde a loura Harmonia,  
950 segundo muitos dizem, deu à luz  
as santas Pierides<sup>25</sup> – nove Musas.  
Contam, também, que Cípris aspirou  
nas ondas do Céfiso<sup>26</sup> alegre o hálito  
fresco e dulcíssimo que ainda paira  
955 por lá, quando, encantada, colhe as rosas  
mais perfumadas para coroar  
seus cabelos formosos, com os Amores,  
convivas da Sapiência, auxiliares  
de todas as virtudes. Como, então,  
960 a cidade dos rios consagrados,  
a terra acolhedora dos amigos,  
iria receber-te, a ti, a má,  
a infanticida? Não pensas nos golpes  
que decidiste desfechar nos filhos,  
965 no morticínio que vais perpetrar?  
Não, pelos teus joelhos, todas nós  
te suplicamos com todas as forças:

não os abatas! Onde em tua alma,  
onde em teus braços buscarás coragem  
26. Céfiso é o principal rio que corta Atenas.  
970 para assestar ao coração dos filhos  
os golpes de uma audácia inominável?  
Como, volvendo o olhar para teus filhos,  
serás, sem lágrimas, sua assassina?  
Não poderás, diante de teus filhos  
975 prostrados, suplicantes, mergulhar  
em sangue tuas implacáveis mãos!

*Entra JÁSON, seguido pela AMA.*

#### **4º EPISÓDIO**

[Medeia finge-se arrependida das duras palavras que antes dirigira a Jasão e pede-lhe perdão, supostamente por reconhecer que ele agira com sensatez em prol de um futuro melhor para os filhos. Diz-se disposta a partir para o exílio, como determinou Creonte, mas suplica ao ex-marido que garanta a permanência das crianças em Corinto. Como prova de boa vontade, pede aos filhos que entreguem pessoalmente presentes valiosos para a princesa, de modo a conquistar-lhe o favor. Satisfeito e sem desconfiar da súbita mudança de opinião de Medeia, Jasão parte com os filhos para o palácio de Creonte. (v.977-1107)]

### **JÁSON**

Estou aqui em atenção a teu chamado;  
não pude ficar insensível ao apelo,  
mesmo sabendo de teu ódio contra mim,  
980 e venho ouvir, Medeia, teu novo pedido.

### **MEDEIA**

Imploro, Jáson! Peço-te perdão por tudo  
que já te disse; deves ser compreensivo  
em meus momentos de exasperação, depois  
das provas incontáveis de paixão recíproca!  
985 Eu mesma ponderei e até me censurei:  
“Por que tamanha insensatez e hostilidade  
contra decisões razoáveis, infeliz?

Por que tratar como inimigos os senhores  
deste lugar e um marido que age de acordo  
990 com nossos interesses ao casar agora  
com uma princesa para dar novos irmãos  
aos filhos meus? Não renunciarei, então,  
ao meu rancor? Que sentimentos serão esses  
quando os bons deuses encaminham bem as coisas?  
995 Não tenho filhos? Já não fui banida antes<sup>27</sup>  
de outras paragens, de onde vim sem um amigo?”  
Essas ponderações me fizeram sentir  
toda a minha imprudência e toda a desrazão  
de meu ressentimento. Agora estou de acordo  
1000 com teu procedimento e julgo-te sensato  
por teres desejado uma aliança nova  
e chamo-me demente, pois eu deveria  
ter-me aliado a ti em tuas pretensões  
e te ajudar a realizá-las, e ficar  
1005 junto ao leito da noiva e sentir o prazer  
de dispensar-lhe mil cuidados. Afinal,  
nós, as mulheres, somos todas o que somos  
e não falarei mal de nós. Não deverias,  
pois, imitar-me nas injúrias nem, tampouco,  
1010 opor frivolidades a frivolidades.  
Rendo-me à evidência agora e reconheço  
que antes pensava erradamente, mas tomei  
há pouco uma resolução mais acertada.

*Voltando-se em direção à casa.*

Filhos! Meus filhos! Vinde ao meu encontro aqui!

*Os filhos aparecem, seguidos pelo PRECEPTOR.*

1015 Vinde saudar o vosso pai e dirigir-lhe,  
como vossa mãe, umas palavras; esquecei,  
comigo, o ódio em relação aos bons amigos.  
Vamos fazer as pazes, ceda nossa cólera.  
Tomai em vossas mãos a mão direita dele!

*À parte, enquanto os filhos seguram a mão de JÁSON.*

1020 Ah! Penso agora numa desgraça latente!  
Por quanto tempo ainda estendereis, meus filhos,  
vossos braços queridos?

*Voltando ao normal.*

Ah! Pobre de mim!  
Com que facilidade eu choro e sou vencida  
1025 pelo temor! Na ocasião em que se acabam  
minhas altercações com vosso pai, meus olhos  
enchem-se de sentidas, incontáveis lágrimas!

## **CORIFEU**

Os meus, também, não podem resistir ao pranto.  
Que não resulte mal maior dos males de hoje!

## **JÁSON**

1030 Agradam-me, mulher, essas tuas palavras,  
e não censuro as que disseste no passado.  
Sempre as mulheres voltam-se contra os maridos  
quando eles optam por um novo casamento.  
Teu coração, porém, mudou para melhor;  
1035 o tempo te fez afinal reconhecer  
qual a vontade que deve preponderar.  
Agem dessa maneira as mulheres sensatas.

*Voltando-se para os filhos.*

Não descuidou de vós o vosso pai, meus filhos;  
ele vos dá, com o beneplácito dos deuses,  
1040 um bom futuro. Creio que aqui em Corinto  
um dia atingireis as posições mais altas  
em companhia dos outros irmãos. Crescei,  
então; o resto cabe ao vosso pai e aos deuses,  
dos quais espero a graça de vos ver chegar  
1045 à juventude exuberantes de vigor,

em tudo mais capazes que meus inimigos.

*Dirigindo-se a MEDEIA, que chorava.*

Mas, por que banham os teus olhos tantas lágrimas?  
Por que procuras esconder teu rosto pálido?  
Minhas palavras não te deixam satisfeita?

## **MEDEIA**

1050 Nada... Pensava apenas em nossas crianças...

## **JÁSON**

Então fica tranquila; estou cuidando delas.

## **MEDEIA**

Quero ficar; não devo duvidar de ti  
mas a mulher é fraca e chora facilmente.

## **JÁSON**

Basta, pois, de lamentações sobre teus filhos.

## **MEDEIA**

1055 Fui eu quem os gerou; quando fazia votos  
para que a vida lhes sorrisse, perguntava-me,  
entristecida, se seria assim. Voltemos  
às coisas que eu queria expor-te; algumas delas  
já foram ditas; falarei do resto agora.

1060 Agrada ao rei ver-me afastada desta terra;  
compreendo tudo muito bem e eu mesma julgo  
que minha vida não deve ser empecilho  
nem para ti nem para o rei, pois consideram-me  
hostil à casa dele. Então eu partirei

1065 para o exílio, mas consegue de Creonte  
que nossos filhos não sejam também banidos  
para que tuas mãos de pai os encaminhem.

## **JÁSON**

Não sei se vou persuadi-lo; tentarei.

## **MEDEIA**

1070 Quem sabe se tua nova mulher não pode  
obter do pai que deixe as crianças aqui?

## **JÁSON**

Bem dito; acho possível convencê-la disso.

## **MEDEIA**

1075 Sim, se ela for igual às outras. Aliás,  
também posso ajudar-te nessa tentativa.  
Mandar-lhe-ei presentes muito mais formosos  
que os conhecidos nesta terra (muito mais!):  
um véu diáfano e um diadema de ouro,  
que lhe serão entregues por nossas crianças.

*Falando em direção à casa.*

Trazei-me sem demora, servas, os presentes!

*Falando a JÁSON.*

1080 Ela não há de ter somente uma ventura;  
serão inúmeras, por encontrar em ti,  
para levá-la ao leito, um esposo perfeito,  
e por tornar-se dona de belos adornos  
que o Sol, pai de meu pai, deu a seus descendentes.

*Uma criada traz da casa o véu e o diadema, que MEDEIA entrega aos filhos.*

1085 Tomai estes presentes nupciais, meus filhos,  
em vossas mãos; levai-os à própria princesa;  
é uma oferenda minha à venturosa esposa.

Não são regalos desprezíveis que ela ganha.

## **JÁSON**

Por que vais desfazer-te destes bens preciosos?  
Perdeste o senso? Pensas que a casa real  
1090 carece de ouro? Guarda-os! Não te prives deles!  
Se nos dispensa essa mulher algum apreço,  
o meu pedido a moverá mais que riquezas.

## **MEDEIA**

Não fales deste modo. Dizem que os presentes  
dobram até as divindades e que o ouro  
1095 tem mais poder para os mortais que mil pedidos.  
Pende o destino para o lado dela, um deus  
a favorece agora e lhe dá boa sorte.  
Ela é mais jovem, reinará. Para salvar  
meus filhos do desterro eu lhe daria a vida,  
1100 além do ouro. Ide, filhos, ide logo  
até o palácio e suplicai à nova esposa  
de vosso pai, minha senhora; implorai dela  
que não consinta em vosso exílio, oferecendo-lhe  
estes adornos. É importante que ela pegue  
1105 com as próprias mãos estes presentes valiosos.

*Os filhos se afastam com JÁSON e o PRECEPTOR.*

Ide depressa, filhos, e trazei notícias  
de que vossa mãe teve o sucesso esperado.

## **4º ESTÁSIMO**

[O Coro lamenta a morte iminente da princesa e das crianças, motivada pela traição de Jasão contra o leito conjugal e por sua incapacidade de perceber o que se passa. Apesar de discordar dos planos de Medeia, o Coro ainda nutre piedade por ela, reconhecendo que a morte dos filhos atingirá também a mãe. (v.1108-1132)]



## CORO

Não temos esperanças quanto à vida  
dessas crianças; elas se encaminham  
1110 agora para a morte. A nova esposa,  
a infeliz, receberá – coitada! –  
a perdição dourada; em toda a volta  
de seus cabelos louros já vai pôr,  
com suas próprias mãos, aquele adorno  
1115 que a levará à morte. O encanto dele  
e o brilho eterno a induzirão depressa  
a usar o véu e o áureo diadema,  
presentes dessas núpcias infernais.  
Eis a armadilha, a sentença de morte  
1120 em que irá emaranhar-se a moça;  
ela não pode fugir ao destino.  
E tu, funesto e desgraçado esposo,  
que te aliaste a nossos reis, preparas  
inadvertidamente a destruição  
1125 de teus filhos sem sorte e a morte horrível  
de tua nova esposa! Até que ponto  
te enganas, infeliz, quanto a teu fado!  
Choramos por teu sofrimento enorme,  
desventurada mãe dessas crianças,  
1130 pois vais matá-las por causa do amor  
que teu esposo perjuro traiu  
só para conquistar outra mulher!

*O PRECEPTOR reaparece com as crianças.*

## 5º EPISÓDIO

[O Preceptor retorna com as crianças anunciando o sucesso da empreitada: a princesa aceitou os presentes e concordou com a permanência dos filhos de Jasão em Corinto. Surpreendentemente, Medeia lamenta esse desfecho, que sela também o destino dos meninos. O Preceptor entra na casa acreditando que sua senhora angustia-se com a partida iminente de Corinto. Medeia passa a se despedir dos filhos com palavras ambíguas, que, aos olhos do Coro e dos espectadores, apontam para a morte próxima. Nesse famoso monólogo, a heroína mostra-se dilacerada, hesitante quanto à decisão a tomar: deve poupar a vida dos

filhos e fugir com eles de Corinto ou matá-los para punir o pai e evitar a zombaria dos inimigos? A veia heroica fala mais alto e decide-se por matá-los ela própria, para que não venham a perecer pelas mãos de outros. Mais uma vez manda chamar as crianças, para a derradeira despedida. A decisão está tomada.  
(v.1133-1230)]

## **PRECEPTOR**

*Dirigindo-se a MEDEIA.*

Aqui estão teus filhos, salvos do desterro.  
A jovem recebeu pronta e alegremente  
1135 os teus presentes das mãos deles. Fez-se a paz  
com as crianças lá. Mas, por que estás aflita?  
Por que demonstras nas feições tanto transtorno  
quando afinal a sorte está a teu favor?  
Por que procuras ocultar o rosto assim  
1140 e acolhes constrangida a minha informação?

## **MEDEIA**

Ai! Ai de mim!

## **PRECEPTOR**

Isto é incompatível com minhas palavras.

## **MEDEIA**

Ai! Ai de mim!

## **PRECEPTOR**

Teria eu, sem perceber, anunciado  
1145 uma desgraça? Então me equivoquei pensando  
que te trazia uma mensagem agradável?

## **MEDEIA**

Disseste o que disseste; não te recrimino.

## **PRECEPTOR**

Por que esses olhos cerrados, essas lágrimas?

## **MEDEIA**

1150 É natural, e muito, ancião. Já se consumam  
as intenções divinas e as maquinações  
de minha mente e seus terríveis pensamentos.

## **PRECEPTOR**

Anima-te! Trazida por teus próprios filhos,  
reaparecerás um dia em Corinto.

## **MEDEIA**

1155 Antes farei com que desapareçam outros  
nas profundezas desta terra! Ai de mim!

## **PRECEPTOR**

Não és a única, porém, que é separada  
dos filhos. Nós, mortais, devemos enfrentar  
com naturalidade os golpes do destino.

## **MEDEIA**

1160 Procederei assim. Retorna à minha casa  
e cuida das crianças como de costume.

*Sai o PRECEPTOR. Os filhos continuam em cena.*

1165 Queridos filhos meus! Agora vos espera  
para meu desespero um mundo diferente,  
outra morada onde estareis eternamente  
sem vossa mãe! E me fazem partir, banida  
para uma terra estranha, sem haver podido  
colher as muitas alegrias que esperava  
de vós, antes de ver vossa felicidade,

antes de vos haver levado ao matrimônio,  
de haver composto vosso leito nupcial  
1170 e de acender as tochas rituais nas bodas!...  
Ah! Infeliz de mim! Que presunção a minha!  
Criei-vos, filhos meus, em vão, sofri em vão  
por vós, dilacerada nas dores atrozes  
do parto! Ah! Devo confessar – infortunada! –  
1175 que já depus em vós muita esperança:  
que vós sustentáreis a minha velhice  
e, quando eu falecesse, vossas mãos piedosas  
me enterrariam (todas desejamos isso).  
Mas desvanecem-se esses doces pensamentos!  
1180 Arrancada de vós, terei de suportar  
uma existência de amargura e sofrimentos.  
E nunca, nunca mais, vossos olhos queridos  
poderão ver-me! (Partirei para outra vida...)  
Ai de mim! Ai de mim! Por que voltais os olhos  
1185 tão expressivamente para mim, meus filhos?  
Por que estais sorrindo para mim agora  
com este derradeiro olhar? Ai! Que farei?  
Sinto faltar-me o ânimo, mulheres, vendo  
a face radiante deles... Não! Não posso!  
1190 Adeus, meus desígnios de há pouco! Levarei  
meus filhos para fora do país comigo.  
Será que apenas para amargar o pai  
vou desgraçá-los, duplicando a minha dor?  
Isso não vou fazer! Adeus, meus planos... Não!  
1195 Mas, que sentimentos são estes? Vou tornar-me  
alvo de escárnio, deixando meus inimigos  
impunes? Não! Tenho de ousar! A covardia  
abre-me a alma a pensamentos vacilantes.  
Ide para dentro de casa, filhos meus!

*Saem os filhos.*

1200 Quem não quiser presenciar o sacrifício,  
mova-se! As minhas mãos terão bastante força!  
Ai! Ai! Nunca, meu coração! Não façam isso!  
Deves deixá-los, infeliz! Poupa as crianças!

- Mesmo distantes serão a tua alegria.
- 1205 Não, pelos deuses da vingança nos infernos!  
Jamais dirão de mim que eu entreguei meus filhos  
à sanha de inimigos! Seja como for,  
perecerão! Ora: se a morte é inevitável,  
eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!
- 1210 De qualquer modo isso terá de consumir-se.  
Não vejo alternativas. Deve estar morrendo  
a princesinha, com o diadema na cabeça,  
envolvida no véu (quanta certeza eu tenho!).  
Portanto, já que deverei seguir a via
- 1215 do supremo infortúnio e fazê-los trilhar  
caminho ainda mais desesperado, agora  
devo chamar meus filhos para a despedida.

*MEDEIA acena em direção à casa  
e os filhos são trazidos de volta à cena.*

Vinde, meus filhos, e estendei a mão direita  
para que vossa mãe inda possa estreitá-la.

*MEDEIA abraça e beija os filhos.*

- 1220 Ah! Muito amadas mãos! Ah! Lábios muito amados!  
Ah! Porte e rostos muito altivos de meus filhos!  
Sede felizes, ambos, mas noutra lugar,  
pois vosso pai vos privou da ventura aqui.  
Ah! Doce abraço e tão aveludados rostos
- 1225 e hálito suave de meus filhos! Ide!

*MEDEIA afasta dela os filhos e os faz voltarem para casa.*

- Faltam-me forças para contemplar meus filhos.  
Sucumbo à minha desventura. Sim, lamento  
o crime que vou praticar, porém maior  
do que minha vontade é o poder do ódio,
- 1230 causa de enormes males para nós, mortais!

## 5º ESTÁSIMO

[O Coro faz aqui observações de caráter geral sobre as expectativas dos pais em relação aos filhos, as dificuldades envolvidas em sua criação, as incertezas que cercam seu futuro e as preocupações incessantes que suscitam. Assim, os que não têm filhos parecem-lhe mais felizes que os que são pai ou mãe. Essa reflexão antecipa o sofrimento tanto de Jasão e Medeia quanto o de Creonte, todos prestes a perder seus filhos. (v.1231-1263)]

## CORO

Veze inúmeras nos entregamos  
a muitas e sutis divagações  
ao meditar sobre temas mais altos  
do que às mulheres é normal versar.  
1235 Nós também cultuamos nossa Musa,  
que nos infunde sua sapiência  
(a todas, não; a poucas entre muitas  
que se mostram fiéis à devoção).  
Apregoamos que os mortais alheios  
1240 ao casamento e à procriação  
desfrutam de maior felicidade  
que os pais e mães. Ignoram os sem filhos  
se a prole só lhes traria alegrias  
ou também dores; sua inexistência  
1245 lhes poupa mágoas e incontáveis males.  
Mas sofrem de cuidados infundáveis  
aqueles cujos lares as crianças  
adornam numa doce floração;  
querem criar os filhos bem, deixar-lhes  
1250 meios de subsistência, mas não sabem  
se apesar dos cuidados hão de ser  
bons ou perversos. Também falaremos  
do último dos males e incertezas:  
ainda que tenham amontoado  
1255 bastantes bens e que seus filhos cheguem  
à juventude e tenham boa índole,  
se for vontade do destino a morte  
os rouba logo e leva deste mundo.  
Que benefício advém, então, aos homens  
1260 se para ter a descendência arriscam-se

a receber, mandado pelos deuses  
além de tantos outros sofrimentos,  
esse castigo mais cruel de todos?

## 6º EPISÓDIO

[Um mensageiro traz a notícia da morte de Creonte e sua filha e aconselha Medeia a fugir o mais rápido possível. Ela, no entanto, exulta e pede-lhe que narre em detalhe as circunstâncias das mortes. Findo o relato, a Corifeu reconhece que Jasão foi justamente castigado, mas apieda-se de Medeia, cuja vida lhe parece por um fio. A heroína redobra sua intenção de matar as crianças e, em meio a lamentos e autoexortação, entra em casa para cumprir a penosa tarefa. (v.1264-1428)]

### MEDEIA

Estou na expectativa de acontecimentos  
1265 há muito tempo, amigas, só imaginando  
o que pode haver ocorrido no palácio.  
Agora vejo um dos servidores de Jáson  
chegar correndo aqui; sua respiração  
entrecortada mostra que nos vem trazer  
1270 notícias de alguma desgraça singular.

*Entra precipitadamente o MENSAGEIRO.*

### MENSAGEIRO

Tu que, violentando as leis, premeditaste  
e praticaste um crime horripilante, fuge!  
Foge, Medeia, seja por que meios for  
ou por que via, mar ou terra, nave ou carro!

### MEDEIA

1275 Por que devo fugir? Que houve? Dize logo!

### MENSAGEIRO

Morreram nosso rei Creonte e sua filha,

faz pouco tempo, vítimas de teus venenos.

## **MEDEIA**

Tuas palavras não podiam ser mais belas.  
De agora em diante és meu amigo e benfeitor.

## **MENSAGEIRO**

1280 Como, Medeia? Teu juízo está perfeito,  
ou estás louca? Logo após exterminar  
a família real demonstras alegria  
em vez de estremecer ouvindo esta notícia?

## **MEDEIA**

1285 Tenho palavras para responder-te, amigo,  
mas não te precipites; fala tu agora.  
Conta! Como morreram eles? Meu prazer  
será dobrado se eu ouvir que pereceram  
atormentados pelas dores mais terríveis!

## **MENSAGEIRO**

1290 Quando teus filhos – tua dupla descendência –  
chegaram com o pai deles e foram levados  
ao palácio real, sentimo-nos felizes,  
nós, os criados, que sofríamos por ti;  
e de um ouvido a outro foi-se repetindo  
que chegara a bom termo o desentendimento  
1295 havido entre Jáson e ti. Alguns beijavam  
as mãos, beijavam outros as louras cabeças  
dos filhos teus; eu mesmo, cheio de alegria,  
segui com as crianças para os aposentos  
onde ficavam as mulheres. A senhora  
1300 que reverenciávamos em teu lugar  
antes de ver teus filhos dirigiu a Jáson  
um olhar cheio de ternura, mas depois  
cobriu com véus os olhos e quis desviar



o rosto pálido, pois a presença deles  
1305 causava-lhe aversão. Tentava o teu esposo  
atenuar a cólera e o desagrado  
da jovem, ponderando: “Não será possível  
suavizar esta aparência contrafeita  
ao encontrar amigos? Trata de acalmar  
1310 o teu ressentimento e vira novamente  
o rosto para eles. Considera teus  
os meus próprios amigos. Olha bem e aceita  
estes presentes deles e pede a teu pai  
que em consideração a mim dê às crianças  
1315 o generoso asilo.” À vista dos adornos  
ela não resistiu e logo concordou  
com seu marido. Sem esperar que teus filhos  
e que o pai deles chegassem mais perto, a moça  
quis apanhar depressa o véu de muitas cores,  
1320 ansiosa por usá-lo. Em frente a um espelho  
vestiu o véu, e com o diadema de ouro  
já na cabeça ela compunha o penteado,  
sorrindo à sua própria imagem refletida.  
Depois, erguendo-se do suntuoso assento,  
1325 movimentou-se, pousando no chão com graça  
os pés de radiosa alvura, deslumbrada  
com teus presentes, observando muitas vezes  
o véu que lhe descia até os calcanhares  
e se ajeitando. Mas, quase no mesmo instante,  
1330 um espetáculo terrível se mostrou  
aos nossos olhos: sua cor mudou e o corpo  
dobrou-se; ela oscilou e seus formosos membros  
tremiam, e só teve tempo de voltar  
até o assento para não cair no chão.  
1335 Uma velha criada, pensando tratar-se  
de algum mal súbito mandado pelos deuses,  
pôs-se a fazer invocações em altos brados,  
até que da boca da jovem escorreu  
esbranquiçada espuma e as pupilas dela  
1340 puseram-se a girar e o sangue lhe fugiu  
da pele; então, em vez de invocações ouviram-se  
soluços fortes. Uma de suas criadas

correu em direção ao quarto do pai dela;  
outra precipitou-se à procura de Jáson  
1345 para contar-lhe o que ocorrera à nova esposa.  
E no palácio todo apenas escutavam-se  
passos precipitados. Pouco tempo após,  
a infortunada moça abriu os belos olhos  
e recobrando a voz gemeu horrivelmente.  
1350 Exterminava-a dupla calamidade:  
do diadema de ouro em seus lindos cabelos  
saía uma torrente sobrenatural  
de chamas assassinas; o véu envolvente  
– presente de teus filhos – consumia, ávido,  
1355 as carnes alvas da infeliz. Ela inda pôde  
erguer-se e quis correr dali, envolta em fogo,  
movendo em todos os sentidos a cabeça  
no afã de se livrar do adorno flamejante,  
mas o diadema não saía do lugar  
1360 e quanto mais a moça agitava a cabeça  
mais se alastavam as devoradoras chamas.  
Ela caiu no chão, por fim, aniquilada  
e tão desfigurada que somente os olhos  
do pai foram capazes de reconhecê-la.  
1365 Não se podiam distinguir sequer as órbitas  
nem ver de forma alguma o rosto antes tão belo;  
corria muito sangue de sua cabeça  
e misturava-se com as chamas; suas carnes,  
roídas pelos muitos dentes invisíveis  
1370 de teus venenos, desprendiam-se dos ossos,  
e à semelhança da resina dos pinheiros  
desintegravam-se numa cena horrorosa.  
Todos temíamos tocar em seu cadáver,  
pois tanta desventura nos deixava atônitos.  
1375 O pai, então, ainda alheio ao desenlace  
horrível, entrou transtornado no aposento  
e se lançou de encontro à morta; soluçava  
pungentemente e, envolvendo-a com seus braços,  
beijou-a e disse: “Minha desditosa filha!  
1380 Que deus quis infligir-te essa aviltante morte?  
Quem decidiu privar de ti um ancião

à beira do sepulcro? Que a morte me leve  
contigo, minha filha!” E quando terminou  
de lamentar-se e soluçar, quis aprumar  
1385 o velho corpo mas, igual à hera unida  
ao tronco do loureiro, ele continuava  
inseparavelmente preso ao fino véu.  
A luta foi terrível; ele se esforçava  
por levantar-se, ajoelhando-se primeiro;  
1390 o peso do cadáver, todavia, agindo  
em sentido contrário, derribava o pai.  
Se o ancião tentava erguer-se de uma vez,  
soltava-se dos ossos sua velha carne.  
Vencido, finalmente, ele entregou a alma  
1395 – infortunado! –, sem forças para enfrentar  
tanta desgraça. Agora jazem mortos, juntos,  
o idoso pai e a filha, uma calamidade  
que justificaria torrentes de lágrimas.

*Dirigindo-se a MEDEIA.*

Nada quero dizer, Medeia, a teu respeito;  
1400 verás voltar-se contra ti a punição.  
Há muito tempo considero que os mortais  
vivem como se fossem sombras, e os que julgam  
ser mais sagazes e pensar melhor que os outros  
são os mais castigados. Criatura alguma  
1405 é venturosa até o fim; muitas possuem  
bens incontáveis, mas não têm felicidade.

## **CORIFEU**

Os deuses tentam atingir agora Jáson  
com numerosas desventuras merecidas.  
Ah! Infeliz filha do rei! Sentimos tanto  
1410 que, vítima da união com Jáson, chegues  
antes do tempo às portas da mansão dos mortos!

## **MEDEIA**

Não volto atrás em minhas decisões, amigas;  
sem perder tempo matarei minhas crianças  
e fugirei daqui. Não quero, demorando,  
1415 oferecer meus filhos aos golpes mortíferos  
de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo  
eles devem morrer e, se é inevitável,  
eu mesma, que os dei à luz, os matarei.  
Avante, coração! Sê insensível! Vamos!  
1420 Por que tardamos tanto a consumir o crime  
fatal, terrível? Vai, minha mão detestável!  
Empunha a espada! Empunha-a! Vai pela porta  
que te encaminha a uma existência deplorável,  
e não fraquejes! Não lembres de todo o amor  
1425 que lhes dedicas e de que lhes deste a vida!  
Esquece por momentos de que são teus filhos,  
e depois chora, pois lhes queres tanto bem  
mas vais matá-los! Ah! Como sou infeliz!

*MEDEIA entra em casa.*

## 6º ESTÁSIMO

[O Coro invoca a Terra e o Sol, avô de Medeia, como testemunhas do crime que está prestes a se consumir. Também suplica aos deuses que impeçam a matança e lamenta que o ódio tenha conduzido Medeia ao extermínio de sua prole, prevendo que sofrerá um castigo condizente com os seus atos. Ouvem-se os gritos de socorro das crianças no interior da casa. O Coro cogita intervir, mas apenas lamenta o desfecho dos fatos, apresentando Ino como exemplo mítico para o infanticídio. (v.1429-1473)]

## CORO

Ah! Terra! Sol que trazes luz a tudo!  
1430 Olhai-a! Vede essa mulher funesta  
antes de ela descer sobre seus filhos  
a mão sangrenta prestes a matar  
a sua própria carne! Eles descendem  
de uma raça de ouro<sup>28</sup> e é horrível  
1435 que o sangue de um deus corra sob os golpes  
de uma criatura humana! Vem, então,

luz nascida de Zeus, fá-la parar,  
detém-na, expulsa em tempo lá de dentro  
a miserável Fúria<sup>29</sup> sanguinária  
1440 entregue à sanha de gênios malignos!  
Sofreste em vão, Medeia, por teus filhos,  
em vão pariste uma prole querida,  
tu, que venceste o traíçoeiro estreito  
de águas azuis e escolhos da Simplégades!  
1445 Ah! Infeliz! Por que tanto furor,  
e tão feroz avassalou tua alma,  
presa desse delírio criminoso?  
A maldição do sangue dos parentes  
pesa sobre os mortais e precipita  
1450 contra quem mata a sua própria raça  
desgraças infligidas pelos deuses  
na proporção exata de seus crimes.

## **OS FILHOS DE MEDEIA**

*Do interior da casa.*

Ai! Ai!

### **CORIFEU**

Ouvistes os gritos dos filhos? Não ouvistes?

### **1º FILHO**

1455 Ah! Que fazer? Como fugir de minha mãe?

### **2º FILHO**

Não sei, irmão querido! Estamos sendo mortos!

### **CORIFEU**

Vamos entrar! Salvemos as frágeis crianças!

## **1º FILHO**

Sim, pelos deuses! Vinde já para salvar-nos!

## **2º FILHO**

Já fomos dominados! Vemos o punhal!

## **CORIFEU**

1460 Ah! Infeliz! Tu és então de pedra ou ferro para matar assim, com tuas próprias mãos, os dois filhos saídos de tuas entranhas?

## **1ª MULHER DO CORO**

Somente uma mulher ousou até agora exterminar assim os seus filhos queridos!

## **2ª MULHER DO CORO**

1465 Foi Ino,<sup>30</sup> que expulsa pela mulher de Zeus de sua casa e sem destino, enlouqueceu.

## **3ª MULHER DO CORO**

Lançou-se a desditosa aos vagalhões amargos, impondo aos filhos uma morte impiedosa.

## **4ª MULHER DO CORO**

1470 Precipitando-se de altíssimo penhasco ao mar, ela levou seus filhos para a morte.

## **CORIFEU**

Que poderia acontecer de mais terrível?  
Ah! Leito nupcial, fecundo em sofrimentos para as mulheres, quantos males já causaste!

*Entra JÁSON precipitadamente.*

## ÊXODO

[Jasão chega a casa para tentar salvar os filhos da vingança dos parentes de Creonte e descobre que Medeia já os assassinou. Ao tentar forçar a porta para ver os corpos dos filhos, encontra Medeia no carro alado que seu avô, o Sol, enviara para sua fuga. Jasão enfatiza sua condição de bárbara e sua selvageria, para justificar tamanha monstruosidade. Ela insiste que o desrespeito com que ele a tratara fora a causa de tanto infortúnio. De posse dos cadáveres dos filhos, ela se comporta como uma divindade, determinando o funeral deles, seu autoexílio e o destino de Jasão. De fato, ela ocupa a posição em geral reservada aos deuses, suspensos nos ares pelo guindaste, o *deus ex machina*. Sua vitória sobre os inimigos está completa, embora reconheça que sofrerá com a morte dos filhos. As palavras finais do Coro revelam a sua perplexidade diante das surpresas que os deuses reservam aos mortais. (v.1474-1617)]

## JÁSON

Dizei, mulheres que aqui vejo em frente à casa:

1475 Medeia, autora desse crime pavoroso,  
ainda está lá dentro, ou se afastou fugindo?  
Que ela se esconda nas profundezas da terra,  
ou, recebendo asas, suba ao infinito,  
se não quiser pagar agora o justo preço  
1480 de sua crueldade! Ou pensa ela que,  
depois de haver causado a morte dos senhores  
desta cidade, fugirá impunemente?  
Mais do que nela estou pensando nos meus filhos.  
Ela receberá de volta o mal que fez  
1485 às suas vítimas; é a vida de meus filhos  
que vim salvar, pois temo que a real família  
pretenda castigar nos frágeis descendentes  
o crime horrendo cometido pela mãe.

## CORIFEU

Ah! Jáson! Não pudeste perceber ainda  
1490 – infortunado! – toda a tua desventura!  
Se já soubesses, não falarias assim.

## **JÁSON**

Que há? Ela queria matar-me também?

## **CORIFEU**

Teus filhos estão mortos. Sua mãe matou-os.

## **JÁSON**

Que dizes? Ai de mim! Mataste-me, mulher!

## **CORIFEU**

1495 Fica sabendo: já não existem teus filhos.

## **JÁSON**

Onde ela os trucidou? Dentro ou fora de casa?

## **CORIFEU**

Entra em teu lar; verás teus filhos já sem vida.

## **JÁSON**

*Gritando em direção à casa.*

1500 Abri logo os ferrolhos e tirai as trancas,  
criados, para que eu veja meus filhos mortos  
– dupla infelicidade a minha! – e sua mãe,  
a quem darei a merecida punição!

*Não obtendo resposta, JÁSON se lança contra a porta, tentando forçá-la.*

*MEDEIA aparece por cima da casa, num carro flamejante, no qual se veem, também, os cadáveres de seus dois filhos.*

## **MEDEIA**



Por que tentas forçar e destruir as portas?  
Procuras os cadáveres e a criminosa?  
Poupa-te esta fadiga; se quiseres ver-me,  
1505 estou aqui. Dize o que esperas. Tuas mãos,  
porém, jamais me tocarão. Este é o carro  
que o Sol, pai de meu pai, fez chegar até mim,  
para me proteger contra o braço inimigo.

## **JÁSON**

Monstro! Mulher de todas a mais odiada  
1510 por mim e pelos deuses, pela humanidade!  
Tiveste a incrível ousadia de matar  
tuas crianças com um punhal, tu, que lhes deste  
a vida, e também me atingiste mortalmente  
ao me privar dos filhos! E depois do crime  
1515 ainda tens o atrevimento de mostrar-te  
ao sol e à terra, tu, sim, que foste capaz  
de praticar a mais impiedosa ação!  
Tens de morrer! Hoje, afinal, recuperei  
minha razão, perdida no dia fatídico  
1520 em que te trouxe de teu bárbaro país  
para uma casa grega, tu, flagelo máximo,  
traidora de teu pai e da terra natal!  
Lançaram contra mim os deuses um demônio  
sedento de vingança que te acompanhava,  
1525 pois já tinhas matado teu irmão em casa  
antes de entrar em minha nau de bela proa.  
Foi este o teu começo. Logo te casaste  
com o homem que te fala e, depois de lhe dar  
dois filhos, imolaste-os às tuas bodas  
1530 e ao leito nupcial. Jamais houve uma grega  
capaz de um crime destes, e eu te preferi  
em vez de outra. Para desespero meu  
fui aliar-me a uma inimiga, uma leoa  
e não uma mulher, ser muito mais feroz  
1535 que os monstros mais selvagens. Mas, por que falar?  
Eu não te ofenderia nem com mil injúrias,  
tão insensível és! Dana-te, pois, infame,

nojenta infanticida! Resta-me somente  
gemer curvado aos golpes deste meu destino.  
1540 Não provei o sabor, sequer, das novas núpcias  
e não vou conviver com os filhos, pois perdi-os!

## **MEDEIA**

Se Zeus pai não soubesse como te tratei  
e como e quanto me ofendeste, esta resposta  
à tua falação teria de ser longa.  
1545 Não deverias esperar, após o ultraje  
contra meu leito, que fosses passar a vida  
rindo de mim, tranquilo com a filha do rei;  
Creonte, que te deu a filha para esposa,  
não haveria de querer impunemente  
1550 expulsar-me daqui, onde cheguei contigo.  
Chama-me agora, se quiseres, de leoa  
e monstro; quis apenas devolver os golpes  
de teu instável coração como podia.

## **JÁSON**

Mas também sofres. Nossas dores são as mesmas.

## **MEDEIA**

1555 É claro, porém sofro menos se não ris.

## **JÁSON**

Minhas crianças! Que mãe perversa tivestes!

## **MEDEIA**

Matou-vos a perfídia deste pai, meus filhos!

## **JÁSON**

Mas não foi minha a mão que lhes tirou a vida.

**MEDEIA**

Foi teu ultraje, teu segundo casamento!

**JÁSON**

1560 O leito abandonado justifica o crime?

**MEDEIA**

Essa injúria é pequena para uma mulher?

**JÁSON**

Se ela é sensata. Para ti, tudo é ofensa.

**MEDEIA**

*Apontando para as crianças mortas.*

Elas já não existem. Sofrerás por isso.

**JÁSON**

Existem para atormentar-te em teu remorso.

**MEDEIA**

1565 Os deuses sabem a quem cabe toda a culpa.

**JÁSON**

Sabem, também, quão tenebrosa é tua mente.

**MEDEIA**

Odeia-me! Tuas palavras me repugnam.

**JÁSON**

Repugnas-me também. Matemo-nos! É fácil!

## **MEDEIA**

Mas, como? Que devo fazer? É o meu desejo!

## **JÁSON**

1570 Deixa-me sepultar meus filhos e chorá-los!

## **MEDEIA**

De modo algum! Com minhas próprias mãos eu mesma  
hei de enterrá-los. Transportá-los-ei agora  
ao santuário de Hera,<sup>31</sup> deusa das colinas,  
onde nem tu nem mais ninguém possa ultrajá-los  
1575 violando-lhes o túmulo. Instituiremos  
solenes cerimônias na terra de Sísifo,<sup>32</sup>  
visando à expiação desse terrível crime.  
Irei de lá para a cidade de Erecteu,  
onde me acolherá o filho de Pandión,  
1580 Egeu. Morrerás miseravelmente aqui,  
colhendo – miserável! – os amargos frutos  
do novo casamento que tanto querias!

## **JÁSON**

Ah! Céus! Matem-te as Fúrias vingadoras  
de nossos filhos e a justiça certa!

## **MEDEIA**

1585 Mas, quem te escutará, deus ou demônio,  
a ti, perjuro, a ti, hóspede pérfido!

## **JÁSON**

Ah! Monstro odioso, infanticida infame!

## **MEDEIA**

Volta! Vai sepultar a tua esposa!

**JÁSON**

Sim, voltarei, e sem meus filhos mortos...

**MEDEIA**

1590 Chorarás mais ainda na velhice!

**JÁSON**

Filhos queridos!

**MEDEIA**

Por mim, não por ti!

**JÁSON**

Tu os mataste!

**MEDEIA**

Para que sofresses!

**JÁSON**

1595 Ah! Lábios adoráveis de meus filhos  
tão infelizes! Quero acariciá-los!...

**MEDEIA**

Hoje lhes falas, queres afagá-los;  
até há pouco nem os procuravas.

**JÁSON**

1600 Deixa-me ao menos, em nome dos deuses,  
tocar os corpos frágeis de meus filhos!

**MEDEIA**

*Desaparecendo lentamente com o carro.*

Não é possível; são palavras vãs.

## **JÁSON**

Ouviste, Zeus, como fui repelido,  
como me trata a infanticida pérfida,  
essa leoa? Que posso fazer?

- 1605 Chorar meus filhos e tomar os deuses  
por testemunhas de que, após matá-los,  
não me permitiste sequer tocá-los  
com minhas mãos e dar-lhes sepultura...  
Antes eu nunca os houvesse gerado  
1610 para vê-los morrer sob os teus golpes!...

*JÁSON retira-se lentamente.*

## **CORIFEU**

*Enquanto o CORO também se retira.*

- Dos píncaros do Olimpo Zeus dirige  
o curso dos eventos incontáveis  
e muitas vezes os deuses nos deixam  
atônitos na realização  
1615 de seus desígnios. Não se concretiza  
a expectativa e vemos afinal  
o inesperado. Assim termina o drama.<sup>33</sup>

**FIM**

---

<sup>1</sup> *Argó* (ou *Argo*, na grafia mais corrente) é o navio que transportou Jasão e seus companheiros à Cólquida. Os argonautas, como ficaram conhecidos, foram encarregados por Pélias, tio do herói, de trazer de volta à Grécia o velocino de ouro. Medeia, filha de Aietes, rei da Cólquida, apaixonou-se por Jasão, e sua ajuda é decisiva para o sucesso da missão. Ao seu término, ela parte com Jasão rumo à Grécia.

<sup>2</sup> São, literalmente, as rochas que se chocam, também conhecidas como Ciâneas, rochas escuras. Nos mitos,

as Simplégades representavam um obstáculo à navegação, uma vez que se uniam à aproximação de qualquer embarcação no intuito de barrar-lhe a passagem ou esmagá-la. Os argonautas teriam conseguido passar por elas, que desde então ficaram imóveis.

<sup>3</sup> O monte Pélion fica próximo de Iolco, a cidade de Jasão e ponto de partida da expedição dos argonautas. Seus bosques teriam fornecido a madeira para construção de *Argo* e dos remos que a impulsionaram.

<sup>4</sup> Rei de Iolco, era tio de Jasão. Temendo que o sobrinho o destronasse, enviou-o aos confins do mundo em busca do velocino de ouro, intencionando assim livrar-se dele.

<sup>5</sup> Velocino ou tosão de ouro, ou ainda velo de ouro, era um troféu cobiçado pelos heróis gregos. Segundo o mito, Zeus teria enviado um carneiro alado de pelagem dourada para resgatar os filhos de Atamas, que decidira sacrificá-los. Frixo, uma das crianças, refugiou-se na Cólquida. Para agradecer sua acolhida, dedicou o animal aos deuses e entregou a pelagem a Aietes. O rei a escondeu em uma floresta sob a vigilância de um dragão.

<sup>6</sup> A fonte Pirene era a mais importante de Corinto, chamada santa por fornecer água para os rituais.

<sup>7</sup> Têmis é a deusa da justiça.

<sup>8</sup> Trata-se do estreito de Bósforo, atravessado por Jasão na viagem da Cólquida para a Grécia.

<sup>9</sup> O verso faz referência ao dote que a família da noiva tinha que dar ao noivo para selar o casamento.

<sup>10</sup> No panteão grego Hecate descende de um casal de titãs, mas é uma divindade marginal, não participando de lendas importantes. Seu culto, entretanto, era popular, já que se acreditava que concedia dons diversos aos que a invocavam. Também estava associada à magia e ao mundo espectral, sendo adorada à noite nas encruzilhadas. Vem daí a devoção de Medeia.

<sup>11</sup> Sísifo é tido como fundador de Corinto e seu primeiro rei, daí a expressão “sangue de Sísifo” ser sinônima de “coríntia”. Além disso, a menção ao herói, notoriamente ardiloso e trapaceiro, alude à natureza traiçoeira de Jasão. Por causa dessa astúcia Sísifo foi condenado pelos deuses a empurrar uma enorme pedra até o topo de uma montanha, ao qual nunca chegava porque a pedra tornava a rolar montanha abaixo.

<sup>12</sup> O pai de Medeia, Aietes, é filho de Hélio, o Sol, divindade que vai apoiá-la diversas vezes. Provêm dele os presentes que a heroína envia à princesa e o carro alado que propicia sua fuga espetacular ao final da tragédia.

<sup>13</sup> Epíteto de Apolo, deus da profecia e da música. “Febo” significa “luminoso”.

<sup>14</sup> Referência ao estreito de Bósforo, que Medeia teve que atravessar para passar da Ásia à Europa.

<sup>15</sup> Medeia teria convencido as filhas de Pelias a esquartejar o pai e lançá-lo em um caldeirão para rejuvenescê-lo. Jasão teria se beneficiado com a morte, pois assumiria o trono de Iolco, mas, em vista do crime, os cidadãos votaram por seu exílio.

<sup>16</sup> Por ser cultuada em Chipre, Afrodite é designada pelo epíteto Cípris. Jasão argumenta aqui que seu sucesso se deve a Afrodite, deusa do desejo erótico, por ter feito com que Medeia se apaixonasse por ele.

<sup>17</sup> Um dos argonautas, partiu com Jasão para a Cólquida. Era músico notável e dono de uma voz capaz de encantar homens e feras. Quando sua esposa, Eurídice, morreu, Orfeu desceu ao Hades na tentativa de recuperá-la dentre os mortos. Daí ser irônica sua menção por parte de Jasão.

<sup>18</sup> Referência a Afrodite, cujo filho, Eros, sob suas ordens alvejava os mortais fazendo com que se apaixonassem.

<sup>19</sup> O templo de Apolo em Delfos, onde ficava o oráculo mais famoso da Antiguidade grega. Delfos antes se chamava Pito, donde o termo pitonisa, a sacerdotisa encarregada das profecias. Dada a importância desse oráculo, os gregos diziam que Delfos era o centro do mundo.

<sup>20</sup> Como de costume, o oráculo de Apolo é enigmático. A interpretação mais aceita, já proposta na Antiguidade por Plutarco, entende que “pé” alude ao pênis e “saco”, ao ventre. O deus teria avisado ao rei que não tivesse relações sexuais antes de retornar a seu país, ao convívio de sua esposa, porque da próxima vez que o fizesse geraria filhos. Egeu não compreende o aviso e se une a Aitra, filha de Piteu, em Trezena, união da qual nascerá Teseu.

- <sup>21</sup> Rei de Trezena, dedicou um templo a Apolo e era exímio intérprete de oráculos. Avô de Teseu, ele se encarregará da criação do menino.
- <sup>22</sup> Pêlops, pai de Piteu, teria sido o fundador dos Jogos Olímpicos. De seu nome deriva “Peloponeso”, onde se localiza Trezena, no litoral do mar Egeu.
- <sup>23</sup> Hermes é o deus protetor dos viajantes.
- <sup>24</sup> Remete a Erecteu, rei mítico de Atenas, filho de Hefesto e de Gaia, o deus do fogo e a Terra. Aqui é sinônimo de atenienses, que se consideravam descendentes de Erecteu.
- <sup>25</sup> Referência às Musas, que, segundo a versão apresentada por Eurípides, teriam por mãe Harmonia, a filha de Afrodite e Ares, e nascido na Piéria (hoje na Macedônia grega); tradicionalmente são consideradas filhas de Zeus e da Memória.
- <sup>26</sup> Céfiso é o principal rio que corta Atenas.
- <sup>27</sup> Medeia se refere a seu banimento de Iolco, em companhia de Jasão (cf. p.199).
- <sup>28</sup> Sendo Medeia neta do Sol (cf. nota 12), seus filhos também descenderiam dele.
- <sup>29</sup> As Fúrias, equivalente latino das Erínias gregas, são divindades punitivas, castigando especialmente crimes consanguíneos. Em número de três – Alectó, Tisifone e Megera –, nasceram do sangue de Urano, castrado por Cronos.
- <sup>30</sup> Por ter acolhido e criado Dioniso, filho de Zeus com uma mortal, Ino ganhou a inimizade de Hera. Num surto de loucura, provocado pela esposa de Zeus, Ino teria saltado ao mar levando consigo os filhos que tivera com Atamas.
- <sup>31</sup> A intenção de Medeia é sepultar as crianças no santuário de Hera Akraia, que alguns situam na vizinhança de Corinto, em colinas, e outros em um promontório. Como propiciadora dos casamentos, a escolha de Hera seria lógica para Medeia, mas também irônica, já que a deusa sempre favoreceu Jasão em suas empreitadas.
- <sup>32</sup> Pausanias testemunha a realização dessas cerimônias em Descrição da Grécia (séc. II d.C.).
- <sup>33</sup> Normalmente compete ao coro a última palavra da peça. Esse final aparece, com variações mínimas, em *Alceste*, *Andrômeda*, *Helena*, *Bacantes*, além de *Medeia*, o que aponta para sua generalidade. Alguns comentadores o consideram espúrio, mas a maioria prefere mantê-lo.



## Perfis dos personagens

**MEDEIA:** Uma das mais marcantes personagens do teatro grego, em torno da qual há várias controvérsias. A crítica se divide quanto a considerá-la apenas uma mulher ferida pelo desprezo do marido e pelo ciúme, visão já presente na própria tragédia, ou uma espécie de demônio vingador, um instrumento dos deuses para castigar o comportamento ímpio de Jasão. Reforça a primeira hipótese a resposta que a heroína dá a Jasão quando ele lhe pergunta se “o leito abandonado justifica o crime” (o filicídio): “Essa injúria é pequena para uma mulher?” (v.1560-1561). O coro, que se identifica com Medeia, aceita essa justificativa para seus planos de vingança. Gilbert Murray credits parte do sucesso da tragédia ao retrato de guerra conjugal que ela traz; H.D.F. Kitto define Medeia como “a mulher por inteiro”, presa do amor e do ódio que nos conferem nossa humanidade.<sup>1</sup> A favor da segunda hipótese está a Medeia *ex machina* do final, sobre o carro do Sol, dispendo sobre o destino das demais personagens e ocupando exatamente a função dos deuses em outras tragédias (por exemplo Dioniso, no final das *Bacantes*, do mesmo Eurípides). Bernard Knox e Pietro Pucci enfatizam esse aspecto, afirmando que no êxodo da tragédia a personagem transcende o humano.<sup>2</sup> A meio caminho entre essas duas imagens de Medeia está a estrangeira versada nas ciências mágicas, a feiticeira que domina as drogas e subjuga seus inimigos, característica ressaltada por Denys Page.<sup>3</sup> Indiscutível, porém, é seu pendor ao heroísmo, entendido como valorização da honra e busca de reconhecimento, que aproxima Medeia de Aquiles e de Ajax, heróis do ciclo troiano, cujos senso de glória e ressentimento contra os que os ultrajaram são notórios.

**AMA:** De todos os trágicos gregos, Eurípides foi o que mais destaque deu às personagens humildes. À criada de Medeia, testemunha natural de seu sofrimento, até porque transita entre o interior da casa e a rua, caberá esclarecer espectador e coro sobre o estado de ânimo da heroína, apresentando-a ora sob uma ótica simpática, a que sofre sem merecer, ora insinuando os riscos que seu caráter intempestivo oferece. Assim, ao mesmo tempo em que se apieda de sua

senhora, aflige-se com o destino das crianças, antevendo que a fúria da mãe poderia atingir os filhos, a quem a ama busca proteger.

**JASÃO:** Herói grego notabilizado por liderar a expedição dos argonautas à Cólquida, cumprindo a tarefa dada por Pélias, seu tio, como condição para devolver-lhe o trono em Iolco. Apesar de estar mencionada já nos poemas homéricos, essa aventura só será tratada em detalhe por Apolônio de Rodes, nas *Argonáuticas* (III a.C.). De qualquer forma, o estatuto heroico de Jasão sempre foi problemático, como a tragédia de Eurípides deixa claro – *Medeia* talvez tenha contribuído decisivamente para tal. Em contraste com heróis que se destacam pelo vigor físico e bravura, Jasão é tido pela crítica como fraco e impotente, alguém que para conquistar seus objetivos vale-se da sedução amorosa (como atestaria sua ligação com Medeia, fundamental para a obtenção do velocino de ouro) ou da ajuda dos deuses (Hera e Afrodite contribuem para seu sucesso), embora o auxílio divino seja uma constante na saga de vários heróis. A exceção parece ter sido Píndaro, que o caracteriza como robusto e vigoroso, enfatizando seu caráter marcial (IV *Pítica*). Na tragédia de Eurípides, Jasão é descrito como “o pior dos maridos”: perjuro, cínico, ambicioso. Sobressai especialmente o contraste entre a “virilidade” de Medeia, ciosa dos valores heroicos, e a falta dela em Jasão, cuja atitude para com mulher e filhos lhe custa a honra.

**CREONTE:** Rei de Corinto, Creonte dá sua filha em casamento a Jasão, que, por essa aliança, repudia Medeia e os filhos que com ela tivera. A personagem de Creonte não tem relevância no mito ou na literatura. Na *Medeia*, representa o governante fraco, que se deixa manipular pelo discurso. Sua decisão de banir a estrangeira baseia-se na ameaça que ela representa à sua filha e à casa real, tendo em vista sua “sabedoria”, uma alusão ao conhecimento que ela tem de drogas, e seu passado criminoso, sua participação na morte do irmão e do rei de Iolco, Pélias. Apesar de fundamentado o temor, ele concede à heroína mais um dia na cidade (intervalo temporal da maior parte das tragédias, note-se), o que permite a ela implementar sua vingança.

**EGEU:** Rei mítico de Atenas, pai de Teseu. Sua lenda está ligada à do Minotauro, híbrido de homem e touro morto por Teseu na tentativa de liberar Atenas do sacrifício anual de jovens ao monstro. Egeu, acreditando que o filho morrera nessa empreitada, teria se atirado ao mar entre a Grécia e a Turquia, que recebeu seu nome. Eurípides, que assim como Sófocles teria dedicado a esta personagem uma tragédia, alude à crença familiar aos atenienses segundo a qual

Medeia teria se unido a Egeu após fugir de Corinto e com ele tido um filho, de nome Medo; até então o rei não fora agraciado com filhos. Aristóteles critica a aparição de Egeu na peça como irracional, contrária aos liames de necessidade e verossimilhança, que devem reger a composição da ação. É inegável, no entanto, que sua garantia de asilo marca a peripécia na tragédia e possibilita a vingança, já que assegura à heroína a proteção necessária contra seus inimigos e afasta o fantasma do deboche, caso viesse a ser por eles capturada. O empenho de Egeu em garantir sua descendência também é relevante para a trama da peça: somente depois que ele parte Medeia revela a intenção de matar os filhos como forma de atingir Jasão.

**PRECEPTOR:** O Preceptor é outra dessas figuras humildes que habitam a tragédia euripidiana. Faz par com a Ama, com quem troca confidências sobre o estado dos senhores. Como ela, serve de anteparo para as crianças, a quem lhe competia cuidar e acompanhar em suas atividades, contra a ira da mãe.

**MENSAGEIRO:** O mensageiro é um personagem recorrente na tragédia grega, encarregado de relatar ações que transcorrem fora de cena e que normalmente não poderiam ser levadas ao palco, em virtude de dificuldades técnicas ou por contrariar convenções dramáticas. No caso de Medeia, compete ao Mensageiro relatar à heroína, ao coro e, claro, aos espectadores, o terrível fim da princesa coríntia e de seu pai, Creonte. Vale lembrar que o teatro grego não representava as mortes, mas sim explorava seu efeito catártico através de narrativas, como esta, e da exibição dos cadáveres, como o das crianças no êxodo. O relato é minucioso e repleto de emoção.

**FILHOS:** São dois os filhos de Medeia e Jasão, crianças ainda, como indica a companhia do preceptor. Aparecem em momentos-chave durante a tragédia: no prólogo, provas vivas da negligência paterna; no quarto episódio, em que seguem com Jasão para o palácio levando os presentes fatais; no seguinte, em que retornam e despertam em Medeia a dúvida entre matá-los ou poupá-los. Sua presença, embora sem falas, é importante para estabelecer o clima emocional da tragédia. O momento mais impactante é quando se ouvem seus gritos de socorro e súplica no interior da casa. A exposição dos cadáveres no êxodo também contribui para o final catártico da tragédia. Os gregos davam grande importância à perpetuação do indivíduo, da família e da sociedade através das novas gerações. Sendo assim, permanecer sem filhos era visto como uma desgraça, como ilustra a personagem de Egeu. Jasão descuida dos filhos que tem com Medeia, diante da perspectiva de gerar outros em seu novo casamento. Em vista

disso, a morte da princesa e a morte das crianças que tivera com Medeia selam a destruição completa do pai, privado agora de descendência.

**CORO DE MULHERES CORÍNTIAS:** O coro é composto por mulheres coríntias que, desde o início, demonstram simpatia pela estrangeira que sofre em virtude das novas núpcias do marido. Medeia é hábil em conquistar-lhes a confiança, expondo as mazelas por que passam as mulheres na Grécia, muito embora ela não esteja sujeita a muitas delas (seu casamento, por exemplo, não foi um acerto entre homens, podendo-se dizer que ela firmou sua união em pé de igualdade, e nem houve pagamento de dote). O coro estará ao seu lado até o momento em que revela a intenção de matar os filhos, o que elas não podem apoiar. Mesmo assim, subsiste a piedade por todos os envolvidos na catástrofe.

---

<sup>1</sup> G. Murray, *Euripides y su tiempo*. Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1978 (1913). H.D.F. Kitto, *A tragédia grega*. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1972 (1939).

<sup>2</sup> B. Knox, "The *Medea* of Euripides", in *Word and Actions. Essays on the Ancient Theater*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979. P. Pucci, *The violence of pity in Euripides' Medea*. Ithaca: Cornell University Press, 1980.

<sup>3</sup> D.L. Page e Euripides, *Medea*. Oxford: Clarendon Press, 1938.

# AS NUVENS

Aristófanes

## Introdução: Aristófanes e *As nuvens*

A COMÉDIA É INCORPORADA aos festivais dramáticos apenas em 487 a.C., cerca de cinquenta anos após a criação das Grandes Dionísias, o maior deles. As razões disso são obscuras, mas provavelmente estão relacionadas à formação tardia do gênero, que deve ter se espelhado na tragédia para superar a fase de improvisos e constituir uma forma literária.

Aristófanes, o principal poeta do gênero e o único do qual foram preservadas peças na íntegra, atua no último quarto do século V a.C. Dos seus pares, conhecemos pouco mais que os nomes e os títulos das peças, reduzidas hoje a fragmentos. Apontado pelos antigos, ao lado de Cratino e Eupolis, como integrante da tríade cômica canônica, Aristófanes compôs cerca de quarenta comédias, das quais onze foram preservadas. Além de ser um número representativo, elas se distribuem ao longo de sua carreira, dando uma boa ideia de sua trajetória artística. São elas: *Acarñenses*, *Cavaleiros*, *As vespas*, *As nuvens*, *Paz*, *As aves*, *Lisístrata*, *As tesmoforiantes*, *As rãs*, *Só para mulheres* e *Um deus chamado dinheiro*. Embora representem apenas uma fração do que se produziu no gênero, devemos muito de nosso conhecimento da comédia antiga a elas.

Apesar dessa centralidade, pouco se sabe sobre a vida de Aristófanes. De certo, tem-se que o poeta nasceu por volta de 450 a.C. e que fez sua estreia em 427 a.C., com *Os convivas*, peça da qual só restaram alguns fragmentos. Somente dois anos depois, em 425 a.C., com *Cavaleiros*, ele se arriscou na direção, posto de grande visibilidade, exercido na maioria das vezes pelos autores, que ensaiavam coro e atores. Nessa peça, o coro declara que a composição de comédias é “a mais árdua dentre todas”, em virtude do caráter instável dos espectadores, que passam do apoio à vaia em questão de instantes. Aristófanes morreu em 385 a.C., em Atenas.

Essa breve cronologia revela que praticamente toda a carreira do comediógrafo transcorreu durante a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), evento que marcou profundamente seu tempo e seu teatro. O conflito pan-helênico contrapôs Atenas e Esparta e seus respectivos aliados por quase três

décadas, exigindo enormes sacrifícios das populações e cidades envolvidas. É natural, assim, que a paz assuma lugar de destaque em sua obra – ao menos três comédias tratam diretamente do tema, a saber, *Acarnenses*, *Paz* e *Lisístrata*. Nelas, ressalta-se a devastação que a guerra traz e elaboram-se planos extraordinários para pôr fim às hostilidades e restabelecer a concórdia. Mais do que refletir a opinião do poeta, isso revela uma convenção do gênero. Ideologicamente a comédia exalta a vida, a festa e a fartura, valores incompatíveis com a guerra.

O fato de o poeta repudiar a guerra e criticar a forma como a cidade conduzia sua política revela o vínculo que a comédia mantinha com a democracia. Ao contrário do que acontece com a tragédia, cuja introdução nos festivais dionisíacos é contemporânea à tirania de Pisístrato, a comédia só passa a integrar o programa dramático após as reformas democráticas. Foi o novo contexto político que forneceu a salvaguarda institucional, que se somava à religiosa, para se censurar a comunidade e os indivíduos pelos seus vícios. A invectiva pessoal, propriedade que a comédia antiga partilha com a lírica jâmbica,<sup>1</sup> é um de seus traços característicos. O objeto de sua crítica é a autoridade constituída, seja ela política, religiosa ou intelectual, que com frequência é substituída por um personagem marginalizado na sociedade, um camponês pobre ou uma mulher. Assim, personalidades influentes da cidade estão na mira do comediógrafo e, por vezes, são feitas personagens das comédias. É o que acontece com os poetas Ésquilo e Eurípides, o filósofo Sócrates, o demagogo Cleão, entre outros. Nem os deuses escapam da verve cômica: em *As aves* e *Um deus chamado dinheiro*, Zeus acaba deposto de seu trono, enquanto Posídon e Hermes são rebaixados e obrigados a negociar seu sustento com os mortais; em *As rãs*, Dioniso, o deus do teatro, é ridicularizado.

A comédia antiga é considerada política justamente por discutir a *pólis* e suas instituições. Num momento posterior, com a derrota ateniense na Guerra do Peloponeso e o conseqüente declínio do debate público, a esfera privada ganharia maior destaque. Essa tendência consolidou-se ao longo do século IV, com o advento da comédia nova, que tem em Menandro seu principal expoente. Nela, as intrigas domésticas assumem definitivamente o primeiro plano e o coro, que representa a opinião pública, deixa de ter relevância.

Nas comédias aristofânicas, o coro é muito atuante, assumindo as caracterizações mais diversas – os comediógrafos, longe de se contentar apenas com formas humanas, atribuíram a seus coros identidade animal ou fantástica. O herói não tem o apoio imediato do coro como nas tragédias, mas deve conquistá-lo, requisito necessário para o sucesso da empresa cômica. O coro desempenha

papel importante no *agon*, a disputa de caráter verbal em que o herói deve fazer prevalecer seu ponto de vista; e na parábase, seção de natureza exclusivamente coral em que os coreutas se dirigem aos espectadores para censurá-los e elogiar o poeta, pedindo votos para sua comédia, como se vê em *As nuvens*, onde os coreutas, aqui personificações de nuvens, prometem chover sobre os campos daqueles que as apoiarem (p.358):

Queremos dizer aos nossos juízes que ganharão ao tomarem o partido do coro. Para início de conversa, quando vocês quiserem iniciar o trabalho em seus campos na estação apropriada, faremos chover antes de tudo para vocês e só depois para os outros. ... Mas se algum de vocês nos ofender, sendo ele mortal e nós deusas, preste muita atenção aos males que suportará, vindo de nós: não produzirá nem vinho nem nada em suas terras.

Dentre as comédias de Aristófanes, *As nuvens* é uma das mais conhecidas, sobretudo por trazer como personagens o filósofo Sócrates, imortalizado por Platão em seus *Diálogos*. Sócrates viveu em Atenas na segunda metade do século V a.C., na mesma época de Aristófanes. Sua prática filosófica consistia em abordar pessoas consideradas pela sua sabedoria e com elas entabular longas conversas em que investigava um assunto e questionava os pontos de vista consolidados. Apesar de não ter legado nenhum registro escrito de tais entrevistas, seus discípulos, notadamente Platão e Xenofonte, tomaram para si a tarefa de manter viva sua memória, fazendo dele uma personagem central nas obras que deixaram.

Mas, ao contrário do que acontece nos textos desses filósofos, o Sócrates cômico não está livre de defeitos. Ele dirige uma escola dedicada a altas investigações e ao ensino de técnicas retóricas, o Pensatório. É a ele que o herói da comédia, Strepsiades, recorre na esperança de aprender a ganhar todas as causas no tribunal, mesmo as não fundamentadas. Essa associação do filósofo com a retórica, bem como a menção de que ele cobraria por seus ensinamentos e a própria ideia da escola, avessa aos preceitos socráticos, revelam que o alvo da comédia é outra espécie de intelectual, bastante comum na Atenas daquele tempo: o sofista.

Os sofistas propunham-se a ensinar a persuadir através do discurso sem levar em consideração se as teses defendidas eram justas ou não. Também relativizavam os conhecimentos e certezas herdados do passado e questionavam a natureza dos deuses. Tomavam como alunos os filhos das famílias abastadas e, a acreditar em Platão, cobravam vultosas quantias por suas lições. Sócrates, que



nos diálogos platônicos é o principal crítico desses profissionais do ensino, foi a eles assemelhado por Aristófanes – talvez por força de andar sempre em sua companhia ou na de seus jovens alunos.

O filósofo também é retratado, no começo de *As nuvens*, como um investigador dos fenômenos naturais. Quando entra em cena, está pairando nos ares, suspenso em uma cesta (*ex machina*?) de modo a melhor estudar o sol, enquanto seus discípulos investigam o que está sob a terra. Na *Apologia de Sócrates*, obra em que Platão pretensamente teria registrado a defesa do filósofo perante o tribunal que viria a condená-lo à morte, pela ingestão de cicuta, Sócrates se queixa de sua imagem pública ter sido deturpada pelos comediógrafos, que o representaram a andar pelos ares e pronunciar tolices, no que, acredita-se, seja uma alusão às *Nuvens*. Assim, tudo indica que o Sócrates aristofânico reúne características de sábios e cientistas diversos, compondo uma espécie de mosaico caricato do intelectual que, mais tarde, na *commedia dell'arte*,<sup>3</sup> resultará na personagem do *dottore*, o sabichão pretensioso e charlatão.

Já o herói cômico, Strepsiades, está entre os mais sóbrios da comédia antiga. Tanto o problema que o afeta quanto a solução que encontra para superá-lo são relativamente banais. Seu filho, Fidípides, vive acima de suas posses e o pai se encontra endividado. Acredita que pode se livrar dos credores fazendo o rapaz aprender com Sócrates o raciocínio injusto, uma técnica discursiva capaz de tornar qualquer causa, independente de seu mérito, imbatível. O plano esbarra, contudo, em dois obstáculos. Primeiro, Fidípides se recusa a fazer o que lhe é pedido, de modo que o pai é forçado a se matricular no Pensatório em seu lugar. Além disso, a capacidade intelectual de Strepsiades deixa a desejar, de modo que ele não consegue reter as lições do filósofo.

Depois do fracasso do herói, ele finalmente persuade seu filho a ingressar no Pensatório. Lá, Fidípides assiste à disputa entre os dois Raciocínios, personificados, cada qual defendendo sua posição. O Raciocínio Justo defende os valores tradicionais, a disciplina e a ética. O Injusto subordina a ética aos interesses e lucros auferíveis. Diante da constatação de que a maioria dos espectadores compactuava com a nova ordem das coisas, o Justo dá-se por vencido e bate em retirada, deixando Fidípides nas mãos do Injusto. A essa altura, Sócrates não é mais do que um espectador da ação, eximindo-se de participar ativamente da educação do rapaz, mas não se deve esquecer que os dois raciocínios habitam sob seu teto.

*As nuvens* é uma comédia atípica por vários fatores. O mais visível deles é que seu final contraria uma regra da comédia, de que no fim o herói será sempre

bem-sucedido, o que leva à festa e à celebração de suas conquistas. Nas *Nuvens*, Strepsiades está longe de triunfar e o desfecho é bastante sombrio. Por um momento somos levados a pensar que a ação tomará o rumo habitual. Quando Fídipides volta para casa, seu pai parece acreditar que seus problemas estão resolvidos e expulsa os credores de sua porta, confiante em uma vitória nos tribunais. Mas o rapaz, que aprendeu bem demais a lição, está mudado: já não respeita os mais velhos, não vê razão para se submeter às convenções sociais, contesta todo e qualquer valor. Agredido pelo filho, abandonado pelo coro de nuvens, que agora deixa claro ter desaprovado seu plano desde o início, o velho camponês resolve se vingar de Sócrates, a quem imputa a origem de seus males, e coloca fogo no Pensatório. Como se pode constatar, não há motivo para celebração.

A crítica costuma evocar outra particularidade dessa comédia para justificar seu final inusitado. Sabe-se que Aristófanes compôs duas versões de *As nuvens*, sendo aquela que conhecemos a segunda. Isso fica claro a partir de um trecho da parábase, no qual o coro, em nome do poeta, se refere ao fracasso de sua peça no passado (p.319-20):

Conhecendo o discernimento de vocês [espectadores], e convencido de que esta comédia, feita por mim há algum tempo com muito cuidado, era a melhor de minhas obras, achei que devia submetê-la ao julgamento do bom gosto de vocês em outra ocasião. Entretanto, fui vencido por rivais menos capazes.

A hipótese da comédia, uma espécie de sinopse que acompanhava os manuscritos, registra que, além da parábase, o final também foi revisto. Embora não se possa afirmar com certeza, tudo indica que as alterações incorporadas ao texto original, suscitadas pela má recepção que obteve dos atenienses, nunca foram levadas aos palcos e, talvez, não tenham sido tão profundas quanto o autor gostaria. O mais provável é que ele tenha procedido a uma reelaboração parcial de sua comédia, reelaboração esta que teria feito circular por escrito, para rebater as críticas que recebera após a encenação da primeira versão, em 423 a.C. A hipótese da peça sugere ainda que as alterações no final talvez tenham sido feitas para agradar àqueles que gostariam de ver o herói trapaceiro tratado com maior severidade, muito embora Strepsiades não seja exceção entre os heróis cômicos. Outra possibilidade é que julgemos com olhos muito severos o desfecho dessa trama: a cena do Pensatório em chamas e as tentativas dos filósofos de escaparem do incêndio poderia, sim, ter rendido boas gargalhadas à audiência

ateniense que, com o perdão do trocadilho, amava ver o circo pegar fogo.

---

<sup>1</sup> A lírica jâmbica se caracteriza pela sátira virulenta a indivíduos e costumes. Arquíloco e Semônides de Amorgos são seus principais representantes na Grécia.

<sup>2</sup> Para uma definição de deus *ex machina* ver Apresentação geral, p.13.

<sup>3</sup> Gênero dramático de raiz popular, surgido na Itália a partir do séc.XV e forte também na França, até o séc.XVIII.

# AS NUVENS

Época da ação: Século V a.C.

Local: Atenas

Primeira representação: 423 a.C., em Atenas

## Personagens

STREPSIADES

FIDIPIDES, filho de Strepsiades

ESCRAVO

DISCÍPULO de Sócrates

SÓCRATES

RACIOCÍNIO JUSTO

RACIOCÍNIO INJUSTO

PASIAS } credores de Strepsiades

AMINIAS }

TESTEMUNHA

CORO das Nuvens, dividido às vezes em dois SEMICOROS

## Cenário

O quarto de dormir de STREPSIADES, que está deitado. Veem-se também FIDIPIDES e escravos adormecidos. Pela janela vê-se a casa de SÓCRATES. É noite.

## **PRÓLOGO, Cena 1**

[Strepsiades não consegue dormir, atormentado pelas dívidas que contraiu para satisfazer o gosto de seu filho pela equitação. O rapaz, Fidípides, dorme e sonha com cavalos de corrida. O velho, um camponês radicado na cidade, lamenta ter se casado com uma moça rica local, acima de sua condição, que acostumou o filho ao luxo. Dada a proximidade do vencimento das contas, Strepsiades acorda Fidípides e tenta convencê-lo a se tornar discípulo de Sócrates para aprender uma técnica discursiva, o raciocínio injusto, que lhe isentaria do pagamento dos empréstimos. Diante da recusa do rapaz, decide ele mesmo estudar no Pensatório, a escola de Sócrates. (p.284-92)]

### **STREPSIADES**

*Levantando-se.*

Como são longas estas noites, Zeus! Parece que o dia nunca vai chegar! O galo já cantou há muito tempo, mas os meus escravos ainda estão roncando. Antigamente não era assim. Maldita seja a guerra por muitas razões e principalmente porque ela não deixa castigar estes vagabundos!<sup>1</sup> Este meu bom filho não acorda durante a noite toda; ele dorme e peida enrolado em cinco cobertores.

*STREPSIADES torna a deitar-se.*

Se vocês deixarem eu também vou roncar.

*Após um curto silêncio.*

Mas coitado de mim! Não posso dormir, atormentado pelas despesas, pelo custo das cocheiras e dos cavalos e pelas dívidas contraídas por meu filho para sustentar tudo isso! Exibindo sua longa cabeleira ele monta a cavalo, guia um carro, sonha com cavalos, enquanto eu estou mingando ao ver a lua trazendo os dias dos vencimentos,<sup>2</sup> ao mesmo tempo que as dívidas e os juros se amontoam.

*Acordando um dos escravos.*

Acenda a lâmpada, cara! Vá buscar meu livro de contas! Quero ler os nomes de todos os meus credores e calcular logo os juros!

*O escravo obedece.*

Ai de mim! Vejamos as minhas dívidas: doze minas<sup>3</sup> a Pásias... Por que doze minas a Pásias? Por que pedi emprestadas essas minas? Foi quando comprei um certo cavalo... Por que não acertei uma pedrada no olho dele?

## **FIDIPIDES**

*Sonhando.*

Você está me tapeando, Fílon! Mantenha a sua posição!

## **STREPSIADES**

É esta a minha perdição! Mesmo dormindo ele sonha com cavalos e nada mais!

## **FIDIPIDES**

*Ainda sonhando.*

Quantas guinadas vão dar os carros de guerra?

## **STREPSIADES**

Quantas vezes você me faz dar “guinadas”, eu, seu pai?

*Lendo o livro de contas.*

Mas vejamos: a quem devo pedir dinheiro emprestado depois desse Pásias? Três minas por um banquinho para o carro, e um par de rodas a Aminias...

## **FIDIPIDES**

*Ainda sonhando.*

Traga o cavalo para a cocheira depois de fazer o bicho rolar no chão!

## **STREPSIADES**

Sou eu que você obriga a rolar para longe de meus bens, meu caro! Já fui condenado a pagar contas, e outros credores me ameaçam de tomar o que me resta para garantia das dívidas.

## **FIDIPIDES**

*Acordando.*

Por que, meu pai, você tem de fazer essas coisas desagradáveis em plena noite, rolando na cama o tempo todo?

## **STREPSIADES**

É a ferroada de... um oficial de justiça que me obriga a sair debaixo do cobertor.

## **FIDIPIDES**

Me deixe dormir um pouco, homem possuído pelo diabo!

*FIDIPIDES torna a adormecer.*

## **STREPSIADES**

Durma, então, mas fique sabendo que todas essas dívidas um dia vão cair em cima de sua cabeça! Ah! Por que não morreu miseravelmente a fofqueira que pôs em minha cabeça a ideia de me casar com sua mãe? Eu levava uma vida feliz de caipira; minha existência era simples e dura, sem frescuras; eu tinha uma porção de colmeias, ovelhas, bagaço de azeitonas... De repente me casei com a sobrinha de Megaclés,<sup>4</sup> filho do nobre Megaclés, eu, um caipira, e ela uma moça da cidade, uma senhorita, uma pretensiosa, metida a grande dama. No dia do casamento, ao lado dela na mesa, eu cheirava a vinho novo, a queijo ainda nas formas, a lã tosada pouco tempo antes – a abundância!; ela cheirava a perfumes, a açafão, a beijos amorosos – despesas, ambição! –, devota de Afrodite,<sup>5</sup> padroeira do peru e das atividades dele. Não quero dizer que

ela era preguiçosa; ao contrário, as mãos dela estavam sempre ocupadas, e eu mostrava a ela o meu manto com alguma coisa dura por baixo, aproveitando para dizer: “Você sabe mexer muito bem com as mãos, mulher!”

*O lampião apaga-se.*

## **ESCRAVO**

Acabou o óleo do lampião, patrão!

## **STREPSIADES**

Coitado de mim! Por que você acendeu este lampião que gasta óleo demais? Venha até aqui para eu lhe dar umas porradas!

## **ESCRAVO**

Mas por que o senhor quer me dar porradas, patrão?

## **STREPSIADES**

Porque você pôs uma mecha muito grossa no lampião.

*O ESCRAVO afasta-se com o lampião.*

## **STREPSIADES**

*Continuando a monologar.*

Logo depois do nascimento deste filho meu e de minha muito boa esposa, eu e ela discutimos sobre o nome a dar a ele. Ela queria que o nome tivesse alguma coisa que lembrasse “cavalo”:<sup>6</sup> Xântipo, Cáripo ou Calípides. Eu, pensando no avô dele, queria que fosse Fidonides.<sup>7</sup> A discussão durou muito tempo, mas finalmente a gente concordou com Fidípides.<sup>8</sup> Ensinando a ele as palavras a mãe dizia: “Quando você for grande e guiar seu carro para ir à cidade, como Megaclés, vestindo uma túnica da cor de púrpura...” E eu dizia: “Em vez disso, quando você trouxer as cabras do monte Fileu, como seu pai, vestido com uma pele de cabra...” Mas ele não quis de jeito nenhum ouvir minhas palavras e



atropelou meus bens com seus cavalos. Agora, obrigado a procurar durante toda a noite a melhor saída, só achei uma: um caminho divinamente maravilhoso; se eu puder convencer meu filho a seguir esse caminho, estou salvo!... Mas antes tenho de acordar este dorminhoco. Como devo agir para despertar Fidípides da maneira mais agradável possível? Como? Fidípides! Meu Fidípidesinho!...

## **FIDÍPIDES**

Que é, meu pai?

## **STREPSIADES**

Me abrace e me dê sua mão direita!

## **FIDÍPIDES**

Aqui está ela. Qual é o caso?

## **STREPSIADES**

Me diga se você gosta de mim.

## **FIDÍPIDES**

Gosto sim, por Poseidon que está ali, o deus dos cavalos.

## **STREPSIADES**

Não! Não me fale muito deste deus dos cavalos! Ele é a causa de minha desgraça. Mas se você quer mesmo bem a seu velho pai, meu filho, de todo o coração, faça o que eu vou dizer.

## **FIDÍPIDES**

Que é que você quer que eu faça?

## **STREPSIADES**

Mude completamente e o mais depressa possível seu modo de viver e

aceite o que vou lhe recomendar.

## **FIDIPIDES**

Então fale. Quais são as suas ordens?

## **STREPSIADES**

Você vai me obedecer um pouquinho?

## **FIDIPIDES**

Obedeço, sim, por Diôniso.

## **STREPSIADES**

*Fazendo um gesto com a mão na direção da casa de SÓCRATES.*

Olhe para este lado; você está vendo aquela casinha e aquela portinha?

## **FIDIPIDES**

Estou vendo. Que é que você quer dizer com isto, meu pai?

## **STREPSIADES**

Ali é o “Pensatório”, a escola dos espíritos sabidos. Lá dentro vivem pessoas que, falando a respeito do céu, nos convencem de que ele é um forno que cobre a gente e de que a gente é o carvão dele.<sup>9</sup> Aqueles caras ensinam os outros, se eles quiserem contribuir com algum dinheiro, a tornarem vitoriosas todas as causas, justas ou injustas, usando só as palavras.

## **FIDIPIDES**

E quem são esses caras?

## **STREPSIADES**

Não sei muito bem o nome deles; eles são pensadores-meditabundos e

muito sérios.

## **FIDIPIDES**

Agora eu sei quem são eles! Você está falando daqueles vigaristas, descalços e brancosos, daquela turma onde estão o maldito Sócrates e o Cairefon<sup>10</sup> maldito.

## **STREPSIADES**

Cale a boca! Não diga bobagens! Mas se você se preocupa com seu pai e quer que ele tenha pão para comer, passe a ser um deles e abandone a sua cavalaria.

## **FIDIPIDES**

Não! Nem se você me oferecesse os faisões criados por Leagoras!<sup>11</sup>

## **STREPSIADES**

Escute o meu apelo! Você, que é a criatura mais querida por mim, vá aprender com eles!

## **FIDIPIDES**

O que é que você deseja que eu aprenda com aquela gente?

## **STREPSIADES**

O pessoal diz que eles usam dois raciocínios ao mesmo tempo: o justo e o injusto. Um desses raciocínios – o injusto – derrota o outro – o justo – defendendo as causas injustas. Então, se você me der o prazer de aprender esse raciocínio injusto, eu não vou pagar a ninguém um simples centavo de todas as dívidas que eu contraí por sua causa, meu filho.

## **FIDIPIDES**

Não posso obedecer, pai; eu não ia ter coragem de aparecer com a cara pálida diante dos outros cavaleiros.<sup>12</sup>

## **STREPSIADES**

Então você não vai comer mais à minha custa, nem você nem seus cavalos de carro, nem seus cavalos de montar! Eu vou pôr você para fora de casa! Vá para o inferno!

## **FIDIPIDES**

Mas meu tio Megaclés não vai me deixar sem cavalos. Volto para a casa dele e não quero mais saber de você!

## **STREPSIADES**

Está bem! Por ter caído uma vez não vou ficar esticado no chão! Eu mesmo, depois de invocar os deuses, vou aprender o que você não quer. Vou já para o “Pensatório”!

*Hesitante.*

Mas como um velho gagá, com o espírito lerdo, pode aprender as frescuras dos raciocínios certinhos?

*Decidido.*

Mas tenho de ir! Por que estou aqui bobeando em vez de bater nesta porta?

### **PRÓLOGO, Cena 2**

[Strepsiades vai ao Pensatório e é recebido por um dos discípulos, com quem se informa sobre as atividades ali praticadas. Avista Sócrates em uma cesta suspensa nos ares, ocupado com a observação do sol. Sócrates o aceita em sua escola, desde que ele renegue os deuses olímpicos e passe a venerar as Nuvens como divindades supremas. Com a concordância de Strepsiades, o filósofo roga que as Nuvens venham a sua presença. (p.292-303)]

## **STREPSIADES**

*Batendo na porta da casa de SÓCRATES.*

Menino! Menininho!

## **DISCÍPULO DE SÓCRATES**

*Do interior da casa.*

Quem está batendo na porta? Vá para o inferno!

## **STREPSIADES**

Strepsiades, filho de Pandión, do distrito de Cicina!

## **DISCÍPULO**

Você é um mal-educado para ter batido com esta sem-cerimônia e com tanta força na porta, causando o aborto de uma ideia já concebida em minha mente!

## **STREPSIADES**

Desculpe; moro longe, no campo. Mas me conte como foi o seu aborto.

## **DISCÍPULO**

Isto só pode ser dito aos condiscípulos.

## **STREPSIADES**

Diga sem medo, pois venho ao Pensatório para ser seu condiscípulo.

## **DISCÍPULO**

Então vou dizer, mas é necessário manter estas coisas em segredo, como se fossem mistérios. Há pouco tempo Sócrates perguntou a Cairefon quantas vezes o tamanho de suas patas uma pulga salta (ela tinha picado Cairefon na sobrancelha e pulado até a cabeça de Sócrates).

## **STREPSIADES**

E como ele mediu o pulo?

## **DISCÍPULO**

De uma maneira muito engenhosa. Ele derreteu cera e em seguida, pegando a pulga, pôs a cera nas duas patas dianteiras dela; quando a cera esfriou formou botas da Pérsia<sup>13</sup> nas patinhas da pulga; depois mediu a distância com elas.

## **STREPSIADES**

Quanta finura de espírito!

## **DISCÍPULO**

Que significaria isso se você soubesse de outra ideia de Sócrates?

## **STREPSIADES**

Qual? Me diga, por favor!

## **DISCÍPULO**

Cairefon de Sfetos perguntou se na opinião dele os mosquitos zumbem pela tromba ou pelo traseiro.

## **STREPSIADES**

Qual foi a resposta de Sócrates quanto aos mosquitos?

## **DISCÍPULO**

Ele disse que os intestinos dos mosquitos são muito finos; o cólon, sendo estreito, obriga o ar a passar com força diretamente até o traseiro; depois, saindo através do reto apertado, faz o ânus ressoar por causa da violência do sopro.

## **STREPSIADES**

Então o traseiro dos mosquitos é uma trombeta! O autor desta descoberta é triplamente feliz! Com certeza, quem conhece bem o intestino pode escapar facilmente de uma condenação se for acusado...

## **DISCÍPULO**

Há pouco tempo uma lagartixa atrapalhou uma indagação transcendental dele.

## **STREPSIADES**

E como aconteceu isto? Me conte!

## **DISCÍPULO**

Quando Sócrates observava a lua para estudar o curso e as evoluções dela, no momento em que ele olhava de boca aberta para o céu, do alto do teto uma lagartixa noturna, dessas pintadas, defecou na boca dele.

## **STREPSIADES**

Que delícia! Uma lagartixa despejou toda a merda dela na boca escancarada de Sócrates!

## **DISCÍPULO**

E ontem à noite não tínhamos o que comer.

## **STREPSIADES**

E que trambique ele imaginou para dar comida a vocês?

## **DISCÍPULO**

Ele espalhou sobre a mesa de um ginásio de esportes uma fina camada de cinzas, curvou uma haste de ferro e usou a haste como um compasso. Enquanto todos olhavam embasbacados ele escamoteou um manto para vender e com o dinheiro comprou comida.

## **STREPSIADES**

Por que, então, vamos admirar o famoso Tales?<sup>14</sup> Abra! Abra já o Pensatório e me mostre logo esse Sócrates! Estou ansioso para ser discípulo dele. Abra a porta!

*A porta é completamente aberta e se veem no interior outros discípulos de SÓCRATES igualmente pálidos e cadavéricos. STREPSIADES continua.*

De onde vieram estas bichas?

## **DISCÍPULO**

De que você se admira? Com quem você acha que eles se parecem?

## **STREPSIADES**

Com os prisioneiros lacônios de Pilos.<sup>15</sup> Mas por que eles olham tanto para o chão?

## **DISCÍPULO**

Eles procuram o que existe embaixo da terra.

## **STREPSIADES**

Então eles procuram cebolas.

*Dirigindo-se aos discípulos.*

Não sofram por isso! Sei onde vocês podem encontrar grandes e bonitas. E aqueles ali, recurvados para o chão, que estão fazendo?

## **DISCÍPULO**

Eles investigam o Érebo até as profundezas do Tártaro.<sup>16</sup>

## **STREPSIADES**

Por que, então, o olho traseiro deles fica contemplando o céu?

## **DISCÍPULO**

Eles aprendem ao mesmo tempo astronomia com os respectivos traseiros.

*Dirigindo-se aos discípulos próximos à porta.*



Entrem, para que o mestre não veja vocês aí!

## **STREPSIADES**

Ainda não! Ainda não! Deixe os moços aí. Vou falar com eles sobre um probleminha meu.

## **DISCÍPULO**

Mas eles não podem ficar ao ar livre, fora do Pensatório, durante muito tempo.

## **STREPSIADES**

*Notando alguns objetos estranhos.*

Que coisas esquisitas são estas? Diga!

## **DISCÍPULO**

São instrumentos relacionados com a astronomia.

## **STREPSIADES**

*Apontando para outro objeto estranho.*

E este aqui, para que serve?

## **DISCÍPULO**

Também para o estudo da astronomia.

## **STREPSIADES**

E para que serve aquele outro?

## **DISCÍPULO**

Para medir a terra.

## **STREPSIADES**

As terras separadas em lotes?

## **DISCÍPULO**

Não; a terra inteira.

## **STREPSIADES**

O que você está dizendo é interessante... A ideia é democrática e boa.

## **DISCÍPULO**

*Mostrando um mapa.*

Aqui está, diante de você, a terra toda. Você está vendo? Atenas fica neste ponto.

## **STREPSIADES**

Que é que você está dizendo? Não acredito, pois não vejo juízes reunidos em sessão nos tribunais.<sup>17</sup>

## **DISCÍPULO**

Pois isto representa fielmente todo o território da Ática.

## **STREPSIADES**

E onde vivem os cicínios, meus conterrâneos de distrito?

## **DISCÍPULO**

Eles estão ali, e como você pode ver a Eubeia é aqui, estendendo-se ao longo da costa, muito comprida, indo bem longe.

## **STREPSIADES**

Eu sei; nós e Péricles demos um puxão de orelha na Eubeia.<sup>18</sup> Mas onde está a Lacedemônia?<sup>19</sup>

## **DISCÍPULO**

Onde ela está? Aqui!

## **STREPSIADES**

Como ela está perto de nós! Trate de afastá-la para muito longe!

## **DISCÍPULO**

Mas isto não é possível!

## **STREPSIADES**

Você vai sofrer por isto!

*Vendo SÓCRATES.*

Olhe ali! Quem é aquele cara que está empoleirado naquela cesta suspensa no ar?

## **DISCÍPULO**

É ele!

## **STREPSIADES**

É ele quem?

## **DISCÍPULO**

*Com ar de beatitude.*

Sócrates!

## **STREPSIADES**

Alô, Sócrates!

*Dirigindo-se ao DISCÍPULO.*

Chame você bem alto!

## **DISCÍPULO**

Chame você mesmo; não tenho tempo.

*Sai o DISCÍPULO.*

## **STREPSIADES**

Sócrates! Sócratesinho!

## **SÓCRATES**

*Suspenso numa cesta.*

Por que me chama, criatura efêmera?

## **STREPSIADES**

Para início de conversa, o que é que você está fazendo aí?

## **SÓCRATES**

Percorro os ares e contemplo o sol.

## **STREPSIADES**

Você está olhando dessa cesta os deuses daí de cima, e não a terra, como devia!

## **SÓCRATES**

De fato, nunca eu poderia distinguir as coisas celestes se não tivesse elevado meu espírito e misturado meu pensamento sutil com o ar igualmente sutil. Se eu tivesse ficado na terra para observar de baixo as regiões superiores, jamais teria descoberto coisa alguma, pois a terra atrai inevitavelmente para si mesma a seiva do pensamento. É exatamente isto que acontece com o agrião.

## **STREPSIADES**

Que papo é este? O pensamento atrai a seiva do agrião? Calma, meu Socratesinho! Desça até onde eu estou, para me ensinar as coisas que vim aprender aqui.

## **SÓCRATES**

*Descendo no balão até o chão.*

Com que intenção você veio até aqui?

## **STREPSIADES**

Eu quero aprender a falar bem. Por causa dos juros e dos credores teimosos estou sendo roubado, saqueado! Tudo que eu tinha foi penhorado!

## **SÓCRATES**

E como você se endividou sem perceber?

## **STREPSIADES**

Uma doença me consumiu – a dos cavalos, roedora terrível. Mas me ensine um de seus raciocínios, um que possa me livrar de devolver seja lá o que for; eu juro que pago o preço que você quiser; juro pelos deuses!

## **SÓCRATES**

Mas você também jura pelos deuses? Para início de conversa, aqui entre nós não existe esta moeda.

## **STREPSIADES**

E como vocês juram? Será com pedaços de ferro, como em Bizâncio?<sup>20</sup>

## **SÓCRATES**

Você quer conhecer claramente as coisas divinas e saber exatamente o que elas são?

## **STREPSIADES**

Quero, se isto é possível.

## **SÓCRATES**

É, sim, entrando em contato com as Nuvens, nossas divindades.

## **STREPSIADES**

Seja o que os deuses quiserem!

## **SÓCRATES**

Então sente-se no banquinho sagrado.

## **STREPSIADES**

Pronto! Já estou sentado!

## **SÓCRATES**

Segure agora esta coroa.

## **STREPSIADES**

Para que esta coroa? Ora, Sócrates! Não vá fazer de mim um outro Atamas para me sacrificar depois!<sup>21</sup>

## **SÓCRATES**

Não tenha medo; fazemos isto com todos os iniciados.<sup>22</sup>

## **STREPSIADES**

O que é que eu vou ganhar com isso?

## **SÓCRATES**

Você passará por um moinho de palavras e sairá dele esportíssimo, fino como a flor da farinha de trigo.

## **STREPSIADES**

Não vá me enganar! Vocês vão me reduzir a pó, transformado em flor de farinha de trigo.

## **SÓCRATES**

Você terá de se concentrar, meu velho, e ouvir a minha prece: “Mestre soberano, ar infinito que manténs a terra suspensa no espaço, éter brilhante, e vós, veneráveis deusas, Nuvens que transportais o trovão e o raio, vinde, aparecei, soberanas do alto dos ares, ao pensador!”

## **STREPSIADES**

Ainda não!

*Transformando o manto em capuz.*

Antes quero me proteger com isto para não ficar encharcado. E eu, que saí de casa sem apanhar uma capa – coitado de mim!

## **SÓCRATES**

“Vinde, então, Nuvens venerabilíssimas! Mostrai-vos a este homem! Quer estejais sentadas no cume sagrado do Olimpo castigado pela neve, quer estejais nos jardins do Oceano, vosso pai, formando um coro sagrado com as Ninfas, ou bebendo nas bocas do rio Nilo suas ondas em cântaros de ouro, ou ainda se estiverdes no lago Meótis, ou no rochedo coberto de neve do Mimas,<sup>23</sup> escutai minha prece, recebei minha oferenda, e que os ritos sagrados vos agradem!”

*Ouve-se ao longe o CORO das Nuvens, entrecortado por estrondos de trovões.*

## **PÁRODO**

[Ouve-se fora de cena o canto do Coro, em resposta à invocação de Sócrates. As Nuvens anunciam sua aproximação da cidade de Atenas, cuja glória celebram em seu canto. (p.304)]

## **CORO**

Nós, as Nuvens jamais exauridas, apareçamos, apareçamos aos olhares dos homens como vapores, em fáceis movimentos! Deixando o Oceano, nosso pai estrondoso, dirigamo-nos aos cumes arborizados das altas montanhas, para atingir depois os píncaros visíveis à distância, e a terra bem aguada, e os rios divinos de águas murmurantes e o mar com seu ronco surdo; o olho do Éter<sup>24</sup> brilha incansável no resplendor de seus raios. Mas dissipemos a brumosa chuva que envolve nossas formas imortais, e contemplemos a terra com o nosso olhar longevidente.

### **CENAS EPISÓDICAS I, Cena 1**

[Sócrates discorre sobre a natureza das Nuvens, entidades capazes de tornar os homens hábeis oradores, e Strepsiades começa a sentir o efeito de sua aproximação. O Coro de Nuvens finalmente adentra a orquestra e o velho camponês se surpreende em vê-las na forma de mulheres, e não de vapor ou flocos de lã. Segundo Sócrates, isso acontece porque elas têm o poder de assumir o aspecto que quiserem. Também explica que elas são as únicas deusas verdadeiras, pois detêm os atributos normalmente associados a Zeus, o raio e o trovão. (p.304-13)]

## **SÓCRATES**

Obviamente ouvistes meu apelo, Nuvens venerabilíssimas!

*Dirigindo-se a STREPSIADES.*

Você percebeu a voz delas misturada aos mugidos sagrados do trovão?

## **STREPSIADES**

*Imitando no princípio o tom solene das Nuvens e de SÓCRATES.*

Ouvi e vos adoro, augustas divindades, e quero responder com um estrepitoso peido aos trovões que me fazem tremer de medo. Com licença dos deuses, agora mesmo – e mesmo sem a licença deles – tenho de me aliviar!

## **SÓCRATES**



Não fique aí gracejando, como esses malditos poetas cômicos que você conhece muito bem; seja bem-falante, pois um grupo numeroso de deusas aproxima-se cantando.

## **CORO**

*Ainda invisível aos atores.*

Nós, virgens portadoras da chuva, voamos para a terra esplêndida de Palas, pátria de heróis, terra amável de Cêcrops,<sup>25</sup> onde celebram-se ritos sagrados. Lá, para receber os iniciados, um santuário se abre em sacrossantas cerimônias, enquanto se fazem oferendas aos deuses do céu. Lá se erguem templos de altas cumeeiras cheios de estátuas; lá realizam-se sacratíssimas procissões aos deuses bem-aventurados, e com belas coroas realizam-se em todas as estações do ano sacrifícios e festas em honra das divindades; a primavera traz a festa de Brômio,<sup>26</sup> a consagração dos coros melodiosos e o som penetrante das flautas.

## **STREPSIADES**

Me diga, Sócrates: quem são estas mulheres que cantam estes hinos bacanas? São fantasmas?

## **SÓCRATES**

De modo nenhum! São as Nuvens celestes, grandes deusas dos ociosos; elas nos oferecem o saber, a dialética, o entendimento, a linguagem elevada e verbosa, a arte de comover e de enganar.

## **STREPSIADES**

É por isso, então, que depois de ouvir a voz delas minha alma levantou voo e já tem a pretensão de ser refinada, de tagarelar sobre a fumaça, de responder a uma frase com outra frase mais certinha, de rebater um argumento! Por isso, se for possível quero ver afinal essa gente frente a frente.

## **SÓCRATES**

Olhe então para cá, para o lado do monte Parnes; já posso vê-las descendo lentamente; são elas.

## **STREPSIADES**

Diga onde! Mostre!

## **SÓCRATES**

Elas avançam em grande número através dos vales e dos bosques, ali, daquele lado!

## **STREPSIADES**

Como são elas? Não consigo ver essas deusas.

## **SÓCRATES**

Elas já estão perto da entrada.

## **STREPSIADES**

Até que enfim estou começando a ver algumas delas!

*Aparecem as Nuvens do CORO, personificadas por mulheres vestidas com tecidos vaporosos.*

## **SÓCRATES**

Com certeza você pode vê-las agora, a não ser que tenha nos olhos pedaços de remela do tamanho de sementes de abóbora.

## **STREPSIADES**

Sim, já estou vendo! Salve, ilustríssimas! Elas já enchem toda a cena!

## **SÓCRATES**

Mas você não sabia que elas eram deusas e não acreditava nelas.

## **STREPSIADES**

Não; eu pensava que elas eram uma névoa, orvalho, fumaça.

## **SÓCRATES**

Mas você não sabe que elas sustentam um bando de sofistas, de adivinhos, médicos charlatães, cabeludos, bichas ocupadas apenas com seus anéis e suas unhas, fabricantes de versos para os coros cíclicos,<sup>27</sup> mistificadores aéreos, malandros nutridos por elas para nada fazerem, apenas para cantá-las em seus versos.

## **STREPSIADES**

É por isso, então, que eles celebram em seus poemas “o tumultuoso ímpeto das úmidas nuvens cheias de relâmpagos ofuscantes, os cabelos arrepiados de Tífon de cem cabeças, o sopro estrondoso das tempestades”, e ainda “o voo das nuvens pelos ares, pássaros de bicos curvos nadando nos ares, trombas-d’água caindo do céu”. E como pagamento de seus poemas eles devoram “fatias de mulas gordas e suculentas e delicadas carnes de tordos”.

## **SÓCRATES**

Graças a elas, com certeza. Não é justo?

## **STREPSIADES**

Então me diga: por que elas, se de fato são nuvens, parecem com mulheres, simples mortais? As nuvens lá de cima não são assim.

## **SÓCRATES**

Vejamos: como são elas?

## **STREPSIADES**

Não sei muito bem, mas uma coisa é certa: elas parecem com grandes flocos de lã, e não com mulheres; de jeito nenhum!

## **SÓCRATES**

Então responda às minhas perguntas.

## **STREPSIADES**

Diga logo o que você quer saber.

## **SÓCRATES**

Você já viu, quando olha para cima, nuvens parecidas com um centauro, com um leopardo, ou com um lobo, ou com um touro?

## **STREPSIADES**

Já vi, sim. Que significa isso?

## **SÓCRATES**

Elas transformam-se no que desejam; se veem alguém com uma longa cabeleira, um desses monstros cabeludos como o filho de Xenofanto, elas tomam a forma de centauro para zombar de sua paixão mórbida por si mesmos.

## **STREPSIADES**

E se veem um ladrão dos dinheiros públicos – Símon, por exemplo –, que fazem elas?

## **SÓCRATES**

Para mostrar a natureza verdadeira dele, elas se transformam imediatamente em lobos.

## **STREPSIADES**

Então é por isso que, vendo ontem Cleônimo,<sup>28</sup> elas transformaram-se no mesmo instante em veados!...

## **SÓCRATES**

E agora que elas viram Clístenes,<sup>29</sup> você poderá vê-las num instante com a forma de mulheres.

## **STREPSIADES**

Então salve, madames! E agora, se vocês nunca fizeram isso para outro qualquer, cantem para mim por toda a vastidão do céu, rainhas do mundo!

## **CORO**

*Dirigindo-se a STREPSIADES.*

Salve, coroa, homem dos tempos antigos, seguindo fervorosamente os discursos tão apreciados das Musas!

*Dirigindo-se a SÓCRATES.*

E você, pontífice dos palavrórios mais sutis, diga-nos o que deseja.

Não prestaríamos atenção a nenhum outro dos sofistas de hoje, que vivem com a cabeça na estratosfera, excetuando apenas Pródico,<sup>30</sup> por sua sabedoria e erudição, e a você, por seu andar soberbo nas ruas, por seu modo de olhar para os lados, pelos sofrimentos que suporta andando descalço, por sua confiança em nós, por sua pose imponente.

## **STREPSIADES**

Que vozes divinas, solenes, prodigiosas!

## **SÓCRATES**

É porque, como você está vendo, somente elas são deusas legítimas. Todas as outras são apenas frivolidade.

## **STREPSIADES**

Mas você vai me dizer que Zeus Olímpico não é um deus?

## **SÓCRATES**

Que Zeus? Não zombe de mim! Zeus não existe.

## **STREPSIADES**

Que é que você está dizendo? Então, quem faz chover? Explique isto antes de mais nada.

## **SÓCRATES**

*Apontando para o CORO.*

Elas, com certeza. E eu vou dar provas disto. Você já viu algum dia cair chuva sem haver nuvens no céu? Para que fossem os deuses seria necessário que chovesse com o céu sereno e sem que elas estivessem lá.

## **STREPSIADES**

É mesmo! Aí está, sem dúvida, um bom argumento que você apresenta a respeito da questão de que estamos tratando!... E eu, que até agora acreditava bobamente que Zeus mijava através de uma peneira! Mas diga quem produz o trovão, esse trovão que me deixa borrado de medo!

## **SÓCRATES**

São nuvens que estrondam rolando umas por cima das outras.

## **STREPSIADES**

Como? Diga, você que é tão atrevido!

## **SÓCRATES**

Quando elas são compelidas a mover-se cheias d'água, caindo pesadamente umas sobre as outras, rebentam estrondosamente.

## **STREPSIADES**

Mas quem, senão Zeus, obriga as nuvens a se mexerem?

## **SÓCRATES**

De modo nenhum; é um turbilhão etéreo que as move.

## **STREPSIADES**

Turbilhão? Eu não sabia que Zeus não existe, e que o Turbilhão reina agora no lugar dele. Mas você não ensinou coisa alguma até agora a respeito do estrondo do trovão.

## **SÓCRATES**

Você é surdo? Eu disse que as nuvens cheias d'água caem umas sobre as outras e provocam esse estrondo por causa de sua densidade.

## **STREPSIADES**

Como é que eu vou acreditar nisto?

## **SÓCRATES**

Vou lhe ensinar usando você mesmo como exemplo. Já lhe aconteceu, ou não, ficar entulhado de comida nas Panateneias,<sup>31</sup> e ter perturbações no ventre e ouvir de repente dentro dele um barulho prolongado?

## **STREPSIADES**

Já ouvi, sim; fiquei perturbado e, como se fossem trovões, as comidas provocavam um barulho infernal; primeiro em surdina: papax, papax; depois mais alto: parapapax, parapapax; e quando eu me aliviei foi um trovão: mais parapapax.

## **SÓCRATES**

Imagine, então, que com a sua simples barriguinha você solta cada petardo! E o ar aqui fora, que não tem limites, não é natural que ele troveje estrondosamente?

## **STREPSIADES**

É por isso, então, que as palavras “peidar” e “trovejar” terminam em “... ar”? Mas, por outro lado, de onde vem o raio com seu fogo brilhante?

Então me diga também por que, quando ele atinge a gente, mata alguns de nós e deixa outros vivos, embora chamuscados?

## **SÓCRATES**

Você é mesmo um velho gagá, contemporâneo de Cronos,<sup>32</sup> vivendo no mundo da lua! Como, se ele alveja os perjuros, ainda não fulminou Símon, Cleônimo e Teoro?<sup>33</sup> Todos eles são perjuros. Mas ele atinge seu próprio templo em Súnion, promontório perto de Atenas, e os carvalhos altaneiros. Que ideia! Afinal um carvalho não é perjuro!

## **STREPSIADES**

Não sei, mas você parece saber das coisas... Que é um raio, então?

## **SÓCRATES**

Quando sobe um vento seco em direção às nuvens e fica confinado nelas, ele as enche de ar como se elas fossem uma bexiga soprada; em seguida ele as perfura e escapa-se violentamente mediante expansão, e se inflama por causa de sua violência estrepitosa.

## **STREPSIADES**

Foi exatamente isso que aconteceu em certo dia de festa religiosa. Eu assava as tripas de uma vítima de sacrifício para minha família. Mas eu tinha esquecido de abrir as tripas e elas cresceram, e depois, de repente, estouraram, lançando nos meus olhos o “recheio” delas e chamuscando meu rosto.

### **CENAS EPISÓDICAS I, Cena 2**

[As Nuvens aceitam tornar Strepsiades imbatível na argumentação, desde que passe a venerá-las. Sócrates testa os conhecimentos do velho camponês e, mesmo desapontado com sua limitação, entra com ele na escola para proceder à sua instrução. (p.313-9)]

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se a STREPSIADES.*



Você, que deseja aprender de nós a alta sabedoria, será muito feliz entre os atenienses e todos os gregos se tiver boa memória, se souber meditar, se a perseverança morar em sua alma, se você não se cansar de ficar em pé nem de marchar, se souber suportar o frio sem resmungar, se puder passar sem comer na hora do almoço, se puder passar sem as academias de ginástica e outras bobagens, se aspirar ao bem supremo, como convém a um homem inteligente, e a sobressair na ação, nas assembleias e nos combates verbais.

## **STREPSIADES**

*Dirigindo-se a SÓCRATES.*

Se é necessário ter a alma resistente, uma perseverança inimiga do sono, o estômago moderado, acostumado a privações, me contentando com uma salada no jantar, não tenha cuidado nem receio, pois quanto a isto posso até servir de bigorna.

## **SÓCRATES**

Você é capaz, de agora em diante, de acreditar apenas em nossos deuses – o Caos, as Nuvens e a Língua, somente estes três e mais nenhum?

## **STREPSIADES**

Nunca mais vou pedir nada a outros, ainda que eles apareçam na minha frente, e não vou fazer sacrifícios, nem oferecer vinho ou incenso a eles.

## **CORIFEU**

Agora diga o que espera de nós; fale confiantemente, pois você não deixará de conseguir o que deseja se nos honrar e reverenciar e se esforçar por ser esperto.

## **STREPSIADES**

Só peço um favorzinho a vocês, madames: me concedam somente que eu passe na frente de todos os gregos uns vinte quilômetros em uma lábua esperta.

## **CORIFEU**

Muito bem! Faremos isto. A partir de hoje ninguém imporá suas opiniões ao povo com maior facilidade que você.

## **STREPSIADES**

Mas não me falem em apresentar propostas estrondosas. Não é isso que eu quero; meu único desejo é convencer os juízes a me favorecerem e me livrarem de meus credores.

## **CORIFEU**

Seu desejo será satisfeito, pois suas aspirações são modestas. Vamos! Entregue-se confiantemente a nossos auxiliares!

## **STREPSIADES**

Vou seguir os conselhos de vocês. A necessidade me obriga, por causa dos cavalos de meu filho e de meu casamento, que me arruinaram. Agora vocês podem fazer de mim o que quiserem; entrego a vocês este meu corpo para espancarem, para me deixarem faminto, morto de sede; podem me sujar, gelar, arrancar a minha pele para fazer dela um saco, desde que eu me livre de minhas dívidas e tenha na cidade a reputação de ser atrevido, bem-falante, sem-vergonha, indecente, amontoador de mentiras, dominador das palavras, vencedor de questões nos tribunais, conhecedor das leis, barulhento, esperto como uma raposa, trapalhão da cabeça aos pés, leve como a lã, escorregadio, fanfarrão, insensível aos golpes, canalha, malandro, intratável, lambedor de pratos; se todas as pessoas que me encontrarem me cumprimentarem com estes nomes, meus professores podem me tratar como quiserem, e se desejarem façam de mim um pudim para servir aos pensadores!

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se ao CORO.*

Nosso homem, a quem não falta atrevimento, tem uma vontade, um coração decidido.

*Dirigindo-se a STREPSIADES.*

Fique sabendo: quando você tiver aprendido tudo isso de nós, sua glória entre os mortais se elevará aos céus.

## **STREPSIADES**

Que vai acontecer comigo?

## **CORIFEU**

Você levará conosco a vida mais feliz de todas durante o resto de seus dias.

## **STREPSIADES**

Será que um dia vou ver isto?

## **CORIFEU**

De tal maneira que muitas pessoas virão sentar-se na porta de sua casa para conversar com você e levar a seu conhecimento questões e processos judiciais envolvendo muito dinheiro, dignos de sua atenção, sobre os quais irão querer trocar ideias com você.

*Dirigindo-se a SÓCRATES.*

Vamos! Tente iniciar o velho naquelas coisas que você quer ensinar! Sonde a inteligência dele! Ponha à prova o raciocínio dele!

## **SÓCRATES**

*Dirigindo-se a STREPSIADES.*

Vejam; mostre-nos o seu caráter para que, ciente de como ele é, eu saiba como devo disparar os meus projéteis em sua direção.

## **STREPSIADES**

Que é isto? Você está pensando em me assaltar?

## **SÓCRATES**

Nada disto! Quero somente lhe fazer algumas perguntinhas. Você tem boa memória?

## **STREPSIADES**

Depende; se alguém me deve, me lembro muito bem, mas se eu devo – ai de mim! – esqueço completamente!

## **SÓCRATES**

Você tem facilidade para aprender?

## **STREPSIADES**

A falar bem, não, mas a enganar, tenho.

## **SÓCRATES**

Então, como você vai aprender?

## **STREPSIADES**

Não esquente a cabeça; vai dar tudo certo.

## **SÓCRATES**

Quando eu lhe ensinar alguma coisa sábia sobre assuntos celestes, trate de pegá-la imediatamente.

## **STREPSIADES**

Essa é boa! Tenho de pegar a sabedoria como se eu fosse um cachorro?

## **SÓCRATES**

Que homem ignorante e bárbaro! Receio muito, meu velho, que você tenha necessidade de levar umas pancadas. Vejamos: que faz você quando lhe dão pancadas?

## **STREPSIADES**

Recebo as pancadas; depois de esperar um pouco, procuro testemunhas; logo depois entro com um processo na Justiça.

## **SÓCRATES**

Então, tire seu manto.

## **STREPSIADES**

Fiz alguma coisa errada?

## **SÓCRATES**

Não, mas a norma aqui é entrar nu.

## **STREPSIADES**

Mas não entrei aqui para ser examinado!

## **SÓCRATES**

Tire! Chega de jogar conversa fora!

## **STREPSIADES**

*Tirando o manto.*

Me diga o seguinte: se eu for um discípulo esperto e aplicado nos estudos, com qual de seus discípulos atuais vou me parecer?

## **SÓCRATES**

Você não será diferente de Cairefon quanto ao físico.

## **STREPSIADES**

Coitado de mim! Então vou me parecer com um quase defunto?

## **SÓCRATES**

Chega de conversa mole! Venha depressa e me siga até ali!

## **STREPSIADES**

Ponha primeiro em minhas mãos um bolo de mel, pois tenho medo de entrar ali, como se estivesse descendo para o antro de Trofônio.<sup>34</sup>

## **SÓCRATES**

Ande! Por que você hesita diante da porta?

*Os dois entram.*

## **CORIFEU**

Vá e seja feliz por sua coragem! Boa sorte para o homem que, nesta idade já avançada, quer encharcar seu espírito de ideias novas e cultivar a sabedoria.

### **PARÁBASE I**

[O poeta, através do Coro momentaneamente despojado da condição de nuvens, dirige-se aos espectadores para fazer a defesa de sua comédia e pedir os votos dos juízes do concurso dramático. Em seguida, o Coro volta a encarnar as Nuvens. Dividindo sua fala em dois semicoros, celebra os deuses tradicionais e lista os benefícios que as Nuvens e a Lua trazem à cidade. (p.319-23)]

### **PARÁBASE<sup>35</sup>**

Direi francamente a verdade a vocês, espectadores, invocando Diôniso,<sup>36</sup> de quem sou discípulo. Queiram os deuses que eu seja o vencedor e seja considerado um bom poeta! Conhecendo o discernimento de vocês, e convencido de que esta comédia,<sup>37</sup> feita por mim há algum tempo com muito cuidado, era a melhor de minhas obras, achei que devia submetê-la ao julgamento do bom gosto de vocês em outra ocasião. Entretanto, fui vencido por rivais menos capazes. Queixo-me desta injustiça de vocês, juízes esclarecidos, para os quais eu escrevo. Mas isto jamais será para mim motivo para menosprezar a opinião dos espectadores de discernimento. Com efeito, desde que, neste mesmo lugar, meu Virtuoso

e meu Devasso<sup>38</sup> receberam uma acolhida muito favorável de juízes diante dos quais é uma ventura comparecer, fui compelido pela segunda vez a enjeitar minha criança (sendo ainda virgem na época, não me era permitido ter filhos...).<sup>39</sup> Mas outra mãe a adotou e vocês generosamente a nutriram e criaram; desde aquela época eu contava cegamente com a benevolência de vocês. Hoje, então, esta comédia é encenada, como uma outra Electra, e procura com os olhos seus amigos antigos; ela saberá reconhecer à primeira vista os cabelos de seu irmão.<sup>40</sup> Observem sua modéstia e sua decência; ela é a primeira que não vem ostentando um pênis feito de couro, com a cabeça vermelha e enorme, para fazer as crianças rirem. Ela não se diverte tampouco ridicularizando os carecas, nem dançando lambada; ela não recorre ao velho que, dizendo seus versos, espanca com um bastão todos que estão a seu alcance, impingindo suas brincadeiras de mau gosto. Ela não avança pela cena com uma tocha na mão gritando “iê! iê!”; ela confia apenas em si mesma, em seus versos. Quanto a mim, que sou o autor, tenho orgulho dela, e não tento enganar vocês apresentando duas ou três vezes o mesmo assunto. Invento sem cessar enredos novos, produtos de minha arte, cada um diferente do outro e todos agradáveis e alegres. Dei uma porrada na barriga de Clêon<sup>41</sup> frente a frente na época em que ele era onipotente, mas suspendi meus golpes quando o vi caído no chão. Meus rivais, depois que Hipérbolo<sup>42</sup> foi atacado, não se cansavam de tripudiar sobre o infeliz e sua mãe. Êupolis<sup>43</sup> apresentou pela primeira vez sua peça *Maricas*, onde imitou mediocrementemente meus *Cavaleiros*, acrescentando aos personagens uma velha embriagada dançando o côrdax,<sup>44</sup> personagem criada havia muito tempo por Frínico,<sup>45</sup> que um monstro marinho queria devorar. Hêrmipo<sup>46</sup> também atacou Hipérbolo, e agora todos os outros poetas o desancam, copiando a minha comparação com as enguias. Não ria nem goste de minhas peças quem ri das peças deles. Se sou agradável na opinião de vocês e se minhas criações proporcionam prazer, o bom gosto de vocês será elogiado no futuro.

## **PRIMEIRO SEMICORO**

Invocamos primeiro em nosso coro o soberano das alturas, o rei dos deuses, o grande Zeus, e o poderoso senhor do tridente<sup>47</sup> que abala a terra e agita o mar feroz, e nosso pai muito famoso, o Éter venerável que mantém a vida no universo, e o condutor de corcéis, que com seus raios cintilantes envolve a terra, grande divindade entre os deuses e os mortais.

Concedam-nos sua atenção, espectadores muito esclarecidos: desprezados por vocês, nós os recriminamos por isso face a face. Mais que a todos os deuses prestamos serviços à cidade, e entre as divindades somos as únicas a quem vocês não oferecem sacrifícios nem libações, a nós, que velamos por vocês. Faz-se uma expedição militar sem o mínimo de bom-senso, e logo estrondamos ou nos precipitamos em chuva fina. Depois quando o inimigo dos deuses, o curtidor de couro da Paflagônia, ia ser escolhido para general por vocês, levantamos as sobrelhas e ficamos tremendamente indignadas, e entre relâmpagos estrondou o trovão. A luz se afastou de seu caminho e o sol, contraindo instantaneamente sua mecha em si mesmo, recusou-se a luzir para vocês se Clêon fosse general. Ainda assim vocês o elegeram. De fato, dizem que as más resoluções são apanágio desta cidade, mas que os deuses fazem voltar-se a favor de vocês todas as faltas desse gênero que cometem. Ainda hoje será fácil para vocês perceberem o meio de tornar proveitoso o erro cometido. Se, após haver evidenciado a culpa de Clêon, essa gaivota de corrupção e de roubo, vocês apertassem o pescoço dele numa argola de ferro em seguida, de acordo com o hábito antigo, o caso mudaria de rumo para favorecer a cidade.

## **SEGUNDO SEMICORO**

Esteja sempre a nosso lado, senhor Febo, deus de Delos, que domina o monte Cíntio com seu pico altaneiro, você e Ártemis felicíssima, que tem em Éfeso sua morada toda de ouro, onde os filhos dos lídios a veneram magnificamente; e você, Atena, deusa de nossa terra, que empunha a égide protetora da cidade; e também aquele que, dominando a rocha Parnasiana, cintila no meio das tochas entre as Bacantes délficas, nobre figura, amigo dos cortejos alegres! Na hora em que estávamos prestes a partir para cá, a lua, vendo-nos, incumbiu-nos antes de mais nada de saudar os atenienses e seus aliados; depois ela nos disse que estava ressentida porque vocês a tratam indignamente, ela, que presta serviços a todos vocês, não em palavras, mas com a sua luminosidade. Primeiro, mensalmente ela lhes proporciona uma economia de no mínimo um dracma,<sup>48</sup> de tal forma que vocês dizem quando saem à noite: “Não compre tochas, menino, pois o luar está uma beleza!” Ela lhes traz ainda outros benefícios, em sua própria opinião, mas vocês veem os dias passarem sem precisão e os misturam de qualquer maneira.<sup>49</sup> Por isso ela diz que é ameaçada pelos deuses sempre que eles se veem privados de



oferendas gostosas e voltam para seus domínios sem terem visto as festas por causa da nova contagem dos dias. Além disso, além de fazer sacrifícios, vocês, espectadores, estão nos tribunais julgando réus e aumentando penas, e muitas vezes, enquanto nós, os deuses, fazemos jejum em sinal de luto por Mêmnon ou por Sarpedon,<sup>50</sup> vocês fazem libações e se divertem. Eis por que, neste ano, Hipérbolo, sorteado para ser representante no Conselho Anfictiônico de cada cidade, pertencente à Anfictionia, foi em seguida despojado de sua coroa por nós, os deuses. Será melhor agora que se regule o uso dos dias de conformidade com o curso da lua.

### **CENAS EPISÓDICAS II, Cena 1**

[Sócrates exaspera-se com a obtusidade de Strepsiades, mas mesmo assim tenta levar adiante sua formação, sem sucesso. Aconselhado pelo Coro, o camponês decide intimar Fidípides a tomar seu lugar no Pensatório e aprender o raciocínio injusto. (p.323-37)]

## **SÓCRATES**

*Saindo de casa precipitadamente.*

Não! Pela Respiração! Pelo Caos! Pelo Ar! Nunca vi um homem tão rústico, tão grosseiro, tão desajeitado, tão desmemoriado! As bobagens mais insignificantes que lhe ensinamos, ele as esquece antes de havê-las aprendido. Onde está você, Strepsiades? Saia trazendo seu mísero colchão!

## **STREPSIADES**

Não posso trazer o colchão para cá por causa dos percevejos.

## **SÓCRATES**

Chega! Ponha-o aí e preste atenção!

## **STREPSIADES**

Estou prestando.

## **SÓCRATES**

Vejam. Que deseja você aprender primeiro entre as coisas que nunca lhe ensinaram? Fale! É dos metros ou dos ritmos da poesia, ou algo mais sobre nossa versificação?

## **STREPSIADES**

Das medidas, pois um dia destes um vendedor de farinha de trigo me roubou dois canecos do produto.

## **SÓCRATES**

Não é isso que estou perguntando, e sim qual o mais belo metro em sua opinião: o trímetro ou o tetrâmetro?

## **STREPSIADES**

Quanto a mim, prefiro o tetracaneco.

## **SÓCRATES**

Você não diz nada que se aproveite, homem!

## **STREPSIADES**

Então aposte comigo que o tetrâmetro não é a mesma coisa que o tetracaneco!

## **SÓCRATES**

Vá para o inferno! Você é um grosseiro de cabeça dura! Talvez você aprenda melhor os ritmos.

## **STREPSIADES**

Para que servem os ritmos na luta pelo pão de cada dia?

## **SÓCRATES**

Primeiro para ser agradável nas reuniões sociais, sabendo qual dos ritmos

é o enóplio e qual o datílico.<sup>51</sup>

## **STREPSIADES**

O datílico? Este eu conheço!

## **SÓCRATES**

*Mostrando o dedo indicador esticado.*

Então diga; que dátilo existe além deste dedo?

## **STREPSIADES**

*Mostrando o dedo médio esticado.*

Antigamente, quando eu era criança, eu usava este dedo aqui.

## **SÓCRATES**

Você é um grosseiro e um tolo!

## **STREPSIADES**

Mas eu não quero aprender nada disto, bicho!

## **SÓCRATES**

Então, que deseja você aprender?

## **STREPSIADES**

Outra coisa muito diferente: o raciocínio mais injusto!

## **SÓCRATES**

Mas há outras coisas que você tem de aprender antes. Entre os animais quadrúpedes, quais são os machos propriamente ditos?

## **STREPSIADES**

Eu conheço os machos. Será que você me considera um ignorante?  
Carneiro, bode, touro, cachorro, passarinho...

## **SÓCRATES**

Veja a que ponto você chegou! Você chama de passarinho a fêmea, como se ela fosse o macho.

## **STREPSIADES**

Como? Vejamos...

## **SÓCRATES**

Como? Passarinho é passarinho.

## **STREPSIADES**

É mesmo! Mas afinal, como devo chamar a fêmea?

## **SÓCRATES**

A fêmea de passarinho é passarinha.

## **STREPSIADES**

Passarinha? Muito bem! Por causa desta palavrinha vou encher sua boca com uma caneca de farinha!

## **SÓCRATES**

Veja só! Outro erro! Você diz “caneca”, transformando em feminina uma palavra masculina.

## **STREPSIADES**

Como? Eu transformo caneca em masculino?

## **SÓCRATES**

Exatamente, como quando você diz Cleônimo.

## **STREPSIADES**

Mas como? Explique!

## **SÓCRATES**

Você dá o mesmo valor a caneco e Cleônimo?

## **STREPSIADES**

Ora, meu caro amigo! Cleônimo não tinha nem caneco; ele estava sempre pegando numa coisa redonda, mas que nada tinha de caneco... Como é que eu vou dizer de agora em diante?

## **SÓCRATES**

Como? Caneca, como você diz Sóstrata.

## **STREPSIADES**

Caneca, no feminino?

## **SÓCRATES**

É assim que se fala corretamente.

## **STREPSIADES**

Então devo dizer: caneca, Cleônima?

## **SÓCRATES**

Você tem de distinguir, entre os nomes próprios, quais são os masculinos e quais os femininos.

## **STREPSIADES**

Mas eu sei quais são os femininos.

## **SÓCRATES**

Então me diga quais são eles.

## **STREPSIADES**

Lisila, Filina, Clitagora, Demétria...

## **SÓCRATES**

E quais são os nomes entre os masculinos?

## **STREPSIADES**

Milhares: Filôxeno, Melesias, Aminias...<sup>52</sup>

## **SÓCRATES**

Você é um desastrado mesmo; estes não são masculinos.

## **STREPSIADES**

Estes nomes não são masculinos?

## **SÓCRATES**

De modo algum! De fato, como você chamaria Aminias se o encontrasse?

## **STREPSIADES**

Assim: “Venha cá, venha cá, Aminiazinha!”

## **SÓCRATES**

Você está percebendo? É por um nome de mulher que você chama esse Aminias.

## **STREPSIADES**

E não é justo, já que ele não fez o serviço militar? Mas por que devo aprender o que todo mundo já sabe?

## **SÓCRATES**

Isso não dá em nada.

*Mostrando um colchão.*

Mas fique deitado ali...

## **STREPSIADES**

Que devo fazer?

## **SÓCRATES**

Imagine uma saída, refletindo sobre seus negócios.

## **STREPSIADES**

Não! Eu peço de joelhos! Não ali, pelo menos! Mas se é necessário, me deixe meditar profundamente no próprio chão sobre isso.

## **SÓCRATES**

É impossível fazer de outra maneira.

## **STREPSIADES**

Como sou infeliz!

*Deitando-se no colchão.*

Os percevejos vão se vingar de mim agora!

## **SÓCRATES**

Agora medite e pondere bem, agite seus pensamentos em todos os sentidos, concentrando-se. Se você ficar perplexo, passe rapidamente de uma ideia para outra em seu espírito, e afaste de seus olhos o suave sono.

## **STREPSIADES**

Ai! Ai! Ai!

## **SÓCRATES**

De que você está sofrendo? Que acontece com você?

## **STREPSIADES**

Estou morrendo! Como sou infeliz! Saem do colchão aos montes para me ferrarem os... coríntios<sup>53</sup> e me devoram! Eles sugam a minha vida, arrancam meus bagos e se enfiam no meu traseiro! Eles vão me matar!

## **CORIFEU**

Não fique tão desesperado!

## **STREPSIADES**

Mas como, se meu dinheiro sumiu, se meu sangue está sumindo, se minha vida some, se minhas sandálias sumiram e se, para cúmulo de minha desgraça, estou aqui quase sumido depois de haver perdido tudo?

## **SÓCRATES**

Afinal, o que é que você está fazendo? Meditando você não está!

## **STREPSIADES**

Eu? Estou sim...

## **SÓCRATES**

E sobre que você está meditando?

## **STREPSIADES**

Se os percevejos vão deixar sobreviver alguma coisa em mim...

## **SÓCRATES**

*Afastando-se.*



Você se acabará miseravelmente!

## **STREPSIADES**

Mas tudo vai se acabar, meu bom amigo...

## **CORIFEU**

Trate de não esmorecer; cubra-se! Temos de descobrir algum truque, alguma manobra astuciosa.

## **STREPSIADES**

Ai! Quem vai jogar em cima de mim uma pele de cordeiro para me aliviar?

## **SÓCRATES**

*Voltando.*

É isso aí. Vejamos: devo examinar primeiro o que ele faz. Ei! Você está dormindo?

## **STREPSIADES**

Não; não estou.

## **SÓCRATES**

Você está sentindo alguma coisa?

## **STREPSIADES**

Não... Nadinha...

## **SÓCRATES**

Mas nada mesmo?

## **STREPSIADES**

Nada além do peru na mão direita.

## **SÓCRATES**

Você vai ou não se cobrir depressa e meditar?

## **STREPSIADES**

Sobre quê? É você quem vai me dizer, Sócrates.

## **SÓCRATES**

Você mesmo vai descobrir primeiro e me dizer o que deseja.

## **STREPSIADES**

Você já ouviu mil vezes o que eu quero; o meu caso são juros, um meio de não pagar juros a mais ninguém.

## **SÓCRATES**

Vamos! Enrole-se e, cortando seu pensamento em fatias bem finas, reflita detalhada e profundamente sobre as coisas; divida-as e examine-as de acordo com as regras.

## **STREPSIADES**

*Picado ainda pelos percevejos.*

Ai, infeliz de mim!

## **SÓCRATES**

Fique tranquilo, e se estiver perplexo com uma ideia qualquer, esqueça e vá em frente; depois, pense de novo nela, agite a coisa e pense bem nela.

## **STREPSIADES**

Meu Socratesinho querido!

## **SÓCRATES**

Qual é o caso, coroa?

## **STREPSIADES**

Tenho uma ideia para me livrar dos juros!

## **SÓCRATES**

Apresente a sua ideia.

## **STREPSIADES**

Me diga, então...

## **SÓCRATES**

O quê?

## **STREPSIADES**

...se eu desse dinheiro a uma feiticeira da Tessália, e se ela forçasse a lua a descer aqui de noite... Se depois trancasse a lua num grande estojo redondo, como se ela fosse um espelho, e depois ficasse de guarda para ela não sair?

## **SÓCRATES**

Que vantagem lhe traria isso?

## **STREPSIADES**

Ora! É porque se empresta dinheiro a juros por mês.

## **SÓCRATES**

Muito bem! Mas, de minha parte, vou propor outra ideia mais engenhosa. Se movessem uma ação contra você para cobrar cinco talentos,<sup>54</sup> como agiria você para se livrar dela?

## **STREPSIADES**

Como? Como? Não sei; vamos procurar...

## **SÓCRATES**

Não enrole seus pensamentos em volta deles mesmos; deixe seu espírito tomar impulso no ar, como um besouro amarrado por uma das patinhas com uma linha.

## **STREPSIADES**

Achei um meio de me livrar do processo! Você mesmo vai concordar que ele é genial!

## **SÓCRATES**

Qual?

## **STREPSIADES**

Você já viu nas lojas aquelas pedras transparentes para acender o fogo?

## **SÓCRATES**

Você está falando do cristal de rocha?

## **STREPSIADES**

É isso mesmo! Que tal a minha ideia? Pegando essa pedra, no momento em que o oficial de justiça apresentasse a intimação, e me mantendo a certa distância...

*Afastando-se um pouco de SÓCRATES.*

– assim! – eu conseguia que o sol destruísse a acusação contra mim!<sup>55</sup>

## **SÓCRATES**

É mesmo genial!...

## **STREPSIADES**

Oba! Estou feliz por ter achado um jeito para acabar com um processo de cinco talentos!

## **SÓCRATES**

Vamos! Depressa! Resolva este problema para mim!

## **STREPSIADES**

Que problema?

## **SÓCRATES**

Como, envolvido num processo, você fugiria a uma condenação, se fosse perder a causa por falta de testemunhas a seu favor?

## **STREPSIADES**

Nada mais fácil nem mais simples.

## **SÓCRATES**

Então me diga.

## **STREPSIADES**

Assim: quando restasse só um processo para ser julgado antes de o juiz me chamar para o meu, eu saía correndo para me enforcar.

## **SÓCRATES**

Você não diz nada que se aproveite.

## **STREPSIADES**

Como não? Quando eu estiver morto ninguém vai mover ações contra mim.

## **SÓCRATES**

Você está pirado! Vá embora! Não lhe ensino mais coisa alguma!

## **STREPSIADES**

Por que, meu Socratesinho?

## **SÓCRATES**

Você esquece num instante tudo que ouve. Vejamos: qual foi a primeira coisa que lhe ensinei? Diga!

## **STREPSIADES**

Vamos ver... Qual foi a primeira?... Qual foi mesmo a primeira?... Como se chama aquela coisa em que se amassa farinha? Coitado de mim! Qual foi?

## **SÓCRATES**

Vá para o inferno! Morra logo! Morra, cabeça mais desmemoriada e mais estúpida de todas!

## **STREPSIADES**

Sou um desgraçado! Que vai ser de mim? Como sou infeliz! Estou... perdido se não aprender a usar a minha língua! Vamos, Nuvens! Me deem um bom conselho!

## **CORIFEU**

Nosso conselho, meu velho, é que se você tiver um filho mais sabido, mande ele para aprender em seu lugar.

## **STREPSIADES**

Tenho um filho ótimo, mas infelizmente ele não quer aprender estas coisas. Que posso fazer?

## **CORIFEU**

E você tolera a recusa dele?

## **STREPSIADES**

Ele é um bom rapaz, forte, cheio de saúde, e descende pelo lado materno de raça nobre. Vou mesmo buscar Fidípides, e se ele não quiser vir nada me impede de expulsar o boa-vida lá de casa!

*Dirigindo-se a SÓCRATES.*

Vá lá para dentro e espere por mim.

*STREPSIADES entra em sua casa.*

## **CORO**

*Dirigindo-se a SÓCRATES.*

Você imagina os muitos benefícios que colherá agora mesmo graças a nós, somente nós entre todos os deuses? De fato, nosso homem está pronto a fazer tudo que você mandar. Enquanto o coroa está fora de si e visivelmente entusiasmado, sabendo disso você vai arrancar dele o máximo possível, e depressa, pois as coisas estão tomando por si mesmas um rumo inesperado.

*Volta STREPSIADES empurrando o filho.*

### **CENAS EPISÓDICAS II, Cena 2**

[Após demonstrar a Fidípides o que aprendeu com Sócrates, Strepsiades convence o filho a ingressar no Pensatório. (p.338-41)]

## **STREPSIADES**

Não, pela Névoa, você não vai ficar na minha casa! Vá comer as colunas da casa de Megaclés!

## **FIDIPIDES**

Homem diabólico! Que aconteceu com você, meu pai? Você não está com o juízo perfeito, por Zeus Olímpico!

## **STREPSIADES**

Vejam só! Vejam só! Zeus Olímpico! Que bobagem acreditar em Zeus na sua idade!

## **FIDIPIDES**

Por que você está rindo assim?

## **STREPSIADES**

Pensando que você ainda é uma criança que acredita em contos de fadas. De qualquer maneira se aproxime, pois você ainda tem muito a aprender. Vou lhe dizer umas coisas, e quando você souber será um homem de verdade. Mas tenha cuidado! Não ensine estas coisas a ninguém!

## **FIDIPIDES**

Estou aqui para isso; qual é o caso?

## **STREPSIADES**

Você falou em Zeus há pouco tempo.

## **FIDIPIDES**

E daí?

## **STREPSIADES**

Veja, então, como é bom aprender. Zeus não existe, Fidípides.

## **FIDIPIDES**

Como?

## **STREPSIADES**



Agora reina no céu o Turbilhão, depois de expulsar Zeus de lá.

## **FIDIPIDES**

Essa não! Que piada!

## **STREPSIADES**

Pois fique sabendo; agora é assim.

## **FIDIPIDES**

Quem disse isto?

## **STREPSIADES**

Sócrates, o Mélio,<sup>56</sup> e Cairefon, que sabe medir o pulo das pulgas.

## **FIDIPIDES**

E você está tão maluco a ponto de acreditar nestes pirados?

## **STREPSIADES**

Contenha sua língua e não fale mal dos homens sabidos e cheios de bom senso, tão econômicos que nenhum deles manda cortar os cabelos nem esfrega óleo no corpo, nem vão aos banhos públicos para se lavar; você, ao contrário, como se eu já tivesse morrido, esbanja a minha fortuna. Vá aprender o mais depressa possível a maneira de me salvar da ruína!

## **FIDIPIDES**

É possível aprender alguma coisa boa com esta gente?

## **STREPSIADES**

Você está falando sério? Tudo que existe em matéria de sabedoria entre os homens! Você vai ficar sabendo o quanto é ignorante e grosso. Mas espere aqui um instante!

*STREPSIADES torna a entrar em casa.*

## **FIDIPIDES**

Estou perdido! Que posso fazer, agora que meu pai pirou definitivamente? Será que devo levar o velho aos tribunais para ser interditado como demente, ou vou dizer aos fabricantes de caixões de defuntos que ele é um maluco moribundo?

## **STREPSIADES**

*Voltando à cena com um pássaro em cada mão.*

Agora vamos ver: como você chama este pássaro aqui? Diga!

## **FIDIPIDES**

Pássaro.

## **STREPSIADES**

Muito bem. E este aqui?

## **FIDIPIDES**

Pássaro.

## **STREPSIADES**

Os dois com o mesmo nome? Você é um ignorante! Não repita isto! Chame esta aqui de pássara e o outro de pássaro.

## **FIDIPIDES**

Pássara? Foram estas coisas engraçadas que você aprendeu entrando por instantes na casa dos filhos da Terra?

## **STREPSIADES**

E muitas outras. Mas logo depois de aprender uma coisa eu esqueço, por

causa da minha velhice.

## **FIDIPIDES**

Foi também por isso que você esqueceu seu manto?

## **STREPSIADES**

Eu não esqueci; dispensei o manto.

## **FIDIPIDES**

E o que fez você de suas sandálias, débil mental?

## **STREPSIADES**

Perdi as sandálias porque “era necessário” que eu perdesse, como disse Péricles.<sup>57</sup> Mas continue; vamos em frente. Erre obedecendo a seu pai! Mas também, há muito tempo, quando você tinha seis anos e não falava direito, eu fazia suas vontades. O primeiro óbolo<sup>58</sup> que recebi como funcionário público, gastei na compra de um carrinho para você nas Diasias.<sup>59</sup>

### **CENAS EPISÓDICAS II, Cena 3**

[A contragosto Fídipides assume a tarefa do pai. Sócrates chama os Raciocínios Justo e Injusto para ensiná-lo pessoalmente. (p.342-3)]

## **FIDIPIDES**

Um dia você vai se arrepender do que está fazendo.

## **STREPSIADES**

É bom ver que você me obedece.

*Dirigindo-se a SÓCRATES, que estava dentro de casa.*

Saia e venha para cá, Sócrates! Trouxe meu filho; consegui convencer o teimoso!

## **SÓCRATES**

*Saindo de casa.*

É porque ele ainda é criança e ainda não levou nenhuma queda em nossas viagens pelos ares.

## **FIDIPIDES**

Você mesmo teria caído, se estivesse pendurado.

## **STREPSIADES**

Vá para o inferno! Você deseja coisas ruins a seu mestre?

## **SÓCRATES**

Essa é boa! “Se estivesse pendurado”! Você pronuncia estas palavras como um debiloide, com os lábios escancarados. Como este rapaz poderia aprender a arte de se livrar de uma sentença, de fazer uma acusação em juízo, de adoçar a voz para se tornar persuasivo? Para aprender tudo isso Hipérbolo me pagou um talento.

## **STREPSIADES**

Não se zangue; basta você ensinar ao rapaz. Ele é naturalmente esforçado. Quando ele ainda era pequenino já modelava casas, fazia barquinhos, construía carrinhos de couro, e fazia rãs muito bem-feitas com cascas de romãs. Trate de ensinar a ele os dois raciocínios: o justo como ele é, e o injusto que, defendendo a injustiça, derrota o justo; se não for possível os dois, ensine ao menos o injusto, e de qualquer maneira.

## **SÓCRATES**

Ele mesmo aprenderá da própria boca dos dois raciocínios. Quanto a mim, vou me afastar.

## **STREPSIADES**

Não se esqueça de ensinar ao rapaz o que ele precisa para arrasar tudo que é justo.

*SÓCRATES torna a entrar em sua casa, de onde em seguida saem o RACIOCÍNIO JUSTO e o RACIOCÍNIO INJUSTO discutindo acaloradamente.*

### **AGON<sup>60</sup>**

[Os Raciocínios se enfrentam, cada qual procurando provar-se superior ao outro. O Raciocínio Justo representa o passado, a antiga educação pautada pela ética e pela disciplina. O Raciocínio Injusto se apresenta como um campeão do tempo presente, que valoriza a obtenção de vantagens a qualquer preço. Ao final da exposição, o Raciocínio Justo reconhece a mudança dos tempos e a derrota. O Injusto assume a educação de Fídipides. (p.344-57)]

### **RACIOCÍNIO JUSTO**

*Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO INJUSTO.*

Avance até aqui e se apresente aos espectadores, você que é tão convencido.

### **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Vá para onde você quiser. Será muito mais fácil para mim derrotá-lo falando diante do público.

### **RACIOCÍNIO JUSTO**

Derrotar? Quem é você para me derrotar?

### **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Um raciocínio.

### **RACIOCÍNIO JUSTO**

Sim, o fraco.<sup>61</sup>

### **RACIOCÍNIO INJUSTO**

O fato de você pensar que é mais forte do que eu não me impede de vencê-lo.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Com que artifícios?

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Com a novidade de minhas invenções.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

É verdade; a novidade agora está na moda...

*Apontando para os espectadores.*

...graças a estes insensatos.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Insensatos não; sábios.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Vou ser a perdição deles.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Fazendo o quê?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Dizendo o que é justo.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Vou derrotá-lo contradizendo suas falas.  
Para começar, digo que não existe justiça.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Você diz que ela não existe?

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Então vejamos: onde ela existe?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Entre os deuses.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Se existe justiça entre eles, por que Zeus não foi morto, ele, que acorrentou seu próprio pai?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

A repugnância já faz o seu efeito; me dê uma bacia!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Você é um velho imbecil e desequilibrado!

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Você é bicha e sem-vergonha!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Você está falando de rosas!

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Você é um sacrílego!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Você me coroa de lírios!

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Um parricida!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Você me cobre de ouro sem saber.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Eu não cobriria você de ouro, e sim de chumbo!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Para mim isto é um enfeite.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Você é muito atrevido!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

E você é um antiquado!

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Por sua causa este rapaz quer frequentar a minha escola. Um dia os atenienses vão saber o que você ensina aos pobres de espírito.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Você vegeta vergonhosamente!

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

E você prospera, embora há pouco tempo pedisse esmolas, fazendo-se passar por um Téfelo mísió e tirando de uma bolsa frases de Pandêto para mascá-las.<sup>62</sup>

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**



Quanta erudição...

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Quanta loucura...

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

...você está exibindo!

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

...a sua e a da cidade que o sustenta, corruptor da juventude!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Desista de instruir este rapaz, sendo você o antiquado que é.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Se você quer que ele saia perdendo e passe a ser apenas um tagarela.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

Venha para perto de mim e deixe o velho delirar.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Você se arrependerá se puser a mão nele.

## **CORIFEU**

*Interpondo-se entre os dois RACIOCÍNIOS para evitar que eles se agridam.*

Basta de discussão e de xingações!

*Dirigindo-se primeiro ao RACIOCÍNIO JUSTO e depois ao INJUSTO.*

Mostre você o que ensinava aos rapazes de antigamente, e você mostre a

nova educação; depois de ouvir os dois, Fídipides poderá julgar e escolher.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

É exatamente o que desejo fazer.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

E eu também.

## **CORIFEU**

Muito bem. Vejamos quem fala primeiro.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Permito que seja ele. Depois eu acabo com ele, disparando algumas frases curtas e grossas e pensamentos novos como se fossem flechas. No fim, se ele ainda puder sussurrar uma palavra com todo o rosto e até os olhos picados como se fosse por zangões, minhas frases vão matá-lo de uma vez por todas.

## **CORO**

Agora eles vão mostrar quem fala melhor, cheios de confiança na enorme habilidade de seus raciocínios, de seus pensamentos e de suas reflexões transformadas em sentenças. Chegou a hora de uma prova decisiva, aqui mesmo, desta sapiência em que os dois confiam para se atracarem num grande combate.

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO JUSTO.*

Vamos, então; você, que enfeita os antigos com roupagens tão bonitas, fale com sua voz agradável e diga o que a sua natureza mandar.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Então vou dizer como era a educação antiga, quando eu ganhava dinheiro ensinando a justiça e todos cultivavam a moderação. Para começar, as crianças andavam em silêncio; todos os meninos de cada bairro andavam nas ruas em perfeita ordem, a caminho da casa do professor de música, sem mantos e em grupos bem alinhados, ainda que a neve caísse como farinha de trigo de uma peneira. Lá o professor ensinava antes de tudo um hino, enquanto os meninos permaneciam com as coxas afastadas, ou então cantavam “Palas destruidora de cidades”, ou ainda “um grito retumbante ao longe”, perpetuando a solene cadência dória de seus pais. Se um deles fazia graças ou imitava as inflexões do gênero dos cantos atualmente em moda, graças a Frínis,<sup>63</sup> tão difíceis de entoar, era moído de pancadas por querer ridicularizar as Musas. Depois, na casa do mestre de ginástica, os meninos, sentados, tinham de cobrir as coxas, de maneira a não mostrar nada que pudesse chocar os vizinhos. Quando um deles se levantava tinha de alisar a areia e de cuidar de não deixar seus colegas verem marcas de sua virilidade. Nenhum menino esfregava-se com óleo abaixo do umbigo, e em volta dos órgãos sexuais se via uma penugem viçosa e macia como o pelo dos pêssegos. Nenhum deles se aproximava de seu amigo favorito dando inflexões efeminadas à voz e com olhares de mormaço, como se fosse prostituir-se. Nunca podiam comer raiz-forte no jantar, nem tirar dos mais idosos o aneto e o aipo, ou ser gulosos, ou rir às gargalhadas, ou cruzar as pernas.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Velharias do tempo das Dipolias, como as cigarras, Cedidas e as Bufonias.<sup>64</sup>

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Mas foi com essas velharias que os guerreiros de Maratona<sup>65</sup> se educaram e se formaram, graças a meu sistema pedagógico. E você ensina os meninos de hoje a se enrolarem desde cedo em mantos. Fico revoltado quando, durante as Panateneias, vejo meninos que, obrigados a dançar, põem seus escudos sobre os órgãos sexuais, sem o respeito devido a Atena.

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

Sendo assim, meu jovem, escolha-me confiantemente, a mim, o Raciocínio Justo; você aprenderá a detestar a praça pública, a detestar os banhos públicos, a corar diante de tudo que é indecoroso, a zangar-se quando riem de suas boas maneiras, a levantar-se de seu assento quando os idosos se aproximam, a não ser grosseiro com os pais, a não praticar qualquer ato vergonhoso, ofensivo ao pudor que é o seu ornamento; a não correr em direção a uma dançarina para evitar que, observando tudo isso de boca aberta, receba nela uma maçã jogada por alguma mulher depravada e perca a sua boa reputação; a não replicar a seu pai, invocando o antigo Jápeto,<sup>66</sup> com alusões desrespeitosas à idade dele, pois você foi posto neste mundo por seu pai.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Se você acreditar nele, rapazinho, ficará parecido com os filhos de Hipócrates<sup>67</sup> e será chamado “filhinho da mamãe”.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Você passará o tempo nos ginásios atléticos, brilhante e viçoso como uma flor, em vez de declamar na praça pública bobagens grosseiras sem o menor sentido, como se faz atualmente, ou de gastar suas energias com questões armadas sobre chicanas, contestações e trapaças. Você irá até a Academia,<sup>68</sup> onde, sob as oliveiras sagradas, você correrá coroadado de juncos finos, com um amigo de sua idade, cheirando a flores, aproveitando o lazer entre as folhas do álamo branco que perde suas espiguinhas, gozando as delícias primaveris, enquanto o álamo cochicha com o olmo. Se você aceitar os meus conselhos e concentrar seu espírito neles, terá sempre o peito robusto, a pele viçosa, os ombros largos, a língua curta, as nádegas musculosas, o pênis encolhido; mas se você adotar os costumes atuais, primeiro terá a pele pálida, os ombros estreitos, o peito reentrante, as nádegas flácidas, o pênis ereto e o espírito amigo de chicanas.

*Apontando para o RACIOCÍNIO INJUSTO.*

Ele o levará a achar decente tudo que é vergonhoso, vergonhoso tudo que é decente e ainda por cima o emporcalhará com o vício indecoroso de Antímaco.<sup>69</sup>

## **CORO**

*Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO JUSTO.*

Você, que pratica uma bela e sublime sabedoria glorificante, adorna suas falas com a flor suave da virtude! Como eram felizes os nossos antepassados!

*Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO INJUSTO.*

Você, um artista caracterizado pela tapeação, terá de dizer alguma coisa nova, pois seu adversário foi muito apreciado.

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se também ao RACIOCÍNIO INJUSTO.*

Aparentemente você ainda tem razões poderosas para opor às dele, se pretende vencer este rival e não ser alvo de risadas.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

De fato, eu estava bufando de impaciência até as entranhas, ansioso por derrubar todos esses argumentos com palavras contrárias às dele. Eu, o Raciocínio Injusto, recebi esta qualificação entre os pensadores exatamente porque tive antes de qualquer outro a ideia de falar contra as leis e a justiça. Esta arte tem um valor maior que qualquer outra; ela ensina a defender as razões mais fracas e fazê-las prevalecerem apesar de sua fragilidade.

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

Veja como eu vou estraçalhar essa educação em que ele confia. Primeiro, ele não deixará você banhar-se em água quente – ele disse isso!

*Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO JUSTO.*

Baseado em que princípio você condena os banhos quentes?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Ora! É por ser um hábito pernicioso, que enfraquece o homem.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Pare, pois peguei você pelo pé! Você não pode escapar. Diga: entre os filhos de Zeus, qual deles, em sua opinião, possui o espírito mais combativo e trabalha mais?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Nenhum deles é superior a Heraclés.<sup>70</sup>

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

E onde você viu “banhos de Heraclés” frios? E quem foi mais viril que ele?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

É por isso que nossos adolescentes passam o dia todo tagarelando nas casas de banho cheias, enquanto os ginásios atléticos estão vazios!

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Em seguida você censura os rapazes por ficarem na praça pública, mas eu acho que eles estão certos. Se isto fosse um mal, Homero nunca teria feito o elogio de Nestor e de todos os sábios frequentadores constantes dela. Passando ao uso da boa linguagem, que em sua opinião os jovens não devem exercitar: eu afirmo o contrário. Por outro lado, a moderação, diz você, é um dever dos adolescentes. Estes seriam dois males enormes. Para quem você viu a moderação ser um bem? Fale e me contradiga.

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Para muitos. Peleu, por exemplo, recebeu sua espada por causa dela.<sup>71</sup>

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Uma espada? Ele levou uma grande vantagem... Hipérbolo, o vendedor de lâmpadas, não ganhou um monte de dinheiro graças à sua

desonestidade? Não foi só uma espada...

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Sim, e se Peleu casou-se com Tétis foi por causa de sua modéstia.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

E ela foi embora e deixou o coitado na mão. Peleu não foi fogoso nem ficou indócil debaixo do cobertor durante a noite que ela passou com ele. Uma mulher gosta de ser deixada exausta. Você é um velho que só diz bobagens.

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

Veja, rapaz, os inconvenientes da moderação, e de quantos prazeres ela nos priva, com meninos e mulheres, com jogos, com comidas gostosas, com bebidas, com boas gargalhadas. Ao contrário, de que vale sua vida se você se priva de tudo isso? Vamos adiante. Agora passo às necessidades naturais. Digamos que você teve azar, amou, cometeu um adultério e foi apanhado em flagrante delito. Você está perdido porque não sabe falar. Mas se você ficar comigo vai gozar as coisas boas da natureza – pular, rir, não considerando coisa alguma vergonhosa. Se você for surpreendido em adultério, dirá ao marido que nada fez de mal; depois diga que o culpado é Zeus. De fato, se um deus se deixa vencer pelo amor e pelas mulheres, como você, simples mortal, pode ser mais forte que um deus?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Mas como? Se um deus deixar que enfiem um nabo no traseiro do adúltero por ter levado alguém na sua conversa, e se depilarem o traseiro dele com cinza quente, ele terá alguma palavra a dizer para provar que não é um “traseiro frouxo”?

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

E se ele for um “traseiro frouxo”, que mal há nisto para ele?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Ou melhor, que lhe poderia acontecer de pior?

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

E que dirá você se for vencido por mim neste ponto?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Fico calado. Que outra coisa posso fazer?

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Muito bem! Então responda: que espécie de homens são os advogados?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

São homens de “traseiro frouxo”.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Acredito. E os autores de tragédias?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

“Traseiros frouxos”.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Bem dito. E os políticos?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

“Traseiros frouxos”.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Afinal você reconhece que não diz coisa alguma digna de aprovação? E os espectadores, que são eles em sua maioria? Olhe para eles!



## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Estou olhando.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Então, que vê você?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

Em sua maioria são “traseiros frouxos”. Ali está um, por exemplo, que eu conheço; e aquele lá atrás; e aquele cabeludo ali.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Que tem você a dizer agora?

## **RACIOCÍNIO JUSTO**

*Dirigindo-se aos espectadores.*

Fui vencido, prostitutas!

*Voltando-se para a casa de SÓCRATES.*

Recebam o meu manto.<sup>72</sup> Passo para o lado de vocês.

*O RACIOCÍNIO JUSTO volta à casa de SÓCRATES.*

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

*Dirigindo-se a STREPSIADES, que permanecera fora.*

Então? Você prefere levar o seu filho de volta, ou quer que eu ensine ele a falar?

## **STREPSIADES**

Ensine e castigue o rapaz e não se esqueça de afiar a língua dele dos dois lados: um lado para tornar ele capaz de enfrentar os pequenos processos, e o outro para as causas mais importantes.

## **RACIOCÍNIO INJUSTO**

Fique tranquilo; vou transformar ele num sofista esertíssimo.

## **FIDIPIDES**

Pálido, penso eu, e miserável.

## **CORIFEU**

Agora retirem-se.

*O RACIOCÍNIO INJUSTO e FIDIPIDES entram na casa de SÓCRATES. O CORIFEU dirige-se a STREPSIADES.*

Tenho a impressão de que você vai se arrepender da decisão que acaba de tomar.

*STREPSIADES sai para sua casa.*

## **PARÁBASE II**

[O Coro, ainda encarnando nuvens, dirige-se aos juizes para pedir seus votos e prometer castigos caso a comédia não saia vitoriosa. (p.358)]

## **CORO**

Queremos dizer aos nossos juizes<sup>73</sup> que ganharão se tomarem o partido do coro. Para início de conversa, quando vocês quiserem iniciar o trabalho em seus campos na estação apropriada, faremos chover antes de tudo para vocês e só depois para os outros. Depois protegeremos suas colheitas e suas vinhas, para que elas não sejam prejudicadas nem pela seca e nem pelo excesso de chuva. Mas se algum de vocês nos ofender, sendo ele mortal e nós deusas, preste muita atenção aos males que suportará, vindo de nós: não produzirá nem vinho nem nada em suas terras. Quando as oliveiras e as parreiras começarem a crescer, nós as arrasaremos, atingindo-as todas com nossas tempestades. Quando o virmos fazendo tijolos, faremos chover, atingindo as telhas da cobertura da olaria com granizos redondos, até reduzi-las a pedaços. E se um dia algum deles ou algum de seus parentes ou amigos se casar, faremos chover durante a noite inteira,<sup>74</sup> de tal maneira que talvez ele preferisse

estar no Egito em vez de ter sido um mau juiz aqui.

## **CENAS EPISÓDICAS II**

[Fidípides volta do Pensatório como um orador completo. Strepsiades celebra o sucesso de seu plano e despacha os credores, confiante de que o filho anulará as dívidas no tribunal. (p.358-70)]

### **STREPSIADES**

*Saindo novamente de sua casa algum tempo depois.*

Cinco, quatro, três, depois dois e finalmente o dia mais temido entre todos, que me deixa arrepiado, que detesto, o dia da lua velha e da lua nova.<sup>75</sup> Cada um daqueles a quem devo juros, depois de depositar o dinheiro das custas processuais, vai causar a minha perdição e me destruir. Embora minhas demandas judiciais sejam comedidas e justas, homem diabólico, me dê tempo para pagar esta outra e me dê quitação daquela. Os credores imaginam que assim jamais serão pagos; me xingam e me chamam de trambiqueiro, e me ameaçam com novos processos. Muito bem! Que me processem – pouco me importa –, desde que Fidípides tenha aprendido a falar bem. Vou saber dentro de pouco tempo, batendo à porta do Pensatório. Rapaz! Meu rapaz!

### **SÓCRATES**

*Abrindo a porta.*

Salve, Strepsiades!

### **STREPSIADES**

Também cumprimento você, mas primeiro concorde em receber os honorários de mestre. Mas diga se meu filho, o rapaz que você há pouco tempo recebeu em sua casa, aprendeu o famoso raciocínio.

### **SÓCRATES**

Aprendeu.

## **STREPSIADES**

Viva o trambique, rei do mundo!

## **SÓCRATES**

Agora você será absolvido em qualquer processo quando quiser.

## **STREPSIADES**

Ainda que houvesse uma testemunha quando tomei o dinheiro emprestado?

## **SÓCRATES**

Melhor ainda: mesmo que houvesse mil testemunhas!

## **STREPSIADES**

Então vou gritar e berrar: coitados de vocês, agiotas, de vocês mesmos e do dinheiro emprestado! Vocês já não vão poder me fazer mal nenhum, agora que está sendo preparado para mim neste Pensatório um filho brilhante, uma língua com dois gumes afiados, uma fortaleza para me proteger, um salvador para minha casa, uma desgraça para meus inimigos, libertador do pai ameaçado por grandes males!

*Dirigindo-se a SÓCRATES, que tornava a entrar em casa.*

Vá correndo chamar meu filho! Quero que ele saia e venha ao meu encontro para ouvir a voz de seu pai!

*SÓCRATES reaparece trazendo FIDIPIDES.*

## **SÓCRATES**

Eis aqui o grande homem!

## **STREPSIADES**

Amigo! Meu amigão!

## **SÓCRATES**

Você pode ir embora com ele.

*SÓCRATES volta à sua casa sozinho.*

## **STREPSIADES**

Meu filho! Oba! Oba! Tenho de mostrar a minha alegria, antes de tudo por ver a sua cor. Seu jeito é o de um homem preparado para negar tudo, para contradizer tudo. No seu rosto se lê perfeitamente: “Que tem você a alegar?”, e me anima esta maneira de parecer ofendido quando está ofendendo e maltratando os outros; conheço muito bem essas coisas! E nos seus olhos vejo esta maneira ática de olhar! Agora trate de me salvar, já que você até hoje tem sido a minha perdição.

## **FIDIPIDES**

Você está com medo de alguma coisa; de que você tem medo?

## **STREPSIADES**

Da lua velha e da lua nova.<sup>76</sup>

## **FIDIPIDES**

E existe um dia da lua velha e lua nova?

## **STREPSIADES**

Existe, sim; é aquele em que os credores dizem que vão fazer a consignação em juízo contra mim.

## **FIDIPIDES**

Eles perderão as consignações, pois um dia só não pode ser transformado em dois.

## **STREPSIADES**

Isto é possível?

## **FIDIPIDES**

De fato, como seria? Só se a mesma mulher pudesse ao mesmo tempo ser velha e moça.

## **STREPSIADES**

Mas a lei diz isso.

## **FIDIPIDES**

Penso que não compreendem bem o espírito da lei.

## **STREPSIADES**

E qual é esse espírito?

## **FIDIPIDES**

O antigo Sólon<sup>77</sup> era por natureza amigo do povo.

## **STREPSIADES**

Isto não tem nada, mas nada mesmo, a ver com lua velha e lua nova.

## **FIDIPIDES**

Aquele legislador fixou, então, para o depósito, dois dias – a lua velha e a lua nova – para que a consignação fosse feita no dia da lua nova.

## **STREPSIADES**

E por que ele falou na velha?

## **FIDIPIDES**

Pobre homem!... Para que os réus, presentes na véspera, pudessem cumprir o compromisso amigavelmente, em dia, ou para que eles ficassem inquietos desde a manhã do dia da lua nova.

## **STREPSIADES**

Como pode acontecer que não seja no dia da lua nova que os magistrados recebam as consignações, e sim no dia da lua velha e lua nova?

## **FIDIPIDES**

Penso que acontece com eles o mesmo que se passa com os provadores públicos;<sup>78</sup> eles antecipam em um dia as consignações para começarem a sentir o gosto delas com um dia de antecedência.

## **STREPSIADES**

Muito bem!

*Dirigindo-se aos espectadores.*

Coitados de vocês! Por que estão sentados aí com essa cara de retardados, vítimas dos sabidos como nós, parecendo pedras, ou simples números, rebanho de carneiros, ânforas amontoadas? Devo também cantar um hino triunfal em minha honra e em honra de meu filho que está aqui comemorando o seu sucesso:

*Declamando.*

“Sua ventura é grande, Strepsiades; você nasceu para ser um doutor e está criando um filho sabidíssimo!”

*Dirigindo-se ao filho.*

“Direi de hoje em diante a meus amigos e a todos os meus bravos conterrâneos: todos invejam o grande sucesso das defesas que você faz no foro!” Mas primeiro quero levar você para nossa casa e lhe dar um presente digno de você.

*Os dois entram na casa de STREPSIADES. Chega um PRIMEIRO CREDOR, acompanhado por uma testemunha.*

## **PRIMEIRO CREDOR**

*Dirigindo-se à testemunha.*

Vamos! Será necessário sacrificar um homem levando-o a perder seus bens? Não! Nunca! Teria sido melhor desde o princípio, naquele dia, esquecer toda a compostura em vez de atrair aborrecimentos sobre mim, já que para reaver meu dinheiro estou arrastando você comigo como testemunha; mais do que isso, vou também transformar em inimigo um conterrâneo meu. Mas não me importa; nunca, enquanto eu viver, envergonharei a minha terra! Vou cobrar na Justiça o que Strepsiades me deve...

## **STREPSIADES**

Quem é ele? Aquele ali!

## **PRIMEIRO CREDOR**

...pois hoje é lua velha e lua nova.

## **STREPSIADES**

*Dirigindo-se à testemunha.*

Tomo você como testemunha de que ele falou em dois dias diferentes.

*Dirigindo-se ao PRIMEIRO CREDOR.*

Por que você me processa?

## **PRIMEIRO CREDOR**

Por causa do dinheiro que você me pediu emprestado para comprar um cavalo malhado.

## **STREPSIADES**

Um cavalo?

*Dirigindo-se aos espectadores.*

Vocês estão ouvindo? Todos sabem que detesto montar a cavalo...



## **PRIMEIRO CREDOR**

E você me prometeu o reembolso do dinheiro, jurando pelos deuses!

## **STREPSIADES**

Foi porque naquela ocasião Fidípides ainda não tinha aprendido o raciocínio irresponsável para me defender.

## **PRIMEIRO CREDOR**

E agora você pensa em negar a dívida por causa disso?

## **STREPSIADES**

Que outro proveito eu posso tirar da sabedoria dele?

## **PRIMEIRO CREDOR**

E você vai querer negar a dívida jurando em nome dos deuses?

## **STREPSIADES**

Em nome dos deuses? Que deuses?

## **PRIMEIRO CREDOR**

Zeus, Hermes, Poseidon...

## **STREPSIADES**

Sim, e para poder jurar eu tinha de dar três óbolos.

## **PRIMEIRO CREDOR**

Tomara que você morra por sua falta de vergonha!

## **STREPSIADES**

Curtido com sal, seu couro dava para fazer um bom saco...

## **PRIMEIRO CREDOR**

Como você zomba de mim!

## **STREPSIADES**

O saco dava para eu levar seis litros de vinho...

## **PRIMEIRO CREDOR**

Muito bem; por Zeus Grande e por todos os deuses, você me pagará!

## **STREPSIADES**

Você me diverte demais com seus deuses, e Zeus, tomado como testemunha por quem sabe das coisas, é até engraçado!

## **PRIMEIRO CREDOR**

Dentro de pouco tempo estas palavras lhe custarão caro! Mas afinal, você me entrega ou não o meu dinheiro? Responda! Quero ir embora!

## **STREPSIADES**

Tenha paciência. Vou responder com a maior clareza dentro de muito pouco tempo...

*STREPSIADES torna a entrar em casa.*

## **PRIMEIRO CREDOR**

*Dirigindo-se à testemunha.*

Que acha você que ele vai fazer? Será que ele vai pagar?

## **STREPSIADES**

*Voltando com um caneco na mão.*

Onde está o cara que veio cobrar o dinheiro dele?

*Mostrando o caneco.*

Que é isto aqui na minha mão?

## **PRIMEIRO CREDOR**

Que é isto? É um caneco.

## **STREPSIADES**

E você quer cobrar seu dinheiro, ignorante como é? Eu não pago nem um óbolo a quem chama caneca de caneco.

## **PRIMEIRO CREDOR**

Então você não vai me pagar a dívida?

## **STREPSIADES**

Não, que eu saiba. Você quer fazer o favor de parar de falar e sair imediatamente de minha porta?

## **PRIMEIRO CREDOR**

Vou embora, mas fique sabendo que prefiro morrer a não depositar a minha consignaçon!

*O PRIMEIRO CREDOR sai com a testemunha.*

## **STREPSIADES**

Isto vai ser mais dinheiro perdido a juntar às doze minas deste credor. Estou realmente triste por causa dessa perda só porque ele confundiu o gênero dos substantivos...

*Entra o SEGUNDO CREDOR.*

## **SEGUNDO CREDOR**

Coitado de mim!

## **STREPSIADES**

Quem é aquele cara que está se lamentando? Será que está falando de algum dos deuses de Carcino?<sup>79</sup>

## **SEGUNDO CREDOR**

Essa não! Quem sou eu? É isto que você quer saber? Sou um infeliz!

## **STREPSIADES**

Então siga seu caminho sozinho.

## **SEGUNDO CREDOR**

“Deusa cruel, sorte adversa que partiste o eixo do carro puxado por meus corcéis! Foste a causa de minha perdição, Palas!”<sup>80</sup>

## **STREPSIADES**

Que mal Tlepólemo fez a ele?

## **SEGUNDO CREDOR**

Não zombe de mim, caro amigo! Mande seu filho me pagar o dinheiro que recebeu de mim, principalmente porque estou agora na maior miséria!

## **STREPSIADES**

Que dinheiro é esse?

## **SEGUNDO CREDOR**

O que ele me tomou emprestado.

## **STREPSIADES**

Pela sua cara, você deve estar mesmo muito infeliz.

## **SEGUNDO CREDOR**

Caí do carro quando chicoteava os cavalos.

## **STREPSIADES**

Você está exagerando, pois deve ter caído de um jumento.

## **SEGUNDO CREDOR**

Eu exagero só porque quero meu dinheiro de volta?

## **STREPSIADES**

Não é possível que você esteja com o juízo perfeito! Parece que recebeu uma pancada muito forte na cabeça...

## **SEGUNDO CREDOR**

E parece que você vai ser processado por mim se não me entregar meu dinheiro!

## **STREPSIADES**

Então me diga: você acredita que é sempre água nova que Zeus deixa cair do céu quando chove, ou é a água que o sol bombeia daqui debaixo lá para cima?

## **SEGUNDO CREDOR**

Não sei qual é das duas, nem quero saber.

## **STREPSIADES**

Como você se acha com o direito de reaver seu dinheiro, se nada sabe das coisas celestes?

## **SEGUNDO CREDOR**

Vejamos... Se vocês estão em dificuldades financeiras, paguem ao menos os juros de meu dinheiro.

## **STREPSIADES**

Juros? Que bicho é esse?

## **SEGUNDO CREDOR**

Que pode ser, senão que a cada mês e cada dia o dinheiro cresce, cresce sem parar, enquanto o tempo passa?

## **STREPSIADES**

Você falou bem. E daí? O mar pode estar mais cheio hoje do que antigamente?

## **SEGUNDO CREDOR**

Não; ele continua o mesmo. Não é normal que ele cresça.

## **STREPSIADES**

Então, miserável, o mar não cresce de jeito nenhum, apesar das águas dos rios, e você quer que seu dinheiro cresça? Siga seu caminho e vá para longe de minha casa!

*Gritando para dentro de sua casa.*

Tragam depressa uma barra de ferro!

## **SEGUNDO CREDOR**

Tomo os presentes por testemunhas!

## **STREPSIADES**

Vá embora! Que é que você espera? Vá andando, cavalo marcado a fogo!

## **SEGUNDO CREDOR**

Isto não é uma humilhação?

## **STREPSIADES**

Você não vai embora? Vou encher seu traseiro de buracos com uma vara de ferrão, cavalo desatrelado!

*STREPSIADES entra em casa.*

### **ESTÁSIMO**

[As Nuvens anunciam a reviravolta, pois quem recorre à injustiça termina por se tornar vítima dela. (p.371)]

## **CORO**

É nisso que dá o gosto pelas causas más. Nosso coroa, que está com este problema, quer dar um calote em quem lhe emprestou dinheiro. É impossível que não lhe aconteça alguma desgraça, pois só assim este sabichão receberá um golpe inesperado como castigo de seus trambiques. De fato, pensamos que ele vai buscar lá dentro o que lhe estava faltando: o filho astucioso para pronunciar frases contrárias à justiça, a ponto de ludibriar com discursos nojentos quem faz negócios com ele. Mas talvez ele ainda venha a desejar que seu filho tivesse nascido mudo.

*STREPSIADES sai apressadamente de casa, seguido por FIDIPIDES, que o espanca.*

### **ÊXODO, Cena 1**

[As cenas do êxodo enfatizam o castigo dos que voltaram as costas à Justiça. A alteração entre Strepsiades e Fidipides constitui um segundo *agon*, mais informal, na comédia. Instruído por Sócrates e pelo Raciocínio Injusto, o rapaz não se submete às regras sociais e nem respeita mais seu pai, chegando ao ponto de agredi-lo fisicamente. (p.371-8)]

## **STREPSIADES**

Ai! Ai! Vizinhos, parentes, conterrâneos! Socorro! Estão me espancando! Me ajudem como puderem! Quanta infelicidade! Minha cabeça! Meu queixo!

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

Você está dando porradas em seu pai, filho degenerado!

**FIDIPIDES**

Estou, meu pai.

**STREPSIADES**

Vocês estão ouvindo! Ele confessa que está me espancando!

**FIDIPIDES**

Perfeitamente.

**STREPSIADES**

Desalmado! Parricida! Destruidor de muralhas!

**FIDIPIDES**

Repita estes elogios e outros. Você sabe que tenho prazer em ouvir todos estes insultos?

**STREPSIADES**

Traseiro completamente sem pregas!

**FIDIPIDES**

Espalhe generosamente suas rosas...

**STREPSIADES**

Você, dando porradas em seu pai?

**FIDIPIDES**

E vou provar que tenho razões para espancar você.

**STREPSIADES**



Maior dos tarados! Como alguém pode ter razões para espancar o próprio pai?

## **FIDIPIDES**

Vou demonstrar isso e você ficará convencido.

## **STREPSIADES**

De que você vai me convencer?

## **FIDIPIDES**

De tudo, e facilmente. Escolha entre os dois raciocínios o que você quer que eu use.

## **STREPSIADES**

Que dois raciocínios?

## **FIDIPIDES**

O justo e o injusto, velho gagá!

## **STREPSIADES**

Então eu obriguei meu filho a aprender a contradizer a justiça para ele me convencer de que é justo e bonito que os filhos batam nos pais!

## **FIDIPIDES**

Mas tenho certeza de que vou convencê-lo, tão bem que você mesmo, depois de me ouvir, não vai nem mesmo replicar.

## **STREPSIADES**

É... Estou ansioso por ouvir o que você tem a dizer.

## **CORO**

Sua obrigação, coroa, é pensar nos meios de dominar este homem; se

alguma coisa não lhe inspirasse confiança, ele não seria tão atrevido. Mas aqui há qualquer coisa que lhe dá esse atrevimento. A confiança dele é evidente.

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se a STREPSIADES.*

Mas por que começou a discussão? Antes de mais nada você tem de dizer isto ao coro, de qualquer maneira!

## **STREPSIADES**

Vou dizer a verdade a respeito do começo da xingação entre nós. A gente estava começando a almoçar, como vocês devem saber. Primeiro eu disse a ele para pegar a lira e cantar um hino de Simonides a propósito de Crio<sup>81</sup> e da maneira de ele se pentear. Mas ele disse logo que era uma velharia tocar lira e cantar bebendo, tanto quanto uma mulher quando mói cevada torrada.

## **FIDIPIDES**

Eu não tinha razão para espancá-lo, para moê-lo a porradas, quando ele me disse para cantar como se eu fosse uma cigarra?

## **STREPSIADES**

Foi isto mesmo que ele me disse lá dentro, há pouco tempo como agora; ele achava também que Simonides era um chato. Aí – a muito custo, é verdade, mas de qualquer maneira –, eu consegui me conter; depois pedi a ele para ao menos segurar um ramo de mirto e recitar para mim alguns trechos das tragédias de Ésquilo. Ele disse na mesma hora: “Na minha opinião Ésquilo é o primeiro entre os poetas trágicos, mas é barulhento, contraditório, bombástico, inventor de palavras pomposas.” Vocês podem imaginar como meu coração pulou no peito. Ainda assim, engolindo minha raiva, eu disse: “Está bem; recite ao menos alguma coisa desses modernos, qualquer desses trechos bacanas que você sabe.” E sem demora ele declamou uma tirada de Eurípides onde um irmão – valham-me os deuses! – estupra sua própria irmã uterina! Dessa vez, não consegui mais me conter, joguei um monte esmagador de palavras e

insultos em cima dele. Depois disso, como é natural, trocamos “opiniões contraditórias”; finalmente ele pulou em cima de mim, me esmurrou, me maltratou, quase me esganou e me esmagou.

## **FIDIPIDES**

E não era justo, no momento em que você falou mal de Eurípides, o mais sábio dos poetas?

## **STREPSIADES**

O mais sábio, ele? Como falar de novo se você ia me espancar ainda mais?

## **FIDIPIDES**

Sim, e isto seria justo.

## **STREPSIADES**

Mas como isto seria justo, monstro? Eu, que criei você, que adivinhava todos os seus desejos quando você apenas balbuciava! Você dizia “a” e eu compreendia e dava água a você. Você dizia “pa” e eu lhe trazia pão. Você ainda não tinha acabado de dizer “cocô” e eu já trazia o penico para você e ficava tomando conta. E quando há pouco tempo você quis me estrangular eu gritei e urrei que estava com vontade de ir lá fora e você não se dignou de me levar para me aliviar, tarado, e quase sufocado fiz cocô aqui mesmo!

## **CORO**

Creemos que o coração dos moços devia ponderar, na impaciência de saber o que vai dizer. De fato, se depois de conduta semelhante este rapaz conseguisse com seu papo furado convencer o pai, não daríamos um grão-de-bico pelo couro do velho.

## **CORIFEU**

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

É você, grande inventor e falador de palavras novas, que tem de encontrar algum meio de persuasão capaz de lhe dar a aparência de quem fala de maneira justa.

## **FIDIPIDES**

Como é bom viver no meio de coisas novas e incrementadas, e desprezar as leis vigentes! Assim, quando só os cavalos me atraíam, eu não era capaz de dizer três palavras sem cometer um erro, mas agora, depois que o mestre que mora ali pôs fim a tudo isso, e que estou por dentro das ideias, raciocínios e meditações sutis, espero poder demonstrar que é justo castigar o próprio pai.

## **STREPSIADES**

Volte, então, para seus cavalos; prefiro sustentar quatro deles a ser moído por suas pancadas.

## **FIDIPIDES**

Retomo o que estava dizendo quando você me interrompeu. Antes de mais nada lhe pergunto: quando eu era pequeno você batia em mim?

## **STREPSIADES**

Batia; para seu bem e porque eu me interessava por você.

## **FIDIPIDES**

Então me diga: não é justo que eu agora dê provas de interesse por você e lhe dê porradas, já que bater nas pessoas é sinal de interesse por elas? Ora: por que seu corpo deve ficar livre de surras e o meu não ficou? Eu também nasci livre. Está certo que as crianças chorem, e na minha opinião um pai também deve chorar. Por quê? Você pode dizer que, de acordo com os nossos costumes, o papel da criança é ser tratada assim, mas eu respondo que os velhos são duplamente crianças. Chorar é mais natural nos velhos que nos moços, entre outras coisas porque as faltas dos moços são mais desculpáveis.

## **STREPSIADES**

Mas em parte alguma a lei permite tratar o pai assim.

## **FIDIPIDES**

Não foi um homem como você e eu que impôs essa lei, e não foi com palavras que ele convenceu os antigos? Por que não posso fazer também uma lei nova, determinando que os filhos podem bater também nos pais? Todas as porradas que recebemos antes de ser promulgada essa lei, nós consideramos quitadas; não ligamos ao fato de termos sido espancados sem vocês serem punidos. Mas veja como os galos e outros animais que você conhece retribuem as pancadas de seus pais; em que eles são diferentes de nós, senão no fato de eles não fazerem decretos?

## **STREPSIADES**

Já que você quer imitar os galos em tudo, por que você não come bosta e não dorme no poleiro?

## **FIDIPIDES**

Não se trata da mesma coisa, meu caro, e a opinião de Sócrates não é esta.

## **STREPSIADES**

Então não continue a me dar porradas, senão você age contra si mesmo.

## **FIDIPIDES**

Como?

## **STREPSIADES**

Porque tenho o direito de castigar você, da mesma forma que você vai ter o direito de castigar seus filhos, se você tiver filhos.

## **FIDIPIDES**

E se eu não tiver, terei chorado por nada, e você morrerá zombando de

mim.

## **STREPSIADES**

Na minha opinião de pessoa idosa, você tem razão. Acho que é preciso dar às crianças o que é bom para elas. É muito natural chorar quando se comete uma injustiça.

## **FIDIPIDES**

Ouça agora outro argumento.

## **STREPSIADES**

Estou perdido!

## **FIDIPIDES**

Talvez você não esteja de fato aborrecido por ter sido tratado como acaba de ser.

## **STREPSIADES**

Que conversa é esta? Mostre a vantagem que vou tirar disto!

## **FIDIPIDES**

Vou espancar minha mãe como espanquei você.

## **STREPSIADES**

Que é que você está dizendo? Este crime é pior que o outro!

## **FIDIPIDES**

Por quê? E se com o raciocínio injusto eu confundir você provando que tenho necessidade de espancar minha mãe?

## **STREPSIADES**

Onde você quer chegar? Depois disso, nada impede você de se lançar no

precipício onde são lançados os piores criminosos, junto com Sócrates e o raciocínio injusto.

*Após alguns momentos de silêncio STREPSIADES dirige-se ao CORO.*

## **ÊXODO, Cena 2**

[Strepsiades responsabiliza as Nuvens por seu infortúnio, mas elas ressaltam que ele é o único culpado, já que buscou meios ilícitos de se livrar das dívidas. Embora reconheça seu erro, o velho camponês decide punir Sócrates e atea fogo ao Pensatório. (p.379-83)]

### **STREPSIADES**

É por causa de vocês, Nuvens, que estou neste beco sem saída, pois me entreguei completamente às senhoras.

### **CORO**

Você mesmo é culpado pelo que lhe acontece, porque praticou atos condenáveis.

### **STREPSIADES**

Por que vocês não disseram tudo isso na hora própria, em vez de abusar da boa-fé de um velho caipira?

### **CORO**

Agimos desta maneira sempre que vemos numa certa pessoa a obsessão de práticas perversas, até lançá-la na desgraça, para ensinar-lhe o temor aos deuses.

### **STREPSIADES**

Ai de mim! É ruim mas é justo, pois eu não devia deixar de pagar o dinheiro que pedi emprestado.

*Dirigindo-se a FIDIPIDES.*

Agora, filho, muito querido, venha comigo para acabarmos com este

patife Cairefon e com Sócrates, eles, que nos enganaram, a mim e a você!

## **FIDIPIDES**

Mas não sou tão mau a ponto de acabar com meus mestres.

## **STREPSIADES**

Está bem, mas respeite Zeus Paternal.

## **FIDIPIDES**

Zeus Paternal! Como você é simplório! Existe algum Zeus?

## **STREPSIADES**

Existe, sim.

## **FIDIPIDES**

Não e não! Quem reina é o Turbilhão, depois de expulsar Zeus do Olimpo.

## **STREPSIADES**

Ele não expulsou Zeus, mas acredito nisto por causa deste vaso-turbilhão<sup>82</sup> que você está vendo.

*Dirigindo-se ao vaso.*

Coitado de mim, que considerava você apenas um vaso quando na verdade você é um deus!

## **FIDIPIDES**

Fique aqui divagando e dizendo tolices a si mesmo.

*FIDIPIDES retira-se.*

## **STREPSIADES**



Que maluquice! Fui um louco renegando os deuses por causa de Sócrates!

*Dirigindo-se a um busto de Hermes, o deus mensageiro de Zeus, existente na rua.*

Não se zangue comigo, Hermes querido, e não me esmague caindo em cima de mim. Peço perdão se me desgarei por causa de papos furados. Me dê um conselho e me diga se devo apresentar queixa e levar esta gente à justiça, ou o que você quiser.

*Fingindo escutar o deus.*

Você me dá um bom conselho dizendo para eu não me meter num processo, mas em vez disso tocar fogo o mais depressa possível na casa destes trapaceiros.

*Chamando um escravo.*

Venha cá, Xantias! Venha e suba comigo até a cobertura do Pensatório e destrua o teto, se você estima seus donos, até ver a casa cair em cima dos gênios!

*Xantias sobe à cobertura e põe o teto abaixo.*

Me traga uma tocha bem acesa! Vou agir de tal maneira que hoje todos eles vão me pagar, por mais fanfarrões que sejam!

## **UM DISCÍPULO DE SÓCRATES**

Ai! Ai!

## **STREPSIADES**

Sua missão agora, tocha, é acender altas labaredas!

## **UM DISCÍPULO**

Que faz você aí, homem?

## **STREPSIADES**

Que faço? Simplesmente dialogo filosoficamente com o madeiramento da cobertura.

## **OUTRO DISCÍPULO**

*Do interior da casa.*

Que desgraça! Quem está incendiando nossa casa?

## **STREPSIADES**

Aquele coroa de quem vocês tiraram o manto.

## **OUTRO DISCÍPULO**

Você vai nos matar! Você vai nos matar!

## **STREPSIADES**

É isto mesmo que eu quero, a não ser que o machado me faça uma falseta ou que antes eu quebre o pescoço caindo daqui de cima!

## **SÓCRATES**

Ei! Você aí! Que está fazendo aí em cima?

## **STREPSIADES**

Percorro os ares e contemplo o sol.

## **SÓCRATES**

Ai! Infeliz de mim! Vou morrer miseravelmente assado!

## **OUTRO DISCÍPULO**

E eu – pobre de mim! – vou ser consumido pelas chamas!

# STREPSIADES

Por que vocês insultam os deuses e se intrometem nos assuntos da lua?

*Dirigindo-se a Xantias.*

Persiga esta gente! Jogue coisas neles! Pau neles, principalmente porque ofendiam os deuses!

## CORO

Levem-nos para fora daqui. Nosso coro já apareceu bastante hoje.

## FIM

---

<sup>1</sup> As tensões entre senhores e escravos tendiam a se acirrar em tempos de guerra, pois temia-se que os últimos desertassem para o lado inimigo. A peça é contemporânea à Guerra do Peloponeso, que, durante três décadas, contrapôs as duas maiores cidades gregas, Atenas e Esparta, e seus aliados.

<sup>2</sup> O calendário grego era lunar, e no fim do mês se deviam saldar as dívidas e pagar os juros referentes aos empréstimos.

<sup>3</sup> A mina era uma moeda de prata grega equivalente a cem dracmas. Para se ter ideia do que representava a dívida de Strepsiades, estima-se que uma família média gastasse meio dracma para sua manutenção diária.

<sup>4</sup> O nome Megaclés está documentado em Atenas, mas, ao que tudo indica, Aristófanes o escolheu menos para zombar de um indivíduo em particular e mais com o intuito de explorar seu significado: pode ser traduzido por “Megafamoso” (ou, numa versão mais ousada, “Vip”), o que condiz bem com o sogro aristocrata de Strepsiades.

<sup>5</sup> A deusa do amor na mitologia grega, Afrodite corresponde à Vênus dos latinos.

<sup>6</sup> O composto *híppos* (cavalo, em grego) estava associado na Grécia aos nomes de famílias aristocráticas, revelando status social elevado.

<sup>7</sup> Além de ser habitual que o neto recebesse o mesmo nome do avô paterno, o significado de Fidonides, “Poupador”, também agrada ao pai.

<sup>8</sup> Para contentar ambos os pais, o menino recebeu um nome misto, Fidípides, que pode ser traduzido como “Poupador de cavalos”, o que produz efeito irônico.

<sup>9</sup> Strepsiades expõe de forma caricata teorias filosóficas em voga no seu tempo, com destaque para a conjectura do filósofo pré-socrático Hipon de que o ar abafaria a terra como um forno. O herói deduz, então, que os homens seriam os carvões, já que habitam o interior do forno.

<sup>10</sup> Cairefon, ou Querofonte, amigo de Sócrates, satirizado com frequência na comédia por sua palidez e aspecto doentio.

<sup>11</sup> Leagoras era um ateniense rico, como revela sua criação de raros faisões. Era parente de Péricles e pai de Andócides, o orador.

- 12 Fídipides prezava seu bronzado, signo de uma vida ao ar livre, dedicada às atividades físicas, compatível com sua classe social. Os filósofos, recolhidos ao Pensatório, adquiriam a palidez característica das mulheres e dos artesãos, de modo que seria motivo de vergonha para Fídipides ser confundido com eles.
- 13 As botas produzidas na Pérsia eram muito apreciadas em Atenas.
- 14 Tales de Mileto era considerado um dos Sete Sábios da Grécia. Seu nome é usado nesta comédia como sinônimo de gênio.
- 15 Em 425 a.C., os atenienses capturaram uma tropa de soldados espartanos (também denominados lacônios ou lacedemônios) em Pilos. Os prisioneiros foram mantidos em Atenas até 421 a.C., quando se celebrou a paz de Nícias. É de se supor que as más condições do cativo justifiquem a comparação de Strepsiades.
- 16 Um dos elementos primordiais da cosmogonia grega, o Tártaro seria identificado com a região mais profunda do universo, abaixo mesmo do Hades. Filho do Caos, o Érebo personifica a escuridão das regiões inferiores.
- 17 A democracia ateniense era sustentada por um vasto aparelho jurídico, que envolvia de forma apaixonada grande parte dos cidadãos. Daí Strepsiades não reconhecer sua cidade quando os tribunais não estão representados no mapa.
- 18 Em 446 a.C., Péricles, chefe do governo ateniense no início da Guerra do Peloponeso, reprimiu a revolta dos habitantes da Eubeia contra Atenas. É de se supor que Strepsiades tenha participado dessa campanha.
- 19 Em virtude da guerra contra Esparta (ou Lacedemônia), Strepsiades quer mudá-la de lugar no mapa, de modo a ficar bem distante de Atenas.
- 20 Ao ouvir de Sócrates que os deuses eram moeda desusada, Strepsiades pensa que foram substituídos pelas moedas de ferro, empregadas em Bizâncio.
- 21 Atamas foi um rei beócio prometido em sacrifício a Zeus, mas salvo no último momento por Heraclés. Sófocles compôs uma tragédia com esse nome, da qual restam fragmentos.
- 22 Toda a cerimônia que marca o ingresso de Strepsiades no Pensatório remete aos mistérios de Elêusis, em que as deusas Deméter e Perséfone eram adoradas. Neles admitiam-se apenas os iniciados, que haviam se submetido a rituais de caráter secreto. A entronização e a coroação são etapas da iniciação. Sócrates é equiparado ao sacerdote e as nuvens, por ele evocadas, são as divindades cultuadas.
- 23 O lago Meótis é o atual mar de Azov. Mimas era um promontório situado na Iônia.
- 24 O olho do Éter é metáfora para o sol.
- 25 Atenas era frequentemente referida em poesia como a cidade de Palas, em referência a deusa Atena, sua padroeira. Também era conhecida como cidade de Cêcrops, um dos seus reis lendários. Metade humano, metade cobra, Cêcrops teria nascido da terra, dando origem ao mito da autoctonia ateniense.
- 26 Brômio, que significa “estrondoso”, é epíteto de Dioniso.
- 27 Sócrates associa as nuvens à linguagem e, por isso, são consideradas protetoras dos poetas, adivinhos, oradores e outros profissionais da palavra.
- 28 O político ateniense Cleônimo, contemporâneo de Aristófanes, é constantemente zombado nas comédias aristofânicas por sua covardia, o que justifica a comparação com um animal assustadiço como o veado.
- 29 Clístenes, político ateniense contemporâneo de Aristófanes, é alvo frequente de zombaria por seus modos afeminados.
- 30 Pródico foi um sofista contemporâneo de Sócrates, cujas lições eram muito reputadas. É irônico que as nuvens comparem o filósofo ao sofista, já que a reputação deles em Atenas era proporcionalmente inversa.
- 31 As Panateneias eram festivais anuais que os atenienses celebravam em honra de Atena, sua padroeira. Além de uma procissão solene, incluía também banquetes.
- 32 Um dos deuses mais antigos da mitologia grega, filho de Urano e Gaia (o Céu e a Terra) e pai de Zeus.
- 33 Símon, Cleônimo e Teoro, três contemporâneos do poeta que marcavam presença nas assembleias. Mais importante do que estabelecer a identidade desses indivíduos é perceber a acusação que se faz contra eles, a

de cometer perjúrio. Vale lembrar que um dos motivos que levaram à condenação de Sócrates foi sua suposta impiedade.

<sup>34</sup> O antro de Trofônio era um centro de peregrinação na Beócia. Para consultar o oráculo era preciso adentrar a caverna repleta de cobras, às quais se ofertavam bolos de mel.

<sup>35</sup> Como se deduzirá de sua leitura, essa seção da comédia foi reelaborada pelo poeta posteriormente à estreia da comédia, cuja recepção menciona. Também é pouco frequente o uso da primeira pessoa do singular, embora seja esperável que o coro atue aqui como porta-voz do comediógrafo.

<sup>36</sup> Dioniso era o deus patrono do teatro.

<sup>37</sup> A referência aqui é à primeira versão de *As nuvens*, classificada em terceiro lugar nas Grandes Dionísias de 423 a.C.

<sup>38</sup> Virtuoso e Devasso: personagens de *Os convivas* (427 a.C.), comédia de estreia de Aristófanes, reduzida hoje a fragmentos. Através dessa dupla de irmãos, o poeta representou os efeitos da educação tradicional e moderna, tema revisitado em *As nuvens*.

<sup>39</sup> Com essa imagem, o poeta quer indicar que, quando da estreia de sua primeira comédia, não estava apto a participar oficialmente do concurso teatral, talvez por não ter ainda atingido a idade mínima, e que foi obrigado a ceder a produção a um colega.

<sup>40</sup> Em *As coéforas*, tragédia da trilogia *Oresteia*, Ésquilo faz com que Electra deduza o retorno de Orestes, seu irmão, quando encontra um cacho de cabelos sobre o túmulo paterno. O comediógrafo alude com isso às semelhanças entre suas comédias, *Os convivas* e *As nuvens*, convidando os espectadores a reconhecerem o “parentesco” e estenderem à última a boa acolhida que a primeira recebeu.

<sup>41</sup> Clêon, morto em 422 a.C., foi estrategista, o equivalente grego a um general, durante a primeira parte da Guerra do Peloponeso. Representa bem os políticos demagogos que sucederam Péricles, que não pertenciam à aristocracia, mas exploravam pequenas indústrias (ele tinha um curtume). Aristófanes censurou-o em várias de suas comédias, com destaque para *Cavaleiros*.

<sup>42</sup> Hipérbolo, o comerciante de lamparinas, lançou-se na política e veio a suceder Clêon quando da sua morte (422 a.C.).

<sup>43</sup> Êupolis foi um comediógrafo da geração de Aristófanes. Segundo Aristófanes, ele teria copiado o enredo de *Cavaleiros* (425 a.C.) na comédia *Maricas* (421 a.C.), com a diferença que, em vez de zombar de Clêon, satirizava Hipérbolo.

<sup>44</sup> O côrdax é uma dança agitada e de caráter obsceno, típica da comédia antiga.

<sup>45</sup> Frínico foi um comediógrafo da geração anterior à de Aristófanes, que teria sido alvo da paródia de Êupolis.

<sup>46</sup> Hermipo foi outro poeta cômico que tinha Hipérbolo por alvo. Aristófanes alega que Hermipo e outros poetas copiaram a imagem que ele criou para caracterizar Clêon. Como os pescadores de enguias precisam revolver o lago para capturá-las, o político demagogo deve agitar a cidade para alcançar seus objetivos.

<sup>47</sup> O tridente é um dos atributos de Posídon.

<sup>48</sup> Moeda ateniense de certo valor na época.

<sup>49</sup> Alusão à reforma do calendário grego, elaborada pelo astrônomo Mêton e posta em vigor na época da primeira apresentação de *As nuvens*.

<sup>50</sup> Heróis de origem divina que morreram durante a guerra de Troia.

<sup>51</sup> O enóplio era o ritmo dos cantos marciais. O dátilo, termo cuja primeira acepção é “dedo”, era um ritmo pausado, marcado pela flauta (que é tocada com a ajuda dos dedos).

<sup>52</sup> A comédia antiga se caracteriza pela invectiva pessoal. Assim, muitos dos conterrâneos do poeta são ridicularizados pelo nome. No entanto, pouco se sabe sobre a maioria dessas vítimas de Aristófanes, embora se possa deduzir do contexto o motivo da zombaria.

<sup>53</sup> Em vez de “percevejos”, como seria natural, Strepsiades se refere aos coríntios, a quem se atribuía o

início da guerra.

<sup>54</sup> O talento, equivalente a trinta quilos de prata, era a maior unidade monetária grega e valia sessenta minas, ou seis mil dracmas.

<sup>55</sup> Na Grécia antiga, as acusações na justiça eram escritas em plaquetas de madeira recobertas de cera.

<sup>56</sup> Strepsiades assimila Sócrates a Diágoras de Melo, sofista conhecido por suas posições ateístas.

<sup>57</sup> Péricles teria justificado uma despesa de dez talentos, feita durante a campanha contra a Beócia, alegando apenas que o gasto “era necessário”.

<sup>58</sup> O óbolo era a menor unidade monetária grega e correspondia a um sexto da dracma.

<sup>59</sup> As Diasias eram um concorrido festival ateniense dedicado a Zeus.

<sup>60</sup> Do ponto de vista formal, deve-se dividir esta cena em duas partes: *proagon* (p.344-9) e *agon* (p.349, a partir da fala do Coro, até p.357). Inicialmente, no *proagon* (ou *agon* preliminar), o debate é mais livre, correspondendo a uma troca de provocações entre as partes, sem que se siga um esquema métrico definido. No *agon* propriamente dito, o debate deve atender a regras formais preestabelecidas. Como essas diferenças desaparecem na tradução, mas a argumentação sobressai em ambas as partes, ambas são aqui reunidas como *agon*.

<sup>61</sup> Os Raciócínios ou Argumentos (*lógoi*, em grego) são denominados nos manuscritos como Justo e Injusto (*díkaios* e *ádikos*, respectivamente), mas eles se referem um ao outro como Forte e Fraco (*kreítton* e *hétton*), ou, numa tradução mais livre, Certo e Errado.

<sup>62</sup> No mito, Télefo, rei da Mísia, se faz passar por mendigo para penetrar no palácio de Agamêmnon e defender sua causa diante dos chefes da campanha troiana. Pandêleto foi um delator, contemporâneo de Aristófanes. Ambos os exemplos visam a caracterizar o Injusto como um orador hábil, mas vil.

<sup>63</sup> Frínis de Mitilene foi um músico premiado nas Panateneias, a quem se atribuíram inovações na arte do canto.

<sup>64</sup> O Injusto menciona várias coisas que se consideravam ultrapassadas, visando a caracterizar o pensamento do Justo como antiquado. As Bufonias, sacrifícios de bois, integravam as Dipolias, festival em honra de Zeus Protetor da Pólis. As “cigarras” aludem a presilhas na forma desse inseto com que as mulheres prendiam os cabelos. Cedidas foi um poeta ditirâmico da geração anterior a Aristófanes.

<sup>65</sup> Em Maratona, planície vizinha a Atenas, travou-se a batalha mais emblemática da primeira guerra médica (490 a.C.), em que os gregos sagraram-se vitoriosos sobre os povos medo-persas, com grande destaque para a participação dos atenienses.

<sup>66</sup> Jápeto, o pai de Prometeu, é um dos Titãs, deuses filhos de Urano e irmãos de Crono, que reinou antes de Zeus. É mencionado como símbolo de velhice extrema.

<sup>67</sup> Hipócrates era um nome relativamente comum entre os gregos e este aqui não deve ser confundido com o seu homônimo mais conhecido, o pai da medicina: é provável que a referência seja a um sobrinho de Péricles.

<sup>68</sup> A Academia está associada a Platão, que ali teria estabelecido sua escola. Na época de Aristófanes, no entanto, era apenas um conhecido parque de Atenas, usado para a prática de exercícios.

<sup>69</sup> Antímaco é outro exemplo de invectiva pessoal sem que se possa estabelecer a identidade da figura zombada.

<sup>70</sup> Heraclés, ou Hércules, é o maior e mais popular dentre os heróis gregos, conhecido pelos doze trabalhos que cumpriu sob o jugo de Hera. Os banhos termais eram denominados “banhos de Hércules”.

<sup>71</sup> Peleu, rei da Ftia, foi falsamente acusado de tentar seduzir a mulher de seu anfitrião e, por isso, foi abandonado desarmado na floresta. Graças à intervenção divina recupera sua espada e se salva. Célebre é seu casamento com a nereida Tétis, da qual nascerá Aquiles, o principal herói grego em Troia.

<sup>72</sup> Na Grécia antiga, entregar o manto significava reconhecer a derrota.

<sup>73</sup> Os juízes aqui são os cidadãos encarregados de distribuir os prêmios nos festivais dramáticos. O coro dá

início à segunda parábase.

<sup>74</sup> O coro faria chover a noite inteira na intenção de apagar as tochas do cortejo nupcial.

<sup>75</sup> O “dia da lua velha e da lua nova” era o último do mês, quando as dívidas e os juros deviam ser cobrados.

<sup>76</sup> Ver a nota anterior.

<sup>77</sup> Poeta e legislador ateniense que viveu no séc. VI a.C., Sólon redigiu as leis que vigoravam em Atenas. O juízo de que era “amigo do povo” pode ter surgido da sua iniciativa de proibir a escravidão por dívidas.

<sup>78</sup> Funcionários públicos encarregados de provar previamente as iguarias dos banquetes oficiais.

<sup>79</sup> Carcino foi um conhecido tragediógrafo ateniense do séc.V a.C. Escreveu 160 tragédias, todas perdidas.

<sup>80</sup> A passagem parodia a tragédia *Licímnio*, de Xenocles, filho de Carcino. Nela, o herói homônimo é morto acidentalmente por Tlepólemo, filho de Hércules.

<sup>81</sup> Simônides de Ceos, que viveu entre os sécs. VI e V a.C., foi um poeta lírico bastante admirado. Compôs diversos epínícios, poemas para celebrar a vitória de atletas nos jogos pan-helênicos, dentre os quais o mencionado Crio.

<sup>82</sup> Chamava-se também de “turbilhão” um grande vaso para vinho presente nas casas gregas na Antiguidade.

## Perfis dos personagens

**STREPSIADES:** Ao contrário do que se vê na tragédia, em que as personagens são herdadas do mito e da tradição poética, o poeta cômico deve criar o herói de suas comédias, a começar pelo nome. Strepsiades significa “o que (se) vira”, podendo indicar que ele muda de opinião (sobre Sócrates, por exemplo) ou que acha solução para tudo, que é um enrolador, um espertalhão. Embora nas comédias não haja um tipo único de herói, Strepsiades representa o mais comum entre eles: um homem velho, ligado ao campo, de espírito conservador e rústico nos modos. Possui ainda outra característica do herói cômico: iniciativa. Diante de um problema que o aflige, concebe ele próprio a solução. Apesar disso, tem uma inteligência limitada, e cumpre muitas vezes o papel de bufão. Na *Poética*, Aristóteles afirma que a comédia imita homens piores do que a média, o que significa que tendem mais para o vício do que para a virtude. Strepsiades ilustra bem essa noção, pois desconsidera as leis e a justiça unicamente em nome do seu bem-estar. Ao contrário do que ocorre nas demais comédias, em que o herói é consagrado no final, ele fracassa e termina punido – e nisso *As nuvens* é exceção. Assim, o personagem serve de exemplo, desestimulando os que desejam se entregar às más ações.

**FIDIPIDES:** O filho de Strepsiades também tem um nome significativo. Fidípides significa “o que poupa cavalos”. Ironicamente ele faz exatamente o contrário disso, gastando quantias exorbitantes para manter ou adquirir novos animais e equipamentos de equitação. Apesar de jovem, cultiva os tradicionais valores aristocráticos: preza os exercícios ao ar livre e o companheirismo, desdenha a vida contemplativa e as querelas dos tribunais. Forçado por seu pai a aprender o raciocínio injusto, passa a representar a geração corrompida pela nova educação, que não demonstra respeito pelos mais velhos e pela tradição. Nos dois polos, é antagonista de Strepsiades. *As nuvens* explora um tema popular da comédia em todos os tempos: a guerra entre as gerações.

**ESCRAVO:** O escravo é uma personagem recorrente na comédia. Atua como um



ajudante do herói, exercendo também, ao transportar adereços, a função de contrarregra. O escravo de Strepsiades aparece rapidamente no prólogo e no êxodo, quando é denominado Xântias, e não contribui para o desenrolar da trama.

**DISCÍPULO DE SÓCRATES:** O discípulo de Sócrates não pode ser identificado com nenhuma figura histórica, mas é claramente uma caricatura de intelectual. Cumpre o papel de receber Strepsiades no Pensatório, revelar-lhe sua rotina, bem como introduzir Sócrates através das anedotas que conta sobre o filósofo. Em certa medida, equivale ao escravo de Strepsiades, já que atende a porta e demonstra um grande respeito por seu mestre.

**SÓCRATES:** Ao contrário das demais personagens, Sócrates é uma personagem histórica contemporânea de Aristófanes e bem conhecida dos espectadores. Em alguns aspectos, a figura aristofânica coincide com os testemunhos que temos do Sócrates real, como no culto aos hábitos simples ou no desleixo que demonstra com sua aparência. Outras características, no entanto, só podem ser explicadas pela pressuposição de um Sócrates composto, uma caricatura dos diversos tipos de intelectual que circulavam por Atenas. Ele cumpre o papel do impostor, um personagem cômico tradicional, que pretende saber mais do que de fato sabe e que, ao final, será castigado pelo herói cômico.

**RACIOCÍNIO JUSTO:** O Raciocínio Justo personifica a educação tradicional baseada na moderação dos apetites, nos exercícios físicos, na música. Convive com Sócrates no Pensatório.

**RACIOCÍNIO INJUSTO:** O Raciocínio Injusto representa a nova educação, identificada com a retórica sofista. Dentro dessa concepção, a argumentação deve desconsiderar o teor de verdade ou de justiça de uma causa, buscando apenas a persuasão. Convive com Sócrates no Pensatório.

**CREDORES DE STREPSIADES:** Strepsiades menciona seus credores no começo da peça como justificativa para procurar a ajuda de Sócrates. Com isso cria-se a expectativa de que eles apareçam para testar o plano do herói, o que acontece perto do final da comédia. São dois credores que terminam expulsos, cumprindo a função tradicional do bode expiatório – costumeiramente, na comédia, personagens que encarnam aproveitadores são castigadas pelo herói. Contrariamente ao que se poderia esperar, é o próprio Strepsiades que os

rechaça, e não Fídipides, que foi treinado expressamente para cumprir essa tarefa.

**DISCÍPULOS E TESTEMUNHA:** No palco, são apenas figurantes os discípulos de Sócrates que Strepsiades avista ao ingressar no Pensatório e que reaparecem no êxodo, durante o incêndio. É também figurante a personagem silenciosa que acompanha um dos credores de Strepsiades e que poderia testemunhar nos tribunais contra ele.

**CORO DE NUVENS:** O coro cômico pode assumir as mais diversas formas. Em *As nuvens*, o coro que as encarna, embora vinculado expressamente a Sócrates, também está próximo de Strepsiades, já que propicia a chuva, necessária à sua plantação. Por outro lado, representa o interesse dos primeiros filósofos nos fenômenos naturais, bem como a abstração do pensamento. Essa ambiguidade se faz notar ao longo da comédia, em que o coro parece apoiar Strepsiades para depois censurá-lo. As nuvens também se negam a chover sobre o Pensatório em chamas, abandonando Sócrates à própria sorte. Trata-se de um caso único nas comédias de Aristófanes, em que normalmente o coro apoia o herói cômico, mesmo que a princípio esteja reticente quanto a seu plano. Em cena, os coreutas assumiam a forma de mulheres, já que as nuvens podem se transformar no que quiserem.

# GLOSSÁRIO

**AGON:** Seção do teatro grego, particularmente da comédia, em que se trava um debate entre dois interlocutores que buscam fazer prevalecer seu ponto de vista ou uma determinada tese.

**CATARSE:** Termo derivado da medicina, na qual significa purgação. Com Aristóteles, catarse tornou-se um conceito de poética indicando a purificação das emoções trágicas: o terror e a piedade. Para Aristóteles, na catarse reside a finalidade da tragédia.

**CENA:** Inicialmente designava o lugar de representação dramática, por derivar do grego *skene*, tenda (que abrigava os atores). Com o tempo passa a indicar cada uma das partes do prólogo, do êxodo ou ainda de um episódio em uma peça de teatro.

**CENA EPISÓDICA:** Cena que integra um episódio (que pode comportar mais que uma cena). A nomenclatura é mais comum para referir-se a partes da comédia antiga.

**COREGO:** Na Grécia antiga, designa o cidadão encarregado de financiar a produção de uma peça teatral, custeando, principalmente, as despesas do coro. Essa função cabia aos cidadãos mais ricos, que assim contribuía para com a cidade.

**COREUTA:** Cada um dos integrantes de um coro.

**CORIFEU:** Líder do coro Era o seu porta-voz, cabendo-lhe conduzir o diálogo com as personagens durante os episódios.

**DEUTERAGONISTA:** Depois do protagonista, o principal ator de uma companhia (do grego *deuteros*, segundo).

ENCICLEMA: Plataforma rolante usada no teatro grego para revelar o interior de uma residência.

EPISÓDIO: No teatro grego, parte dialogada inserida entre as partes corais.

ESTÁSIMO: Qualquer parte cantada pelo coro, à exceção do párodo.

ÊXODO: Última seção de uma peça teatral, marcando seu desenlace. O nome indica a saída (*exodos*, em grego) de cena do coro e das personagens.

HAMARTIA: Ou falha trágica, o erro que determina a mudança de sorte do herói. Para Aristóteles, na *Poética*, não deve ser fruto da maldade, mas da ignorância.

MÁQUINA: Guindaste usado para suspender por sobre a cena personagens que representam, em geral, divindades, dando origem à denominação *deus ex machina*.

MIMESE: Imitação ou representação do real. Termo-chave da poética aristotélica, para a qual toda arte é fruto de mimese.

ORQUESTRA: Espaço circular entre a cena e a arquibancada, ocupado pelo coro.

PARÁBASE: Seção da comédia antiga em que, sozinho em cena, o coro dirige-se diretamente aos espectadores, por vezes em nome do autor, censurando-os e elogiando a peça e o comediógrafo, de modo a persuadir os juízes a votarem por ela.

PÁRODO: Seção coral do teatro grego que marca o ingresso do coro em cena.

PERIPÉCIA: Ou reviravolta, momento em que se dá uma mudança de sorte inesperada e radical para o herói.

PRÓLOGO: Seção inicial de uma peça teatral, nela se dá a exposição da trama.

PROTAGONISTA: Ator principal de uma companhia, a quem compete representar os papéis mais importantes (do grego *protos*, primeiro)

TRITAGONISTA: Terceiro ator de uma companhia teatral (do grego *tritos*, terceiro).

CLÁSSICOS ZAHAR  
em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

**Persuasão**

seguido de duas novelas inéditas em português  
*Jane Austen*

**Peter Pan**

*J.M. Barrie*

**O Mágico de Oz\***

*L. Frank Baum*

**Alice\***

Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho  
*Lewis Carroll*

**Sherlock Holmes\***

contos e romances em 9 vols.  
*Arthur Conan Doyle*

**O conde de Monte Cristo\***

**A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror**  
**Os três mosqueteiros\***  
*Alexandre Dumas*

**O melhor do teatro grego**

*Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes*

**O corcunda de Notre Dame**

*Victor Hugo*

**O lobo do mar\*\***

*Jack London*

**Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda**

*Howard Pyle*

**Contos de fadas\***

*Maria Tatar (org.)*

**20 mil léguas submarinas**

*Jules Verne*

\* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

\*\* Em preparação

Copyright da tradução © Mário da Gama Kury

Traduções originalmente publicadas em 1990 (*Édipo rei*), 1991 (*Medeia*),  
1993 (*Prometeu acorrentado*) e 1995 (*As nuvens*)

Copyright desta edição © 2013:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Design das guardas: Marcus Handofsky

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-378-1091-0